U LISBOA | UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Reminiscência, Paisagem e Percurso

Requalificar em ligação entre as Serras do Chipre e do Socorro, nas Linhas de Torres.

Marta Luísa Cardoso Prata

(Licenciada)

Projeto elaborado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Orientação Científica:

Professor Doutor Arquiteto José Aguiar

Professor Arquiteto Pedro Pacheco

Júri:

Presidente Professor Doutor Arquiteto António Lobato dos Santos

Vogal Professor Doutor Arquiteto Paulo Pereira Almeida

Vogal Professor Doutor Arquiteto José Aguiar

Documento **Definitivo**

Lisboa, FA ULisboa, 27 de Janeiro de 2021

Título

Remeniscência, Paisagem e Percurso.

Sub-título

Requalificar em ligação entre as Serras do Chipre e do Socorro, nas Linhas de Torres.

Autor

Marta Luísa Cardoso Prata

Orientação científica

Professor Doutor Arquiteto José Aguiar

Professor Arquiteto Pedro Pacheco

Mestrado Integrado em Arquitetura

Faculdade de Arquitetura - Universidade de Lisboa

Lisboa, 27 de Janeiro de 2021

"Imaginar significa recordar aquilo que a memória escreveu dentro de nós e pô-la em confronto com as exigências e as condições; mas também elevar as exigências e as condições ao nível da sua real complexidade, e por fim restituí-las na simplicidade oblíqua do projeto"

(Vittorio Gregotti, "O outro" *in* Imaginar a Evidência, p.7, 1998)

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, foram muitas horas, semanas, meses, mas conseguimos.

Aos meus professores, todos eles, que me ensinaram alguma coisa, especialmente sobre a vida.

Aos meus amigos de casa. Prometo voltar.

À Mari. Ao João, e ao outro João. À Carlota, à Adriana, à Catarina, à Mariana. A faculdade não teria sido a mesma coisa, e a vida de certeza não o será.

Ao Thomas. Toujours là.

À minha família. Incondicionalmente.

Ao meu irmão Bernardo. És o meu melhor amigo.

E, claro, aos meus pais, sempre.

RESUMO

Esta proposta de trabalho começa por abordar os temas da Memória, Paisagem e Percurso, que vêm ligar partes do património das Linhas de Torres Vedras, o seu território, lugares, e a sua relação com a história e com o Homem. Abrange a valorização e requalificação de espaços e monumentos perdidos no tempo.

Foca-se nos postes telegráficos do Sistema Defensivo, bem como nos pontos de vista e cruzamentos visuais, requalificando a ligação entre a Serra de Chipre e a Serra do Socorro, passando também pelos Fortes Grande e Pequeno da Enxara.

Leva-nos a perceber a importância do património, e como este define a sociedade, bem como os lugares que o acolhem. Remete para a aprendizagem não só da sua história, mas também de que forma a arquitetura pode revalorizá-lo.

Com isto, parte daí a estratégia projetual, de ligar pontos e lugares através de pequenas intervenções e a reabilitação de objetos e lugares carregados de memória, de arquitetura militar, que levam aos ombros paisagens intermináveis de um território marcado por serras e vales, e horizontes desenhados por moinhos e fortes, do rio ao mar.

Assim, relacionam-se os objetos arquitetónicos, com a sua pequena escala, a uma escala territorial, ligando o Homem ao lugar, e transformando a sua experiência sensorial através de percursos e uma programática turística, dando uma nova dinâmica não só ao território e às suas povoações, mas também ativando a sua cultura singular da região e os pontos de interesse patrimonial, preservando-os e acrescentando-lhes qualidades, aparentemente inexistentes, mas que sempre tiveram presentes, apenas escondidas, revelando a sua identidade recuperada.

PALAVRAS-CHAVE:

Linhas de Torres Vedras; Arquitetura Militar; Percurso; Paisagem; Turismo; Valorização do Património;

ABSTRACT

This work begins by addressing the themes “Memory, Landscape and Path”, which link parts of the heritage of the Lines of Torres Vedras, its territory, places, and its relationship with history and with Man. It covers the valorization and requalification of spaces and monuments lost in time.

It focuses on the telegraph poles of the Defensive System, as well as on the points of view and visual crossings, requalifying the connection between the Serra de Chipre and the Serra do Socorro, also passing through the Fortes Grande and Pequeno da Enxara.

It leads us to understand the importance of heritage, and how it defines society, as well as the places that welcome it. It refers to learning not only about its history, but also how architecture can revalue it.

With this, the project strategy starts, connecting points and places through small interventions and the rehabilitation of objects and places loaded with memory, of military architecture, which lead to the endless landscapes of a territory marked by mountains and valleys, and horizons designed by mills and forts, from the river to the sea.

Thus, architectural objects are related, with their small scale, to a territorial scale, linking Man to the place, and transforming his sensory experience through paths and a tourist program, giving a new dynamic not only to the territory and to their settlements, but also activating their unique culture of the region and the points of heritage interest, preserving them and adding qualities, apparently nonexistent, but always present, only hidden, revealing their recovered identity.

KEYWORDS:

Lines of Torres Vedras; Military Architecture; Path; Landscape; Turism; Valorization of Patrimony;

ÍNDICE DE TEXTO

AGRADECIMENTOS V

RESUMO VII

ABSTRACT IX

1 | INTRODUÇÃO 1

2 | MEMÓRIA DAS LINHAS DE TORRES VEDRAS 5

2.1 | contextualização histórica 9

2.2 | território das Linhas de Torres 13

2.3 | rotas históricas 17

3 | TERRITÓRIO 23

3.1 | leitura do território 29

3.2 | paisagem 35

3.3 | património 41

3.3.1 | património arquitetónico 43

3.3.2 | património vernacular e património rural 45

3.3.3 | património militar 47

3.4 | valorização do património 51

3.5 | itinerários culturais em património 53

3.6 | turismo 55

4 | PROPOSTA 59

4.1 | estudos de precedente 61

4.2 | o percurso 73

4.3 | o lugar 81

4.3.1 | Serra de Chipre 83

4.3.2 | Forte Grande e Forte Pequeno da Enxara 85

4.3.3 | Serra do Socorro 87

4.4 | objetivos da proposta 89

4.5 | o programa 91

4.5.1 | Serra de Chipre 93

4.5.2 | Fortes Grande de Pequeno da Enxara 95

4.5.3 | Serra do Socorro 97

4.6 | proposta de intervenção 99

4.6.1 | subida até ao topo da Serra de Chipre 99

4.6.2 | no topo: o volume semi enterrado 101

4.6.3 | o moinho 103

4.6.4 | novos usos: o muro e a estrutura 105

4.6.5 | as cabanas junto ao lago 107

4.6.6 | os abrigos 109

4.6.7 | o tanque e a capela 111

4.6.8 | Fortes Grande e Pequeno da Enxara 113

4.6.9 | Serra do Socorro 115

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS **119**

6 | BIBLIOGRAFIA **123**

7 | ANEXOS **129**

ÍNDICE DE IMAGENS

1 | INTRODUÇÃO

1 | Topo da Serra, vista para a Serra do Socorro, Serra de Chipre, 2019.
Foto: autor

2 | MEMÓRIA DAS LINHAS DE TORRES VEDRAS

2 | Gravura da Batalha de Dois Portos, em 1810.
desenho: site da Revista Militar, edição nº 2506
fonte: https://www.revistamilitar.pt/artigo/611

3 | Mapa Histórico das Linhas de Torres Vedras em 1810 e 1811.
desenho: site Rotas Históricas Linhas De Torres
fonte: https://www.rhlt.pt/pt/as-linhas-de-torres

4 | Mapa das Rotas Históricas das Linhas de Torres Vedras, 2019.
desenho: João Miranda, num trabalhado desenvolvido num contexto de turma

3 | TERRITÓRIO

5 | Mapa Agrícola do território em estudo, 2020.
desenho: autor

6 | Vista sobre Gradil e Serra de Chipre, Serra do Socorro, 2019.
foto: autor

7 | Serra do Socorro, vista para Norte, Serra do Socorro, 2019.
foto: autor

8 | Moinho Forte da Boa Viagem, Serra de Chipre, 2019.
foto: autor

9 | Indicação Forte Grande da Enxara, Enxara do Bispo.
foto: autor

4 | PROPOSTA

10 | Kjeksa, Atlanterhavsvegen.
foto: Per Kollstad
fonte:https://www.nasjonaleturistveger.no/en/routes/atlanterhavsvegen?attraction=Kjeksa

11 | Kjeksa, ponto de vista.
foto: Landzine
fonte:http://landezine.com/index.php/2010/09/kjeksa_viewpoint/kjeksa_viewpoint_norway_3rw_smedsvig_landskaparkitekter_11/

12 | Trollstigen, plataforma de observação.
foto: Per Kollstad
fonte: https://www.nasjonaleturistveger.no/en/routes/geiranger-trollstigen?attraction=Trollstigen

13 | Kleivodden, Andoya.
foto: Steinar Skaar
fonte:https://www.nasjonaleturistveger.no/en/routes/and%C3%B8ya?attraction=Kleivodden

14 | "Foile", Parc de la Villete.
desenho: atelier Bernard Tshumi Architects
fonte: https://bustler.net/news/3476/bernard-tschumi-retrospective-opens-on-april-30-at-centre-pompidou-paris

15 | Parque do Barrocal.
foto: Pedro Martins
fonte:https://www.publico.pt/2020/11/20/fugas/noticia/parque-barrocal-castelo-branco-vence-premio-internacional-arquitectura-1940001#&gid=1&pid=11

16 | Centro Interpretativo Gonçalo Ribeiro Telles.
foto: Márcia Lessa
fonte: http://www.tnp.pt/website/index.php?/fcg/esplanada-do-jardim/

17 | Castelo Velho Freixo do Numão, Torre de paisagem.
foto: site Cultura Norte, República Portuguesa
fonte: https://www.culturanorte.gov.pt/patrimonio/castelo-velho-de-freixo-de-numao/

18 | Le Cabanon.
foto: Hemis Alamy
fonte:https://expresso.pt/sociedade/2015-08-29-No-mundo-de-Le-Corbusier-o-arquiteto-estrela-

19 | Cabanas do parque regional Whitetail Woods.
foto: Paul Crosby PH
fonte: https://www.archdaily.com.br/br/768117/cabanas-do-parque-regional-whitetail-woods-hga-architects-and-engineers/571f0a68e58eceef030000bd-whitetail-woods-regional-park-camper-cabins-hga-architects-and-engineers-photo?next_project=no

20 | Mapa implantação do novo percurso, Escala 1:25000, 2020
desenho: autor

21 | Desenho esquemático do novo percurso, 2020.
desenho: autor

22 | Moinho Forte da Boa Viagem, Serra de Chipre, 2019.
foto: autor

23 | Forte Grande da Enxara, ao fundo a Serra do Socorro, 2020.
foto: autor

24 | Entrada Ermida da Serra do Socorro, Serra do Socorro, 2019.
foto: autor

25 | Escadas de acesso ao lago, Serra de Chipre, 2019.
foto: autor

26 | Caminho na Serra, Serra de Chipre, 2019.
foto: autor

27 | Tanque, Serra de Chipre, 2019.
foto: autor

28 | Vista para a Serra do Socorro, Forte Grande da Enxara, 2020.
foto: autor

29 | Edificado no topo da Serra do Socorro, Serra do Socorro, 2019.
foto: autor

30 | Chegada à entrada na Serra, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

31 | Chegada ao topo da Serra, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

32 | Moinho, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

33 | O muro e a estrutura, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

34 | Vista do lago para as cabanas, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

35 | Abrigos, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

36 | Capela, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

37 | Banco bebedouro, Forte Grande da Enxara, 2020.
fotomontagem: autor

38 | Miradouro sobre os Fortes Grande e Pequeno da Enxara, Serra do Socorro, 2020.
fotomontagem: autor



1 | Topo da Serra, vista para a Serra do Socorro, Serra de Chipre, 2019.
foto: autor

1 | INTRODUÇÃO

Esta proposta aborda a compreensão e valorização das relações entre a memória, a paisagem e a arquitetura, num contexto de um território rural português, carregado de história e património, que tem mantido sempre uma ligação entre o passado e o presente, fruto da relação entre o Homem e a apreciação pela memória da sua história.

Um lugar é feito de memórias, caracterizadas por aquilo que cada um sente e vive, e a forma como interpreta esse mesmo lugar. *"Motiva, ainda, uma interpretação permanente, que é dinâmica em si mesma, e que nos coloca a todos em contacto com aquilo a que costumamos chamar a quarta dimensão do património. É essa, obviamente, a "passagem" mais importante: a "passagem" de um mundo tridimensional e reconhecível, relativamente codificado e físico, para esse outro mundo, feito de memória, e conhecimento, muitas vezes imaterial e incorpóreo, o da cultura, simbolizado pela "aura" do lugar."* (Pereira, p.15, 2001)

O objetivo desta proposta surge com uma necessidade de ação que ajude a remeter à memória dos lugares das Linhas de Torres Vedras. Estas Linhas foram um sistema militar defensivo, erguido a norte de Lisboa, entre 1809 e 1810, para proteger a capital portuguesa das Invasões Francesas, durante a Guerra Peninsular. A sua história, no suceder dos anos, tem vindo a desaparecer. Formadas por estradas militares e 152 fortificações, estas estão esbatidas pelo tempo, que tornam este sistema defensivo cada vez mais disperso de si mesmo. Assim, o objetivo de projeto passa pela preservação deste património militar, através de uma programática que relaciona o seu território, paisagem, cultura e turismo rural.

Apesar de já haver algum trabalho desenvolvido pela a Associação da Rota Histórica das Linhas de Torres Vedras, que se baseia no desenvolvimento turístico e patrimonial destas Linhas, há ainda a necessidade de reforçar e dinamizar o tema, para facilitar a promoção e a preservação deste património vasto, conferindo-lhe uma maior importância para a nossa cultura.

Este Sistema Defensivo tem uma relação muito forte entre o território, a sua topografia acidentada e os pontos de vista. A sua concepção foi baseada exatamente nestes factores, e não só, pois permitia um contato visual entre os diversos pontos do Sistema, criando uma paisagem muito própria através dos atravessamentos visuais. Este, através da sua configuração, ensina-nos a observar, diz-nos para onde olhar, dando-nos

uma percepção da sua memória e história.

Com o êxodo rural, é deixada para trás uma importante parte da nossa história, e grande parte do território cai no esquecimento, dificultando a maneira de viver das populações rurais que permaneceram. Sendo assim, de que forma é que a arquitetura pode retornar vida a estas povoações, ajudando no seu enriquecimento, preservando a sua memória e reativando a sua história?

Numa primeira fase, como relata o primeiro capítulo, inicia-se um estudo e análise necessário ao entendimento base deste sistema defensivo, a sua história, o território onde se insere, como surgiu e porquê, qual o seu estado atual, e percebendo a significância cultural que tem.

No segundo capítulo faz-se uma análise ao território e aos temas que o complementam. Uma compreensão geral do que é a paisagem e o património, e especificamente a foma como se manifestam neste território das Linhas de Torres Vedras. Dentro do tema do património, fala-se dos diversos tipos de património existentes neste sistema, e em como valorizá-lo através de itenerários e do turismo, do que se trata este último, abrindo assim caminho à programática escolhida para este projeto.

Já no terceiro, é feita um estudo do lugar específico dentro de todo o território, entre a Serra de Chipre, a Enxara e a Serra do Socorro, o objetivo do projeto, a descrição programática a diferentes escalas, e a explanação do trabalho.

O quarto capítulo começa por mencionar alguns dos estudos de precedente, com projetos que vieram apoiar a ideia desta proposta de trabalho. Partindo da maior escala, é referida a intenção de desenho de um percurso no território, e de seguida os lugares de projeto abrangidos por esse mesmo percurso. Referem-se os objetivos desta proposta, como também o programa. Por fim, descreve-se os objetos do projeto e de que forma este foi desenhado.

Finalmente, no quinto capítulo, as considerações finais, que refletem não só sobre aquilo que foi o desenvolvimento deste trabalho, mas também todo o percurso que o antecedeu, e de que forma este serviu de apoio no culminar desta fase final de estudos, e nas expectativas para o futuro.

"Fisicamente, habitamos um espaço, mas, sentimentalmente, somos habitados por uma memória. Memória que é a de um espaço e de um tempo, memória no interior da qual vivemos (...)."

José Saramago, *in* O Caderno, p.3, 2008

2.1 | contextualização histórica [1]

As invasões francesas decorreram entre 1807 e 1814, e foram uma das maiores ofensivas militares alguma vez realizadas ao território português. No contexto da rivalidade que França mantinha com a Inglaterra pela supremacia internacional (no plano político, militar e económico), Napoleão Bonaparte impôs o chamado Bloqueio Continental, em que ficava proibida a entrada, nos portos do continente europeu, de navios vindos da Inglaterra ou das suas colónias ultramarinas. Napoleão tinha como intenção forçar a Inglaterra ao isolamento, provocando uma crise económica e social que a obrigasse à capitulação.

Portugal, tradicional aliado da Inglaterra, negou-se a obedecer ao Bloqueio. Após intensa pressão diplomática, sem que obtivesse um claro rompimento das relações luso-britânicas, Napoleão decidiu invadir o território português.

Após a 1ª e 2ª Invasões Francesa (1808 e 1809, respetivamente), em Outubro de 1809, no mais profundo secretismo, Wellesley Wellington, futuro duque de Wellington, acompanhado pelo seu engenheiro principal, o Coronel Fletcher, e por generais dos exércitos britânico e português criou, com a ajuda dos mapas do Major Neves Costa, uma nova estratégia de defesa que constava em fortificar pontos colocados no topo de colinas, reforçando os obstáculos naturais do terreno, com a finalidade de impedir o exército francês de atingir Lisboa ou, em caso de derrota, permitir o embarque, em segurança, do Exército Britânico em retirada.

As linhas foram construídas no espaço de um ano, por mais de 150.000 trabalhadores. Incluíam linhas de trincheiras, baluartes de artilharia, fortins e fortes. Em alguns pontos foram também abertos fossos. Formavam um conjunto de 152 fortificações e outros trabalhos defensivos, dispostos ao longo de três linhas de defesa.

A primeira linha estende-se de Torres Vedras, passa pelo Sobral do Monte Agraço e termina em Alhandra. A segunda percorre as áreas de Mafra, Montachique e Bucelas. E

a terceira cobre a enseada de S. Julião da Barra, já no concelho de Oeiras.

Na 3ª Invasão, em julho de 1810, o marechal André Massena renova a ofensiva a Portugal. Após sofrer uma derrota na Batalha do Buçaco e apesar das baixas, reorganizou as suas tropas e prosseguiu a marcha para Lisboa. O duque de Wellington antecipou-se ao invasor e fez recuar o exército aliado para as defesas da capital - As Linhas de Torres Vedras.

Deparando-se com este obstáculo inultrapassável, Massena, em março de 1811, iniciou a sua retirada do território nacional. Esta derrota foi o prenúncio do fim do sonho de Napoleão em dominar toda a Europa.



2 | Gravura da Batalha de Dois Portos, em 1810.
desenho: site da Revista Militar, edição nº 2506

1

Contextualização Histórica de acordo com os textos consultados em Janeiro de 2020, em:

_ https://www.cilt.pt/pt/linhas-de-torres , da autoria a Associação CILT

_ http://www.linhasdetorresvedras.com/historia/ , da

2.2 | território das Linhas de Torres

Fazendo uma repartição das zonas de Portugal em relação ao seu relevo, este varia muito de Norte para Sul, e de uma maneira muito desigual, em que se poderá tomar como linha de divisão o Rio Tejo ou, num olhar mais frontal, o pé das serras que delimitam o Norte.

Nesta perspetiva, Portugal poderá ser dividido em duas regiões com relevos bastantes distintos. A Sul do Tejo *"é a região das planuras e dos planaltos médios, de extensas bacias fluviais deprimidas e terrenos molemente dobrados, com raros retalhos montanhosos (…)"* (Ribeiro, p.60, 1945). Já a Norte do Rio Tejo, localiza-se a terra alta, com uma maioria de território mais acidentado, em que as plataformas mais suaves estão a grandes alturas.

O território das Linhas de Torres localiza-se na região do Oeste. Apesar de um passado rico, esta região não se distingue pelas planícies nem por altas montanhas, mas sim por colinas e vales, muitas vezes amenas, mas nem sempre férteis. A sua paisagem *"é recortada e variada, e os solos são de qualidade muito diversa uns dos outros"* (Mattoso, Belo, & Daveau, p.484, 2010). Não está associada a nenhuma cidade importante, mas acolhe algumas cidades pequenas e numerosas vilas. Este povoamento, considerado rural, é desorganizado e solto de si mesmo, pois cresce ao acaso, com casas isoladas, dando a parecer que a sociedade rural é individualista e sem usos comunitários. (Mattoso, Belo, & Daveau, p.457-460, 2010)

Com isto, podemos entender a lógica geográfica da construção de fortificações nesta região, muito ligada à morfologia acidentada do território, mas como também relacionada com proteção da península de Lisboa.

No artigo "Assessment of the Lines of Torres Vedras defensive system with visibility analysis", Helena Rua explica que a capacidade de visualmente encobrir a paisagem envolvente foi um fator importante e decisivo para a localização de estruturas defensivas; desde tempos antigos é possível observar uma série de casos em que os sistemas defensivos têm uma forte ligação com o terreno que os integra. Alguns dos principais aspetos que podem ser considerados são a presença de grandes mirantes, pontos de observação importantes, proximidade a vilas, com possibilidade de vigilância do caminho, bem como a avaliação da linha de visão que permitisse a comunicação entre estruturas. (Rua, Gonçalves, & Figueiredo, p.1-2, 2013)



3 | Mapa Histórico das Linhas de Torres Vedras em 1810 e 1811.
desenho: site Rotas Históricas Linhas De Torres

2.3 | rotas históricas

Atualmente as Linhas de Torres são constituídas por memórias daquilo que foram as fortificações que protegeram Portugal durante as Invasões Francesas, no início do século XIX. Com alguns fortes ainda em bom estado de conservação, como o Forte de Alqueidão, outros reabilitados, como o Forte de S. Vicente, e outros em ruínas, as Linhas são utilizadas como atração turística.

Criada em 2011, a Associação "A Rota Histórica das Linhas de Torres", que se preocupa com o desenvolvimento turístico e patrimonial das Linhas de Torres Vedras. Foi fundada pelos municípios de Arruda dos Vinhos, Loures, Mafra, Sobral de Monte Agraço, Torres Vedras e Vila Franca de Xira, sem quaisquer fins lucrativos, e que acolhe quem possua interesse na valorização patrimonial e promoção turística das Linhas de Torres Vedras, sejam estas entidades públicas ou privadas. A RHLT (Rota Histórica das Linhas de Torres) coopera também com outras associações com objetivos semelhantes. A associação frui de uma equipa técnica multidisciplinar, com conhecimentos nas *"áreas de arqueologia, comunicação, conservação e salvaguarda, museologia, parcerias nacionais e internacionais, programas e projetos culturais, turismo, entre outras;"*.

Esta associação *"pretende contribuir para o desenvolvimento sustentado do território"*, e tem como objetivos: Proteger e valorizar o património cultural, ambiental, histórico e urbanístico associado às Linhas de Torres. ; Estimular o intercâmbio de experiências, ao nível da investigação, conservação e restauro do património. ; Contribuir para uma política de produção e promoção turística sustentável. ; Cooperar com parceiros público-privados para criar um maior nível de atração do destino Rota Histórica das Linhas de Torres. ; Criar uma estratégica de comunicação da RLHT e afirmar a sua Marca no mercado do património de referência. ; Colaborar com os agentes culturais, económicos e turísticos, procurando criar riqueza e mais-valias para o desenvolvimento da região, prestando o seu apoio ao desenvolvimento de ofertas adequadas às necessidades do turista e desenvolvendo políticas de promoção e influência. ; Promover a consciencialização da importância histórica e patrimonial deste Monumento. (https://www.rhlt.pt/pt/associacao-rhlt/ ; consultado em maio de 2020)

Assim, as Rotas Históricas das Linhas de Torres, baseiam-se na investigação da história local, cujo projeto visa salvaguardar, valorizar e recuperar os Fortes, criando percursos pela região, e com Centros Interpretativos em cada um dos municípios onde

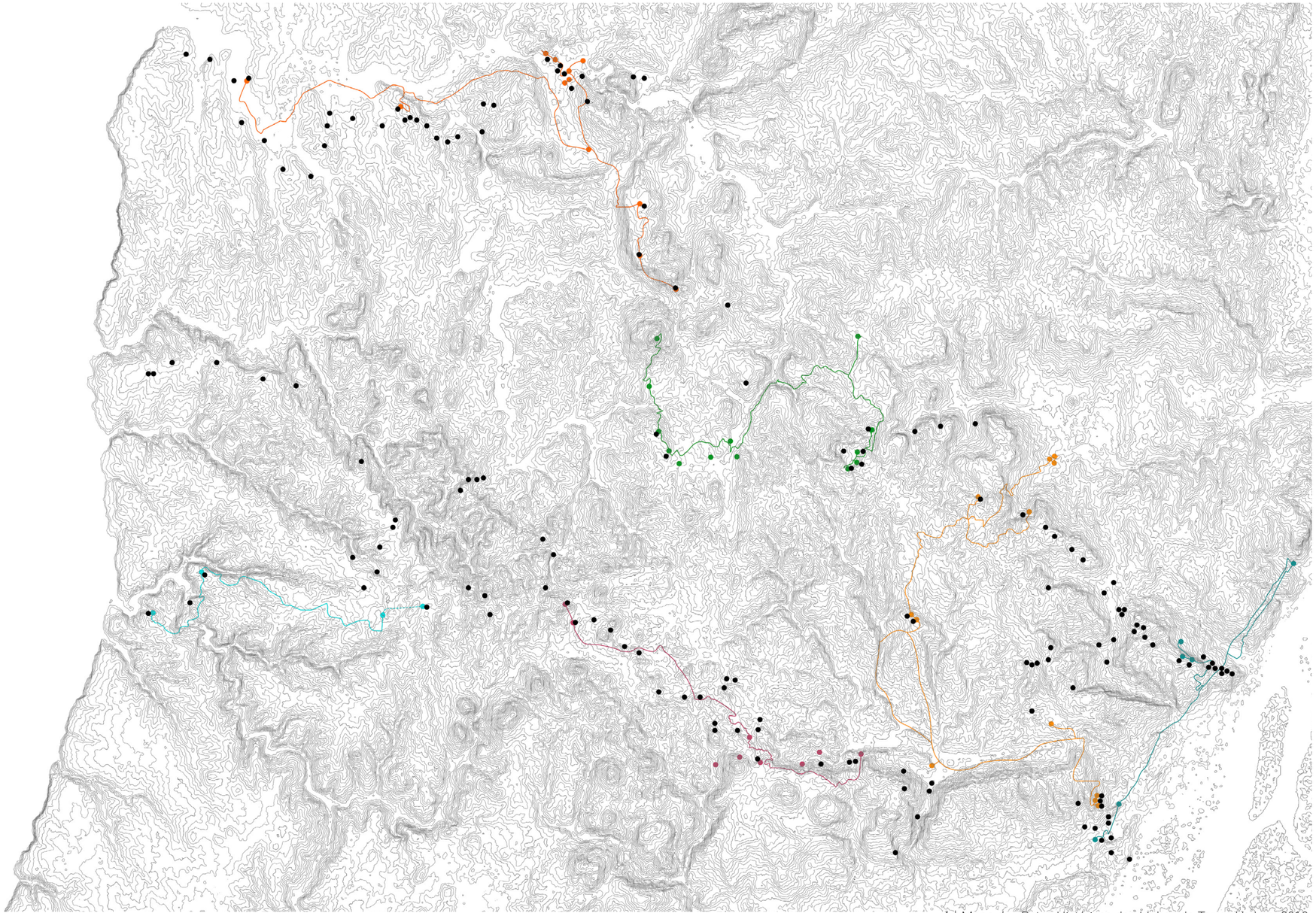
se integram as Rotas. O produto turístico que os municípios integrantes nestas Rotas pretendem desenvolver, em parceria com diversos agentes, passa pela restauração, alojamento, enoturismo e animação turística.

Foi concebida e desenvolvida uma estratégia de promoção e divulgação turísticas das Linhas de Torres e a criação de um produto turístico diferenciado, que fosse atrativo, tanto nacionalmente como internacionalmente.

Estas Rotas convidam *"o viajante a descobrir um património que é de todos e a fazer uma viagem no tempo pelos seis percursos da primeira e segunda Linhas de Torres, atravessando desfiladeiros e vales onde a vista se perde, do rio Tejo ao Oceano, descobrindo a história, os sabores e as culturas locais, um património único de Portugal e da Europa para o mundo."* (Rosinha, p.5, 2011)

Legenda:

- Percurso Torres Vedras na Primeira Linha
- Percurso de Wellignton
- Percurso Grandes Desfiladeiros
- Percurso a Defesa do Tejo
- Percurso o Nó das Linhas
- Percurso do Palácio ao Atlântico
- Fortificações Militares



4 | Mapa das Rotas Históricas das Linhas de Torres Vedras, 2019.
desenho: João Miranda, num trabalhado desenvolvido num contexto de turma

Percursos

Entre grandes rotas e pequenas rotas, estas baseiam-se em percursos que servem de guia na descoberta não só do território, mas também do património, contribuindo para a aprendizagem daquilo que foi este sistema defensivo. Ao descobrir o território, promovem-se as vistas e o contacto com o mundo rural e com a natureza, criando uma relação muito forte com a paisagem.

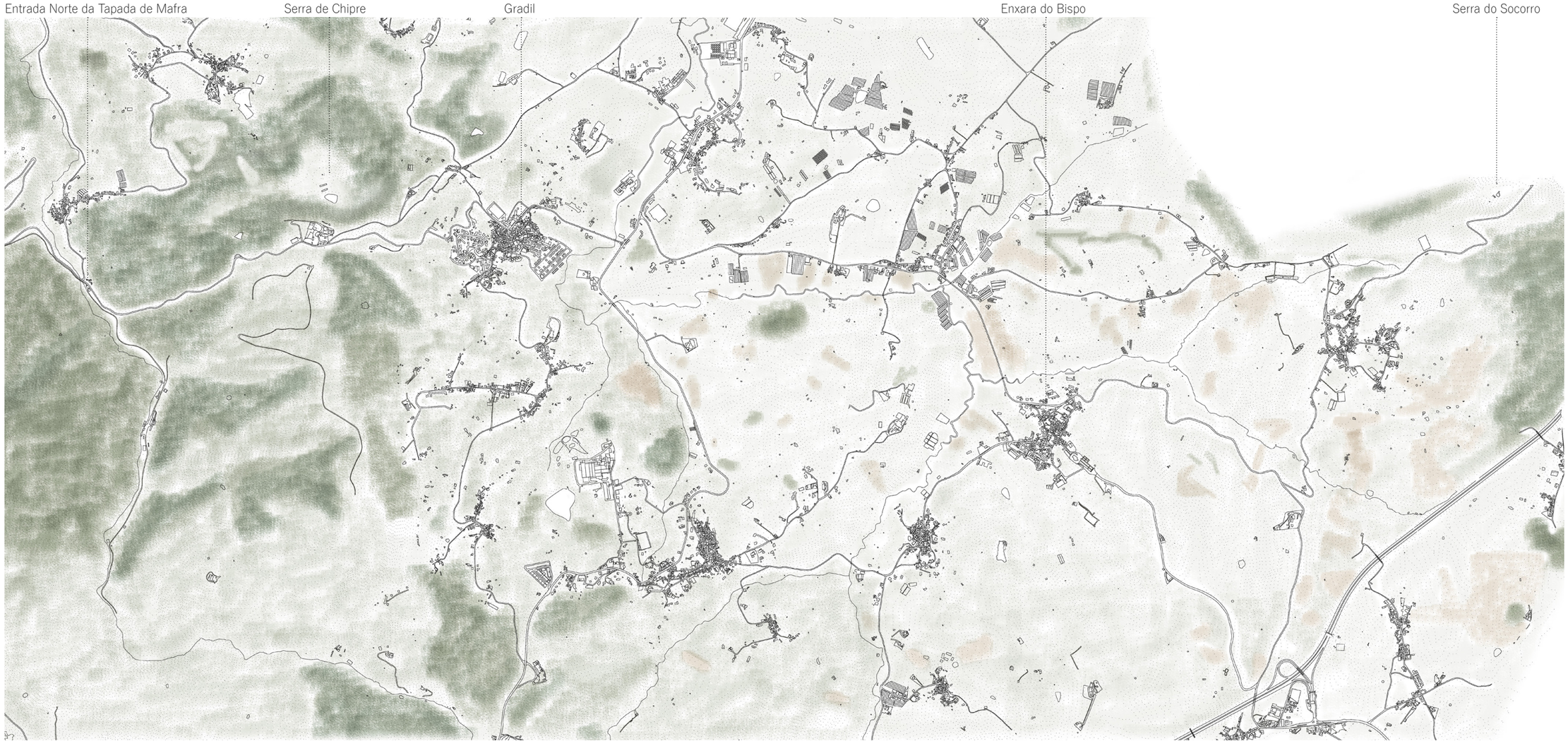
Foram criados seis percursos turísticos, e sete centros interpretativos, desde o Oceano ao Rio Tejo. Apesar de o seu desenho e planeamento serem baseados na pré-existência de estruturas militares, que incluía não só fortificações, mas também estradas, pontes e outros, ao analisarmos estes percursos e centros, entendemos que estão desagregados, e muitas vezes não têm relações entre si. Esta fragmentação faz com que se perca a noção de união de um sistema que outrora já foi bastante consistente e estruturado.

Percorrendo caminhos, atravessando vales e planícies, estas seis rotas – Percurso Torres Vedras na Primeira Linha, Percurso Wellignton, Percurso A Defesa do Tejo, Percurso Grandes Desfiladeiros, Percurso O Nó das Linhas e Percurso Do Palácio ao Atlântico, têm como intenção transportar-nos no tempo, ligar-nos ao mundo natural e rural deste território, mostrar-nos a identidade da história, os fortes, redutos, baterias, estradas militares e pontes, e lembrar-nos que em tempos aqueles lugares foram marcados por movimentos de terras, agora esbatidos, que nos levaram à proteção do nosso país.

3 | TERRITÓRIO

"Devo à paisagem as poucas alegrias que tive no mundo. (...) Vivo a natureza integrado nela. De tal modo, que chego a sentir-me, em certas ocasiões, pedra, orvalho, flor ou nevoeiro. Nenhum outro espetáculo e dá semelhante plenitude e cria no meu espírito um sentido tão acabado do perfeito e do eterno. (...) Eu declaro aqui a estas fundas e agrestes rugas de Portugal que nunca vi nada mais puro, mais gracioso, mais belo (...)."

Miguel Torga, *in* Diário II, p.71, 1942



5 | Mapa Agrícola do território em estudo, 2020.
desenho: autor



6 | Vista sobre Gradil e Serra de Chipre, Serra do Socorro, 2019.
foto: autor

3.1 | leitura do território

O território é apreendido pelas populações que nele se inserem, é o resultado de interações naturais e humanas. É caraterizado pelas componentes naturais, como relevo, solo, água, clima, vegetação,o que lhe dá um carácter distintivo, mas nunca neutro em relação à intervenção humana (Freire, p.4, 2018). A intervenção do Homem no espaço vem determinar e definir as suas caraterísticas físicas, pois são condicionadas pelas atividades desenvolvidas no local.

O terrirório das Linhas de Torres, entre o mar e o rio, afirma-se como acidentado. Entre vales e planícies, foi-se desenhando e transformando o território até áquilo que hoje é, um território que está em constante mudança, seja pelo movimento de uma pedra, o corte de uma árvore, uma nova flor, ou pela alteração de elementos arquitetónicos.

A uma macro e microescala, dentro do território estudado, foram escolhidos os locais de intervenção, com base nos estudos previamente feitos. Essa seleção baseou-se na localização e nas potencialidades do sítio, como também na tentativa de resposta à necessidade local nessa região.

Num território tão acidentado como este, seria impossível ignorar as oportunidades oferecidas pelas vistas. Tal como aquando da construção deste Sistema de Defesa, os postos telegráficos foram montados nas linhas de festo, nos locais de maior cota e com vista privilegiada sobre todo o território, para que a comunicação entre fortificações fosse facilitada. Apurou-se a existência de 10 postos telegráficos espalhados por mais de 80km, que eram utilizados em dias de boas condições atmosféricas, em que se conseguiria, em sete minutos, transmitir uma mensagem até 12km de distância entre todo o sistema. Foi através destes telégrafos que, apesar da distância entre as estruturas militares, se conseguiu manter a união e comunicação entre todo o território das Linhas de Torres Vedras.

"A paisagem terá de ser considerada como um todo orgânico e biológico em que cada elemento é interdependente, influenciando e sofrendo da presença dos restantes participantes. A reciprocidade é a lei fundamental da natureza"

Gonçalo Ribeiro Telles, *in* Revista "Cidade Nova", 1956



7 | Serra do Socorro, vista para Norte, Serra do Socorro, 2019.
foto: autor

3.2 | paisagem

"Pode afirmar-se que o conceito de paisagem é complexo, e que permite um largo espectro de aproximações, sendo estas em grande parte determinadas pela abordagem e especialidade de quem as utiliza. (...) é também um conceito que tem vindo a ser cada vez mais utilizado, não só na área do ordenamento e do ambiente, mas em diferentes contextos e por uma grande variedade de disciplinas." (Cancela d'Abreu, Alexandre ; Pinto Correia, Teresa ; Oliveira, p.26, 2004)

Paisagem é um conceito abstrato, e esta não existe sem que se possa vivenciar. É uma experiência do espaço. Dela fazem parte diversos sistemas, como a fauna, a flora, daí não ser apenas algo para observar, mas também para fruir.

Os elementos e unidades de paisagem estão relacionados com as perspetivas e escalas. Trata-se de áreas em que a paisagem está associada a um determinado carácter. São definidas por uma diversidade de fatores que a condicionam, tanto numa componente mais objetiva e material, como numa componente mais subjetiva. (Cancela d'Abreu, Alexandre ; Pinto Correia, Teresa ; Oliveira, p.30-31, 2004)

A palavra "paisagem" provém do francês "paysage", usada para definir um campo ou um território cultivado. Remete-nos à natureza, à experiência sensorial, e está associada mais comummente à imagem, vista, perspetiva observada da realidade. Apesar daquilo que observamos nos parecer nativo, nos dias de hoje torna-se difícil observar algo que não tenha sido transformado pelo Homem. Assim, devemos entender a paisagem como um baú de memórias e de identidade de um povo.

Segundo Fernando Santos Pessoa, no livro "Intervir na Paisagem", entendemos que a cultura e a identidade portuguesas se fundiram na ruralidade e no mar. O espaço rural português não é apenas um espaço de produção que permite alimentar a população, é também, e sobretudo hoje com muita maior importância, um espaço cultural, onde se abastecem as raízes culturais da comunidade que nós somos.

O autor alega também que, atualmente, afirmar que uma paisagem é natural pode não ser totalmente verdade, pois sabemos que por todo o planeta podemos encontrar influências humanas, sejam estas diretas ou indiretas. *"Assim, quando falamos em paisagem referimo-nos a paisagens humanizadas, mais ou menos afetadas pelo Homem, daí que podemos afirmar que a paisagem é também um facto cultural, porque cultura é*

aquilo que define a ação do Homem." (Santos Pessoa, 2017)

As paisagens mudam porque são a expressão da interação dinâmica entre forças naturais e culturais no ambiente. As paisagens culturais são o resultado de uma reorganização consecutiva da terra, a fim de adaptar melhor o seu uso e estrutura espacial às alterações da sociedade. Hoje, as mudanças são vistas como uma ameaça, como uma evolução negativa, porque causam perda de diversidade, coerência e identidade, sendo estas características das paisagens culturais tradicionais que estão a desaparecer rapidamente. (Antrop, 2005)

É possível afirmar-se que a paisagem nasce da topografia. Faz-se de colinas e vales. Rios e riachos. É transformada pelo Homem, e pelas suas construções. A paisagem das Linhas de Torres é muito marcada pelos moinhos semeados no topo de montes, para onde cai o olhar, quando mais nada se avista se não árvores e céu. Desta paisagem fazem também parte os fortes nela implantados, praticamente indetetáveis, feitos apenas de pequenos movimentos de terra, já que o objetivo sempre foi serem invisíveis na paisagem. A articulação entre o construído e a paisagem é de se reafirmar e valorizar, e perceber de que maneira se poderá intervir no espaço, transformando-o o mínimo possível, e de que forma a arquitetura pode contribuir para a reativação do lugar, e suportar a paisagem.

A paisagem pode ser considerada património cultural, se nesta estiver inserida uma obra entendida como herança. No contexto deste trabalho, a paisagem é sim parte do património, pois foi desenhada, organizada pelo Homem, com base na sua necessidade, acolhendo locais históricos que definem uma época. Apesar das obras serem modestas, mínimas, quase naturais, não invalida que adquiram um sentido cultural, pois as suas motivações nascem da História.

“O património assenta no território e na cultura, que são a base de qualquer civilização.”

Fernando Santos Pessoa, Intervir na Paisagem, p.147, 2017



8 | Moinho Forte da Boa Viagem, Serra de Chipre, 2019.
foto: autor

3.3 | património

É fácil compreender a importância que o património tem, não só para uma determinada sociedade, mas para o mundo em geral, tornando-se óbvio e inevitável a preocupação de o proteger, preservar e valorizar. Esta herança é uma marca de cultura, permite entender as origens, vivências e lógicas passadas, as suas raízes sociais e culturais. É um legado que contribui para o saber e para o conhecimento sobre uma sociedade, a sua história, e como se desenvolveu. Permite associar o conhecimento à experiência, e visa o enriquecimento cultural, tanto nacional, como internacional. (ICAHM, p.2, 2006)

Segundo o dicionário português, o património é um *"Bem ou conjunto de bens, materiais, naturais ou imateriais, reconhecidos pela sua importância cultural (ex.: património edificado)."* (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa)

Françoise Choay define o património ,segundo o Dictionnaire de la langue française de E. Littré, como um *"Bem de herança que passa, de acordo com as leis, dos pais e das mães para os filhos"*, e como uma palavra antiga, em que a sua origem está ligada às estruturas familiares, económicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo. (Choay, p.11, 1982)

O património ultrapassa a barreira do tempo, e pode tomar várias formas, (Choay, p.106, 1982) como no caso do tema das Linhas de Torres Vedras, onde nos deparamos com diversos tipos de património, cultural, arquitetónico, vernacular, militar, dos quais é importante perceber a noção e sentido.

"Esta noção alargada do património sugere novas abordagens de tratamento no interior de um contexto muito mais amplo, afim de explicar e de salvaguardar as relações significativas directamente associadas ao seu meio cultural e histórico, assim como ao seu ambiente natural ou criado pelo Homem." (C. ICOMOS, p.1, 2008)

Visto ser o património algo material ou imaterial que define a identidade de um país, podemos associá-lo também à paisagem de um território, pois também ela, aos nossos olhos, define aquilo que somos, como cultura, como pátria. É única no seu lugar, e ajuda-nos a definir quem somos.

3.3.1 | património arquitetónico

"O património arquitectónico europeu é formado não apenas pelos nossos monumentos mais importantes mas também pelos conjuntos que constituem as nossas cidades antigas e as nossas aldeias com tradições no seu ambiente natural ou construído." (C. M. Conselho da Europa, p.2, 1975)

Os monumentos são bens imóveis que se integram na definição deste património, são construções de interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico, notáveis, incluindo todos os elementos que dele fazem parte e o tornam singular na sua construção. (E. M. Conselho da Europa, p.2, 1985)

Segundo a Carta Europeia do Património Arquitetónico, este refere-se não só aos monumentos, à sua proteção e restauração, ou aos conjuntos arquitetónicos, mas também aos sítios, pois o seu enquadramento é fundamental para o seu carácter próprio. É um capital espiritual, cultural, económico, social, com um valor insubstituível. Para isso, este deverá abarcar *"obras combinadas do homem e da natureza, parcialmente construídas e constituindo espaços suficientemente característicos e homogéneos para serem objeto de uma delimitação topográfica, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, social ou técnico."* (E. M. Conselho da Europa, p.2, 1985)

Como referido anteriormente, os territórios humanizados plantados de património imaterial, como as paisagens, são suportados de informação sobre relações, vivências, povoações no seu meio natural, e escrevem a história de um lugar e seus acontecimentos. Estão em constante evolução e transformação, daí o património arquitetónico adquirir um valor educativo definitivo.

Posto isto, as Linhas de Torres Vedras ganham uma noção de megamonumento histórico, com diversas criações arquitetónicas, em sítios rurais, que servem como testemunho de um povo, de uma civilização, bem como de um acontecimento histórico. (ICOMOS, p.2, 1964)

3.3.2 | património vernacular e património rural

"O património construído vernáculo ocupa um lugar central no afecto e no orgulho dos povos." (M. ICOMOS, p.2, 1999)

O património vernacular baseia-se na forma natural e tradicional de como se habita numa comunidade, e é importante pois é a expressão fundamental desta, de como se relaciona com o território, e demonstra a diversidade cultural do mundo. (M. ICOMOS, p.2-3, 1999)

Visto estarmos a falar de uma zona rural do país, podemos assumir que irão estar presentes dois tipos de património: o património vernacular e o património rural, ambos descritos por Vitor Ribeiro, em "Materiais, Sistemas e Técnicas de Construção Tradicional", como:

"O património vernáculo baseia-se em manifestações do engenho humano outrora consideradas menores (ou sem ser consideradas), entra no léxico geral de todos quantos se interessam pela conservação, adquirindo uma importância crescente à medida que a globalização avança, a necessidade de contrapor aos processos de homogeneização cultural a afirmação das identidades e culturas locais progride e se alarga a consciência da importância das técnicas e dos materiais tradicionais de construção na perspetiva do desenvolvimento sustentável." (V. Ribeiro, p.14, 2008)

"O património rural tem como singularidade, não só relativa aos seus valores estéticos, mas também ao seu caráter de testemunho de uma sabedoria secular, englobando todas as construções isoladas ou agrupadas que estejam ligadas às atividades agrícolas, pastoris e florestais, bem como à pesca; apresentem interesse, quer pelo seu valor histórico, arqueológico, artístico, lendário, científico ou social, quer pelo seu caráter típico e pitoresco; e se integrem na paisagem de modo coerente." (V. Ribeiro, p.15, 2008)

Com isto, percebemos que estes tipos de património são fundamentados pela tradição e pela cultural de uma determinada zona, pela maneira de viver que aí reside desde sempre - não só pelo seu valor físico, mas sim pelo valor simbólico e pelo que ele representa para a população.

3.3.3 | património militar

Abordando o tema das Linhas de Torres Vedras, é evidente a necessidade de falar sobre o património militar, e de como este veio definir todo um território que se liga à história de uma sociedade.

O património militar está presente desde os primórdios da civilização. Tudo começa com a competição entre povos por recursos escassos, diferentes ideologias ou crenças, preconceitos, que geram revoltas entre sociedades e grupos. Como forma de proteção e de ataque a outros povos, foram concebidas armaduras e armas que vieram gerar mudanças nos seus comportamentos e na sua organização. (Homero & Castro, 2016)

Como forma mais obvia de proteção, e também mais duradoura e eficaz, apareceu a construção de estruturas defensivas que os protegiam. A arquitetura militar surgiu como uma necessidade de resistência ao ataque, que proporcionava um maior sentido de segurança em quem nela se refugiava. Por isso que, mesmo que uma fortificação nunca tenha sido utilizada num confronto, ela continua a ser considerada como tal, pois sendo a sua função proteger ou intimidar o inimigo, o seu objetivo terá sido cumprido.

Esta arquitetura militar evoluiu drasticamente ao longo dos séculos, assim como o património militar em geral, com o melhoramento das estruturas, que se foram adaptando à evolução das armaduras e das armas.

Pode afirmar-se que o património militar é disperso, principalmente se falarmos do sistema defensivo das Linhas de Torres Vedras. Com o objetivo de proteger a península de Lisboa das Invasões Francesas, estas estruturas foram concebidas em diversos locais do território, de maneira a abrangerem uma maior área de vigia e proteção. Apesar de dispersas, os locais escolhidos para envolver estas estruturas tinham características semelhantes, das quais falaremos mais à frente.

Este património não se limita em pequenos objetos, mas vai até a uma escala de desenho urbano, que engloba estruturas militares, estradas, pontes e outras. Estas estruturas militares podem ser designadas por fortificações, que incluem castelos, fortalezas, fortes, redutos, baterias e outros.

"As fortificações e o patrimônio militar são compostos por qualquer estrutura construída de forma natural (ou seja, botânica ou geológica) ou materiais artificiais, por uma comunidade humana para se proteger de agressores. (...) As paisagens culturais militares incluem, mas não limitado a campos de batalha, instalações de defesa territorial ou costeira e obras de terraplenagem e têm valores semelhantes a outros edifícios e sítios históricos, mas também possuem valores únicos que precisam ser cuidadosamente estudados, analisados e preservado." (ICOFORT, p.1, 2020)

Fortificações

É necessário reconhecer o valor de uma fortificação, e definir a sua excecionalidade é bastante complexo, mas torna-se essencial para o seu entendimento e para salvaguardar estes monumentos que a sociedade pouco valoriza. (Bartholo, Roberto ; Ferreira de Mattos, Flávia ; dos Santos Júnior, p.30, 2019)

Uma fortificação é um complexo de trabalhos que respondem a funções defensivas, cujas dimensões e posições são calculadas para manter um cerco sob controle. Ao longo dos anos de desenvolvimento da arquitetura militar, estes sistemas defensivos e os seus layouts regulares tiveram de se adaptar constantemente ao progresso da artilharia que se opunha a eles. A geometria de cada um dos objetos que compõem as fortificações é descrita com precisão pelas regras de construção.

Para além de a geometria das fortificações obedecer a regras de construção, estas fortificações das Linhas de Torres Vedras têm tamanhos e características diferentes, que resultam da adaptação ao terreno local. Principalmente composto por pequenas unidades não autónomas, com capacidade limitada de combate, elas têm alguns aspetos em comum, como a localização em pontos dominantes na paisagem, em cumes difíceis de alcançar, e alguns deles são muito distantes, de acordo com a sua utilidade. (Gros, Jacquot, & Tommy, 2019)

A principal característica das estruturas militares deste sistema é a sua capacidade de detetar, em geral, os movimentos do inimigo e permitir a comunicação com outras unidades próximas. Um sistema de comunicação eficiente entre as fortificações era vital. No caso das Linhas de Torres isso foi possível de duas maneiras: usando uma rede de caminhos e trilhas conectando as várias fortificações, ou usando um sistema de telégrafo, mencionado anteriormente, em locais selecionados, permitindo a transmissão rápida de mensagens, mas dependendo das condições climáticas locais para ser eficaz. (Rua et al., 2013)

3.4 | valorização do património

A valorização do património é uma questão que tem de ser abordada do ponto de vista cultural. No caso das Linhas de Torres, tendo em conta que se trata de uma fortificação, a sua reabilitação física como tal não lhe traria qualquer valor, antes destruiria a sua identidade. Coloca-se portanto, a questão de como requalificar este tipo de património.

"Qualquer intervenção prática de conservação baseia-se no conhecimento. É porque sabemos o significado dos valores históricos, artísticos, construtivos e outros, presentes na arquitectura de um objecto, ou de uma cidade, que decidimos salvaguardar. Conservamos com base e em função da nossa capacidade de "ver", de reconhecer esses valores, coisa que não é fácil." (Aguiar, 1999)

No entanto, uma valorização pode também impedir o desenvolvimento e criação de algo novo. Para que se entenda vantajosa e importante a valorização de um determinado objeto, há necessidade de fazer uma avaliação e estudo prévios. Luís Ferreira Calado (2001) afirma que *"A intervenção em património é hoje um processo complexo que congrega uma soma de conhecimentos técnicos altamente especializados, nas mais variadas áreas do saber. A fundamentação científica de trabalhos desta natureza não se limita, porém, à sua informação prévia. De facto, ela continua no decurso das intervenções e, até que monumentos e sítios estejam completamente aptos para a divulgação pública, há ainda um longo caminho a percorrer."*. Ou seja, a intervenção em património dependerá sempre de um estudo e classificação sobre o objeto a reabilitar, não só em relação ao seu passado, mas no que este contribuirá para o futuro, tendo sempre diversos fatores em consideração, não devendo a reabilitação ser um impedimento ao desenvolvimento do futuro.

"A conservação baseia-se no respeito pela substância existente, pelo uso, pelas associações e pelos significados. Exige uma abordagem cuidadosa no sentido de alterar tanto quanto necessário, mas tão pouco quanto possível." (Icomos, 2006, Artigo 3)



9 | Indicação Forte Grande da Enxara, Enxara do Bispo.
foto: autor

3.5 | itinerários culturais em património

Como exemplo de valorização do património, temos como ponto de partida a valorização dos itenerários culturais.

"O conceito de Itinerário Cultural revela-nos o conteúdo patrimonial do fenómeno específico de mobilidade e de trocas humanas que se desenvolveu através das vias de comunicação que facilitaram a sua expansão e que foram utilizadas ou deliberadamente postas ao serviço dum objectivo concreto e determinado. Pode tratar-se de um caminho que foi traçado expressamente para atingir esse fim ou de uma via que utilizou, inteiramente ou em parte, caminhos já existentes e que serviram diversos fins." (ICOMOS, p.2, 2008)

Este conceito, segundo a Carta dos Itinerários Culturais, evidencia a evolução das ideias relativas ao património cultural, e é fruto do desenvolvimento das ciências de conservação deste. Deve respeitar-se o valor de cada um dos elementos, pois valoriza o seu passado, fortalece o seu sentido, e favorece não só a comunicação entre povos, a compreensão, mas também o apoio à conservação do património.

Tendo como exemplo as Rotas Históricas das Linhas de Torres, estas transformam-se em mais do que simples vias históricas de comunicação que detêm elementos patrimoniais, ou que os ligam entre si, são sim manifestações que não podem ser imaginadas, com particularidades comuns.

Estas Rotas estão inseridas num contexto natural e cultural, têm um valor de conjunto partilhado, e colaboram na caraterização e enriquecimento do ambiente em que se inserem. Para além de se afirmarem através de um traçado histórico físico e dos seus elementos patrimoniais, criam entre si uma relação dinâmica.

"Os Itinerários Culturais representam processos evolutivos, interactivos e dinâmicos das relações humanas interculturais, realçando a rica diversidade das contribuições dos diferentes povos para o património cultural." (ICOMOS, p.1, 2008)

3.6 | turismo

"O turismo é um feito social, humano, econômico e cultural irreversível. Sua influência no campo dos monumentos e sítios é particularmente importante e só pode aumentar, dados os conhecidos fatores de desenvolvimento de tal atividade." (ICOMOS, p.2, 1976)

Com o passar do tempo, o tema do turismo tem suscitado cada vez mais interesse na comunidade. Não passa só por ser um escape do mundo real, um "ir de férias", fugir do stress diário, mas um refúgio que nos oferece sabedoria e nos permite conhecer, observar, experimentar. Este aumento de procura tem contribuído não só para a economia do país, mas também para a de pequenas populações, que têm apostado muito na sua cultura e património local.

De outra forma, o turismo cultural tem por objetivo, entre outros, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos. Faz aumentar o incentivo de requalificação e conservação de património edificado que até agora tem sido esquecido ou desprezado, dai a ideia de criar um trajeto que nos permita ligar e percorrer esse mesmo património. Falamos mais especificamente de património situado fora de grandes áreas metropolitanas, visto que há já um grande investimento no turismo e no património das grandes cidades, com maior número de turistas. Também a procura de turismo fora das áreas urbanas tem aumentado substancialmente. *"Esta forma de turismo justifica, de fato, os esforços que tal manutenção e proteção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios sócio-culturais e econômicos que comporta para toda a população implicada."*(ICOMOS, p.1, 1976)

O turismo rural é estimulado pela procura de experiências únicas e memoráveis em contextos específicos. Refere-se a diversos tipos de atividades, como o turismo de natureza, quintas de produção, aventura, desporto, comida e vinho, turismo cultural, o que resulta numa atividade complexa e multifacetada, e é utilizado como uma ferramenta para projetar o potencial para o desenvolvimento de áreas rurais. Nesta lógica, o entendimento

de como se podem proporcionar e gerir as experiências de turismo em destinos rurais irá basear-se no conhecimento da região e do seu mercado, pois torna-se relevante ajudar as comunidades rurais a gerir, com sucesso, os destinos do turismo, e alcançar objetivos sustentáveis de desenvolvimento da matéria.(Kastenholz, Carneiro, Marques, & Loureiro, 2018)

As experiências em turismo rural têm aumentado em diversas áreas de destino, muito pela razão de atualmente se sentir uma maior necessidade de criar laços e de estar em contacto com a natureza, tanto por motivos de relaxamento, recreação, atividades desportivas, ou até por experiências espirituais ligadas à mesma, visto que muitas vezes os turistas se referem à experiência do turismo rural como um contraste positivo de combate ao stress, como a oportunidade de socialização numa atmosfera diferente, que pode também proporcionar novos valores que nos afastam de outras condições negativas trazidas pela vida urbana que vivemos. Tudo isto passa pelo interesse de se estar num ambiente mais distante àquele a que estamos habituados, ou simplesmente de conhecer ou explorar um determinado sítio ou região. (Dinis, Simões, Cruz, & Teodoro, 2019)

4.1 | estudos de precedente

Neste projeto podemos dizer que existem diferentes tipos de intervenção, a escalas diferentes, que partem de uma escala territorial até uma escala de pormenor construtivo, como se poderá ver mais à frente, na descrição desta proposta. Vai do tratamento e requalificação de acessos e percursos desde a Serra de Chipre à Serra do Socorro, passando pelos fortes da Enxara Grande e Pequeno, como o desenho de elementos específicos na Serra de Chipre, a uma escala muito mais detalhada.

Assim, foi importante a pesquisa e o estudo de projetos com diferentes escalas.

Começando pela escala mais territorial, foi essencial estudar projetos que estabelecessem uma ligação próxima com o território e com a paisagem, visto que o principal objetivo desta proposta é definir uma estratégia de relação entre o lugar e toda a sua envolvência, e em definir qual a sua função nesse espaço.

As “Nasjonal Turistveger”, ou as “Rotas Turísticas Nacionais”, da Noruega, definem-se pelo seu cenário pitoresco e as suas infraestruturas turísticas, como locais de descanso e miradouros. Localizam-se na costa oeste, no norte da Noruega, e nas montanhas do sul do país. Abarcam estabelecimentos de hospedagem, atividades culturais, venda de comércio local e experiências naturais, com o objetivo de promover e aumentar o turismo nessas zonas rurais, bem como humanizar certos pontos das paisagens.

No que toca à arquitetura na “Rotas Turísticas Nacionais”, alguns temas são essenciais para descrever a relação entre o que é construído e o que existe naturalmente, e a relação entre a materialidade e a forma arquitetónica.

Dos diversos projetos das “Nasjonal Turistveger”, torna-se referência o “Kjeksa, por 3RW – Jakob Rossvik, de 2005 (figura 10 e 11), pela sua simplicidade e objetividade, do desenho de uma zona de pausa simples que contempla a paisagem, e com caminhos que nos levam entre a terra e o mar.

Outro projeto é o “Trollstigen, concebido por Reinlf Ramstad Arkitekter AS (2012) (figura 12), por nos pôr em contacto com a paisagem através de caminhos que nos convidam a passear, nos levam até onde está a vista, com plataformas no seu limite, e nos suspendem sobre a mesma, e nos indicam para onde olhar.

Ainda o projeto “Kleivodden”, de Landskapsfabrikken AS, construído em 2013 (figura 13), onde é desenhada uma plataforma com diversos elementos que servem de banco e definem uma área de descanso, num local protegido de onde se pode admirar o vasto Oceano.



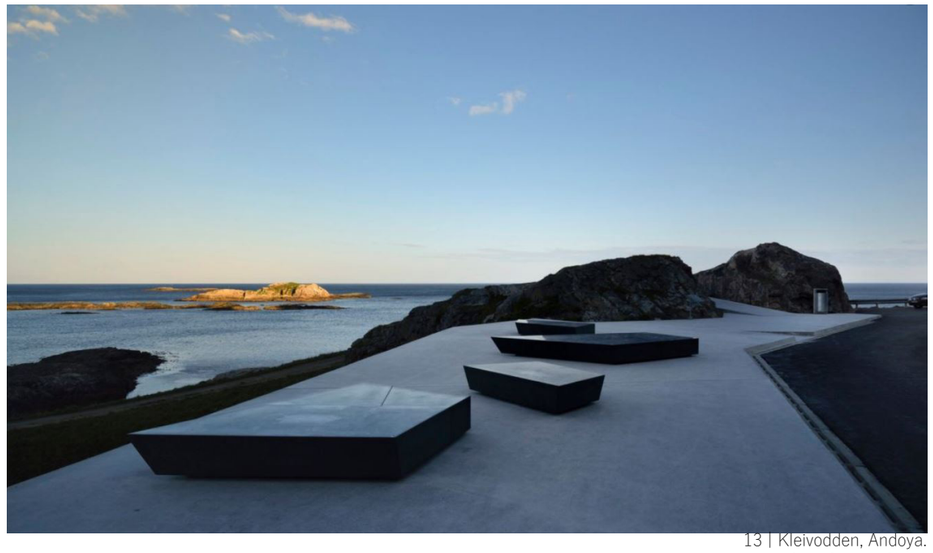
10 | Kjeksa, Atlanterhavsvegen.
foto: Per Kollstad



11 | Kjeksa, ponto de vista.
foto: Landzine



12 | Trollstigen, plataforma de observação.
foto: Per Kollstad

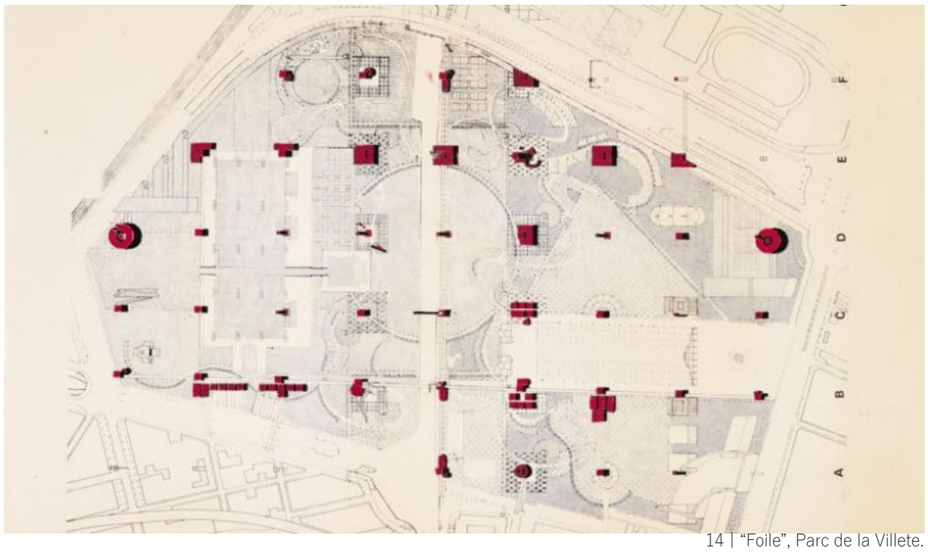


13 | Kleivodden, Andoya.
foto: Steinar Skaar

Já a uma outra escala, ainda não dentro do detalhe, encontramos projetos que se ligam ao território e à paisagem, mas dentro de um espaço mais limitado. À semelhança dos projetos anteriores, também estes desenham pequenos elementos, mas já dentro de percursos mais curtos.

O “Parc de la Villette”, em Paris, de Bernard Tshumi , tconcluído em 1998 (figura 14), baseia-se não só na natureza, como também na cultura. À semelhança do projeto na Serra de Chipre, este “parc” é como um sistema de pontos dispersos entre si, enfatizados por linhas que definem o movimento através do parque, e que formam um conjunto de experiências e vivências.

Na mesma ordem de ideias, o “Parque do Barrocal”, em Castelo Branco, do atelier Topiaris, terminado em 2020 (figura 15), descreve-se como um conjunto de pequenos objetos que têm como finalidade um impacto mínimo com a paisagem. Composto por miradouros suspensos que potenciam a vasta e variada paisagem e caminhos que desenham tanto o chão como o ar, que orientam os visitantes, este assemelha-se ao objetivo final da proposta deste trabalho, não só pelos elementos que o compõem, mas também pela sua materialidade, de madeira, betão e aço, que enfatiza a necessidade de pouca manutenção.



14 | “Foile”, Parc de la Villete.
desenho: atelier Bernard Tshumi Architects



15 | Parque do Barrocal.
foto: Pedro Martins

A uma escala mais elementar, procuraram-se casos que se ligassem ao próprio objeto, tanto pela sua função e programa, mas também pela sua materialidade e espaço. Estes objetos inseridos na Serra de Chipre, estão também ligados às escalas anteriores, mas vêm trazer uma escala mais humana e detalhada ao projeto, ainda que inseridos em algo maior que eles mesmos.

O "Centro Interpretativo Gonçalo Ribeiro Telles", da arquiteta Teresa Nunes da Ponte, de 2013 (figura 16), serve como referência no que toca à sua pequena dimensão, maioritariamente ocupada por uma cafetaria, a maneira como se distribui o programa no espaço, a sua materialidade, e a sua relação com o ambiente que a envolve.

Já em relação à promoção do património militar, em que se pretende não reabilitar os Redutos da Serra, mas sim revelar a sua existência, faço referência ao projeto dos arquitetos Alexandre Alves Costa e Sérgio Fernandez, terminado em 2007, "Castelo Velho de Freixo de Numão" (figura 17). Este projeto, num local arqueológico, preocupou-se em enfatizar o existente, tentando ao máximo não perturbar o local. Inclui uma torre de observação de paisagem, a qual integra um pequeno centro interpretativo. Este projeto reflete a relação entre o existente e o novo, e de que forma a nova aquitetura pode complementar o espaço Este caso de estudo torna-se relevante mais no seu âmbito programático e intencional, e não tanto no sentido estético e material.

Num outro tema, relacionado com as cabanas desenhadas na Serra de Chipre, seria impossível não mencionar o projeto de Le Corbusier, "Le Cabanon", de 1951 (figura 18). Esta obra define o essencial de elementos necessários a um espaço funcional e agradável. O seu desenho define cada espaço através do minimalismo, com remates feitos do mesmo material que o resto da construção, e também a utilização da cor. O mobiliário é desenhado para o espaço, e este é desenhado pelo mobiliário. Um espaço pequeno que se completa a ele mesmo.

Dentro da mesma matéria, temos o projeto criado por HGA Architects and Enginners, "Cabanas do Parque Regional Whitetail Woods" (2014) (figura 19). Estas cabanas objetivamente emolduram a paisagem circundante, e trazem conforto aos aventureiros ao ar livre durante a noite. Estas são construídas sobre pilares de betão que minimizam o impacto no solo, e acima das fundações são compostas por madeira para uma melhor integração com o ambiente que as envolve. Os caixilhos do chão ao teto permitem que a paisagem se torne a peça focal a partir do interior.



16 | Centro Interpretativo Gonçalo Ribeiro Telles | Lisboa, Portugal.
foto: Márcia Lessa



17 | Castelo Velho Freixo do Numão, Torre de paisagem | Vila Nova de Foz Côa, Portugal.
foto: site Cultura Norte, República Portuguesa



18 | Le Cabanon | Roquebrune-Cap-Martin, França.
foto: Hemis Alamy



19 | Cabanas do parque regional Whitetail Woods | Minnesota, EUA.
foto: Paul Crosby PH

4.2 | o percurso

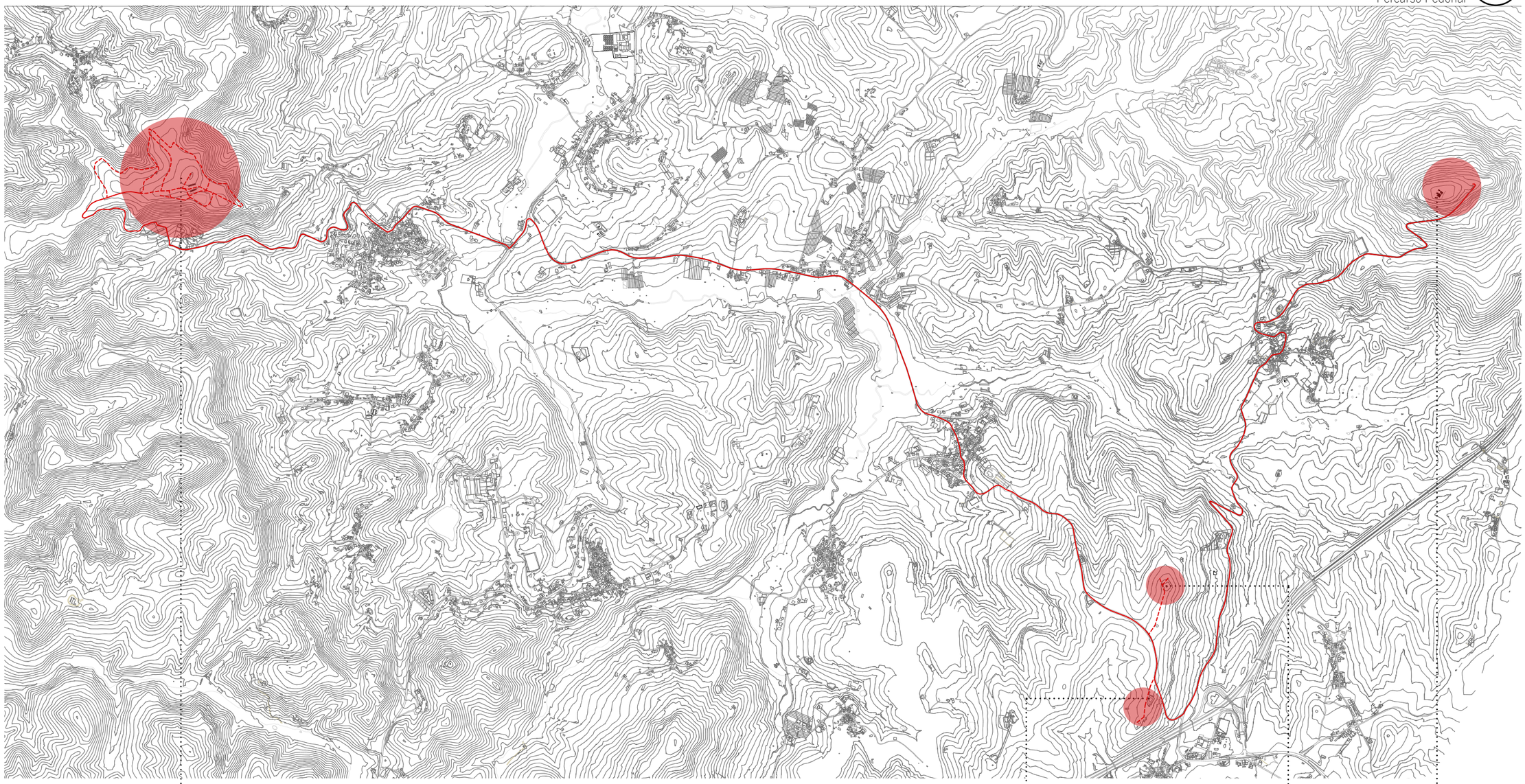
Considerando as Rotas existentes, deparamo-nos com uma ausência de definição daquilo que são os percursos delineados no próprio local. Ao percorremos o lugar denota-se uma carência de apreciação pela importância deste local histórico no Sistema, com caminhos pouco qualificados e fortificações que passam de movimentos de terra a apenas memórias.

Parte daí a ideia de integrar a Serra de Chipre nas Rotas Históricas, requalificando a sua memória, carregando quatro Redutos, sem que nenhum deles faça parte de uma Rota, e reavivando um dos principais pontos telegráficos deste sistema, sendo possível associá-la também, devido à sua proximidade, à Tapada de Mafra. A rota parte desta até à Serra do Socorro, passando pelo Forte Grande e pelo Forte Pequeno da Enxara, unindo assim novamente estes dois pontos, que noutro tempo estariam ligados pela necessidade de comunicação entre fortificações.

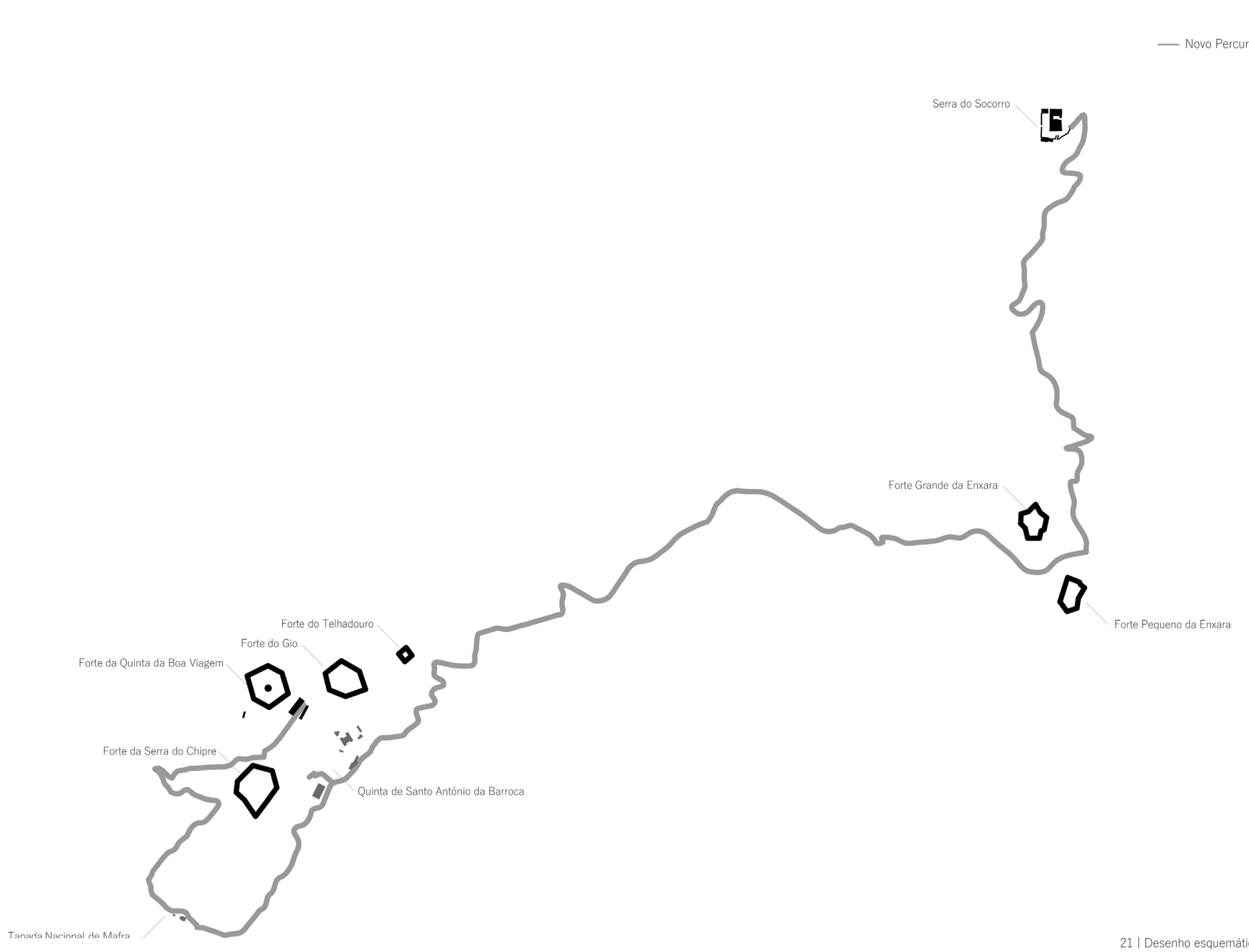
A ligação entre a Serra de Chipre e a Serra do Socorro permite também criar um percurso que nos leva de uma Linha defensiva à outra, e de um ponto telegráfico a outro, criando uma interseção entre as duas linhas defensivas numa só Rota, dando dinamismo à visita das Linhas e mais visibilidade a uma parte do território até agora desconhecida.

O desenho deste novo itinerário, “Entre Serras” (figura 20), determina uma aliança não só com as fortalezas das Linhas de Torres Vedras, mas também com a paisagem que nos é presenteada ao longo de todo o trajeto, A paisagem permite-nos criar uma relação visual entre diversas fortificações construídas na mesma altura, e para o mesmo fim, possibilitando que ao longo de todo o percurso haja uma conexão entre o percorrido e o que ainda está para percorrer, pois ao chegarmos ao fim, conseguimos ver o início, permitindo observar diversos pontos deste sistema, como o Forte de Alqueidão (local com um dos mais relevantes Fortes das Linhas), a Tapada e o Palácio de Mafra, e ainda o oceano.

Consequentemente, o percurso vem reforçar o interesse pelo turismo cultural e rural nesta zona do país, e poderá, posteriormente, conectar com rotas já existentes, “Do Palácio ao Atlântico”, que liga o Forte de São Julião ao Palácio de Mafra, e “Welligton”, que liga a Serra do Socorro ao Forte de Alqueidão, nome atribuído pela Associação Rota Histórica das Linhas de Torres.



20 | Mapa implantação do novo percurso, Escala 1:25000.
desenho: autor



21 | Desenho esquemático do novo percurso, 2020.
desenho: autor

“O lugar é evidentemente uma parte integral da existência.”

Christian Norberg-Schulz, Genius Loci, p. 6, 1978

4.3 | o lugar

Do latim “Localis”, relativo a uma posição ou a um lugar” ou “Locus”, de lugar. Refere-se a um espaço ocupado ou que pode ser ocupado por um corpo; ponto (em que está alguém); localidade.

Norman-Schulz afirma que *“um termo concreto para ambiente é lugar. É usado comummente para dizer onde atos e ocorrências tomam* **lugar**. *De facto não faz sentido imaginar qualquer acontecimento sem que lhe seja associado um lugar.”* (Norberg-Schulz, 1979)

Não existe lugar sem o Homem. Muitas vezes associamos a palavra “lugar” a algo construído, um edifício, mas na verdade um lugar é muito mais do que isso. Não é algo apenas arquitetónico. Um lugar é definido por tudo aquilo que nele está presente, tudo aquilo que o define e que cria o ambiente quando nele estamos presentes. Os elementos mais básicos da natureza, como pedras, vegetação e água, tornam um lugar significativo. O sistema verde de um lugar define-o tanto como tal como qualquer outra coisa, um edifício, que lá esteja construído.

Os lugares humanizados estão relacionados com a natureza. O Homem quer tornar a estrutura natural mais precisa, quer visualizar o seu entendimento da natureza, e pode acrescentar-lhe o que ela precisa. Quando esta lhe sugere um lugar delimitado, ele constrói uma clausura, quando indica uma direção, ele cria um percurso. (Norberg-Schulz, p.17, 1979)

O lugar das Linhas de Torres é feito de memórias, é a transição entre Norte e Sul, Este e Oeste. Entre as Montanhas do Norte e as Planícies do Sul. Entre o Interior e o Litoral. É o território terrestre que se atravessa até Lisboa. Está embebido em paisagens rurais, natureza e património, que merece ser elevado e valorizado, com a consciência do que foi, mas também do que poderá vir a ser.



22 | Moinho Forte da Boa Viagem, Serra de Chipre, 2019.
foto: autor

4.3.1 | Serra de Chipre

A Serra de Chipre nasce junto à entrada Norte da Tapada de Mafra, e pinta-se das mesmas cores. Grande parte da sua área pertence aos limites da Quinta de Santo António da Barroca, uma das mais importantes da freguesia de Gradil. Agora um residência privada, que apenas nos anos 40 do século passado adquiriu a sua forma atual.

Os eucaliptos rompem-lhe o chão, e ajudam a definir caminhos, cores e o horizonte. Desenham uma clareira no topo da serra, deixando espaço aos pequenos elementos lá construídos, que serviam esta plantação. Tanques de rega, estruturas, o moinho, o banco, vão surgindo no olhar e contam memórias do que já foi.

Contudo, a relevância deste lugar, para esta proposta, provém da existência de quatro Redutos na Serra, construídos na 2ª Linha de Torres, como defesa das Invasões Francesas, sendo estes o Forte do Telhadouro, Forte do Gio, Forte da Quinta da Boa Viagem, e Forte da Serra de Chipre.

A Serra de Chipre, durante o período das Invasões Francesas era um dos principais postes telegráficos, mais especificamente o Forte da Quinta da Boa Viagem, sendo este um dos dois fortes da Serra dos quais ainda há vestígios, com uma das melhores ligações visuais sobre todo este território.



23 | Forte Grande da Enxara, ao fundo a Serra do Socorro, 2020.
foto: autor

4.3.2 | Forte Grande e Forte Pequeno da Enxara

O Forte de Santo António da Enxara dos Cavaleiros, também denominado Forte Grande e o Forte de São Sebastião da Enxara dos Cavaleiros, também denominado Forte Pequeno, situam-se entre a Enxara do Bispo e a Enxara dos Cavaleiros, de onde originou o seu nome. *"Enxara, a an-xara - charneca inculta caracterizada por matagais - é mencionada pela primeira vez nos inícios do século XIII. Na primeira metade do século XVI, desenvolvem-se dois núcleos urbanos, as duas Enxaras - do Bispo e dos Cavaleiros."* (Silveira, Carlos; Guardado da Silva, Carlos; Sousa, Ana Catarina; Nunes, Graça Soares; p.42, 2011). Nesta altura ergueram-se marcas patrimoniais manuelinas importantes, como a Ingreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção e a Ermida do Espírito Santo, em Enxara do Bispo; e também o pelourinho na Enxara dos Cavaleiros.

Entrando no circuito da Enxara, e apesar das marcas da passagem do exército serem poucas, os dois Redutos anteriormente mencionados encontram-se em bom estado de conservação. Estes fazem parte do sistema defensivo das linhas de Torres Vedras, construídos durante as Invasões francesas, entre a 1ª e 2ª linhas defensivas, próximos do Quartel General, localizado em Pêro Negro, com o objetivo de vigiar a estrada que ligava Torres Vedras a Montachique, e posteriormente a Lisboa. Os fortes davam apoio ao quartel general, constituindo assim uma posição de reforço entre a primeira e segunda linhas.

A cerca de 700 metros, a norte da estrada principal, encontra-se o Forte Grande, que tem como plano de fundo da Serra do Socorro. Mais à frente, a sul da estrada, a 200 metros, o Forte Pequeno, em bom estado de conservação, recuperado em 2008,com as suas canhoneiras direcionadas para a estrada que protegia um paiol e dois travesses.



24 | Entrada Ermida da Serra do Socorro, Serra do Socorro, 2019.
foto: autor

4.3.3 | Serra do Socorro

"Mais longe do mundo; mais perto do céu. A subida até ao topo da Serra do Socorro é a primeira prova de devoção e de fé na milagrosa imagem da Virgem que ali se venera." (Fernandes & Vilar, 2008)

A Serra do Socorro, em conjunto com a Serra da Archeira, Galharda e Monte Deixo, com os seus 1223 hectares, formam a "Paisagem Protegida Local das Serras do Socorro e Archeira", sendo as duas Serras mais relevantes devido ao seu destaque no território. Segundo o ICNF (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas), uma "Paisagem Protegida" é uma área que contenha paisagens resultantes da interação harmoniosa do ser humano e da natureza, e que evidencie grande valor estético, ecológico ou cultural. *"A classificação de uma Paisagem Protegida visa a proteção dos valores naturais e culturais existentes, realçando a identidade local, e a adoção de medidas compatíveis com os objetivos da sua classificação."* (ICNF, p.1, 2019).

Também a Serra do Socorro contém um vasto património de âmbito arqueológico, que se alastra até à Idade do Bronze, arquitetónico e artístico. Acolhe uma Ermida, que se pensa pode ter sido, em tempos, uma pequena mesquita, ou onde a um tempo houve uma disputa civilizada entre cristãos e muçulmanos, e cujos primeiros vestígios remontam ao século XVI. Construção de estilo manuelino, este pequeno templo é o toque com o céu. Erguido na zona mais alta da Serra, é possível observá-lo de todo o seu redor, e também é possível admirar toda a envolvente do lugar a partir dela.

"Elevação que domina a paisagem no coração das Linhas de Torres Vedras, oferecendo ótimas condições de visibilidade entre a 1ª e 2ª Linhas defensivas, a Serra do Socorro está decisivamente ligada às comunicações telegráficas" (Silveira, Guardado da Silva, Sousa, & Nunes, 2011)

A 395 metros de altura, a Serra do Socorro é o centro deste território das Linhas de Torres Vedras. Abraça todas as fortificações, e o seu contacto com a paisagem é único, o reflexo da luz sobre os vales e montes, o toque entre o céu e o oceano, e a biodiversidade da zona Oeste.



25 | Escadas de acesso ao lago, Serra de Chipre, 2019.
foto: autor

4.4 | objetivos da proposta

O que são as Linhas de Torres Vedras? O que contam? O que definem? O que representam?

Num ambiente de aula, e com base no tema do património militar, discutiu-se o maior sistema defensivo do país, sendo claro que numa primeira fase desta proposta de trabalho seria essencial uma investigação aprofundada sobre aquilo que foram e são as Linhas de Torres Vedras, e quais as motivações que levaram ao aparecimento destas três Linhas do início do século XIX.

Como objetivo, pretendem estudar-se diversas temáticas, relacionadas com o desenho dos elementos específicos, a localização destes a uma escala territorial e a sua implantação em relação à morfologia do terreno, a história, a relação da paisagem e das vistas e a materialidade, para uma melhor compreensão do tema. Para isso, introduziu-se uma pesquisa aprofundada aos alunos da turma, em que cada um trataria de um troço no território, troço esse em que os dois pontos extremos seriam coincidentes com outro aluno, criando assim uma corrente de informação e uma descoberta mais abrangente do território. Este seria explorado e seriam absorvidas as possibilidades de projeto, tanto as suas perícias como as suas fragilidades. Com este estudo, tornou-se possível compreender e descobrir locais chave com potencialidade para uma intervenção que viessem frisar a importância da preservação do património arquitetónico militar assim como qual a melhor maneira de impulsionar o tema para o público em geral.

Após um primeiro estudo sobre um entendimento geral daquilo que são as Linhas de Torres, numa segunda fase, existiu o objetivo de entender mais aprofundadamente o que é o património, e de que forma o podemos considerar como tal. Estando muitas vezes em ruínas, é importante distinguir o que ainda as valoriza e as torna património, e de que forma se pode aumentar esse valor e distinção em relação ao ambiente que as envolve. Tornou-se evidente a importância de manter ou devolver a identidade ao espaço, reativando este património.



26 | Caminho na Serra, Serra de Chipre, 2019.
foto: autor

4.5 | o programa

O programa deve corresponder a elementos necessários e que estão em falta a uma determinada região. Baseia-se numa análise e conclusão retirados de um estudo prévio, e aplicam-se a uma dada intervenção. "*Essa intervenção manifesta-se numa ação refletida, numa síntese integrada de conhecimentos, que se realiza sobre um dado espaço e num momento concreto numa procura de responder às exigências da sociedade (sociais, económicas e histórico-culturais), com valorização da Natureza (elementos e espaços naturais) e com preocupações estéticas (emotivas, sensíveis)*" (Freire, Maria; p.3, 2018)

Assim, após a análise nas necessidades atuais do território das Linhas de Torres Vedras, surgiu o programa deste projeto. Visto este território abranger um enorme património militar histórico, tornou-se evidente uma relação programática com algo que pudesse revalorizar as Linhas. De uma forma geral, o turismo vem facilitar essa valorização, pois permite a descoberta do sítio assim como a sua história. Para tal, não se pode descurar o facto de que, para atrair o turismo, os elementos terão de suscitar interesse.

Nesta proposta considerou-se uma intervenção mínima nos diferentes lugares, reforçando a intencionalidade de os manter praticamente no seu estado original, refletindo a sua história.



27 | Tanque, Serra de Chipre, 2019.
foto: autor

4.5.1 | Serra de Chipre

Na Serra de Chipre, para além da presença dos 4 Redutos anteriormente mencionados, encontramos pequenos elementos arquitetónicos, usados no apoio à plantação no local, assim como outros pequenos apontamentos construídos que acabam por o definir e caracterizar. Tanques com água, estruturas deixadas, muros que definem o nada, um banco, e o moinho do Forte, que servia de paiol. Todos estes elementos do passado, sem presente, expetam um futuro.

Será então desenhado um parque "natural", requalificando estes elementos existentes, em que o moinho de um dos fortes se transformará num miradouro; um espaço pavimentado e murado dará lugar a uma zona polivalente exterior, onde poderão decorrer eventos; uma estrutura que nada suporta transformar-se-á numa pérgula que definirá uma zona de piqueniques. Alguns dos elementos manterão a sua função, e apenas o espaço que os abraça será requalificado, como o banco que olha o lago, que serve de descanso assim como o tanque, que definirá um ponto de estadia.

Como novos elementos; é construído um pequeno edifício, com uma cafetaria, e uma receção/loja, com produtos da região, que disponibiliza informação sobre o património militar das Linhas de Torres, e também onde se poderão alugar pequenas habitações, para uma estadia de algumas noites, aproveitando ao máximo a experiência do contacto com a natureza. Para além destas pequenas habitações, serão introduzidos pequenos albergues para os caminhantes das Rotas, que pretendam fazer o percurso e apenas dispor de um local de pausa noturno. Também é desenhada uma pequena capela, mais afastada de todos os restantes elementos, que servirá como local de culto e peregrinação. Ainda para os caminhantes, será possível, dentro do parque, adquirir bicicletas para um passeio sobre rodas. Estes circuitos serão delineados por percursos desenhados, que ligam todos estes elementos, tornando-o um só sítio, com diferentes espaços e diferentes finalidades.



28 | Vista para a Serra do Socorro, Forte Grande da Enxara, 2020.
foto: autor

4.5.2 | Fortes Grande e Pequeno da Enxara

Os Fortes Grande e Pequeno da Enxara, ainda com vestígios bem definidos, fazem parte do "Percurso de Wellington", daí ser um local de passagem de muitos turistas caminhantes, e contam com uma placa informativa da sua história, do seu desenho e funções. Mas, apesar disso, o seu acesso é frágil, o local nota-se degradado e, de certa forma, esquecido. Os caminhos são de terra batida, corrompidos, e não existem elementos de apoio à visita.

Ainda que o lugar esteja nessa condição, a paisagem que o envolve, o afastamento do quotidiano e a sua localização conferem-lhe uma grande oportunidade de reativação, com uma intervenção que melhore o seu interesse histórico e patrimonial.

Entende-se que uma intervenção mínima no local, que redesenha os caminhos de acesso, com momentos de pausa e descanso, que nos indicam qual o ponto de fuga para onde olhar, e reativar a memória do lugar. Estes caminhos ligam os pontos desenhados, com bancos, mesas, miradouros, que sugerem a observação da paisagem, e os objetos presentes no sítio, como os moinhos e os fortes, e nos distanciam da vida citadina. Considera-se que uma intervenção mínima será o mais apropriado, visto que a intenção é que a intervenção afete o mínimo possível o lugar, deixando-o refletir a memória que o criou.

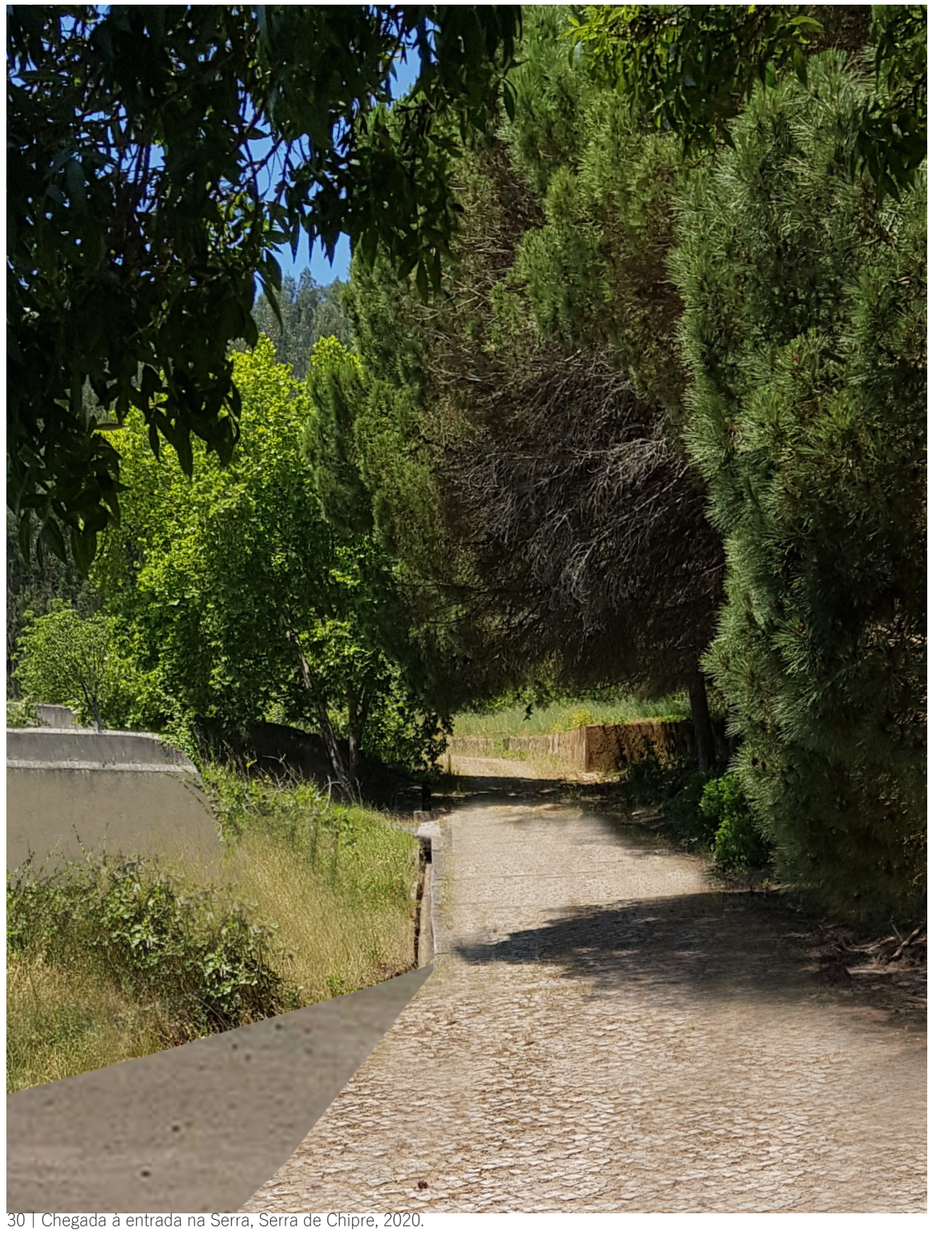


29 | Edificado no topo da Serra do Socorro, Serra do Socorro, 2019.
foto: autor

4.5.3 | Serra do Socorro

A Serra do Socorro alberga um conjunto edificado, que inclui a Ermida anteriormente mencionada, e de onde se pode observar a paisagem e descobrir sobre o território que se avista. No entanto os acessos ao topo estão deteriorados, e a chegada ao cimo é indefinida, sem haver uma fronteira entre aquilo que é viário e pedonal.

Mais uma fez, procura-se uma intervenção mínima no lugar, onde os acessos serão os mesmos, mas apenas se altera a sua qualidade. Desenha-se um parque de estacionamento, antes do topo, onde se antecipa a chegada, de maneira a que os automóveis não contactem com os edifícios, e melhorar a experiência do lugar. Já no topo, desenha-se uma miradouro que olha para os Fortes Grande e Pequeno da Enxara, criando uma ligação com o restante programa do percurso.



30 | Chegada à entrada na Serra, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

4.6 | proposta de intervenção

4.6.1 | subida até ao topo da Serra de Chipre

Estamos junto à Tapada de Mafra. O verde domina o olhar, as árvores abraçam-nos à medida que avançamos. Ouvimos apenas vento que passa entre elas e sabemos que estamos longe do nosso quotidiano citadino.

O muro é o limite que define os dois exteriores, e é no interromper desta continuidade que passamos de um para outro. Logo à entrada um grande edifício existente suporta espaços de arrumos e de materiais necessários à manutenção de todo o espaço na Serra. Este é recuado do caminho calcetado, com as suas bordas marcadas e orientadas por árvores. Este caminho sobe, por entre de troncos e folhas, e o verde transforma-se em azul, mais perto do céu, chegamos ao cimo da Serra de Chipre. Ouvimos apenas o vento contra o corpo, e onde os percursos na Serra são eixos que nos dizem para onde ir.

Antecipamos a chegada automóvel com um pequeno parque de estacionamento à direita, que define o limite da passagem para onde estes deixam de poder circular. Recolhido do caminho que a ele nos leva, e um pouco afastado dos restantes objetos, esconde-se por de trás de árvores que impedem que a sua presença domine o lugar.

Até aqui, a natureza cresce, mais e mais árvores surgem para nos levar longe da cidade, onde o que define o nosso caminho não são paredes, mas barreiras verdes penetráveis que dançam ao som do vento.



31 | Chegada ao topo da Serra, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

4.6.2 | no topo: o volume semi enterrado

As barreiras verdes afastam-se e desafogam o caminho, delineando a clareira no topo da Serra. Ao fundo a figura do velho moinho desenha o toque com o céu. Avançamos em direção a ele, em busca do caminho que lá nos leva. Deparamo-nos, à primeira vista, com um muro que nos define a subida até ao moinho, mas que por detrás esconde um pequeno edifício, que nos acolhe à chegada ao sítio, um objeto que nos sugere a pausa, após a longa subida, e nos permite o descanso, com uma cafetaria, e um pequeno espaço de informação sobre a região, onde poderão ser adquiridos produtos locais.

Corpo enterrado, em que apenas a entrada se deixa ver para respirar. A fachada é marcada pelas paredes que definem o espaço interior e a que acompanha a rampa exterior, coberta, que nos leva a um pequeno pátio que olha o céu. Olhando para trás, vê-se de volta de onde se veio. Três paredes em betão, que se levantam e desenham o quadrado no chão, e em que o seu limite no ar vai descendo à sua volta. A quarta parede recua e transforma-se em vidro que desenha a entrada. Pátio lanterna desenterra parte do corpo, permitindo luz natural ao fundo da sala ampla, que se abre para a fachada principal, com uma esplanada na boca, em parte enterrada e coberta. As sensações no interior mudam a cada passo, com luz a cada ponta, e um teto inclinado, que sobe em direção ao pátio e que assenta sobre a parede da rampa. O fundo do objeto, submerso e com pouca luz natutal, acolhe os serviços necessários, numa zona em que o teto desce e nos faz perceber que nos encontramos noutro ambiente, com funções mais privadas, como o acesso a arrumos, à copa e a casas de banho.



32 | Moinho, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

4.6.3 | o moinho

Em frente ao corpo escolhemos por onde ir. Continuado a subida chegamos ao velho paiol, pertencente ao Forte da Boa Viagem. O moinho é circunscrito pelo caminho que nos leva até ele, e define a área do miradouro, de onde se pode observar o mundo que nos envolve. A Norte, a Serra do Socorro destaca-se pela sua imponência; a Este, Alqueidão desenha o remate com o céu; a Sul, a imensidão verde da Tapada de Mafra; e a Oeste, o horizonte no oceano. Este ponto de observação remete-nos à sua função de posto telegráfico, mantendo a comunicação visual com todo o território envolvente.

O espaço que envolve o moinho adquire um carácter museológico ao albergar factos históricos sobre as Linhas de Torres nos seus limites. O rebordo é marcado pontualmente por placas informativas, gravadas no pavimento, que nos explicam o que observamos, mas também a história do lugar que pisamos.

O próprio corpo do moinho é reabilitado, tornando-o à sua figura original, mas não funcional. No seu estado atual ainda é possível observar os seus mecanismos, que serão reaproveitados e requalificados, como representação do seu passado, sendo possível observá-los a partir do seu interior, onde será construída uma pequena plataforma, sobre novas vigas que tomam o lugar das antigas, que nos aproxima destes mecanismos, aos quais se acede através das escadas que ainda hoje lá existem, desenhadas no encosto com a parede.



33 | O muro e a estrutura, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

4.6.4 | novos usos: o muro e a estrutura

Guiados pelo muro, voltamos de onde viemos. À esquerda, um muro já existente passará a definir os limites de um espaço polivalente ao ar livre. Recorta um retângulo no chão, e no seu lado mais alongado é cortado duas vezes, originando duas entradas para este espaço. Do lado oposto o limite é a subida do terreno, onde se desenham degraus a todo o comprimento, que tomam a forma de bancada, e apoiam todas as atividades que ali poderão decorrer. É implantado um novo pavimento que evita os limites do espaço, não tocando no muro, fazendo o contraste entre o velho e o novo.

Do lado oposto ao muro, ergue-se uma estrutura que apenas se suporta a ela mesma. Nove pilares ligados por uma viga, uma de cada lado maior de um retângulo. Concebe-se um novo acesso, com umas pequenas escadas que chegam debaixo desta mesma estrutura e um novo pavimento que liga cada lado do objeto. Também a ligar cada lado implantam-se arames que servirão de suporte para trepadeiras, que crescem com o calor e oferecem sombra ao espaço, e onde também correm toldos, manualmente, para produzir sombra se ela não existir, e assim se quiser. Nesta atmosfera, há mesas e bancos que nos convidam a sentar e desfrutar de uma refeição ao ar livre, com vista para o céu, Alqueidão e, mesmo ali, o lago.



34 | Vista do lago para as cabanas, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

4.6.5 | as cabanas junto ao lago

Partimos por um rampa ao fundo, que alonga ainda mais o recinto. Voltamos ao caminho, à esquerda, um pequeno trilho que nos leva a um banco circular que limita o espaço de uma fogueira, que à noite poderá aquecer os seus visitantes. O eixo leva-nos agora para as escadas que descem até ao lago. Aproximamo-nos e à direita um banco, construído nos anos 40 do século passado, na mesma época da Quinta, revestido a azulejo, que mostram um quadro pintado. Mais um objeto que fala na memória do lugar.

Voltados para o horizonte de Alqueidão, uma plataforma prolonga-se sobre o lago, um pequeno pontão, que alonga o sentido deste eixo, e nos deixar utilizá-lo para diferentes atividades. Do lado oposto da água, a presença de sete pequenas cabanas.

Em redor do lago, o caminho leva-nos até elas. Antes refletidas na água, agora a sua imagem torna-se nítida. Uma estrutura no exterior, caracterizada por sete pórticos, o mesmo número de cabanas, que marcam um ritmo e define a forma do corpo, envolvendo-o, alongado, e em que o desenho da sua fachada remonta à básica representação de “casa”, um quadrado sob um triângulo. O primeiro pórtico recebe-nos numa pequena varanda apontada à água. Os topos são transparentes, com duas portas em vidro, do chão ao teto, que definem o interior e exterior, e nos deixam ver através de todo o objeto, de uma ponta a outra, como se de um tubo se tratasse, e quando abertas passam a paredes laterais que nos limitam num espaço que é ambos. Ao meio do volume, comportando os serviços, a presença de um bloco oco, que nos deixa olhar de um lado ao outro, mas que através de painéis nos permite separar os espaços, passando de interior exterior, para um espaço fechado em si mesmo. Na área onde se entra, mais pública, desenha-se um banco que remata nas escadas quase verticais, onde alguns dos degraus se transformam em prateleiras, que nos levam acima do bloco, num espaço comprimido, olhando sobre todo o objeto. Apesar de pequena, a sala é ampla, pois todos os objetos estão embebidos nas paredes, tentando maximizar o espaço e a sua funcionalidade. Do lado oposto ao banco, surge na parede uma mesa imperceptível no espaço, e para sentar, pequenos blocos de arrumação, que se escondem debaixo do banco corrido. No lado oposto do volume, um espaço de dormir, também este limitado por uma parede transparente, que tal como a outra, se abre para uma pequena varanda e quase nos dá a sensação de dormir ao ar livre, e em que o remate é o último pórtico, que enquadra a paisagem no nosso horizonte.



35 | Abrigos, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

4.6.6. | os abrigos

Partindo do lago até ao ponto de chegada, o eixo guia-nos até pequenos abrigos para caminhantes, algo muito essencial e simples, quase na definição de ter um teto para dormir, que nos protegem dos elementos.

Ao centro, uma lareira que se implanta, que serve como fonte de calor em dias mais frios, une-os por um circulo recortado no chão. A forma dos abrigos remonta à das cabanas junto ao lago, em que também a estrutura em arcos os abraça. As suas paredes definem um interior e exterior que se unem nos vazios que permitem passar de um para outro. Estes limites são ainda mais definidos com peças que correm na parede interior e permitem um encerro parcial do espaço de dentro, onde apenas a parte superior destes vãos permanece aberta, permitindo sempre a circulação do ar.

No interior, os desníveis do chão criam bancos, que desenham janelas, e que são também um sítio para dormir, e entre eles uma superfície que serve de mesa. Também o chão é espaço de dormir, levando mais perto do limite a experiência de dormir na natureza, sem que se tenha de dormir no exterior.



36 | Capela, Serra de Chipre, 2020.
fotomontagem: autor

4.6.7 | afastamento: o tanque e a capela

De volta ao limite inicial, à esquerda abre-se um caminho entre as árvores, que se percorre pela sombra, e encostado a ele, um tanque de rega existente, em pedra, surge para juntar o som da água ao do vento.

É contornado, em parte, por um muro que nos serve de banco, que define o espaço. Nos cantos surgem umas pequenas escadas que nos levam até ao bosque que o rodeia, que nos chamam para entre as árvores, e assim uma zona de pausa é desenhada. Afastado dos restantes elementos, e embebido por árvores, em dias de calor, sugere a entrada no tanque para refrescar, onde se pode sentar junto à água, ou mesmo dentro dela.

No seguimento do caminho, chegamos ao último objeto que integra o parque, uma pequena capela, com uma imagem essencial e bruta. Entramos pela água, que é introduzida por um pequeno espelho de água, desenhando o percurso que nos leva até ao interior. Esta comprime-nos por momentos até chegarmos ao corpo central. Nesse primeiro momento, somos recebidos por uma pequena pia, que liga o interior ao exterior, com a água a escorrer para o espelho que nos introduz a chegada. O volume central, um espaço exterior coberto, com um teto de duas águas, e ao fundo um pequeno altar que destaca a simbologia da cruz recortada na parede do fundo. O espaço é entalado entre dois bancos que se encostam às paredes que definem o espaço. Dentro, olhamos para o fundo, e observamos o velho moinho, e no fim, voltamos ao início.



37 | Banco bebedouro, Forte Grande da Enxara, 2020.
fotomontagem: autor

4.6.8 | Fortes Grande e Pequeno da Enxara

O início do percurso, a uma maior escala, leva-nos a passar pelo meio da povoação de Gradil, e pela sua igreja, Igreja de S. Silvestre, que remonta à primeira metade do século XV. Por caminho marcado, começamos a subir, até à Enxara do Bispo, também ela com uma igreja, Igreja Matriz da Nossa Senhora da Assunção. Construída já a uma cota alta, à beira do percurso, tem a sua entrada voltada para o caminho que acabámos de percorrer. Somos convidados entrar. De partida, contornamos a igreja e continuamos a subir. Deixamos de estar no meio de povoações, casas, e agora somos só nós e o terreno acidentando, as serras ao fundo, o céu.

Chegamos ao topo, sem quase perceber que lá estamos. Um caminho à direita guia-nos a descobrir o Forte da Enxara Grande. Um caminho geometrizado, em que cada quebra é definida por sombra, água e um banco, que nos convida a sentar e descansar. Os bancos de betão, apesar de pontuais, definem o limite, com uma geometria inclinada, que remonta às paredes dos fossos dos fortes. São acompanhados por um pequeno tanque de água potável, que sobe do banco para refrescar os visitantes, tudo isto acompanhado pela sombra de uma árvore. No início desse caminho avistamos um moinho até onde um troço do caminho dos leva, e que se remata em sua volta, com um banco, e nos permite estar e observar a paisagem para Este. Ao fundo do caminho principal, o Forte, ainda em bom estado, surge do chão, e obriga ao desvio do trajeto, que se agarra a ele, e se desenha a partir da sua geometria. O trilho estende-se, e em frente, uma plataforma chama-nos a descansar e absorver o ambiente que nos rodeia a Oeste. Vimos de onde viemos, serras, campos, céu. A plataforma é definida pelo limite desenhado no chão, um quadrado, que vem trazer contraste à naturalidade do território. Voltando ao caminho junto do forte, ao fundo, um miradouro que tem como ponto de fuga a Serra do Socorro. Uma longa plataforma horizontal murada, que levanta do solo e que apenas lhe toca com a parede que a suporta, desenhada inclinada, sugerindo a direção percorrida, e no fim nos deixa suspensos sobre o terreno, e que nos permite olhar tudo o território que nos envolve.

Retomando percurso principal, temos também um trajeto, à esquerda, até ao Forte Pequeno, que segue a mesma lógica de geometrizar, com um caminho, através dos seus ângulos retos, e plataforma, divergindo das curvas do terreno. Este caminho leva-nos até ao moinho que se encontra ao fundo, também ele inserido numa plataforma, e limitado por um muro existente, passando pela entrada para o interior do forte. A entrada é marcada por um banco desenhado na borda do caminho.



38 | Miradouro sobre os Fortes Grande e Pequeno da Enxara, Serra do Socorro, 2020.
fotomontagem: autor

4.6.9 | Serra do Socorro

Começa assim o último troço do percurso. Dos Fortes da Enxara até à Serra do Socorro. Serras, vales, igrejas, capelas, estradas secundárias, descemos para voltar a subir, desta vez, até ao ponto mais alto da região. Inclinação acentuada, cada vez mais perto do céu, mais uma vez o verde torna-se azul.

Ao subir, antes de chegar ao pequeno conjunto edificado, é desenhado um pequeno parque de estacionamento, em que os seus limites são desenhados a partir dos eixos dos caminhos que ali nos levam, e se tornam miradouros. Os desníveis no chão marcam a função de cada espaço, o lugar para os automóveis um degrau abaixo do percurso que lhe dá a forma, que por sua vez, tem um desnível, e assim o chão torna-se banco. Este olha sobre todo o território a Este da Serra, e dá mais significado a este espaço.

No topo centra-se um conjunto de edifícios, que se percorrem a toda a volta, com uma vista infinita. Uma rampa existente a Sul leva-nos a um novo miradouro, que aponta para o miradouro desenhado no Forte Grande da Enxara. A sua direção liga-se, e olham um sobre o outro. É definido por uma plataforma que encaixa no lugar, marcado por umas escadas, rematadas por um banco com um pequeno tanque, em que, no limite sobre a paisagem, o chão desce e podemos sentar-nos e ver o panorama que nos rodeia. Deste, o horizonte define-se por moinhos, serras, vales, mar. Agora no final, ao longe, avistamos o começo.

4.7 | materialidades

Entre a Serra do Chipre e a Serra do Socorro, o novo percurso é desenhado com base no existente, e com um pensamento ligado à requalificação do lugar e a sua relação com as vistas e a paisagem, reativando o território. Esta requalificação através do processo arquitetónico é marcada não só pela sua geometria e forma, relacionadas entre si,mas também pela sua materialização.

Começando a uma escala territorial, foi importante definir intervenções pouco invasivas no espaço, mas que de alguma forma viessem complementá-lo, sem que se altere o seu carácter específico. Estas pequenas intervenções, pontuais, tanto nos Fortes da Enxara como na Serra do Socorro, vêm redefinir eixos e reavivar a memória do lugar. Para isso, esta nova arquitetura vem redefinir caminhos geometrizados, cria novos eixos que indicam os pontos de vista e definem para onde deve cair o olhar. As novas intervenções estão sujeitas ao existente, tanto à sua envolvente, como às estruturas que marcam o lugar.

Os novos objetos ligam-se ao lugar através dos materiais locais que os compõem. Assim, a materialização da nova arquitetura cria ligações com o lugar e com a sua memória. Desde os caminhos em saibro beje aos pequenos elementos espalhados pelo território em betão colorido com terra da região, o novo entrelaça-se com o velho.

A mesma materialidade dá continuidade ao projeto na Serra de Chipre, onde os caminhos se ligam aos do retante percurso, e o betão colorido com a pedra da região é introduzido através dos novos elementos da Serra, como a pequena cafetaria, a capela, e todos os pequenos elementos de pausa, trazendo uma certa modernidade a um local de memórias. Ao utilizar novos materiais em locais com objetos pré-existentes, o novo e o velho não se tocam, onde são desenhadas alhetas para distinguir o passado e o presente.

Também em novos elementos na Serra, as Cabanas e os Abrigos são desenhados em madeira, com contraplacado marítimo claro na sua casca. A utilização de madeira nestes elementos cria um certo conforto no seu interior, devido às próprias caraterísticas do material, para além das suas qualidades de grande estabilidade, resistência mecânica, resistência à tração e com um baixo nível de rachamento e empeno, o que facilita na sua manutenção. Já a sua estrutura é também em madeira, mais escura, distinguindo as duas funções, entre o que suporta e o que protege. Mais uma vez, o toque com o solo é feito em betão, devido à sua resistência e à possibilidade da área de contato ser menor.

A distinção da utilização entre o betão e a madeira passa também pelo toque que o material tem com o solo, visto que os elementos construídos em betão se agarram ao terreno, e os elementos em madeira apenas o fazem também através do mesmo tipo de betão, fazendo com que a madeira nunca toque na terra.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto refletiu-se a diferentes escalas. Desde o território e a paisagem até ao lugar e à experiência sensorial do Homem. Levantaram-se diferentes questões sobre conceitos e qual seria a melhor maneira de os aplicar.

Após a pesquisa e estudo feito sobre as Linhas de Torres Vedras, percebemos que o seu património cultural e militar entrou no esquecimento de muitos, pois não existe uma base sólida de reconhecimento e promoção deste tema. Apesar de existir uma associação que promove este sistema defensivo, esta baseia-se apenas em rotas, percursos que levam o visitante a conhecer os fortes, muitas vezes em mau estado, e pequenos centros interpretativos dissipados pelo grande território que o acolhe. Assim, foi importante perceber de que forma a arquitetura consegue resolver os problemas de um património e uma população abandonadas pelo tempo.

A arquitetura tem o poder de atrair e suster interesse, não só sobre ela, mas sobre o motivo de ela existir, e o porquê de ser criada com uma certa forma e orientação, e o lugar onde se encontra. É uma fonte que pode trazer atenção a pequenas populações rurais e fazer com que estas sobrevivam através das suas características próprias, do seu turismo rural, hoje em dia muito adotado pela população citadina, como fuga ao stress diário das grandes metrópoles.

Procurou-se uma relação entre o existente, as suas qualidades e o que tem para oferecer, e a arquitetura. Esta arquitetura não passa só pela construção de objetos arquitetónicos, mas sim também pelo o desenho de novos percursos, o entendimento de cruzamentos visuais e pontos de vista, levando a experiência sensorial ao limite, e apostando na maior criação do Homem, a paisagem.

Deste modo, o processo arquitetónico vem devolver relevência ao património, à sua população e reforçar valores já existentes do território e da paisagem, através da promoção dos lugares onde se insere, acrescentando-lhes uma qualidade que está em falta, mas que no fundo sempre tiveram.

O tema da requalificação deste património específico assenta sobre temática da revalorização do património em geral, e a solução apresentada neste trabalho poderá ser uma solução para a generalidade desta problemática, adaptando-a a cada tema e a cada lugar em particular, pois o arquiteto, com sua própria cultura, tem a oportunidade de estabelecer relações entre a cultura do património e a cultura atual, através do projeto arquitetónico, dando um novo significado a fragmentos perdidos no tempo.

E no fim, vemos o início. Reflito sobre a aprendizagem, não só deste trabalho, mas todo aquele que me levou até aqui. Trabalho esse que me permitiu ter um olhar diferente sobre a arquitetura. Ensinou-me a ver, a estimar, e a estabelecer relações entre a memória e o presente, e de que forma isso afeta o futuro, aplicando os conhecimentos que retirei dos últimos anos. Levou-me a ideias e noções que antes me pareciam irrelevantes. A combinação de escalas, a abordagem a lugares novos com escalas territoriais e a sua paisagem, a fusão de materiais, a ler a luz e as cores. O respeito pelo existente, pelo património. Ajudou-me a crescer, não só como pessoa que sabe admirar o que é nosso, que sabe ver, respeitar, apreciar, perceber e valorizar, mas também a entender qual o meu papel como arquiteta, a sua relevância, na nossa sociedade de hoje, e mais importante ainda, na sociedade do futuro.

O texto deste documento é composto por 13325 palavras no corpo de texto.

6 | BIBLIOGRAFIA

Aguiar, J. (1999). Alguns problemas de estudo e de projecto cromático , em intervenções de conservação do património urbano. 2–9.

Antrop, M. (2005). Why landscapes of the past are important for the future. Landscape and Urban Planning, 70(1–2), 21–34.

Áreas, T. De, Parque, P., Natural, P., Natural, R., Protegida, P., & Natural, M. (2019). Tipologias — ICNF. 1–2.

Bartholo, Roberto ; Ferreira de Mattos, Flávia ; dos Santos Júnior, J. C. (2019). Patrimônio Cultural de Origem Militar Contribuições do Icofort Rio 2017. LTDS.

Cancela d'Abreu, Alexandre ; Pinto Correia, Teresa ; Oliveira, R. (2004). Contributos para a Identificação e Caracterização de Paisagem em Portugal Continental volume I (p. 115). p. 115. Lisboa: Colecção Estudos 10.

Choay, F. (1982). Alegoria do património. Éditions du Seuil.

Conselho da Europa, C. dos M. (1975). Carta Europeia do Património Arquitectónico.

Conselho da Europa, E. M. (1985). Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitetónico da Europa. (80), 12.

Dinis, I., Simões, O., Cruz, C., & Teodoro, A. (2019). Understanding the impact of intentions in the adoption of local development practices by rural tourism hosts in Portugal. Journal of Rural Studies, Article Im(November 2018). https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2019.10.002

Fernandes, P. A., & Vilar, C. (2008). CARTA DO PATRIMÓNIO DO CONCELHO DE MAFRA 1 . A Ermida de Nossa Senhora do Socorro. 531–575.

Ferreira Calado, L. (2001). Editorial. Património: Estudos, 3.

Freire, M. (2018). Paisagem e a Arquitetura Paisagista: Conceitos, Valores, Componentes e Competências à Intervenção. Paisagem e a Arquitetura Paisagista: Conceitos, Valores, Componentes e Competências à Intervenção.

Gros, A., Jacquot, K., & Tommy, M. (2019). Knowledge-Based Framework for Automatic Semantisation and Reconstruction of Military Architecture on City-Scale Models. (January), 2–9. https://doi.org/10.5194/isprs-archives-XLII-2-W9-369-2019

Homero, A., & Castro, F. De. (2016). Arquitetura Militar. (Mmcl), 1–5.

ICAHM. (2006). CARTA SOBRE A PROTECÇÃO E A GESTÃO DO PATRIMÓNIO. (1990), 1–7.

ICOFORT. (2020). Final Draft ICOFORT Charter on Fortifications and Military Heritage ; Guidelines for Protection , Conservation and Interpretation .

ICOMOS. (1964). CARTA INTERNACIONAL SOBRE A CONSERVAÇÃO E O RESTAURO. 1–5.

ICOMOS. (1976). Carta de Turismo Cultural. 3–4.

Icomos, A. (2006). Carta de Burra - Carta para a conservação de lugares de significado cultural (pp. 1–18). pp. 1–18.

ICOMOS, C. C. I. dos I. C. do. (2008). Carta dos itenerários culturais. 138(Ciic).

ICOMOS, M. (1999). Carta Sobre o Património Construído Vernáculo. 1–4.

Kastenholz, E., Carneiro, M. J., Marques, C. P., & Loureiro, S. M. C. (2018). The dimensions of rural tourism experience: impacts on arousal, memory, and satisfaction. Journal of Travel and Tourism Marketing, 35(2), 189–201. https://doi.org/10.1080/10548408.2017.1350617

Mattoso, J., Belo, D., & Daveau, S. (2010). Potugal - O Sabor da Terra. Temas e Debates.

Norberg-Schulz, C. (1979). Genius Loci. Semiotica, Vol. 128, pp. 233–242. https://doi.org/10.1515/semi.2000.128.3-4.233

Pereira, P. (2001). “Lugares de passagem” e o resgate do tempo. Património: Estudos, (1), 6–16.

Ribeiro, O. (1945). Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico. Coimbra Editora, Limitada.

Ribeiro, V. (2008). Materiais, sistemas e técnicas de construção tradicional.

Rosinha, M. da L. (2011). Apresentação. In C. Silveira, C. Guardado da Silva, A. C. Sousa, & G. S. Nunes (Eds.), Rota Histórica das Linhas de Torres: Guia (p. 5). Vila Franca de Xira: PILT - Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres.

Rua, H., Gonçalves, A. B., & Figueiredo, R. (2013). Assessment of the Lines of Torres Vedras defensive system with visibility analysis. Journal of Archaeological Science, 40(4), 2113–2123. https://doi.org/10.1016/j.jas.2012.12.012

Santos Pessoa, F. (2017). Intervir na Paisagem. Lisboa: Argumentum.

Silveira, C., Guardado da Silva, C., Sousa, A. C., & Nunes, G. S. (2011). Rota Histórica das Linhas de Torres (C. Silveira, C. Guardado da Silva, A. C. Sousa, & G. S. Nunes, Eds.). Vila Franca de Xira: PILT - Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres.

Siza Vieira, Á. (1998). Imaginar a Evidência. Edições 70.

7 | **ANEXOS**

ANEXO I | PAINÉIS

Painéis de apresentação do Exame de Projeto Final de Mestrado

ANEXO II | PEÇAS DESENHADAS

Peças desenhadas

ANEXO III | FOTOMONTAGENS

Fotomontagens

ANEXO IV | PROCESSO DE TRABALHO

Maquetes
Desenhos de Processo

ANEXO V | DOCUMENTOS DE APOIO

Documentos Gráficos de Apoio Consultados

ANEXO VI | FOTOGRAFIAS DO LUGAR

Fotografias dos Diferentes Lugares de Projeto

ANEXO I | PAINÉIS

ÍNDICE

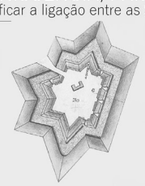
1 | PAINEL 1 | Linhas de Torres Vedras
2 | PAINEL 2 | Novo Percurso
3 | PAINEL 3 | Serra do Socorro
4 | PAINEL 4 | Fortes Grande e Pequeno da Enxara
5 | PAINEL 5 | Serra de Chipre _ Geral
6 | PAINEL 6 | Serra de Chipre _ Planta
7 | PAINEL 7 | Serra de Chipre _ Chegada e Tanque
8 | PAINEL 8 | Serra de Chipre _ Capela
9 | PAINEL 9 | Serra de Chipre _ Cafetaria
10 | PAINEL 10 | Serra de Chipre _ Cafetaria
11 | PAINEL 11 | Serra de Chipre _ Muro e Estrutura
12 | PAINEL 12 | Serra de Chipre _ Cabanas
13 | PAINEL 13 | Serra de Chipre _ Abrigos e Moinho
14 | PAINEL 14 | Pormenores Construtivos

01 | LINHAS DE TORRES VEDRAS

REMINISCÊNCIA, PAISAGEM E PERCURSO

Requalificar a ligação entre as Serras do Chipre e do Socorro, nas Linhas de Torres Vedras

1ª Linha de Torres Vedras



30 | Reduto do Grilo



21 | Forte de S. Vicente



Serra do Socorro



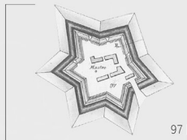
14 | Forte do Alqueidão



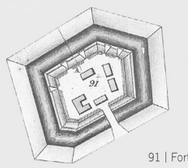
118 | Forte dos Sinais

Postos Telegráficos das Linhas de Torres Vedras

2ª Linha de Torres Vedras



97 | Forte de S. Julião



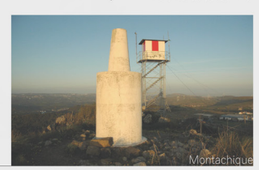
91 | Forte da Alagoa



80 | Forte da Quinta da Boa Viagem



76 | Forte do Sonível



Montachique

21 | Forte de S. Vicente

30 | Reduto do Grilo

Serra do Socorro

91 | Forte da Alagoa

14 | Forte do Alqueidão

80 | Forte da Quinta da Boa Viagem

76 | Forte do Sonível

97 | Forte de S. Julião

118 | Forte dos Sinais

Montachique

0 2500 5000

Legenda:

- Percurso Torres Vedras na Primeira Linha
- Percurso de Wellington
- Percurso Grandes Desfiladeiros
- Percurso a Defesa do Tejo
- Percurso do Palácio ao Atlântico
- Percurso o Nó das Linhas
- Fortificações Militares

MARTA PRATA | 20151045 | TFM | FACULDADE ARQUITETURA UL | JANEIRO 2021

02 | NOVO PERCURSO

REMINISCÊNCIA, PAISAGEM E PERCURSO

Requalificar a ligação entre as Serras do Chipre e do Socorro, nas Linhas de Torres Vedras

Planta Novo Percurso | Escala 1:10000 | Novo Percurso: Entre Serras | Percurso Pedonal

Serra de Chipre

Gradil

Enxara do Bispo

Forte Pequeno da Enxara

Forte Grande da Enxara

São Sebastião

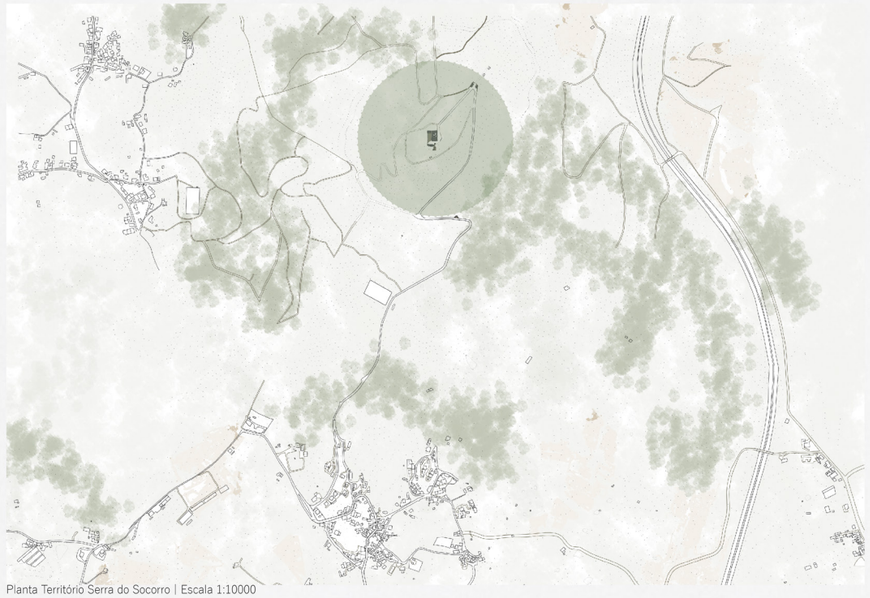
Serra do Socorro

MARTA PRATA | 20151045 | TEM | FACULDADE ARQUITETURA UL | JANEIRO 2021

03 | SERRA DO SOCORRO

REMINISCÊNCIA, PAISAGEM E PERCURSO

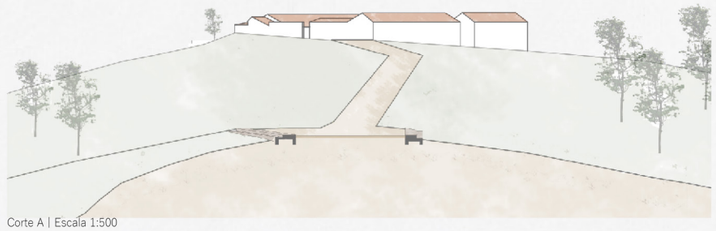
Requalificar a ligação entre as Serras do Chipre e do Socorro, nas Linhas de Torres Vedras



Planta Território Serra do Socorro | Escala 1:10000



Corte A | Escala 1:500



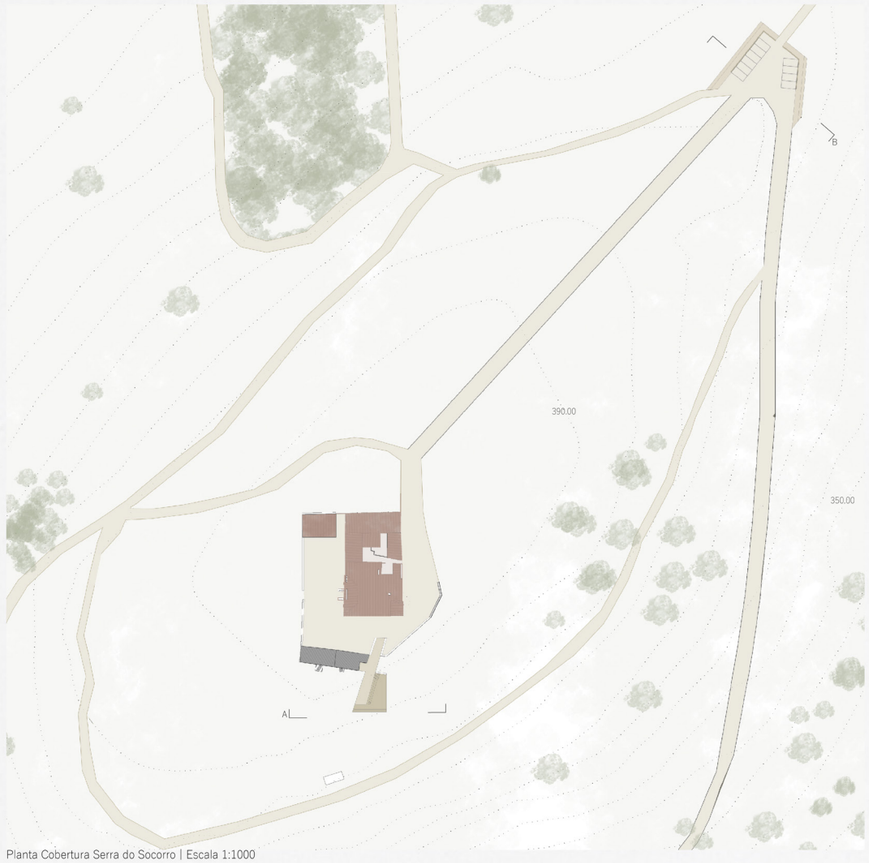
Corte A | Escala 1:500



Fotografia | Fachada Ermida Nossa Senhora do Socorro



Fotografia | Muro limite Oeste Serra do Socorro



Planta Cobertura Serra do Socorro | Escala 1:1000



Axonometria Serra do Socorro

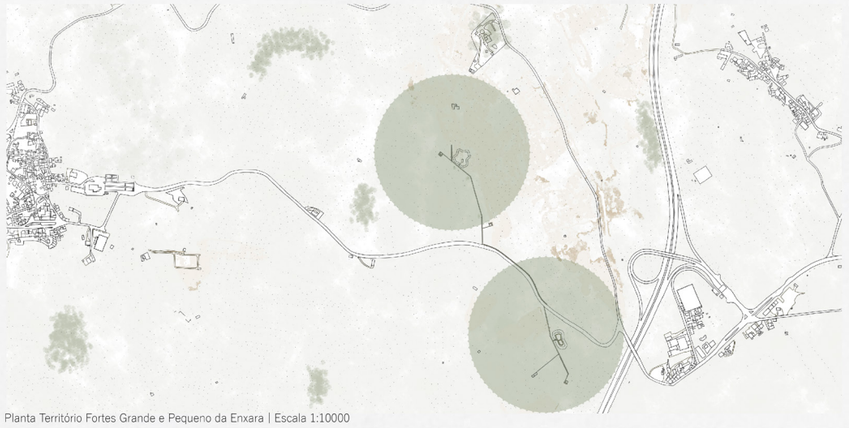


Fotomontagem | Miradouro da Serra do Socorro

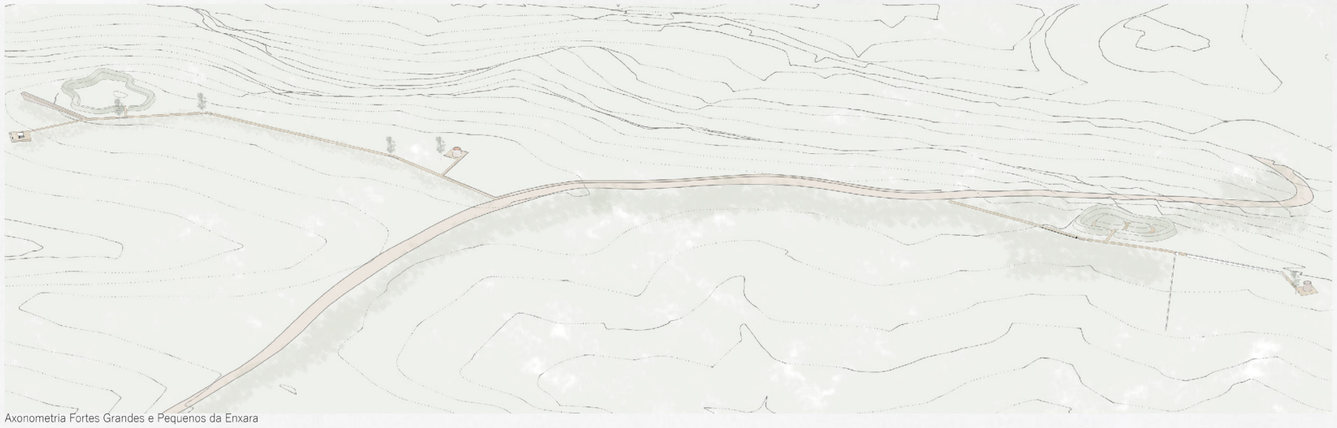
04 | FORTES GRANDE E PEQUENO DA ENXARA

REMINISCÊNCIA, PAISAGEM E PERCURSO

Requalificar a ligação entre as Serras do Chipre e do Socorro, nas Linhas de Torres Vedras



Planta Território Fortes Grande e Pequeno da Enxara | Escala 1:10000



Axonometria Fortes Grandes e Pequenos da Enxara



Planta Forte Grande da Enxara | Escala 1:1000



Planta Forte Pequeno da Enxara | Escala 1:1000



Fotomontagem | Moinho junto ao Forte Grande da Enxara



Fotomontagem | Percurso e Banco junto ao Forte Grande da Enxara

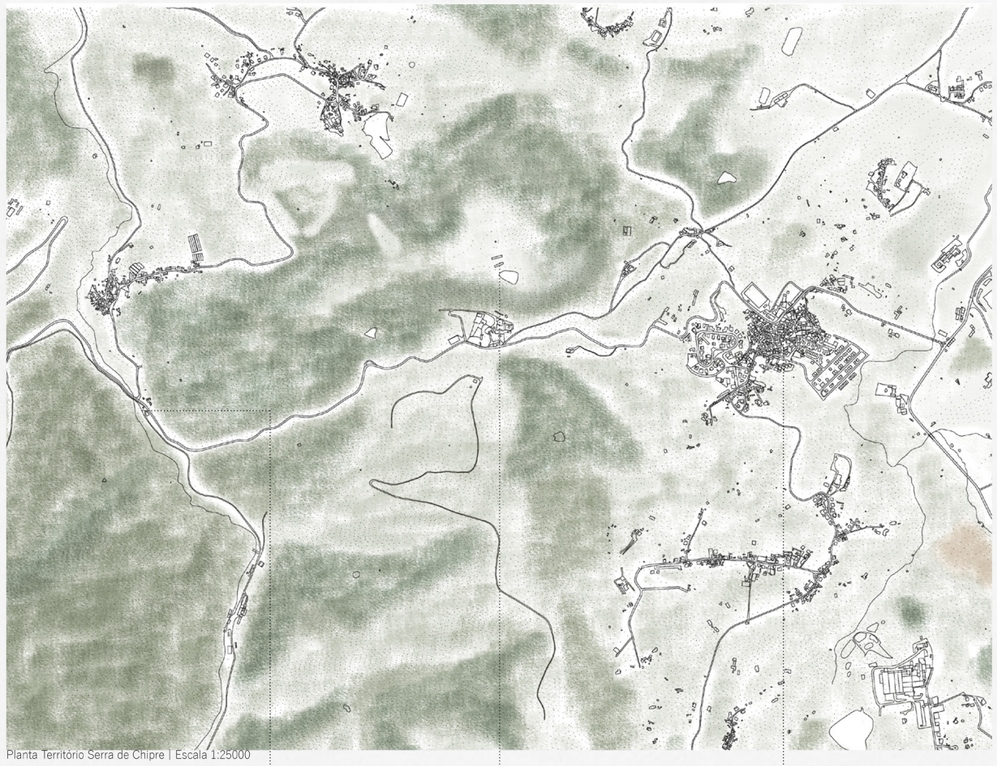


Fotomontagem | Plataforma e pontão junto ao Forte Grande da Enxara

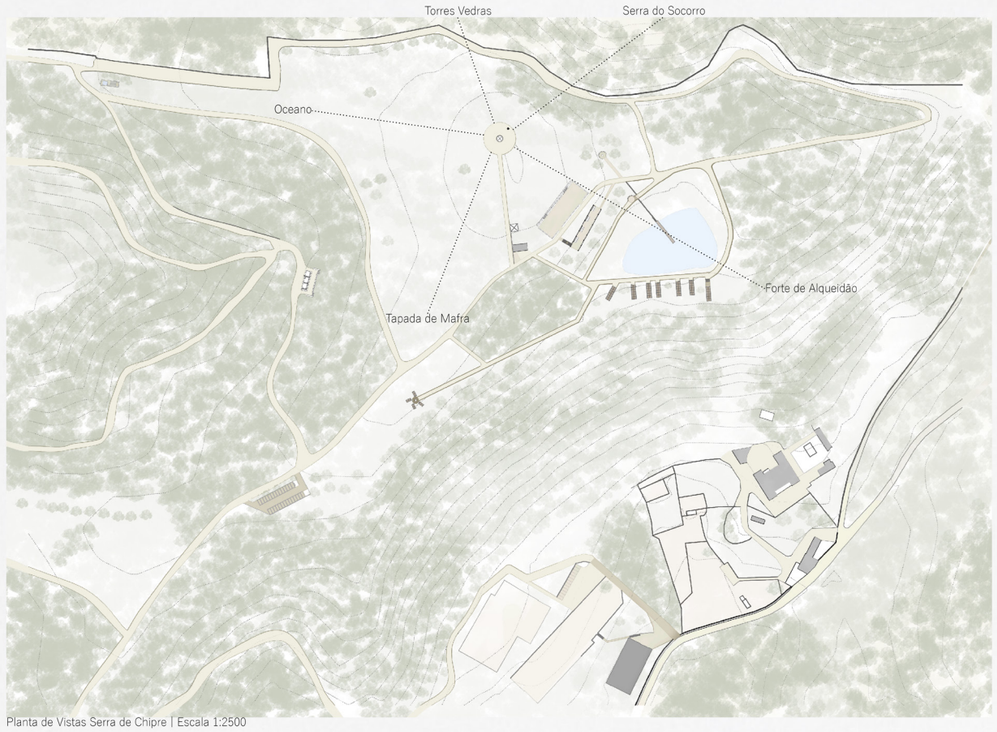
05 | SERRA DE CHIPRE

REMINISCÊNCIA, PAISAGEM E PERCURSO

Requalificar a ligação entre as Serras do Chipre e do Socorro, nas Linhas de Torres Vedras



Planta Território Serra de Chipre | Escala 1:25000



Planta de Vistas Serra de Chipre | Escala 1:2500



Esquema elementos existentes Serra de Chipre



Entrada



Muro



Lago e Banco



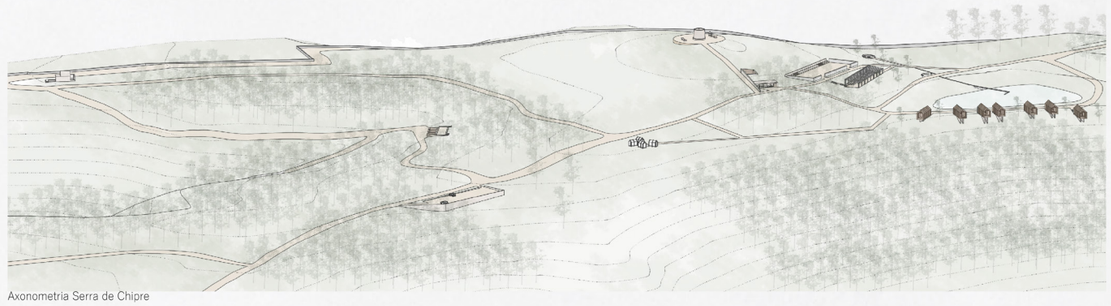
Tanque



Estrutura



Moinho



Axonometria Serra de Chipre

06 | SERRA DE CHIPRE

REMINISCÊNCIA, PAISAGEM E PERCURSO

Requalificar a ligação entre as Serras do Chipre e do Socorro, nas Linhas de Torres Vedras



Legenda:

1_ Quinta de Santo António da Barroca
2_ Entrada Serra de Chipre
3_ Estacionamento
4_ Tanque
5_ Capela
6_ Cafetaria
7_ Muro: Espaço Polivalente
8_ Estrutura: Espaço para piquenique
09_ Lago e pontão
10_ Cabanas
11_Abrigos
12_Moinho

Planta da Serra de Chipre | Escala: 1:1000

07 | SERRA DE CHIPRE

REMINISCÊNCIA, PAISAGEM E PERCURSO

Requalificar a ligação entre as Serras do Chipre e do Socorro, nas Linhas de Torres Vedras

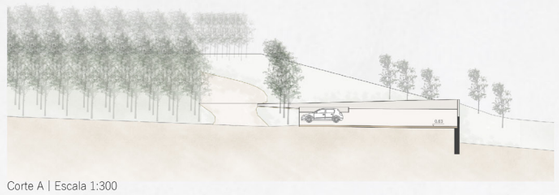
CHEGADA



Fotomontagem | Entrada no sopé da Serra de Chipre



Planta Estacionamento | Escala 1:300

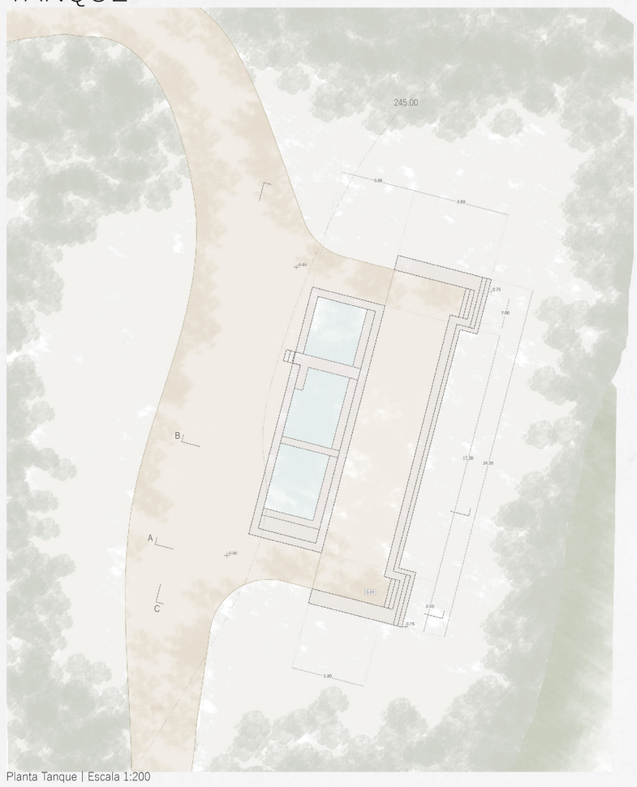


Corte A | Escala 1:300

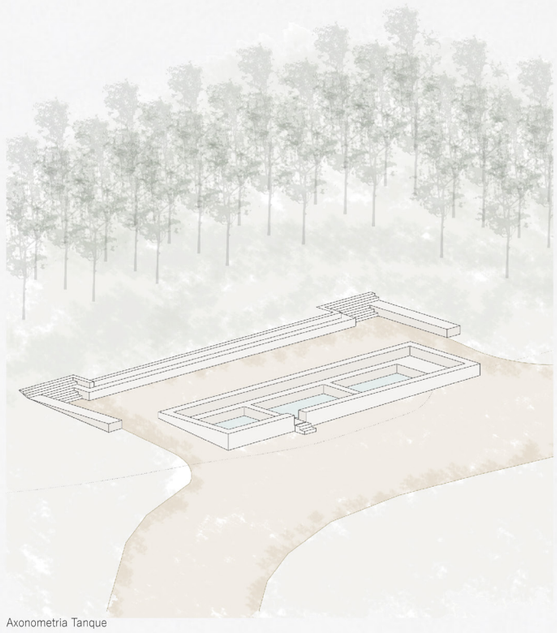


Corte B | Escala 1:300

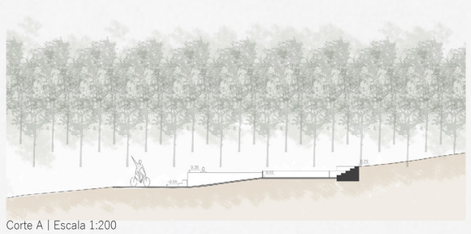
TANQUE



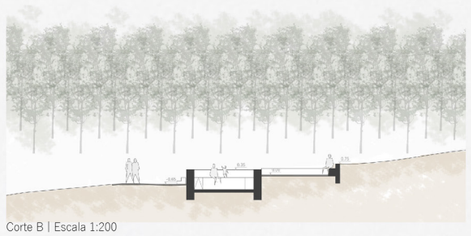
Planta Tanque | Escala 1:200



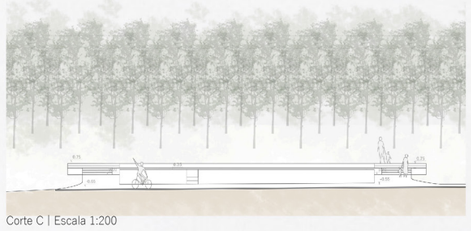
Axonometria Tanque



Corte A | Escala 1:200



Corte B | Escala 1:200



Corte C | Escala 1:200



Fotografia | Tanque

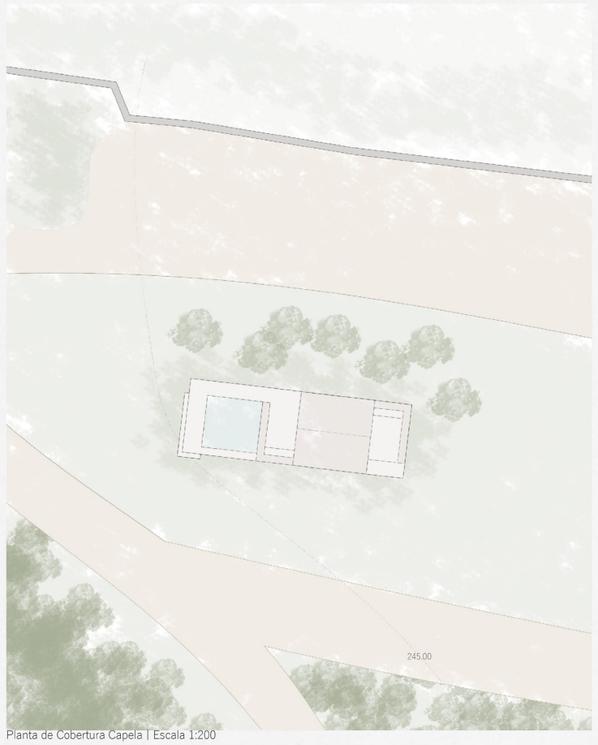


Fotografia | Tanque



Fotomontagem | Tanque

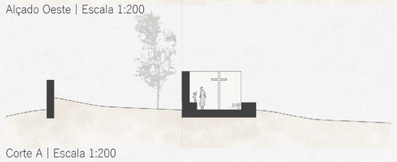
CAPELA



Planta de Cobertura Capela | Escala 1:200


Alçado Oeste | Escala 1:200

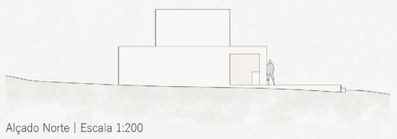

Alçado Este | Escala 1:200


Corte A | Escala 1:200

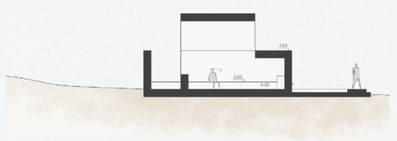

Corte C | Escala 1:200


Corte B | Escala 1:200

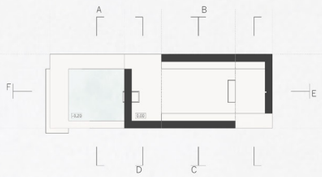

Corte D | Escala 1:200


Alçado Norte | Escala 1:200

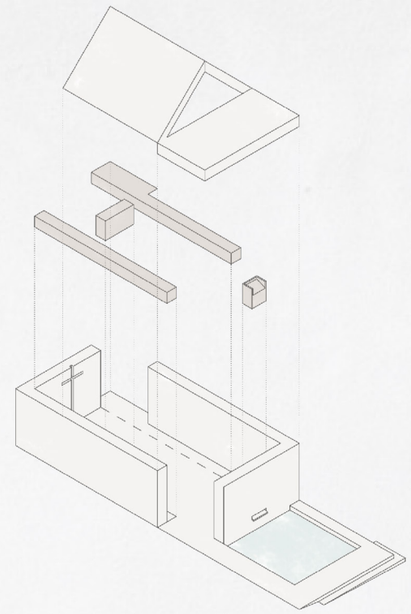

Alçado Sul | Escala 1:200

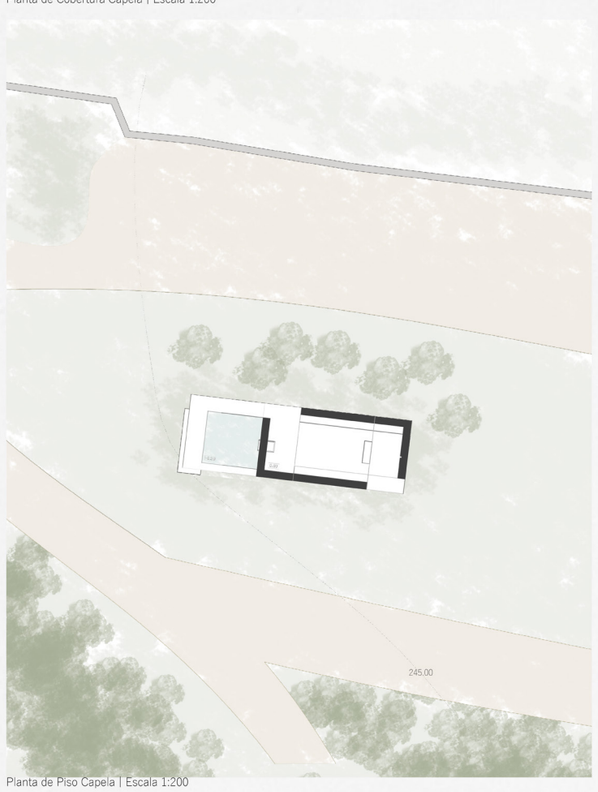

Corte E | Escala 1:200


Corte F | Escala 1:200

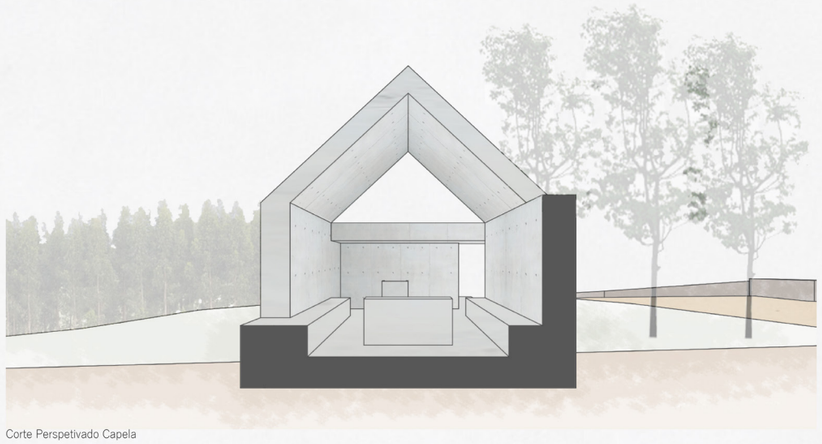


Planta de Anotação de Cortes | Escala 1:200


Axonometria Capela



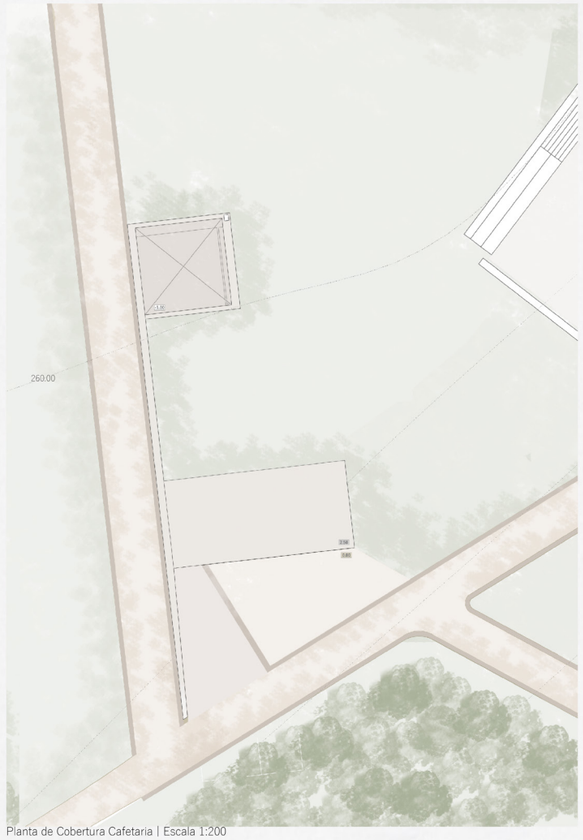
Planta de Piso Capela | Escala 1:200


Corte Perspetivado Capela

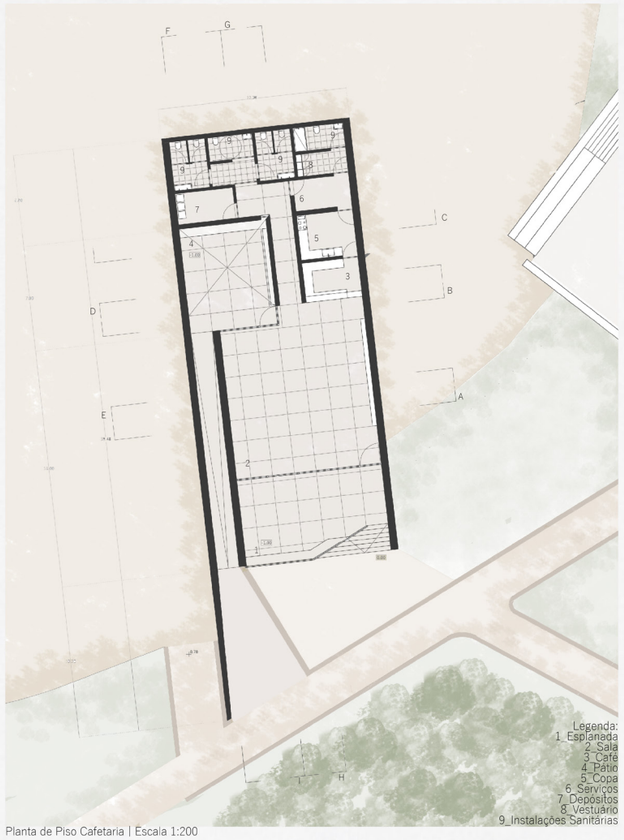

Fotomontagem | Capela

09 | SERRA DE CHIPRE
REMINISCÊNCIA, PAISAGEM E PERCURSO
Requalificar a ligação entre as Serras do Chipre e do Socorro, nas Linhas de Torres Vedras

CAFETARIA



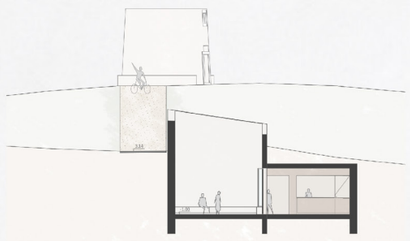
Planta de Cobertura Cafetaria | Escala 1:200



Planta de Piso Cafetaria | Escala 1:200



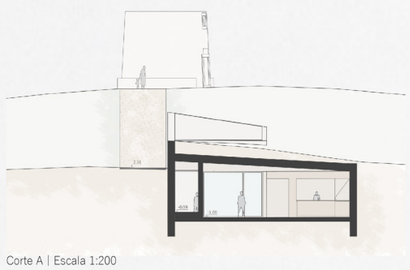
Alçado Sul | Escala 1:200



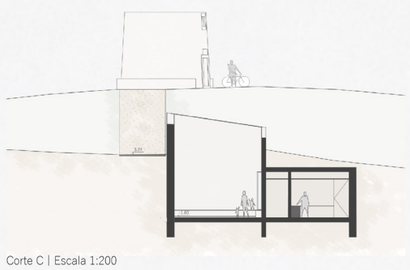
Corte B | Escala 1:200



Corte D | Escala 1:200



Corte A | Escala 1:200



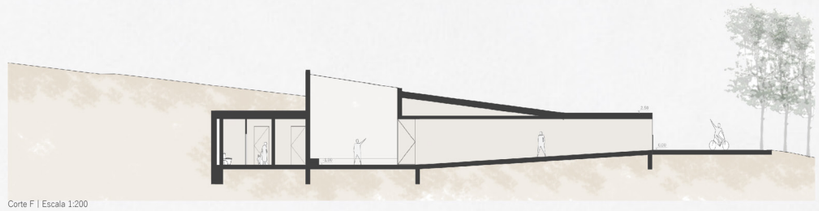
Corte C | Escala 1:200



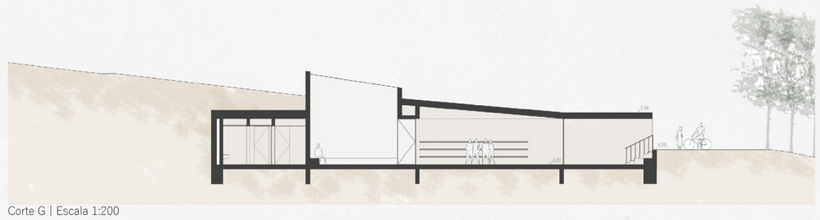
Corte E | Escala 1:200



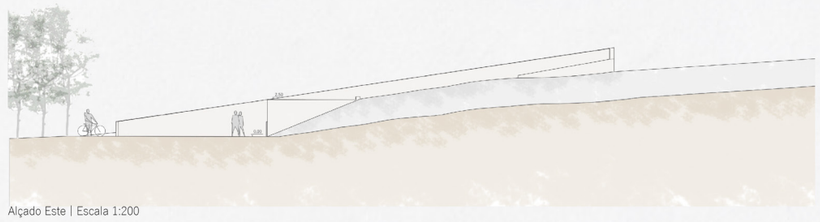
Alçado Oeste | Escala 1:200



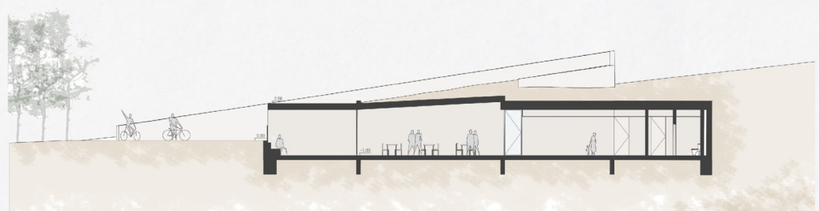
Corte F | Escala 1:200



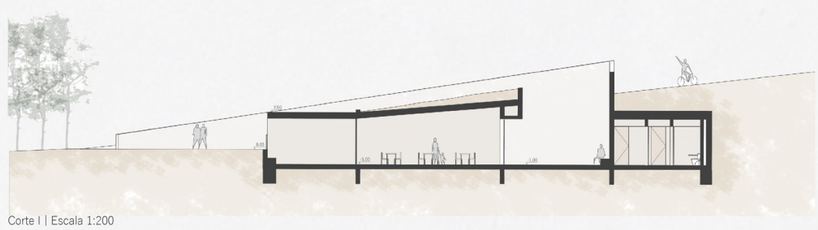
Corte G | Escala 1:200



Alçado Este | Escala 1:200

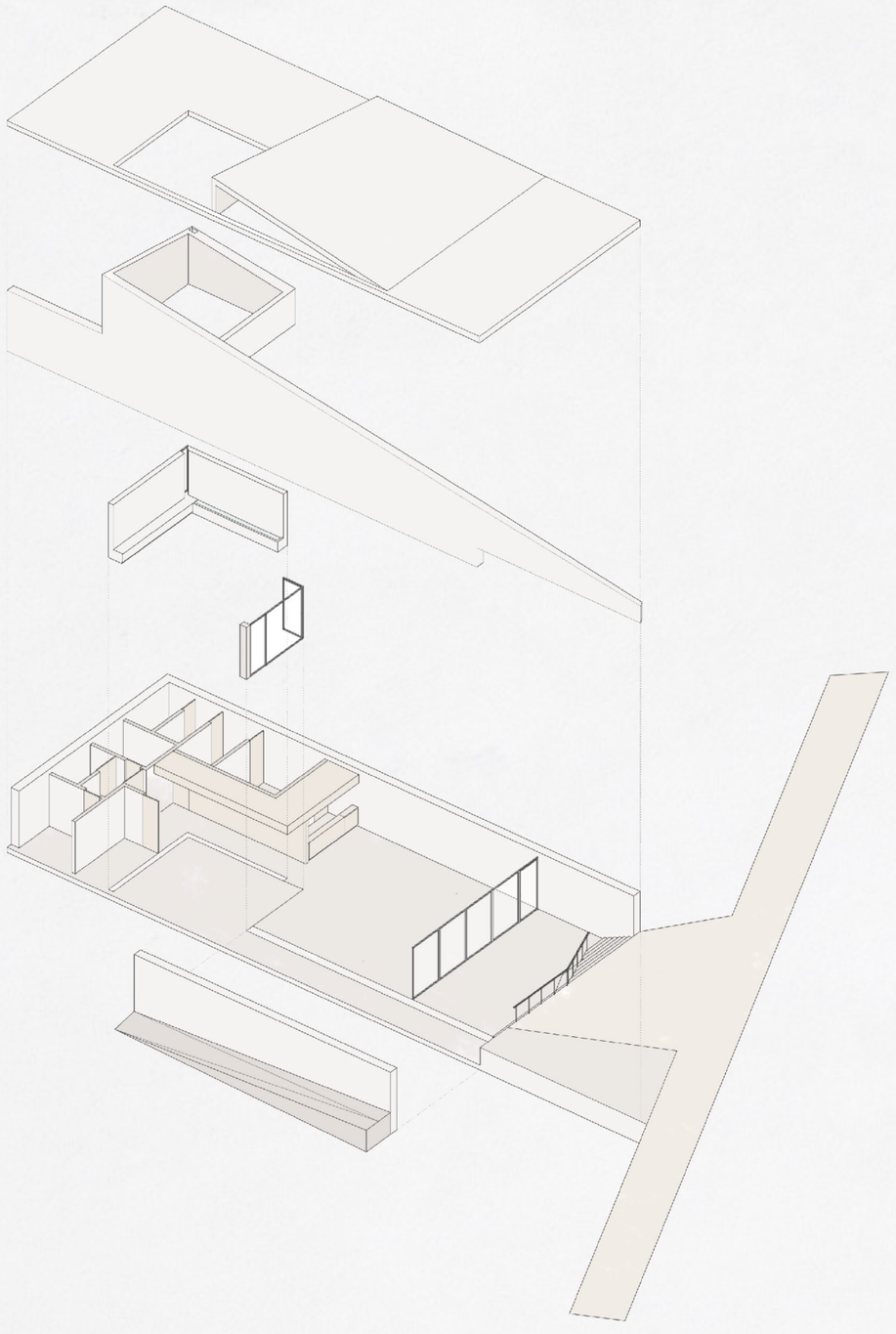


Corte H | Escala 1:200



Corte I | Escala 1:200

CAFETARIA



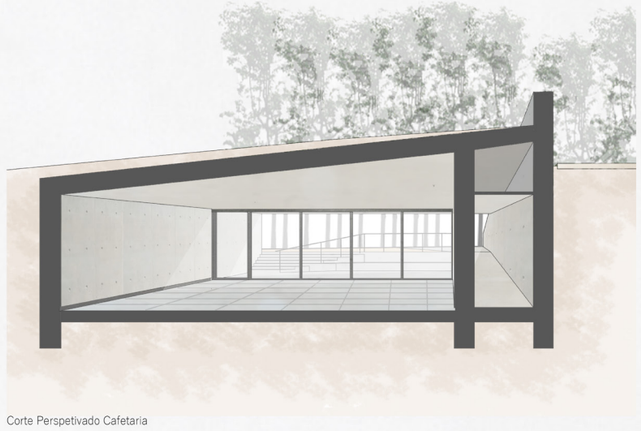
Axonometria Cafetaria



Corte Perspetivado Cafetaria



Corte Perspetivado Cafetaria



Corte Perspetivado Cafetaria



Fotomontagem | Exterior da Cafetaria

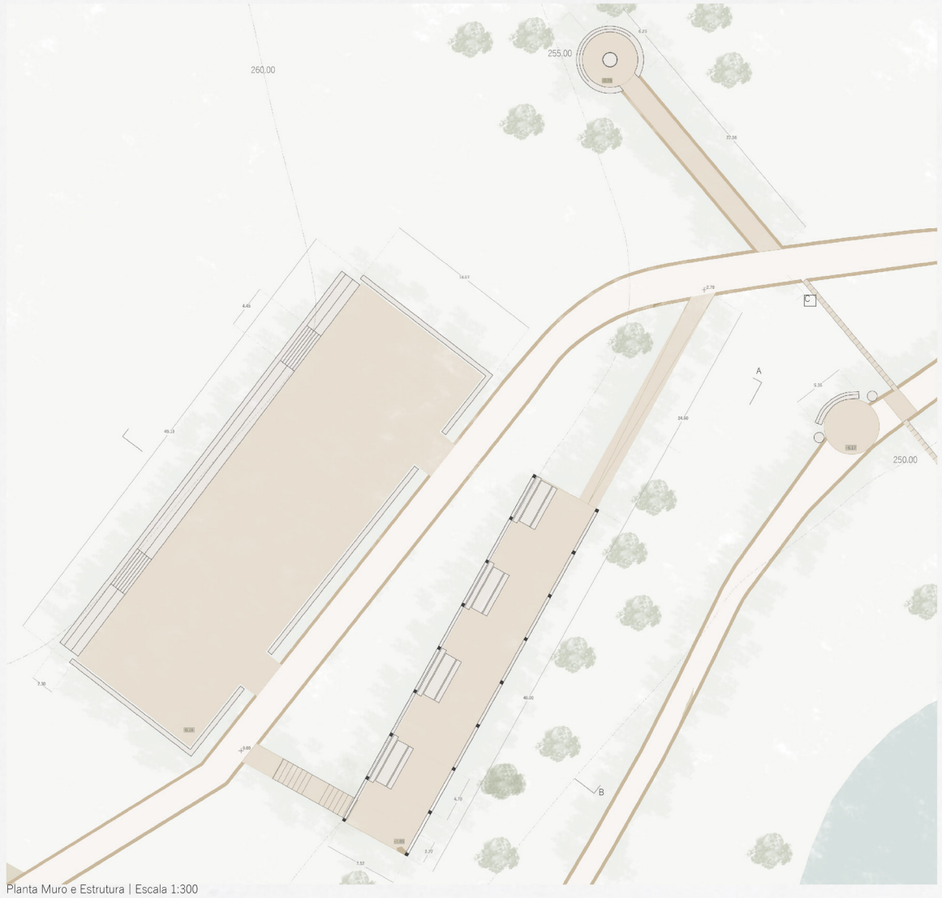


Fotomontagem | Exterior da Cafetaria

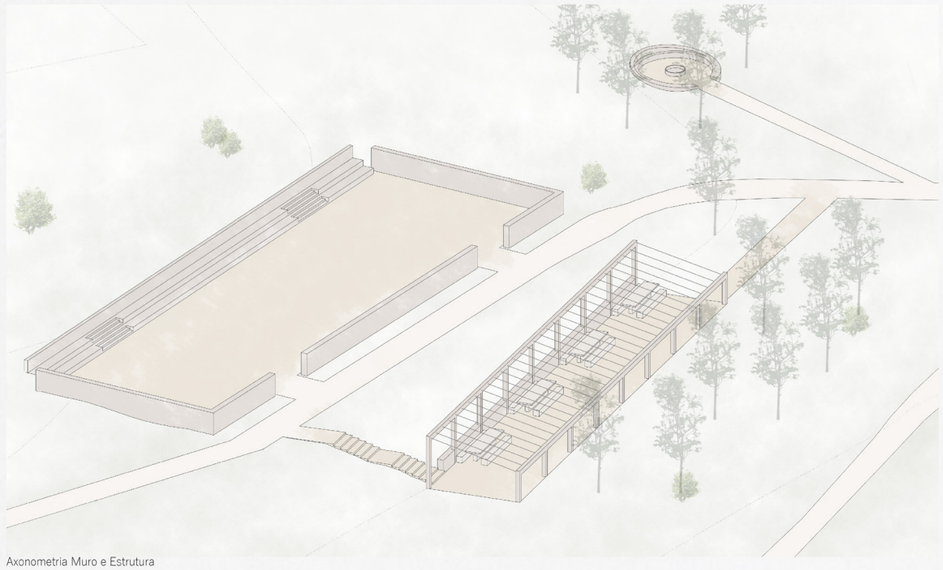


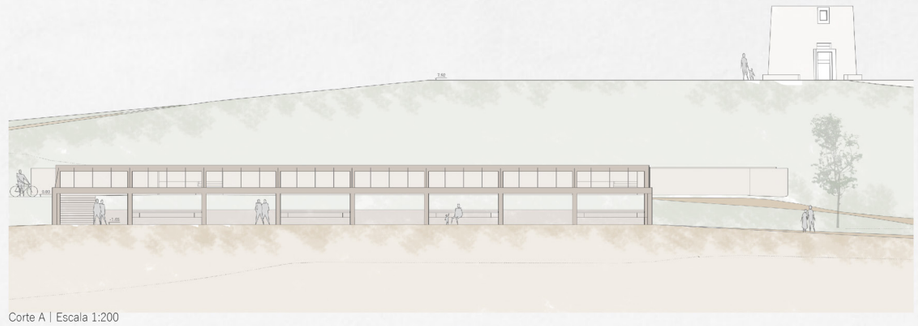
Fotomontagem | Pátio da Cafetaria

MURO E ESTRUTURA

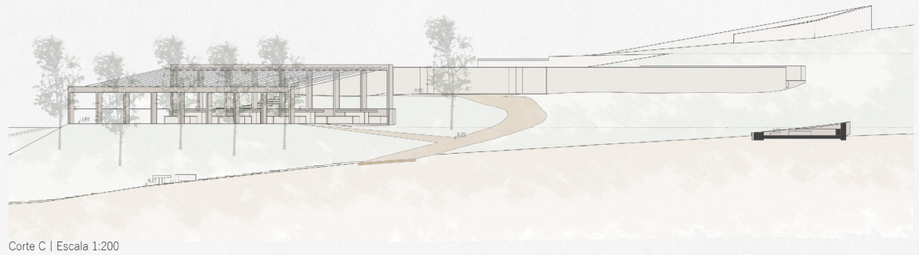


Planta Muro e Estrutura | Escala 1:300


Axonometria Muro e Estrutura


Corte A | Escala 1:200


Corte B | Escala 1:200


Corte C | Escala 1:200


Corte Perspetivado


Fotografia | Muro e Estrutura


Fotografia | Muro e Estrutura


Fotografia | Muro e Estrutura

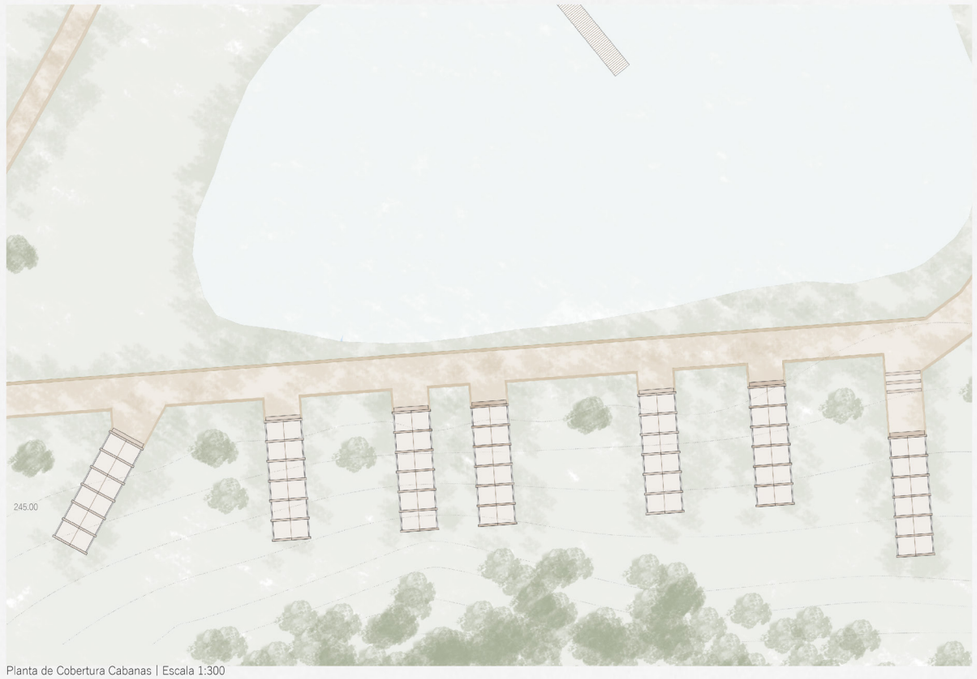

Fotomontagem | Muro e Estrutura


Fotomontagem | Muro e Estrutura

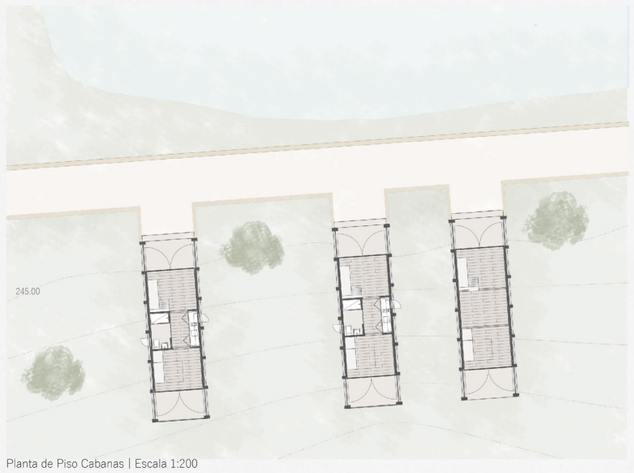
12 | SERRA DE CHIPRE

REMINISCÊNCIA, PAISAGEM E PERCURSO

Requalificar a ligação entre as Serras do Chipre e do Socorro, nas Linhas de Torres Vedras



Planta de Cobertura Cabanas | Escala 1:300



Planta de Piso Cabanas | Escala 1:200



Alçado Norte | Escala 1:200



Corte A | Escala 1:200



Corte C | Escala 1:200



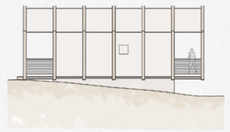
Alçado Sul | Escala 1:200



Corte B | Escala 1:200



Corte D | Escala 1:200



Alçado Oeste | Escala 1:200



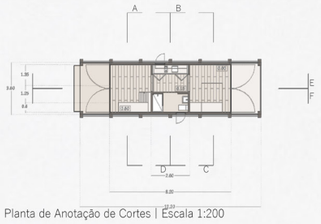
Corte E | Escala 1:200



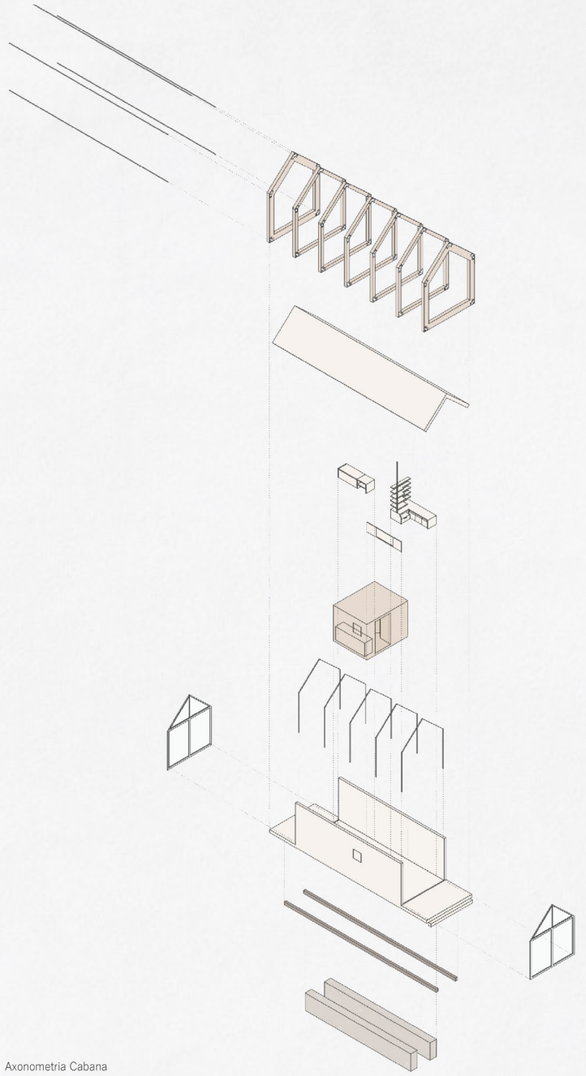
Alçado Este | Escala 1:200



Corte F | Escala 1:200



Planta de Anotação de Cortes | Escala 1:200



Axonometria Cabana



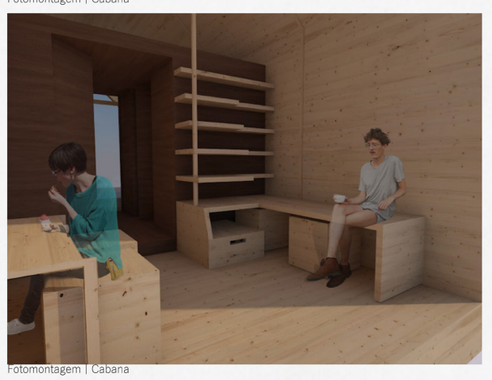
Corte Perspetivado Cabana



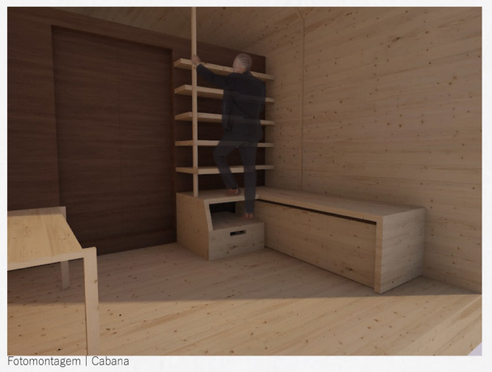
Fotomontagem | Cabana



Fotomontagem | Cabana



Fotomontagem | Cabana



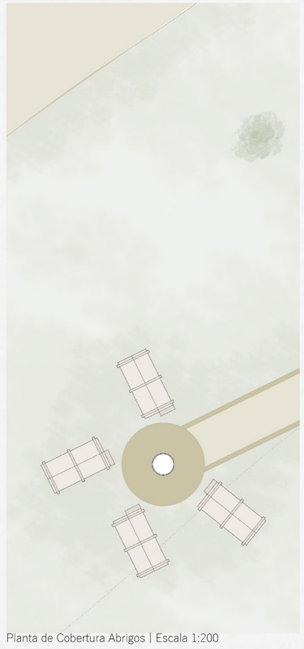
Fotomontagem | Cabana

13 | SERRA DE CHIPRE

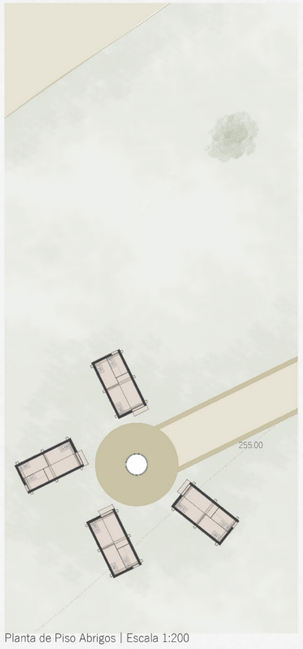
REMINISCÊNCIA, PAISAGEM E PERCURSO

Requalificar a ligação entre as Serras do Chipre e do Socorro, nas Linhas de Torres Vedras

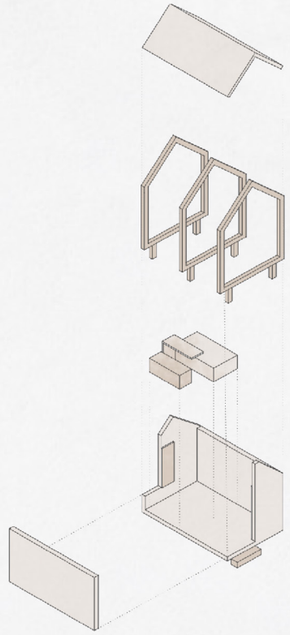
ABRIGOS



Planta de Cobertura Abrigos | Escala 1:200



Planta de Piso Abrigos | Escala 1:200



Axonometria Abrigo



Alçados Abrigo | 1:200

Corte A | 1:200

Corte B | 1:200

Corte C | 1:200

Corte D | 1:200

Planta de Anotação de Cortes | Escala 1:200



Fotomontagem | Abrigos



Fotomontagem | Abrigos

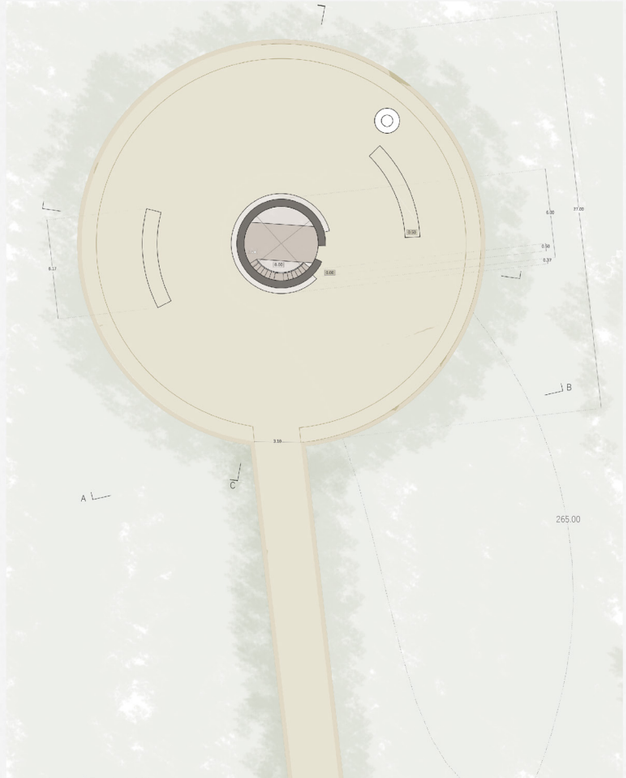


Fotomontagem | Abrigos

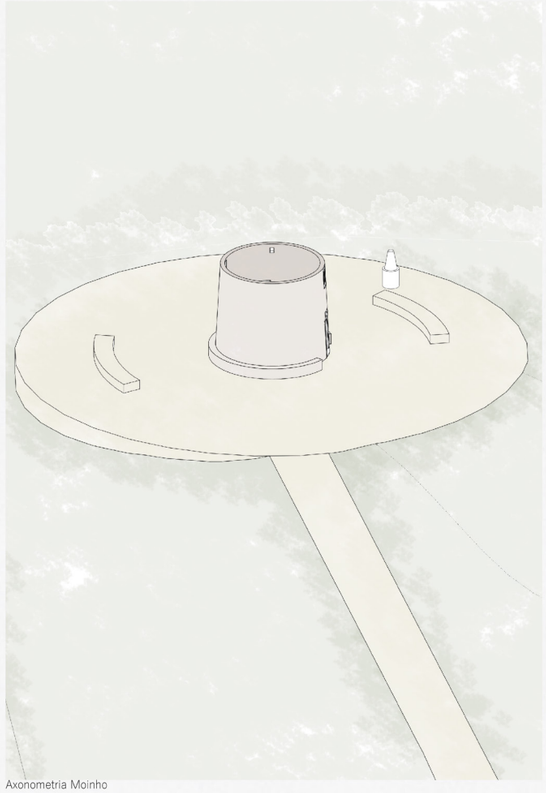


Fotomontagem | Abrigos

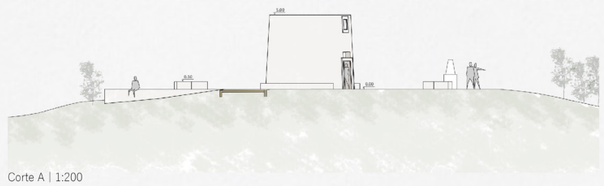
MOINHO



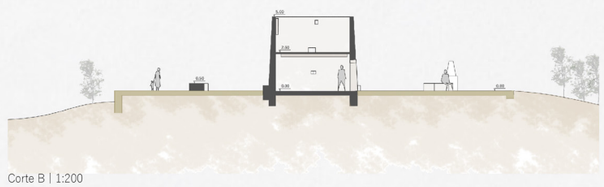
Planta Moinho | Escala 1:200



Axonometria Moinho



Corte A | 1:200



Corte B | 1:200



Corte C | 1:200



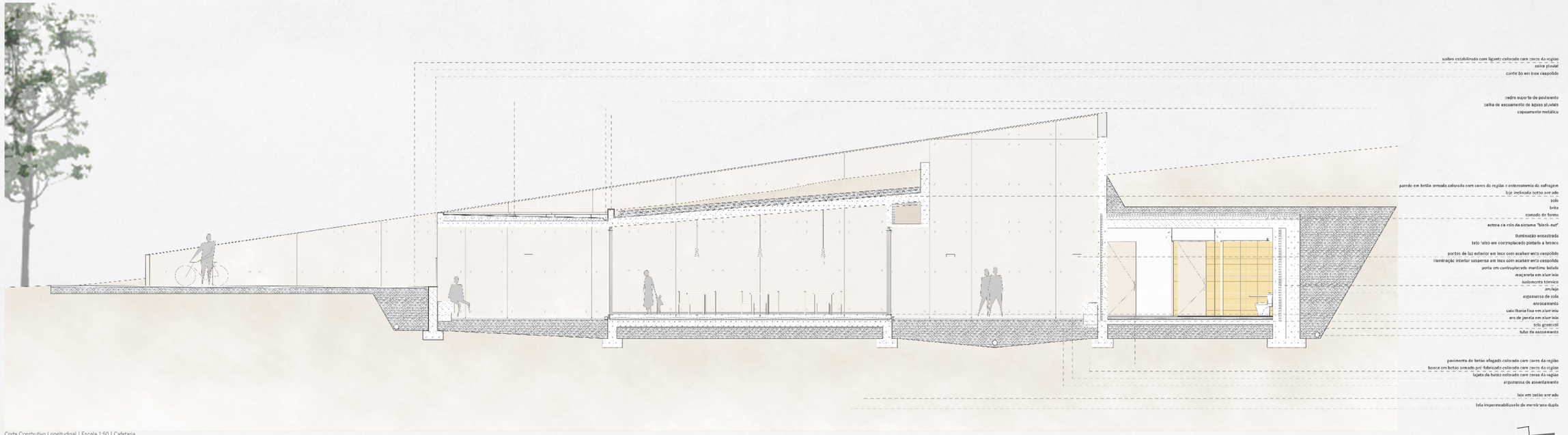
Fotografia | Moinho



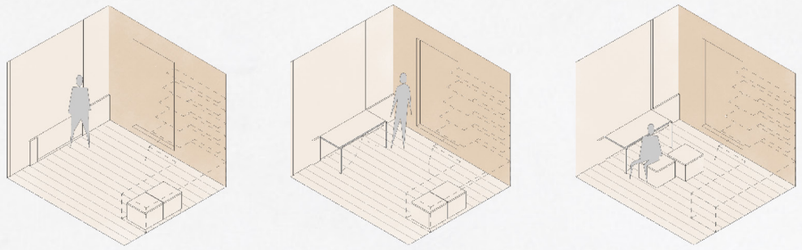
Fotografia | Moinho



Fotomontagem | Moinho



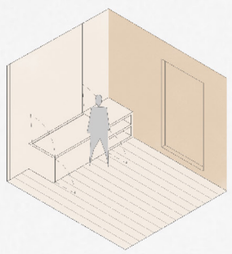
Corte Construtivo Longitudinal | Escala 1:50 | Cafetaria



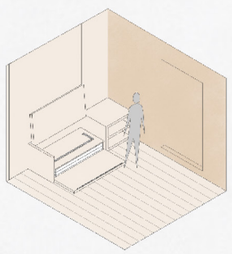
Esquema de utilização Mesa e Bancos | Zona de Estar

Esquema de utilização Mesa e Bancos | Zona de Estar

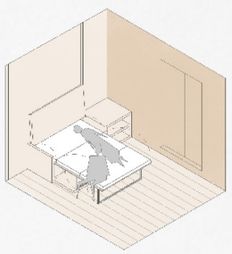
Esquema de utilização Mesa e Bancos | Zona de Estar



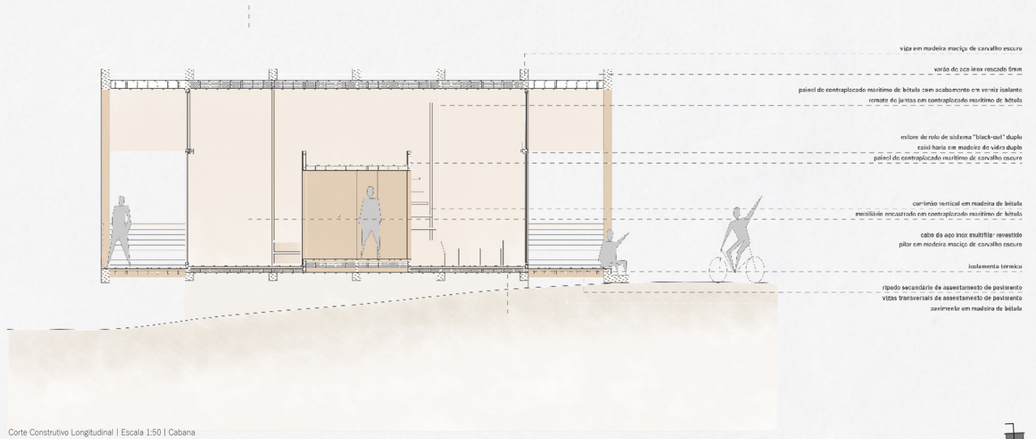
Esquema de utilização Banco para Cama | Zona de Estar



Esquema de utilização Banco para Cama | Zona de Estar



Esquema de utilização Banco para Cama | Zona de Estar



Corte Construtivo Longitudinal | Escala 1:50 | Cabana



Indicação Corte

ANEXO II | PEÇAS DESENHADAS

ÍNDICE

1 | Planta do território estudado | Escala: 1:25000 | Desenho: autor

2 | Planta da Serra de Chipre | Escala: 1:2500 | Desenho: autor

3 | Serra de Chipre: Estacionamento | Planta | Escala 1:300 | Desenho: autor

4 | Serra de Chipre: Estacionamento | Cortes | Escala 1:300 | Desenho: autor

5 | Serra de Chipre: Tanque | Planta | Escala 1:200 | Desenho: autor

6 | Serra de Chipre: Tanque | Axonometria | Escala 1:200 | Desenho: autor

7 | Serra de Chipre: Tanque | Cortes | Escala 1:200 | Desenho: autor

8 | Serra de Chipre: Capela | Planta Cobertura| Escala 1:200 | Desenho: autor

9 | Serra de Chipre: Capela | Axonometria | Escala 1:200 | Desenho: autor

10 | Serra de Chipre: Capela | Planta, cortes e alçados articulados| Escala 1:200 | Desenho: autor

11 | Serra de Chipre: Moinho | Planta | 1:200 | Desenho: autor

12 | Serra de Chipre: Moinho | Axonometria | 1:200 | Desenho: autor

13 | Serra de Chipre: Moinho | Cortes | Escala 1:200 | Desenho: autor

14 | Serra de Chipre: Cafetaria | Planta Cobertura | Escala 1:200 | Desenho: autor

15 | Serra de Chipre: Cafetaria | Planta Piso Entrada | Escala 1:200 | Desenho: autor

16 | Serra de Chipre: Cafetaria | Axonometria | Escala 1:300 | Desenho: autor

17 | Serra de Chipre: Cafetaria | Cortes Sul | Escala 1:200 | Desenho: autor

18 | Serra de Chipre: Cafetaria | Cortes Norte | Escala 1:200 | Desenho: autor

19 | Serra de Chipre: Cafetaria | Cortes Este | Escala 1:200 | Desenho: autor

20 | Serra de Chipre: Cafetaria | Cortes Oeste | Escala 1:200 | Desenho: autor

21 | Serra de Chipre: Muro e Estrutura | Planta | Escala 1:300 | Desenho autor

22 | Serra de Chipre: Muro e Estrutura | Axonometria | Escala 1:200 | Desenho autor

23 | Serra de Chipre: Muro e Estrutura | Cortes | Escala 1:200 | Desenho autor

24 | Serra de Chipre: Cabanas | Planta Cobertura | Escala 1:300 | Desenho autor

25 | Serra de Chipre: Cabanas | Planta Piso Entrada| Escala 1:200 | Desenho autor

26 | Serra de Chipre: Cabanas | Axonometria | Escala 1:200 | Desenho autor

27 | Serra de Chipre: Cabanas | Planta, cortes e alçados articulados| Escala 1:200 | Desenho: autor

28 | Serra de Chipre: Abrigos | Planta Cobertura | Escala: 1:200 | Desenho autor

29 | Serra de Chipre: Abrigos | Axonometria | Escala: 1:200 | Desenho autor

30 | Serra de Chipre: Abrigos | Planta, cortes e alçados articulados| Escala 1:200 | Desenho: autor

31 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | Planta Forte Grande da Enxara | Escala: 1:1000 | Desenho: autor

32 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | Planta Forte Pequeno da Enxara | Escala: 1:1000 | Desenho: autor

33 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | Axonometria | Escala: 1:1000 | Desenho: autor

34 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | Cortes | Escala: 1:1000 | Desenho: autor

35 | Planta Território | Do Forte Grande e Pequeno da Enxara à Serra do Socorro | Escala 1:10000 | Desenho: autor

36 | Serra do Socorro | Planta Cobertura | Escala 1:1000 | Desenho: autor

37 | Serra do Socorro | Axonometria | Escala



1 | Planta do território estudado | Escala: 1:25000 | Desenho: autor



Legenda:

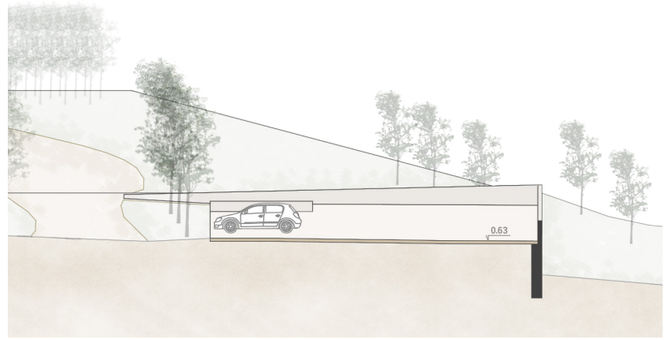
1_ Quinta de Santo António da Barroca
2_ Entrada Serra de Chipre
3_ Estacionamento
4_ Tanque
5_ Capela
6_ Moinho
7_ Cafetaria
8_ Muro: Espaço Polivalente
9_ Estrutura: Espaço para piquenique
10_ Lago e pontão
11_ Cabanas
12_ Abrigos

2 | Planta da Serra de Chipre | Escala: 1:2500 | Desenho: autor

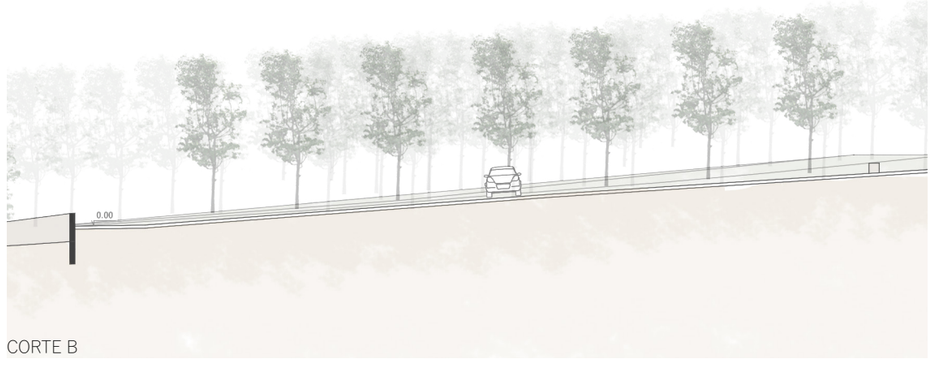


3 | Serra de Chipre: Estacionamento | Planta | Escala 1:300 | Desenho: autor

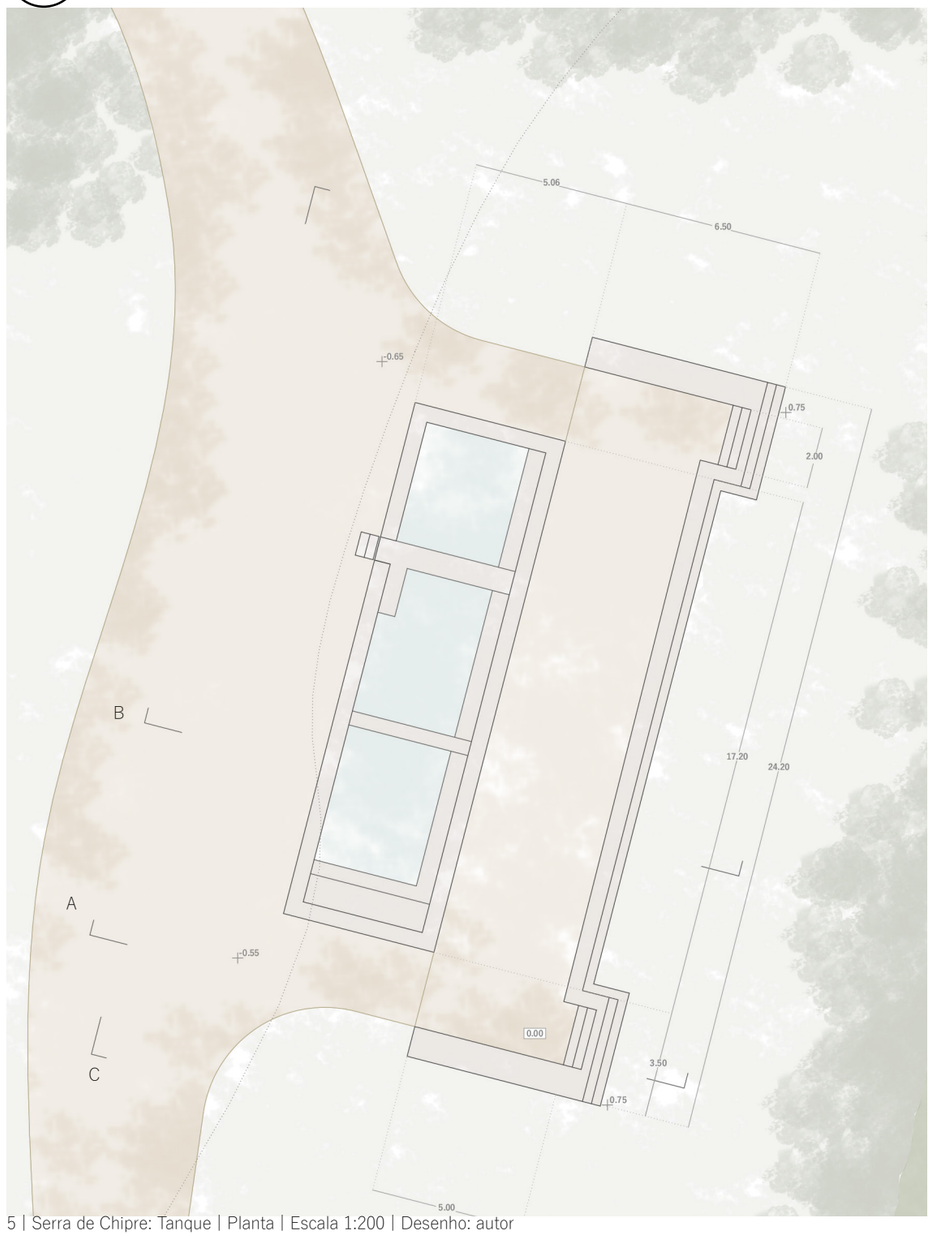
CORTE A



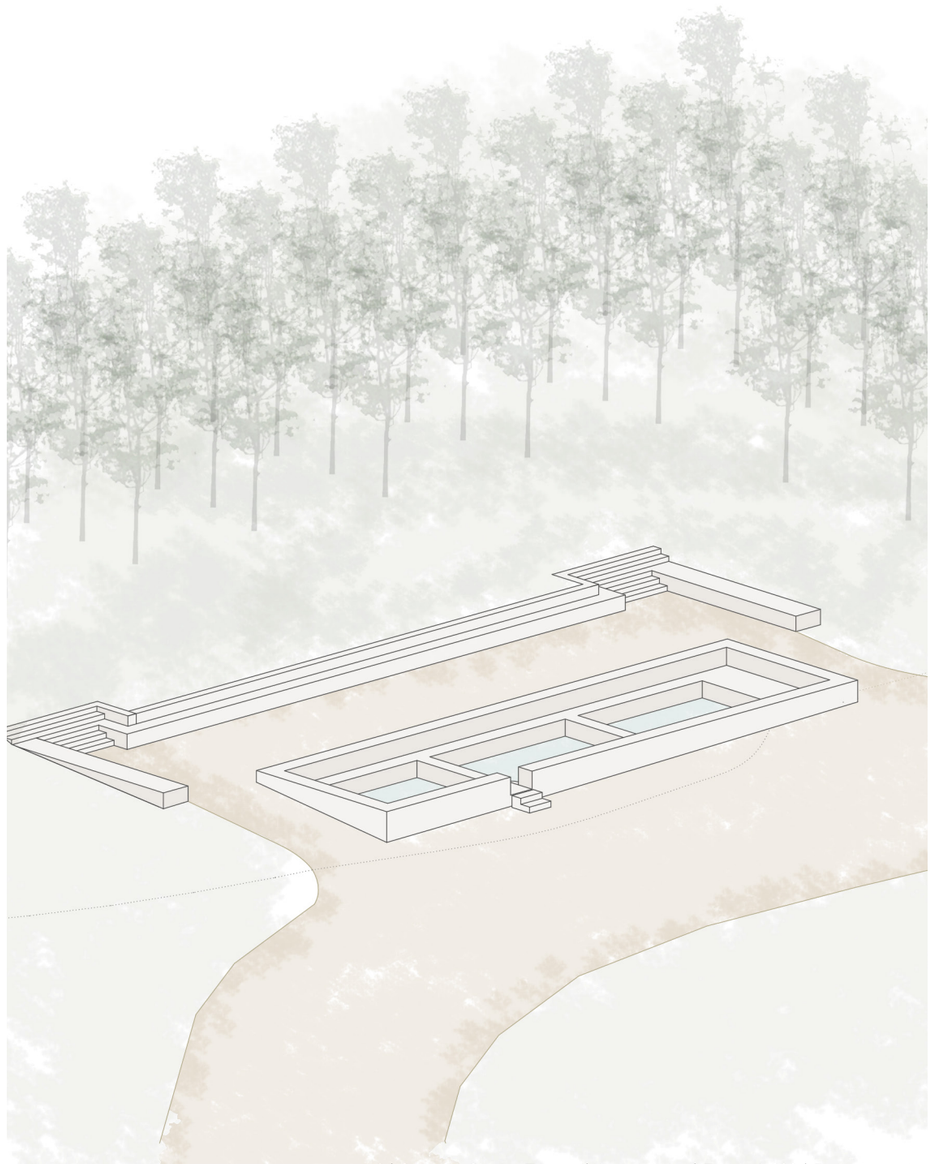
CORTE B



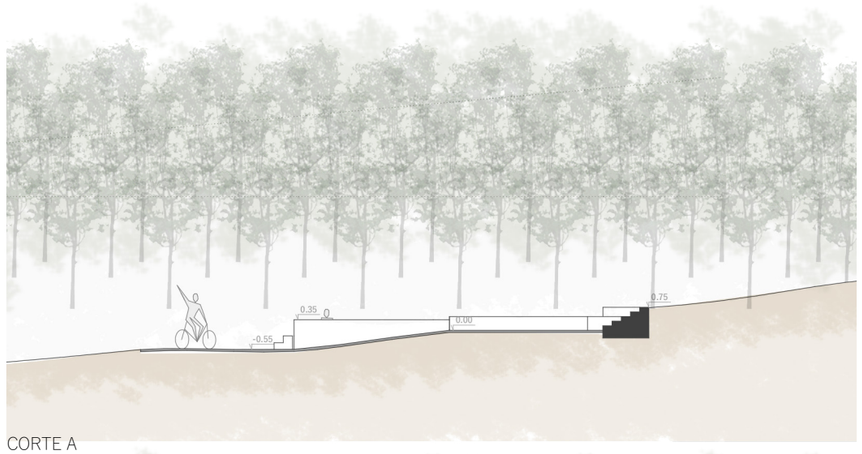
4 | Serra de Chipre: Estacionamento | Cortes | Escala 1:300 | Desenho: autor



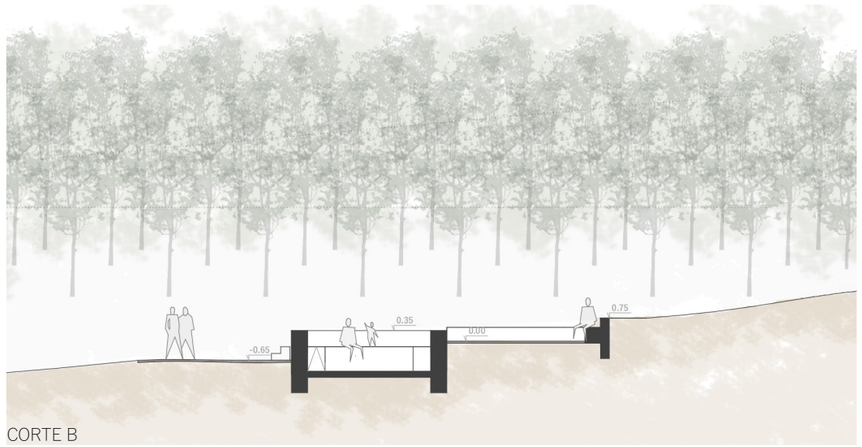
5 | Serra de Chipre: Tanque | Planta | Escala 1:200 | Desenho: autor



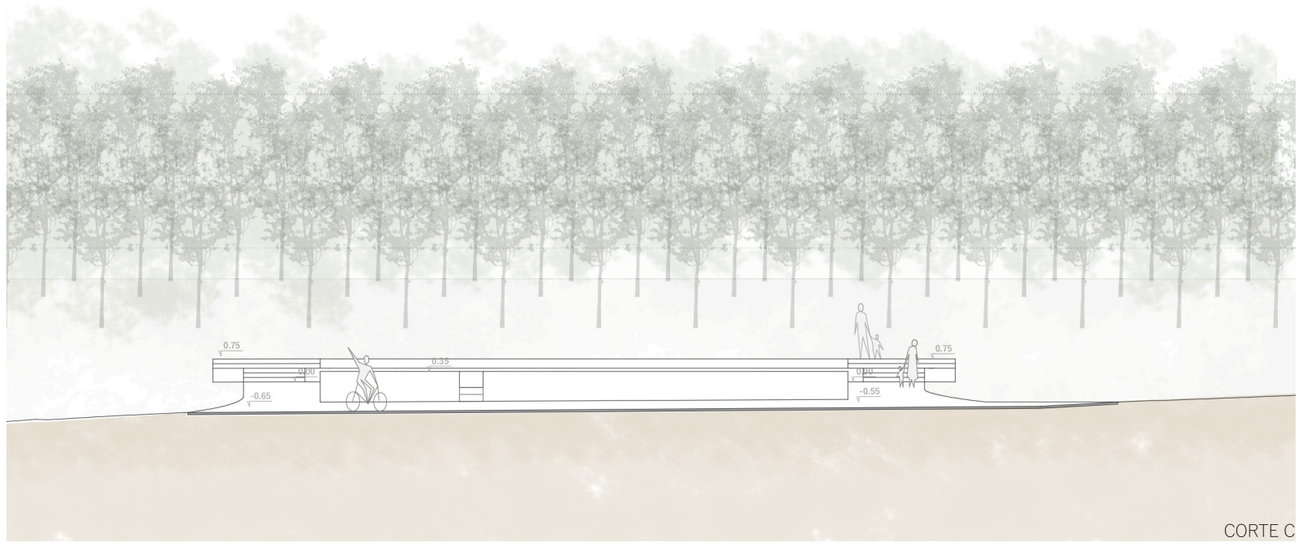
6 | Serra de Chipre: Tanque | Axonometria | Escala 1:200 | Desenho: autor



CORTE A

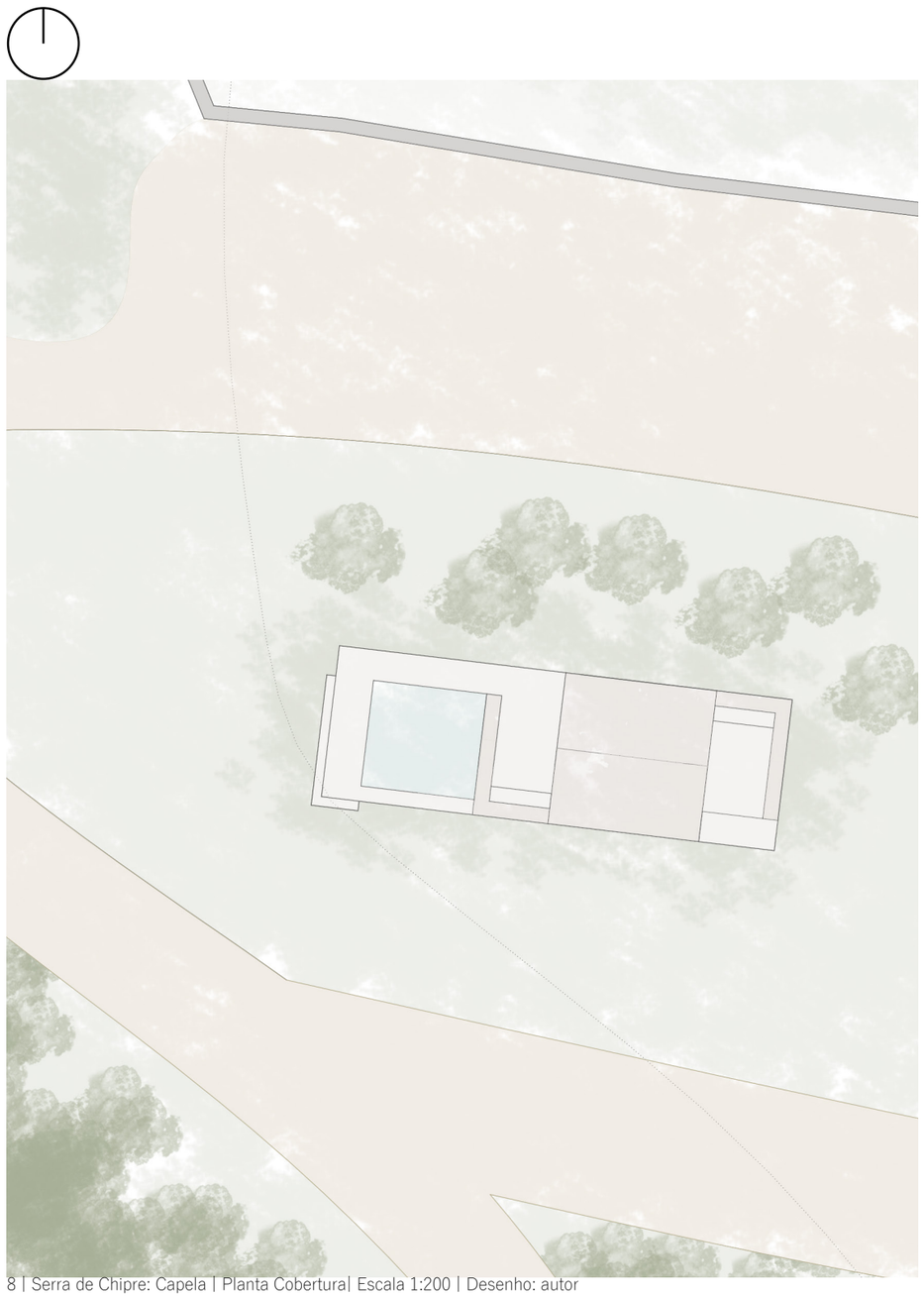


CORTE B

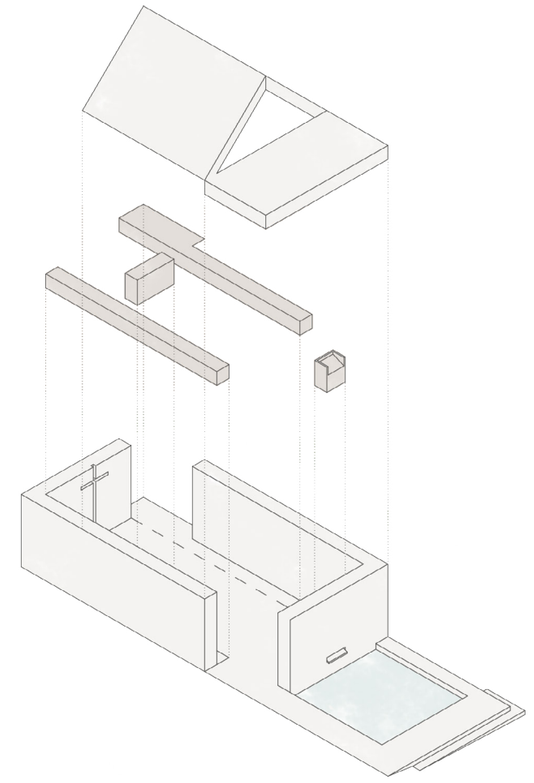


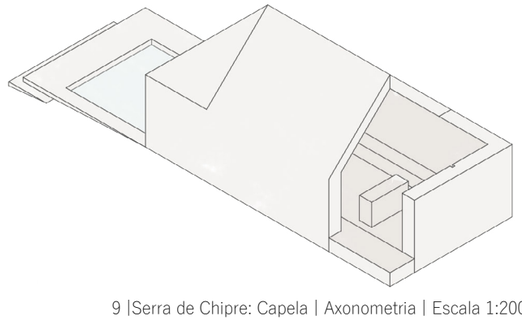
CORTE C

7 |Serra de Chipre: Tanque | Cortes | Escala 1:200 | Desenho: autor

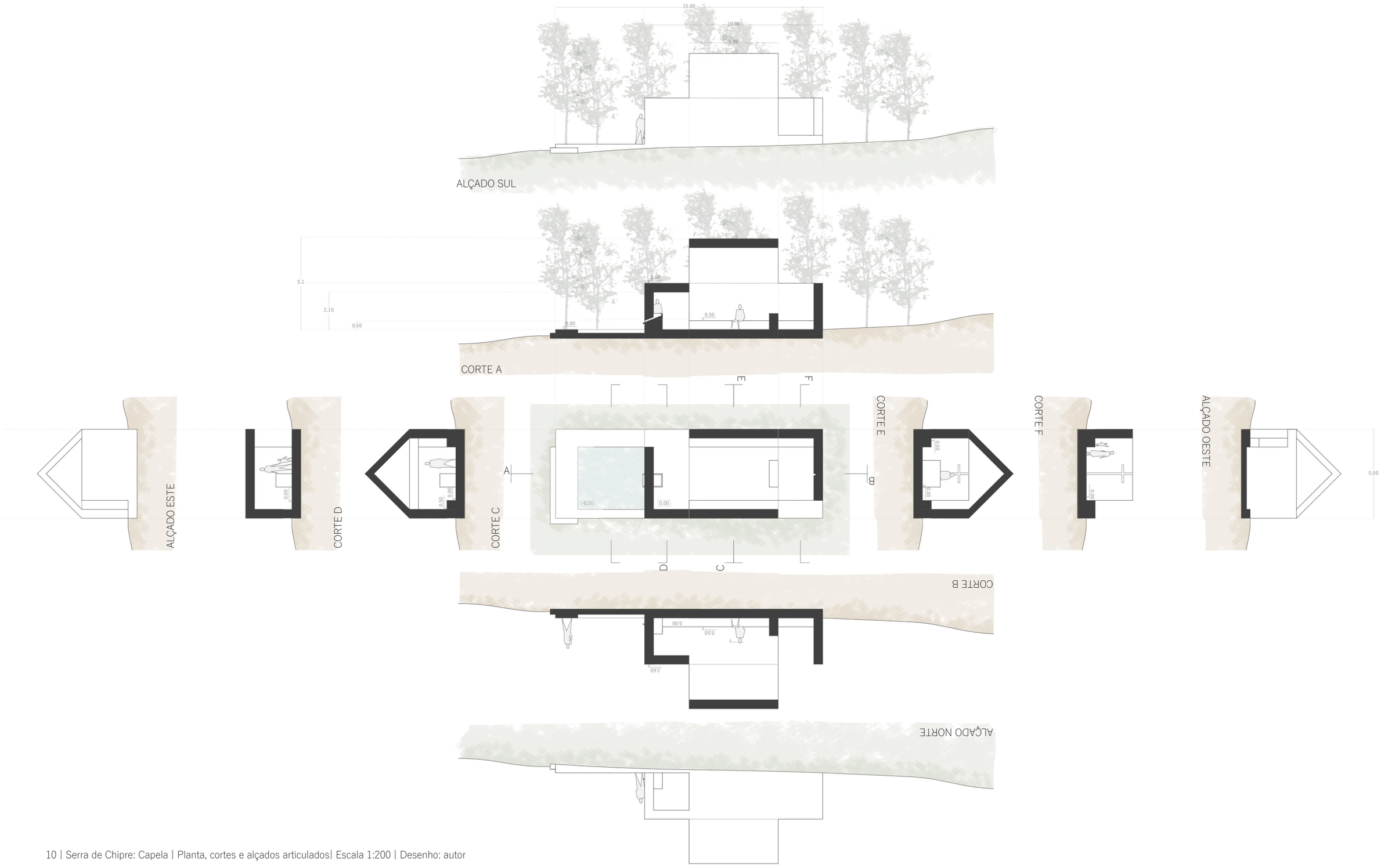


8 | Serra de Chipre: Capela | Planta Cobertura| Escala 1:200 | Desenho: autor

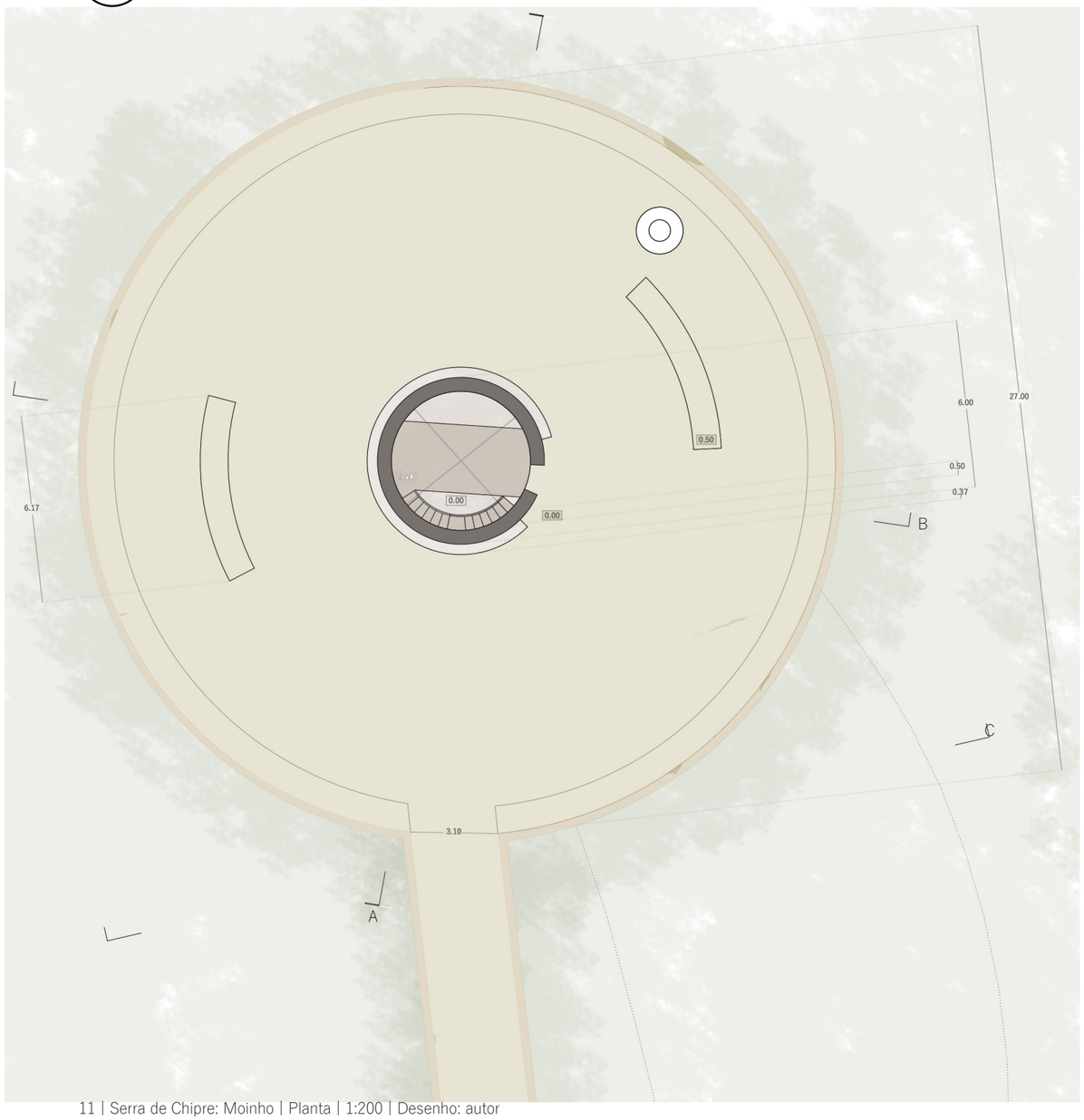




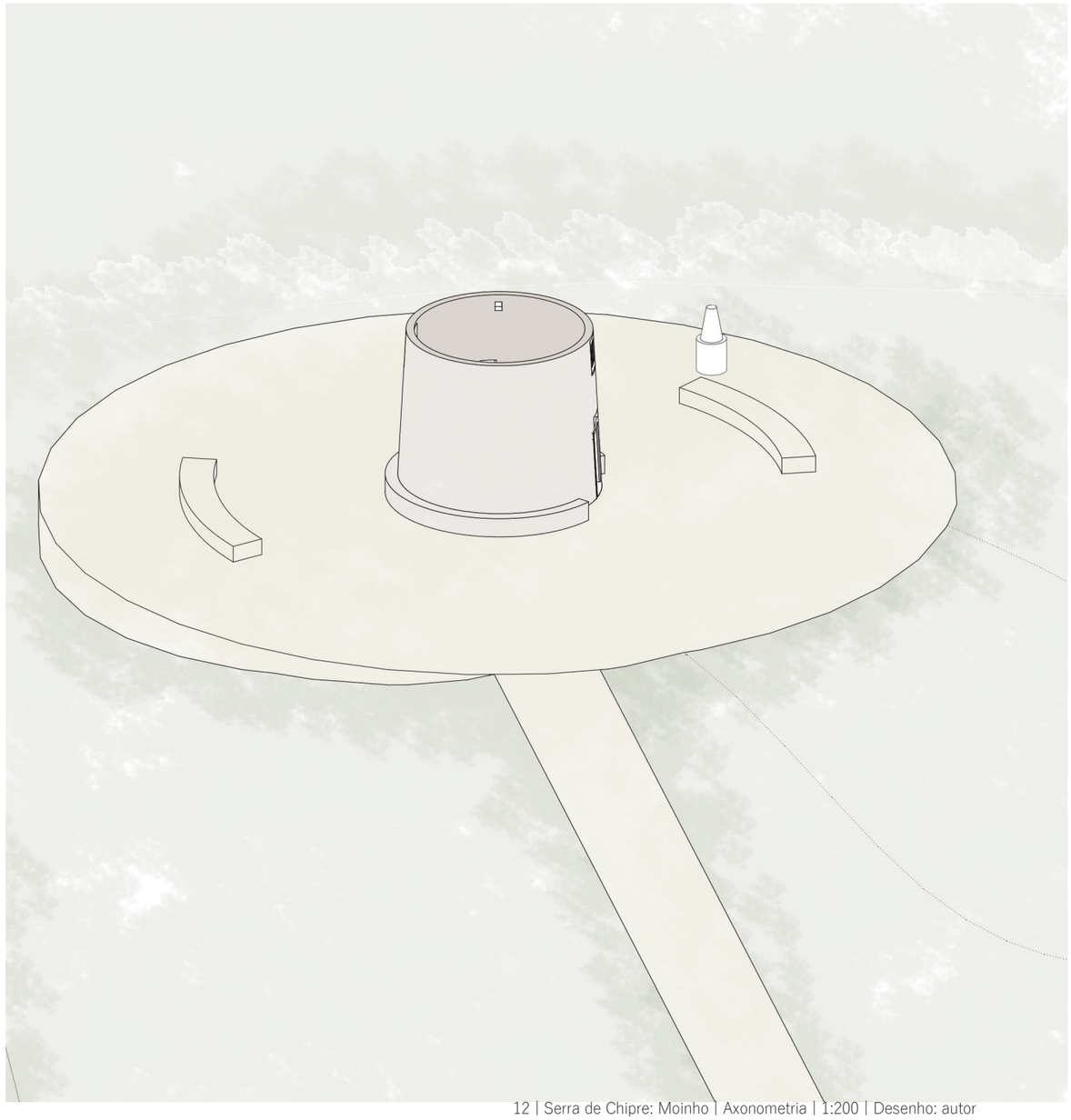
9 |Serra de Chipre: Capela | Axonometria | Escala 1:200 | Desenho: autor



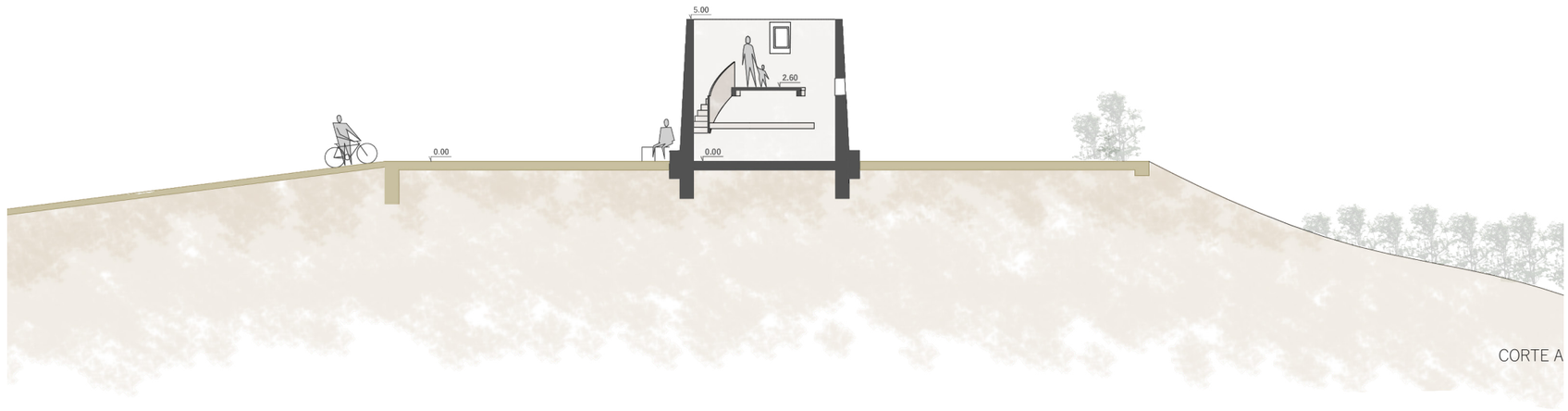
10 | Serra de Chipre: Capela | Planta, cortes e alçados articulados| Escala 1:200 | Desenho: autor



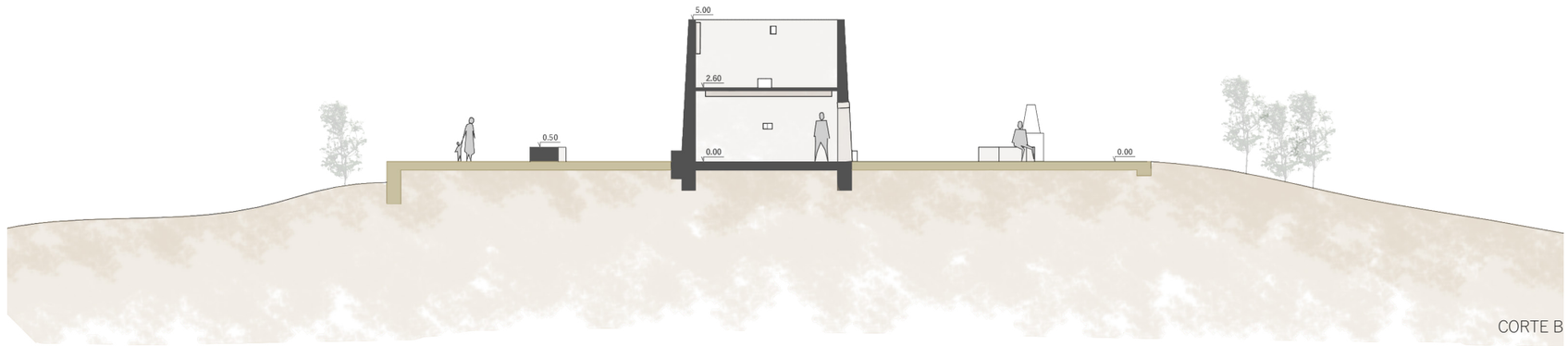
11 | Serra de Chipre: Moinho | Planta | 1:200 | Desenho: autor



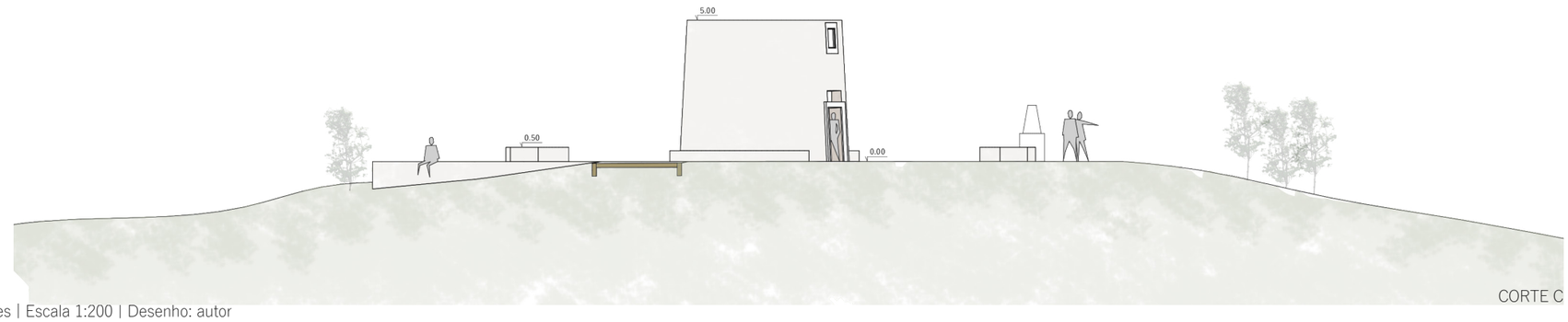
12 | Serra de Chipre: Moinho | Axonometria | 1:200 | Desenho: autor



CORTE A

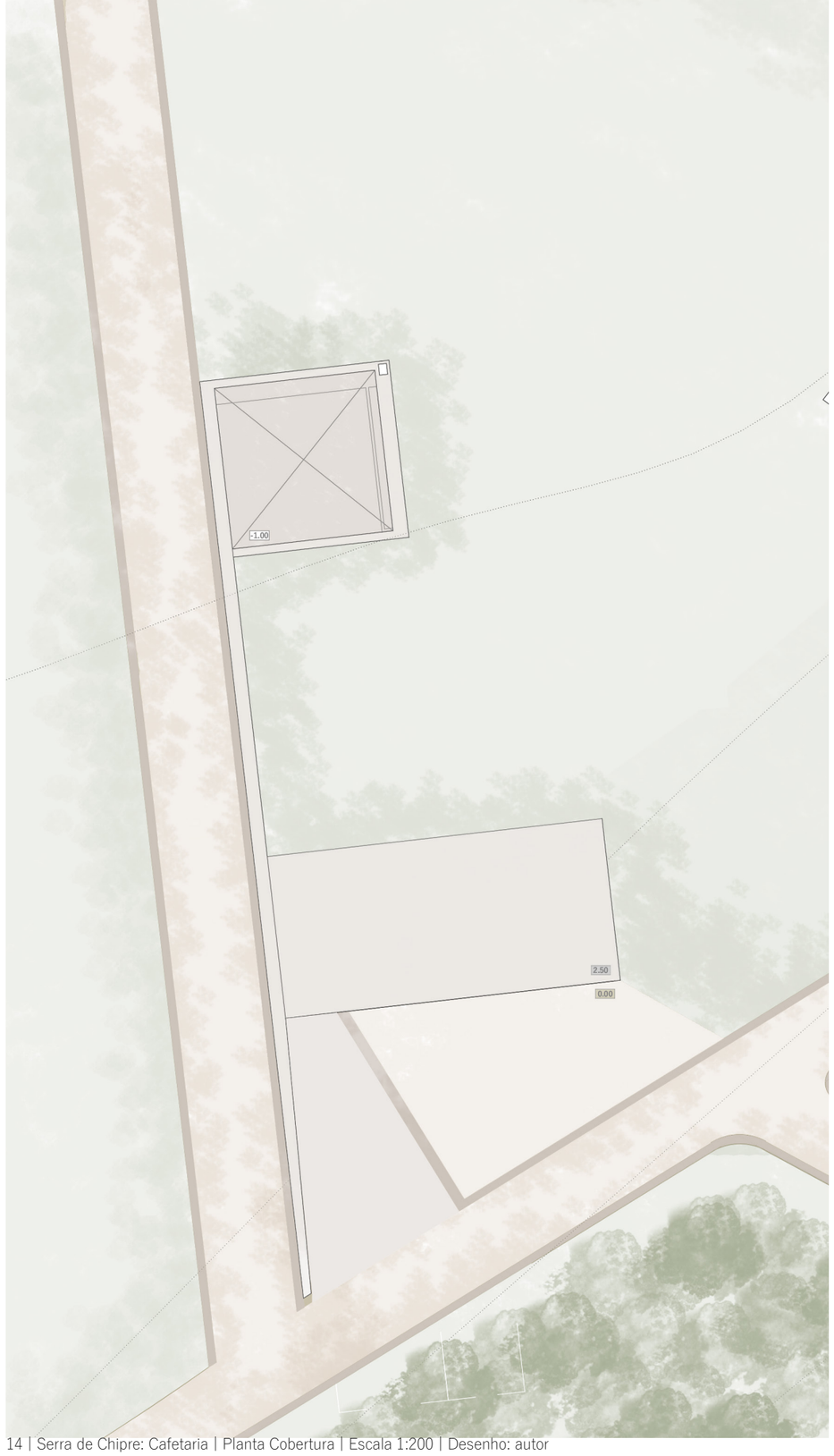


CORTE B

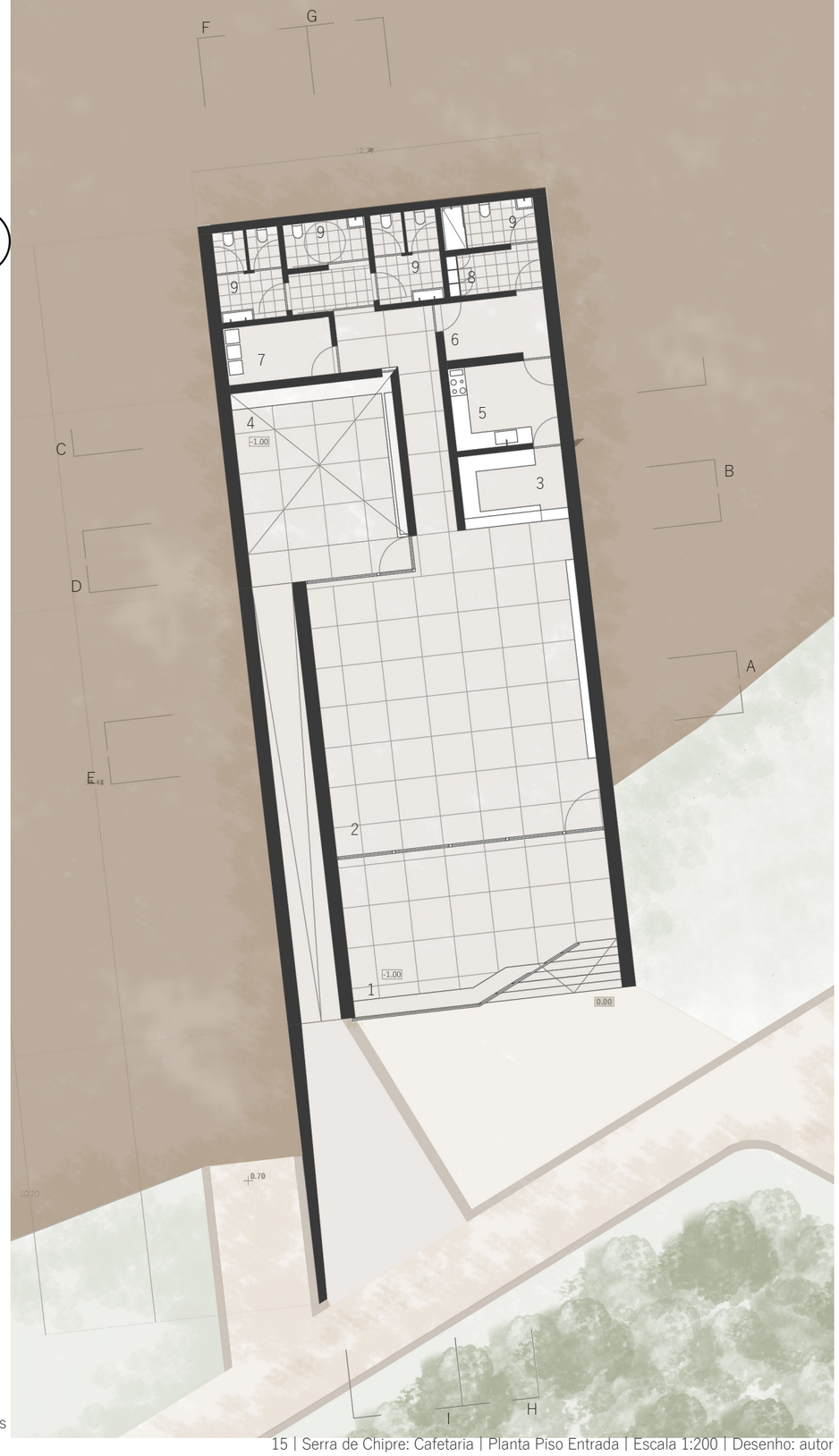


CORTE C

13 | Serra de Chipre: Moinho | Cortes | Escala 1:200 | Desenho: autor

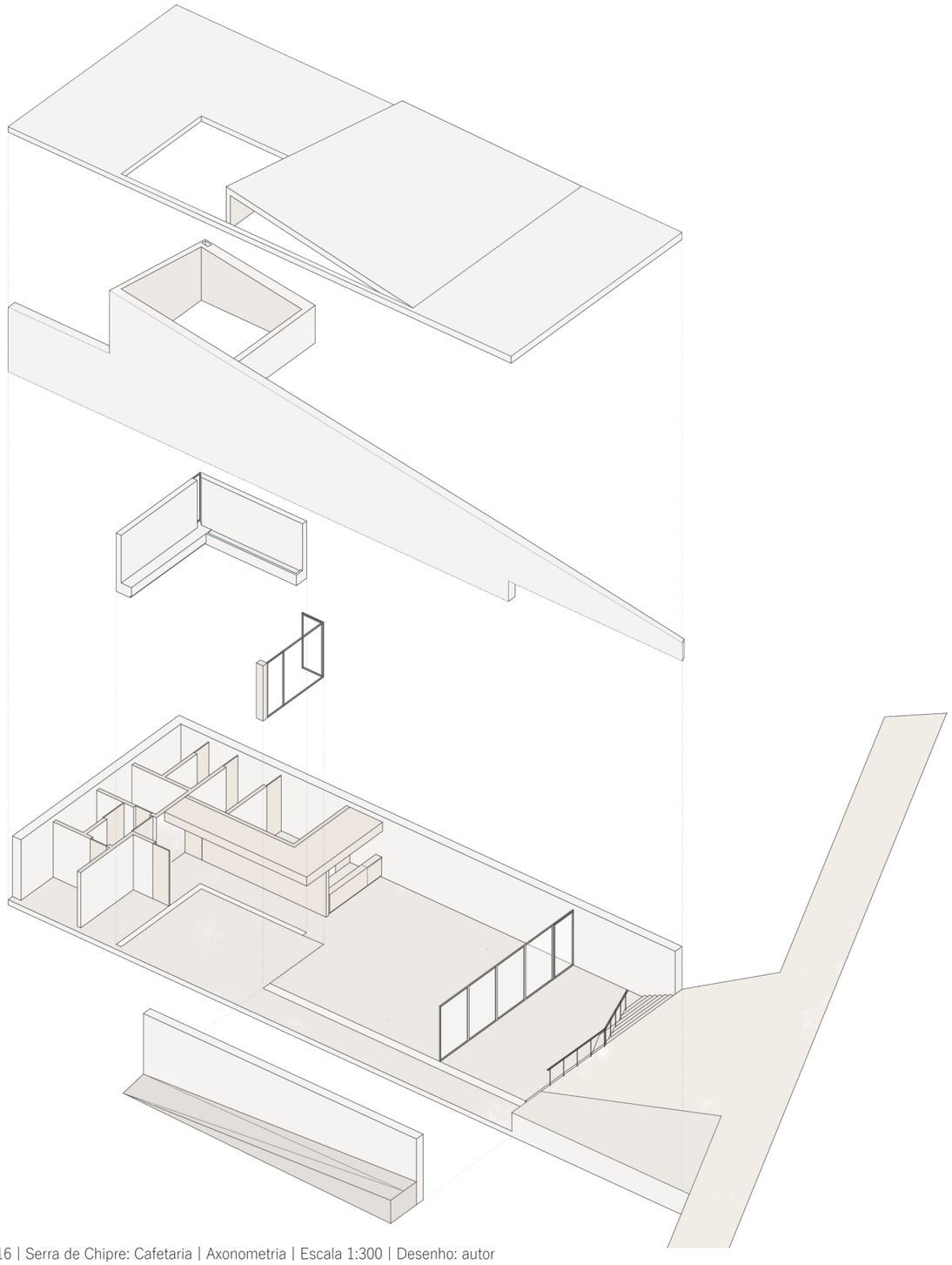


14 | Serra de Chipre: Cafetaria | Planta Cobertura | Escala 1:200 | Desenho: autor



Legenda:
1_Esplanada
2_Sala
3_Café
4_Pátio
5_Copa
6_Serviços
7_Depósitos
8_Vestuário
9_Instalações Sanitárias

15 | Serra de Chipre: Cafetaria | Planta Piso Entrada | Escala 1:200 | Desenho: autor



16 | Serra de Chipre: Cafetaria | Axonometria | Escala 1:300 | Desenho: autor

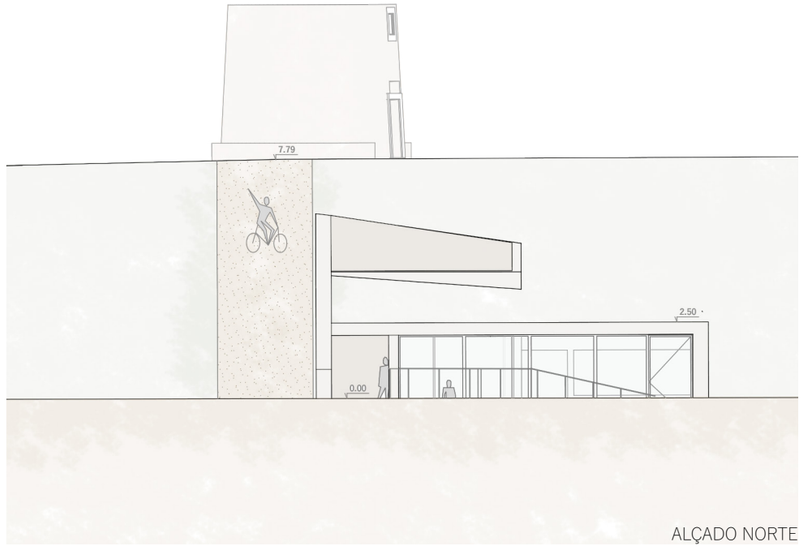


CORTE A

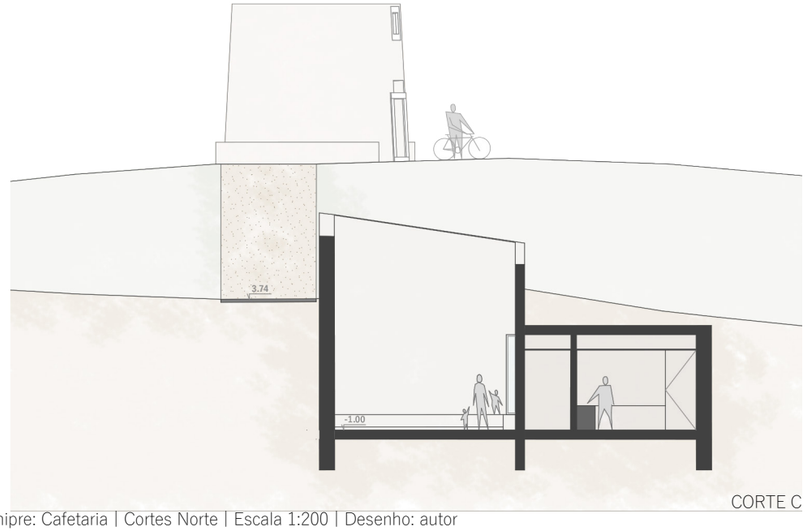


CORTE B

17 | Serra de Chipre: Cafetaria | Cortes Sul | Escala 1:200 | Desenho: autor

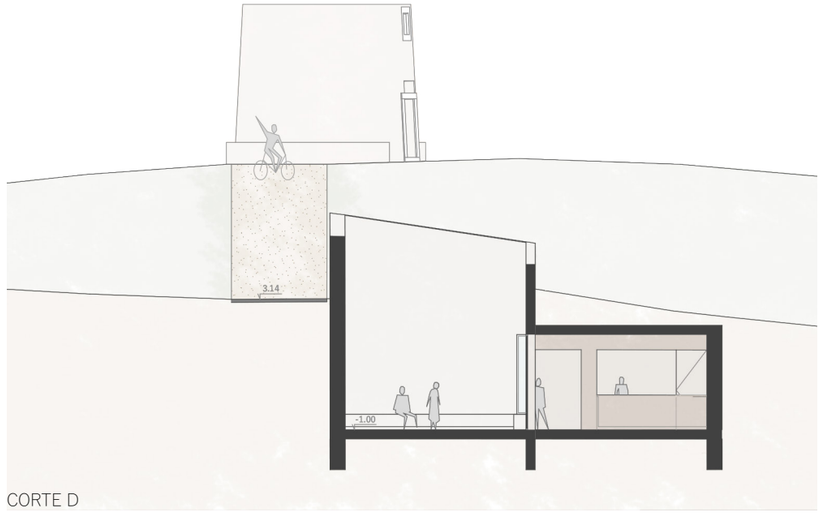


ALÇADO NORTE

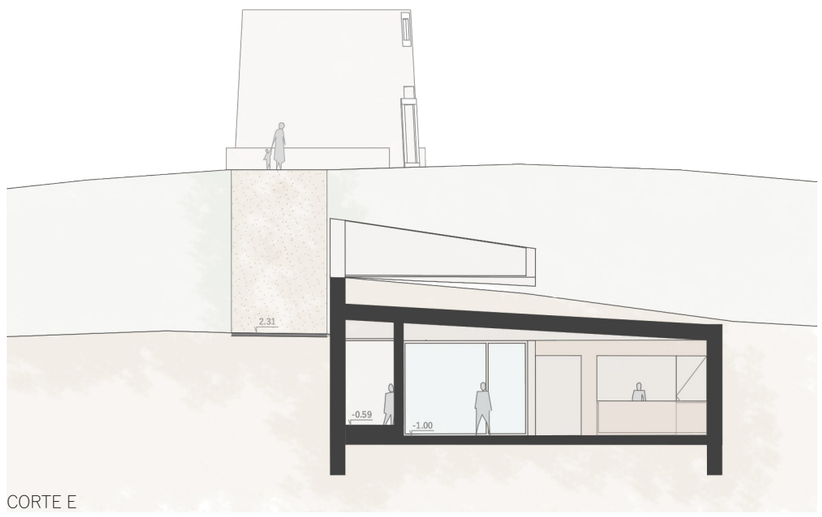


CORTE C

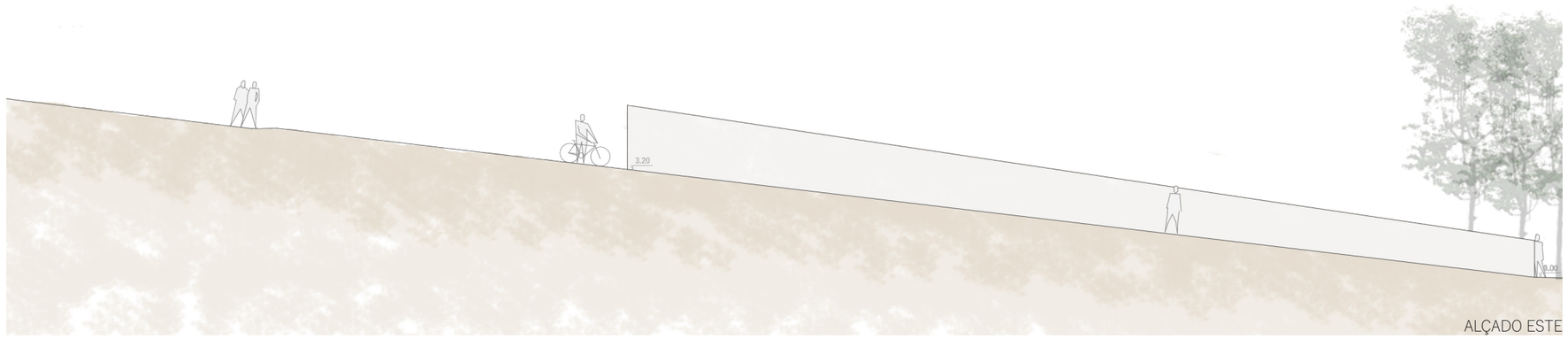
18 | Serra de Chipre: Cafetaria | Cortes Norte | Escala 1:200 | Desenho: autor



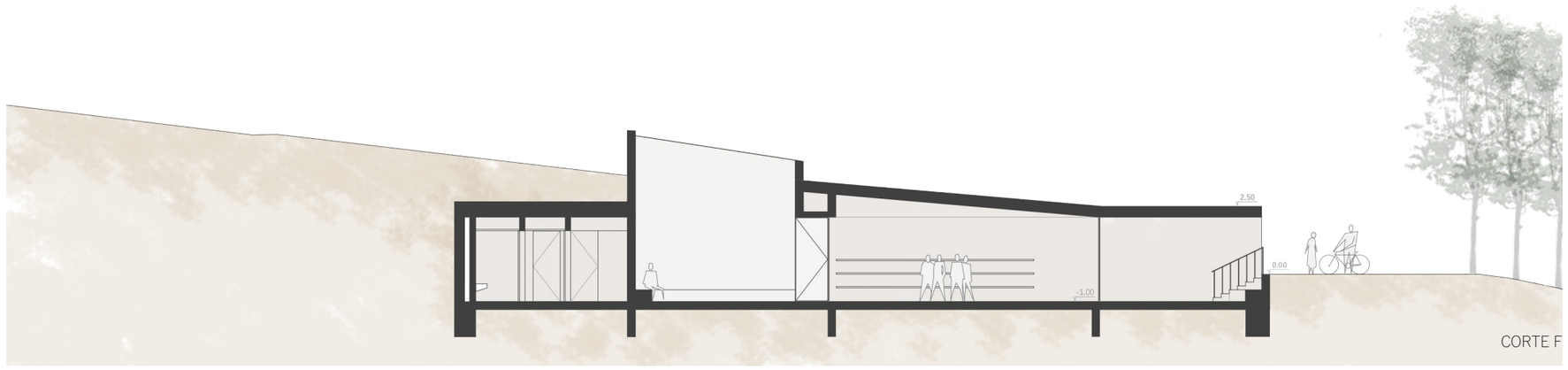
CORTE D



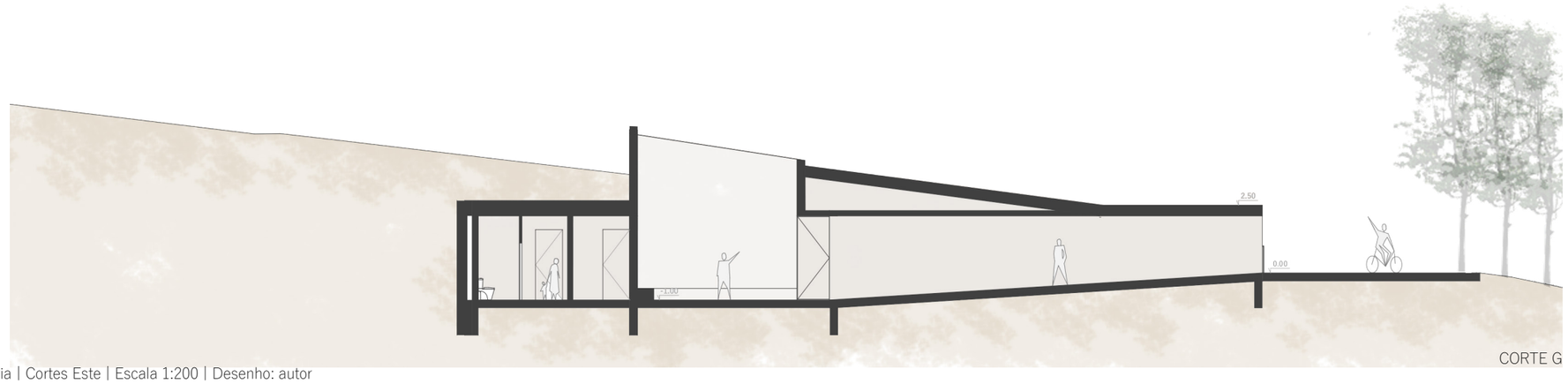
CORTE E



ALÇADO ESTE

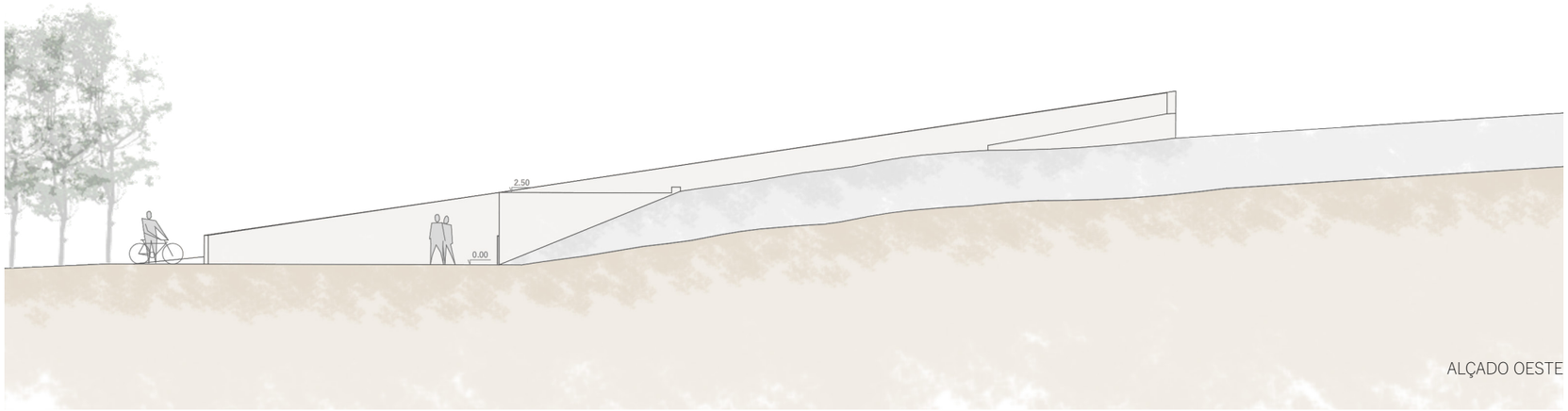


CORTE F

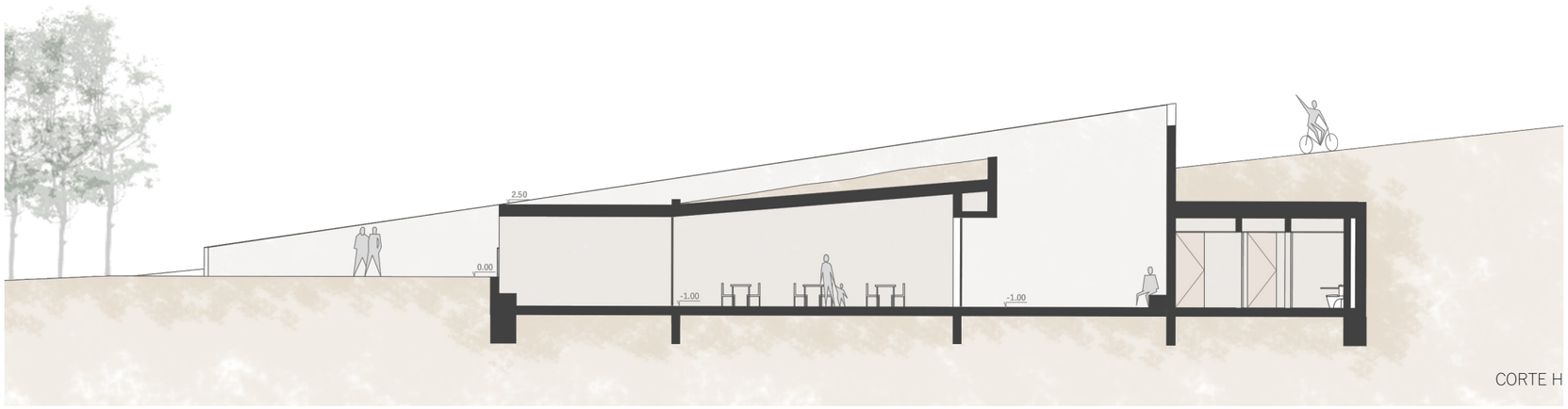


CORTE G

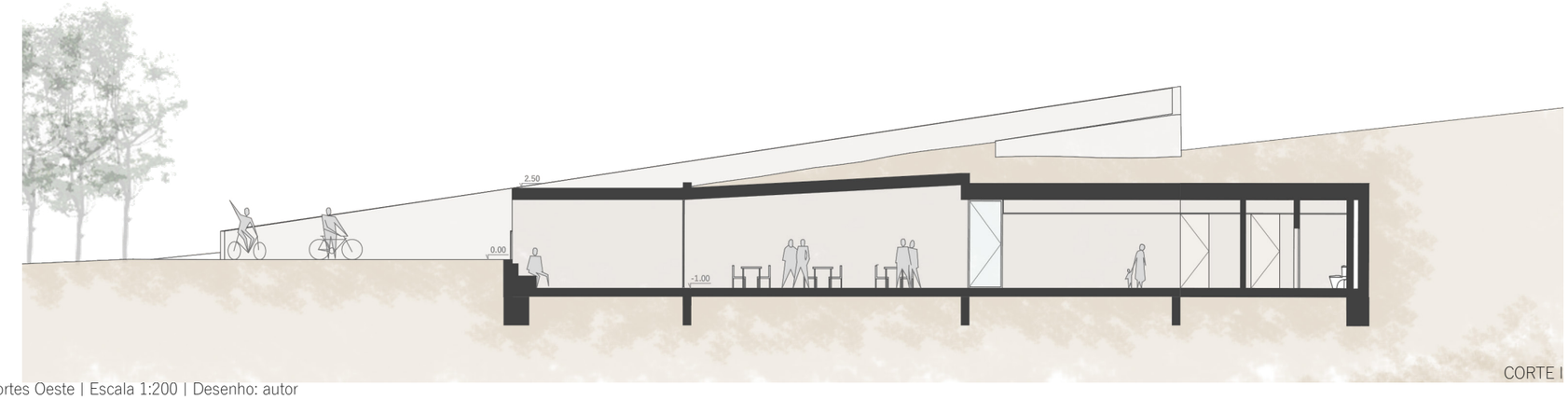
19 | Serra de Chipre: Cafetaria | Cortes Este | Escala 1:200 | Desenho: autor



ALÇADO OESTE



CORTE H



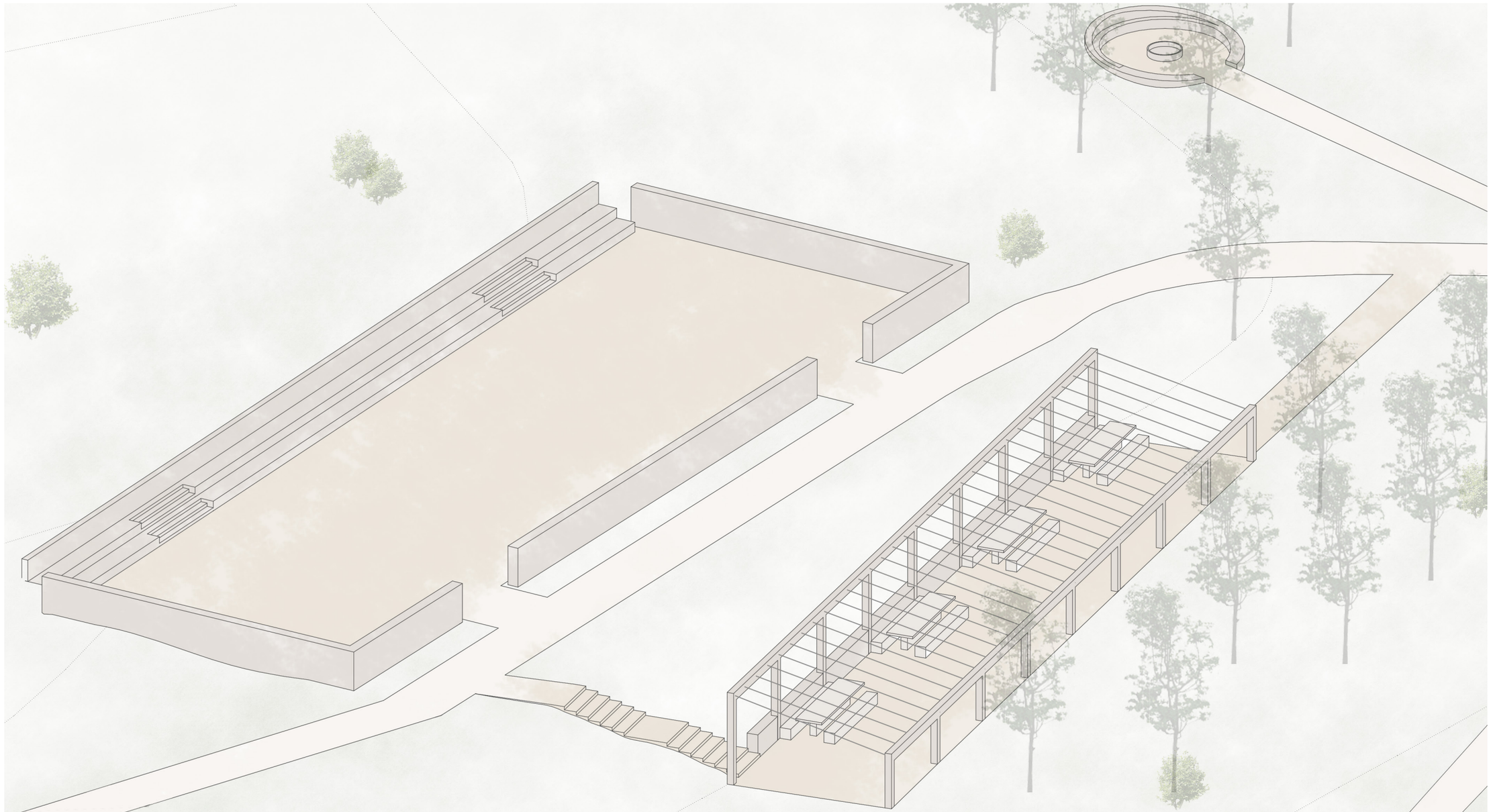
CORTE I

20 | Serra de Chipre: Cafetaria | Cortes Oeste | Escala 1:200 | Desenho: autor



Legenda:
1_Espaço Polivalente Exterior Murado
2_Estrutura / Espaço de Piqueniques
3_Banco com Fogueira
4_Banco existente do Lago

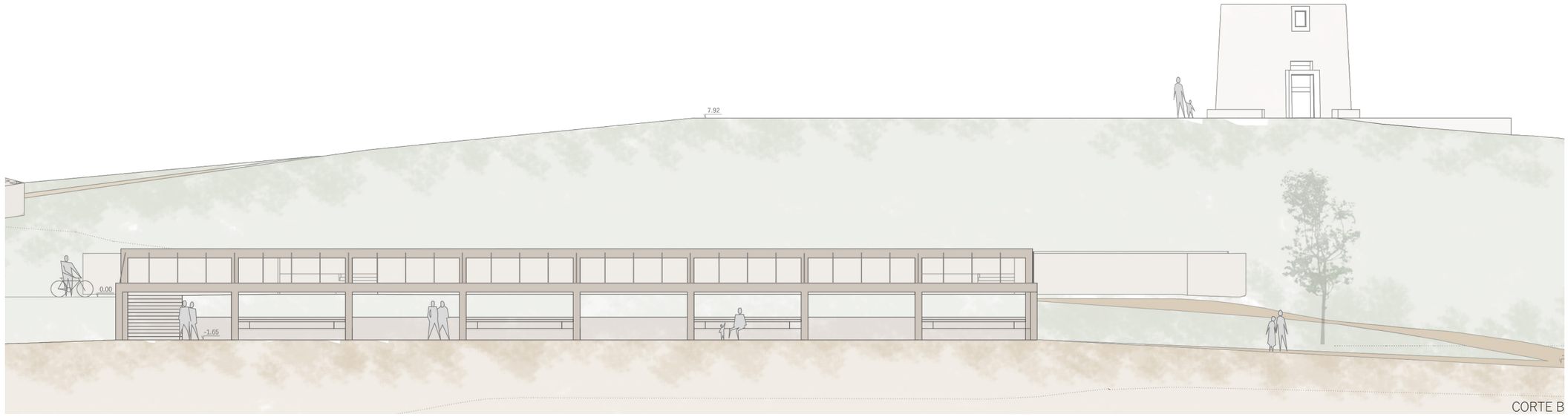
21 | Serra de Chipre: Muro e Estrutura |Planta | Escala 1:300 | Desenho autor



22 | Serra de Chipre: Muro e Estrutura | Axonometria | Escala 1:200 | Desenho autor



CORTE A



CORTE B

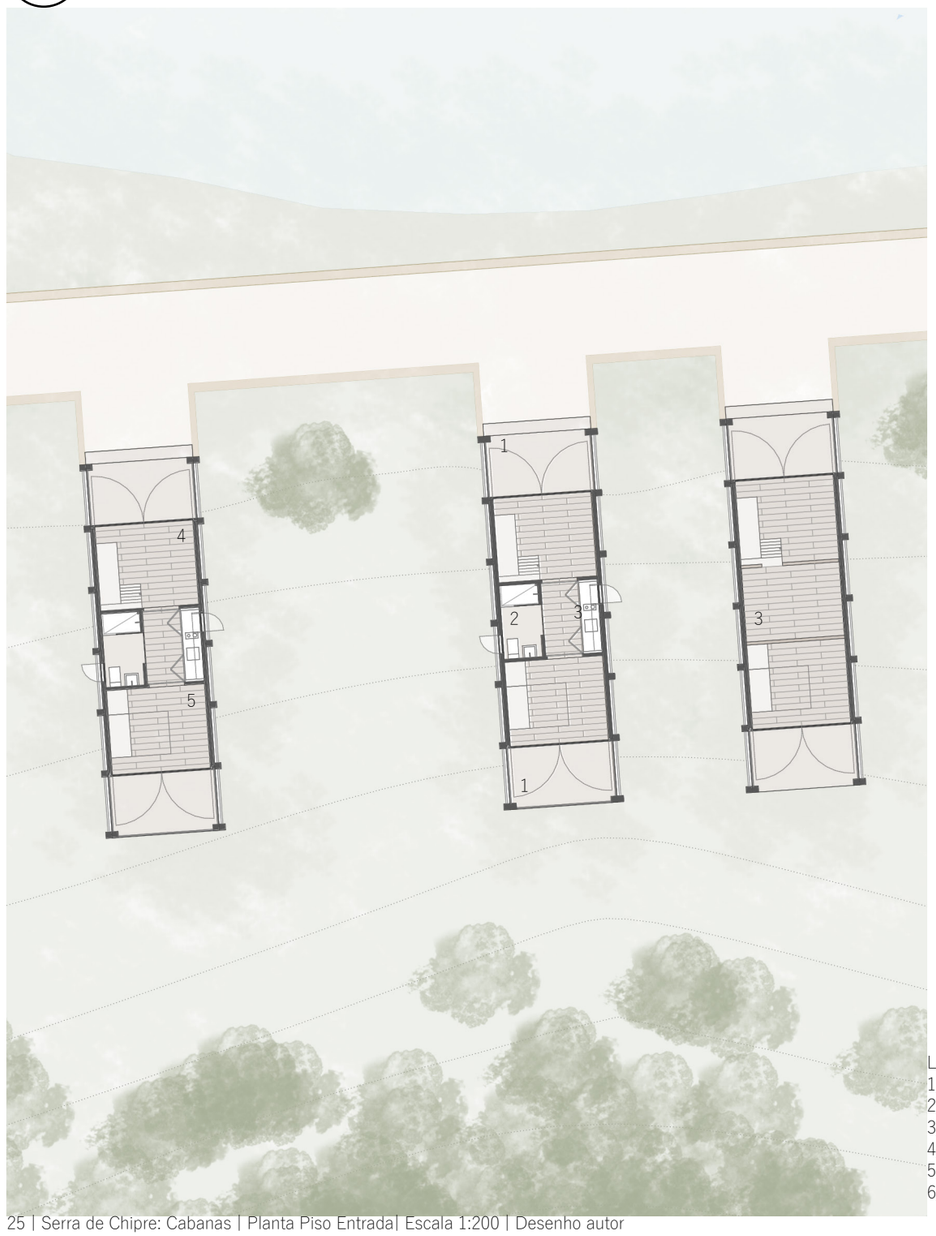


CORTE C

23 | Serra de Chipre: Muro e Estrutura | Cortes | Escala 1:200 | Desenho autor

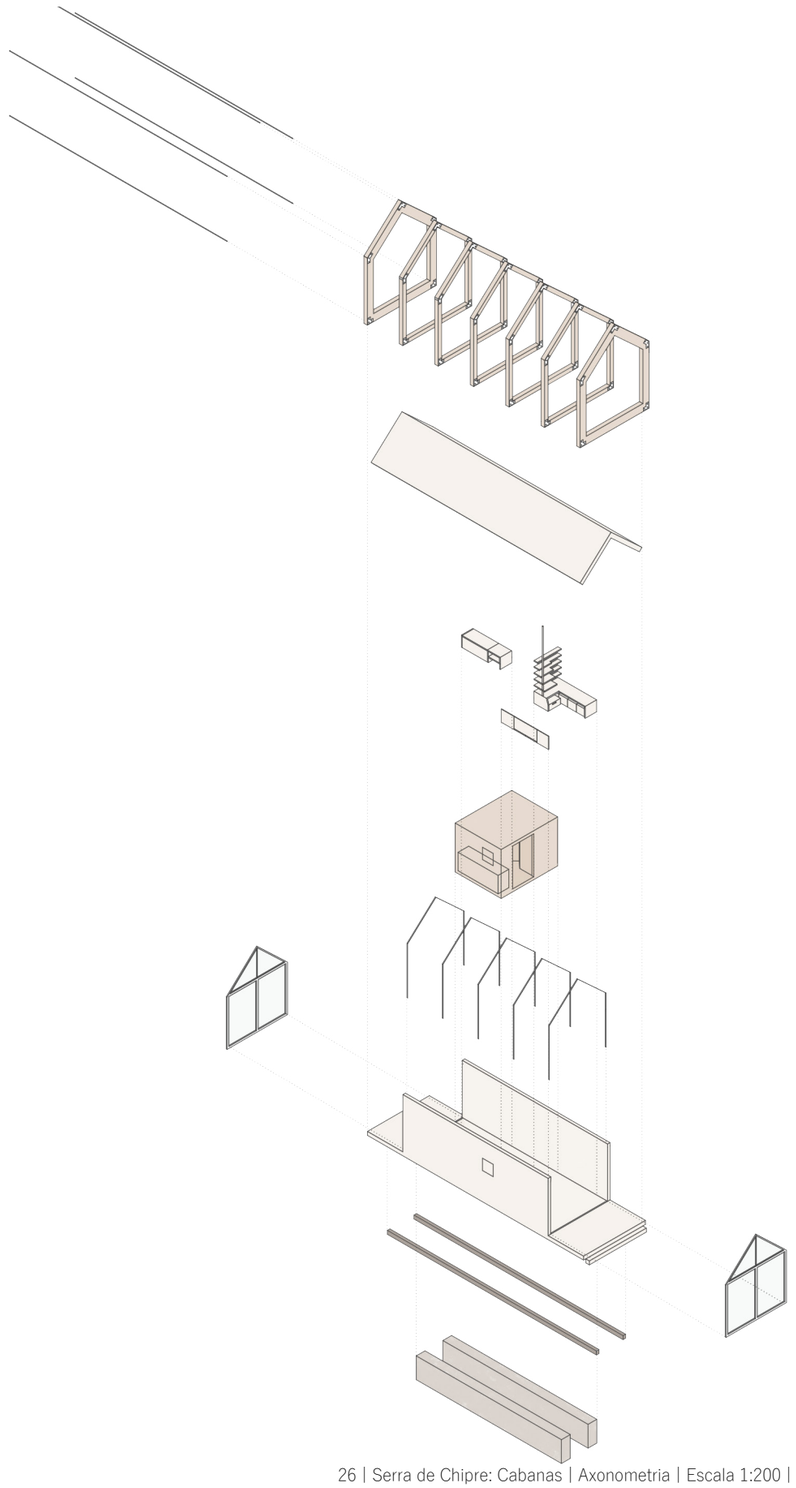


24 | Serra de Chipre: Cabanas | Planta Cobertura | Escala 1:300 | Desenho autor

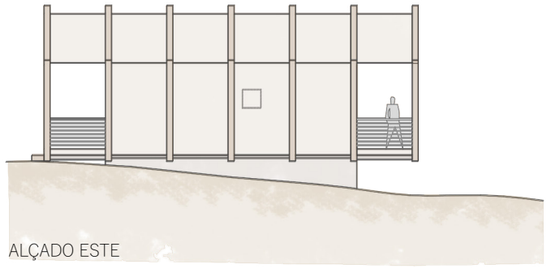


Legenda:
1_Varanda
2_Casa de Banho
3_Zona de Cozinhar
4_Espaço de Estar
5_Espaço de Dormir
6_ESpaço de Dormir Superior

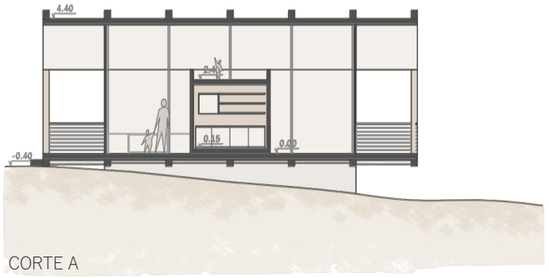
25 | Serra de Chipre: Cabanas | Planta Piso Entrada| Escala 1:200 | Desenho autor



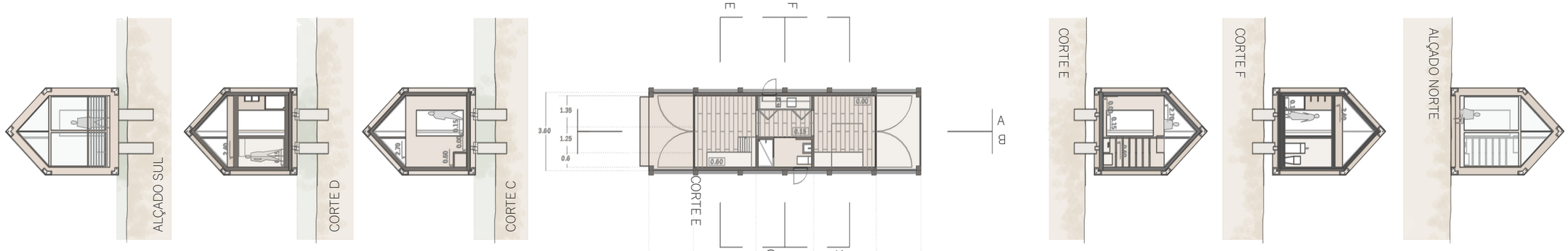
26 | Serra de Chipre: Cabanas | Axonometria | Escala 1:200 | Desenho autor

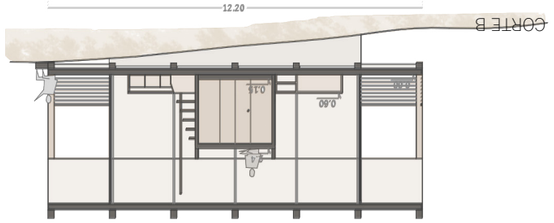


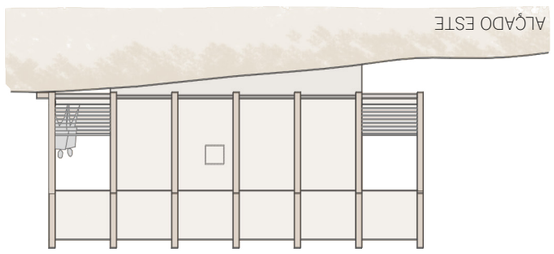
ALÇADO ESTE



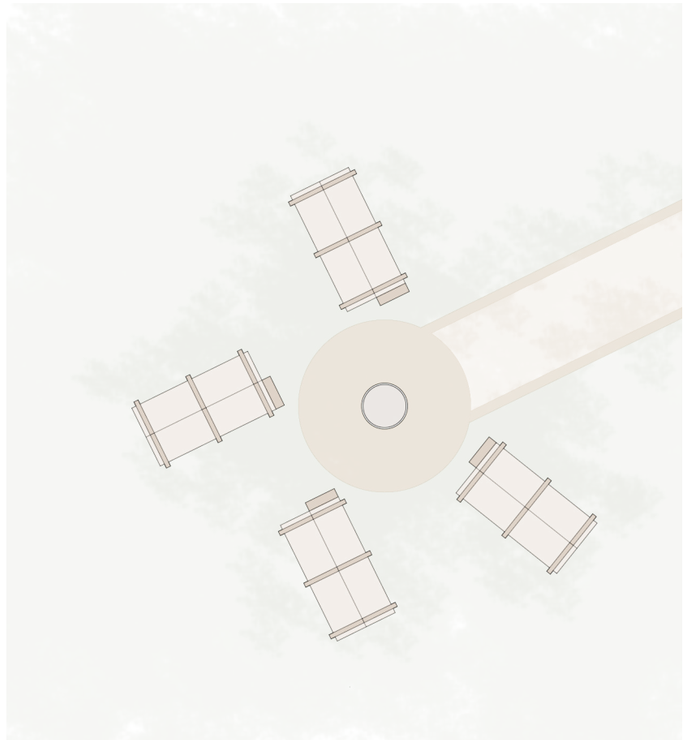
CORTE A



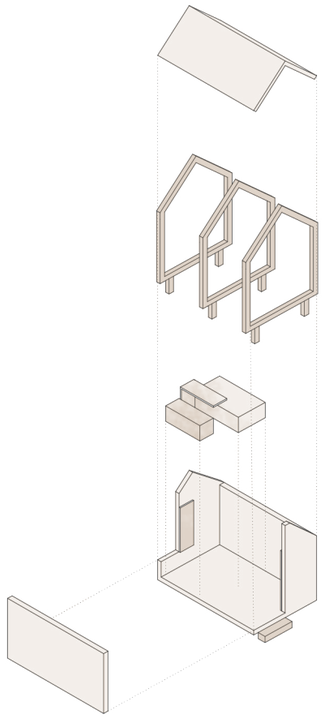




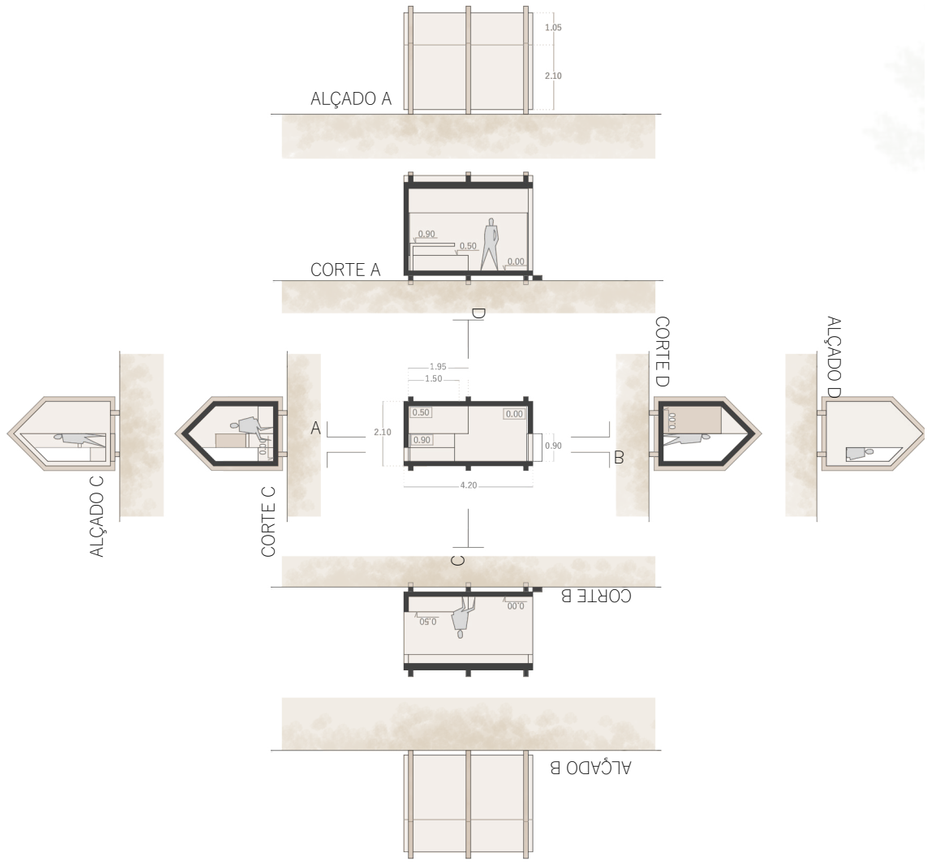
27 | Serra de Chipre: Cabanas | Planta, cortes e alçados articulados| Escala 1:200 | Desenho: autor



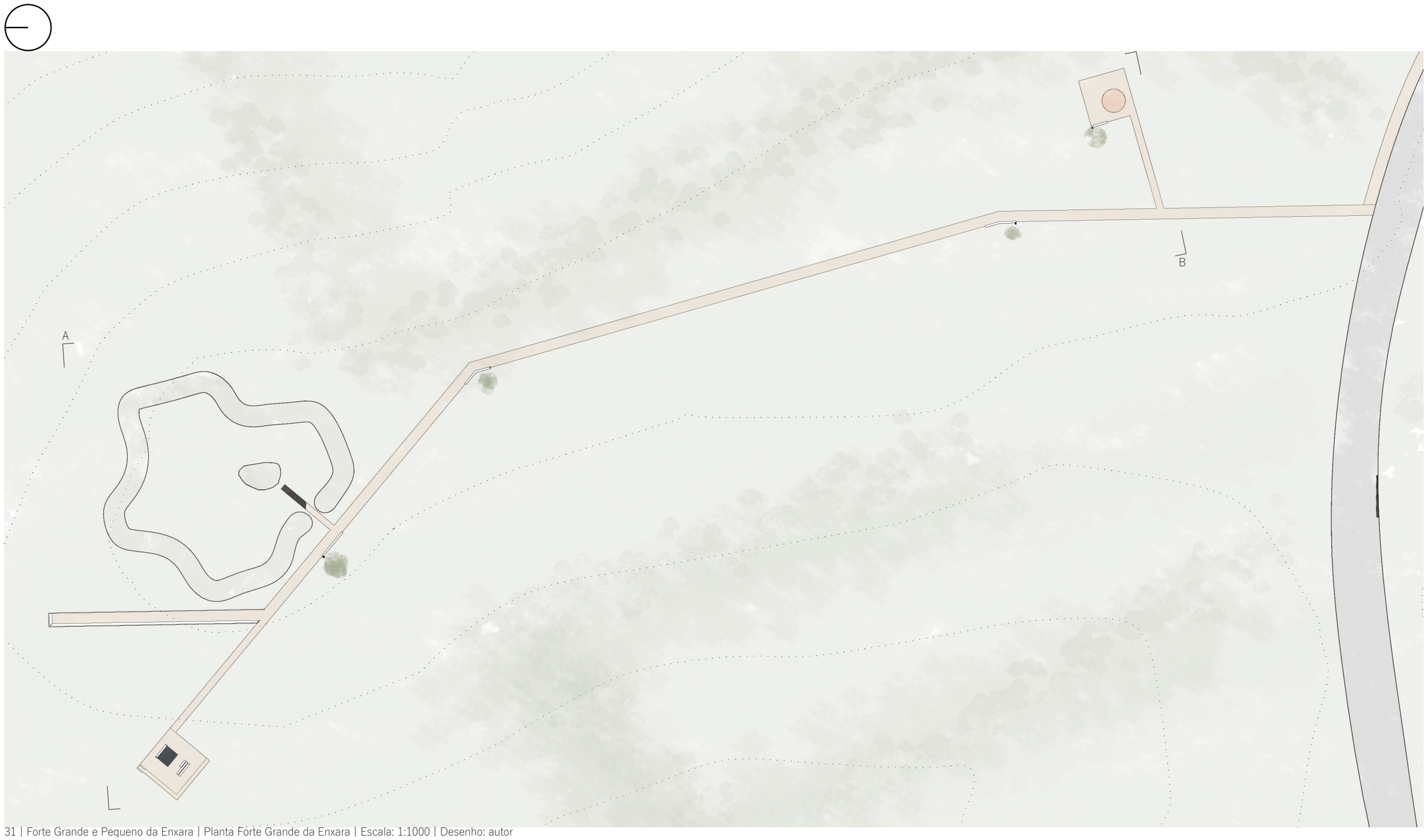
28 |Serra de Chipre: Abrigos | Planta Cobertura | Escala: 1:200 | Desenho autor



29 | Serra de Chipre: Abrigos | Axonometria | Escala: 1:200 | Desenho autor



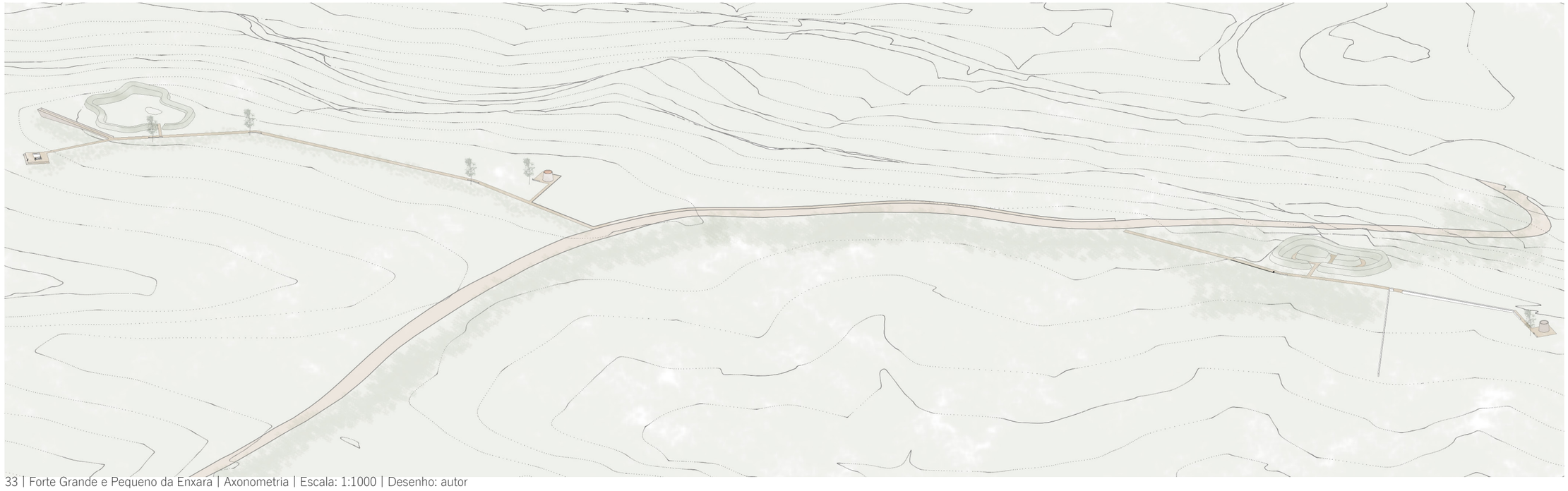
30 |Serra de Chipre: Abrigos | Planta, cortes e alçados articulados| Escala 1:200 | Desenho: autor



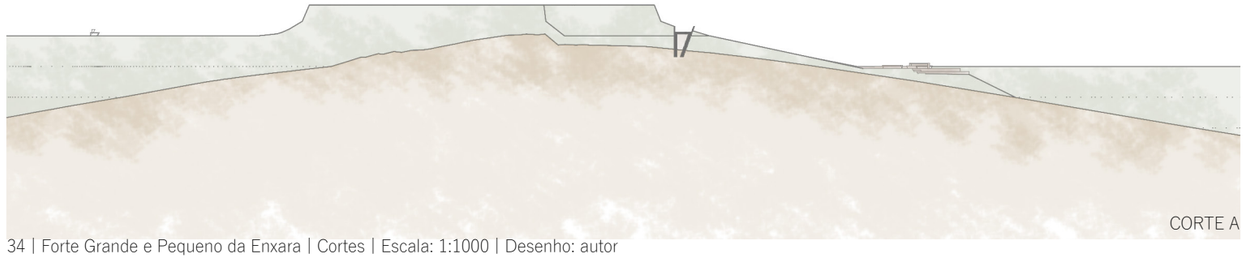
31 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | Planta Forte Grande da Enxara | Escala: 1:1000 | Desenho: autor

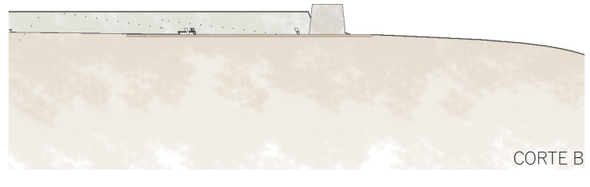


32 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | Planta Forte Pequeno da Enxara | Escala: 1:1000 | Desenho: autor

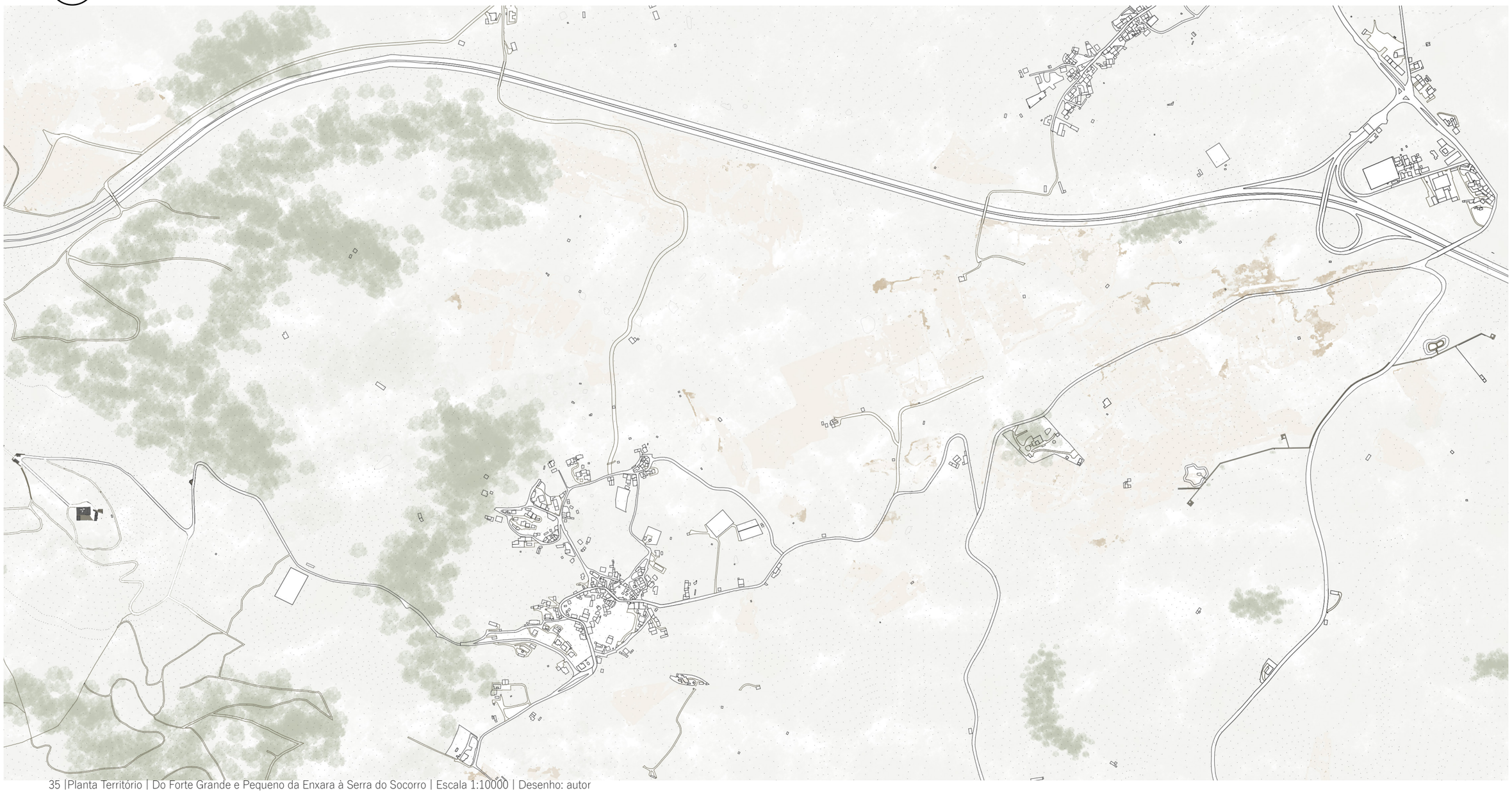


33 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | Axonometria | Escala: 1:1000 | Desenho: autor





34 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | Cortes | Escala: 1:1000 | Desenho: autor



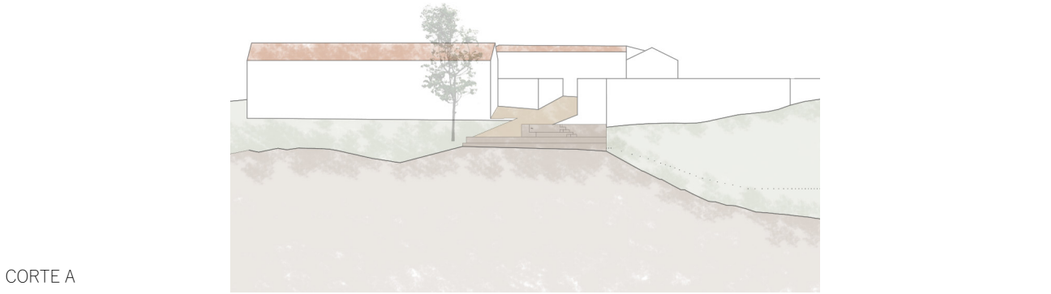
35 |Planta Território | Do Forte Grande e Pequeno da Enxara à Serra do Socorro | Escala 1:10000 | Desenho: autor



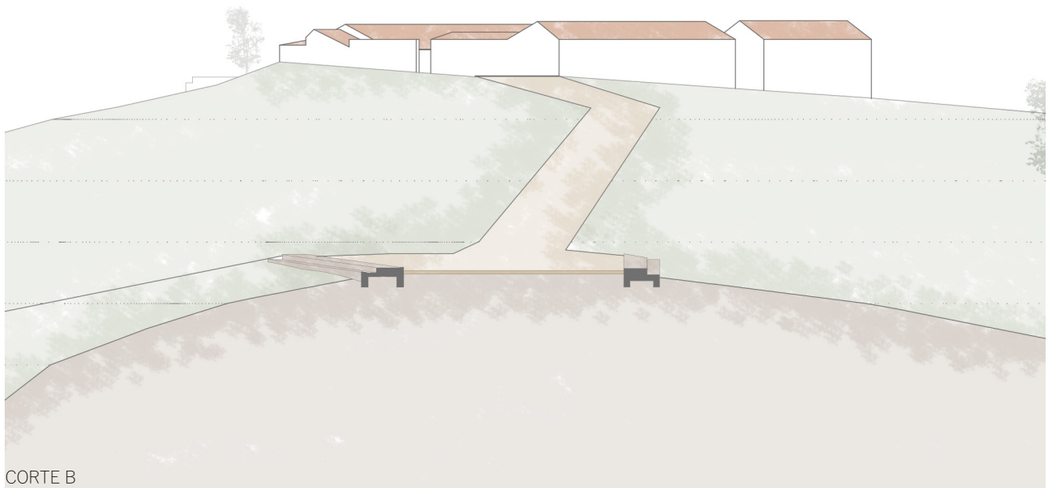
36 | Serra do Socorro | Planta Cobertura | Escala 1:1000 | Desenho: autor



37 | Serra do Socorro | Axonometria | Escala 1:1000 | Desenho: autor



CORTE A



CORTE B

38 | Serra do Socorro | Cortes | Escala 1:500 | Desenho: autor

ANEXO III | FOTOMONTAGENS

ÍNDICE

1 | Serra de Chipre | Entrada | Fotomontagem: autor

2 | Serra de Chipre | Chegada ao Topo | Fotomontagem: autor

3 | Serra de Chipre | A Capela | Fotomontagem: autor

4 |Serra de Chipre | O Tanque | Fotomontagem: autor

5 | Serra de Chipre | O Moinho | Fotomontagem: autor

6 | Serra de Chipre | A Cafetaria | Fotomontagem: autor

7 | Serra de Chipre | O Pátio da Cafetaria | Fotomontagem: autor

8 | Serra de Chipre | O Interior da Cafetaria | Fotomontagem: autor

9 | Serra de Chipre | O Muro e a Estrutura I| Fotomontagem: autor

10 | Serra de Chipre | O Muro e a Estrutura II| Fotomontagem: autor

11 | Serra de Chipre | As Cabanas junto ao Lago I | Fotomontagem: autor

12 | Serra de Chipre | As Cabanas junto ao Lago II | Fotomontagem: autor

13 | Serra de Chipre | O Interior das Cabanas I | Fotomontagem: autor

14 | Serra de Chipre | O Interior das Cabanas II | Fotomontagem: autor

15 | Serra de Chipre | O Interior das Cabanas III | Fotomontagem: autor

16 | Serra de Chipre | Os abrigos | Fotomontagem: autor

17 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | O Moinho | Fotomontagem: autor

18 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | Banco no Caminho | Fotomontagem: autor

19 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | Plataforma de Pausa | Fotomontagem: autor

20 | Serra do Socorro | O Miradouro | Fotomontagem: autor



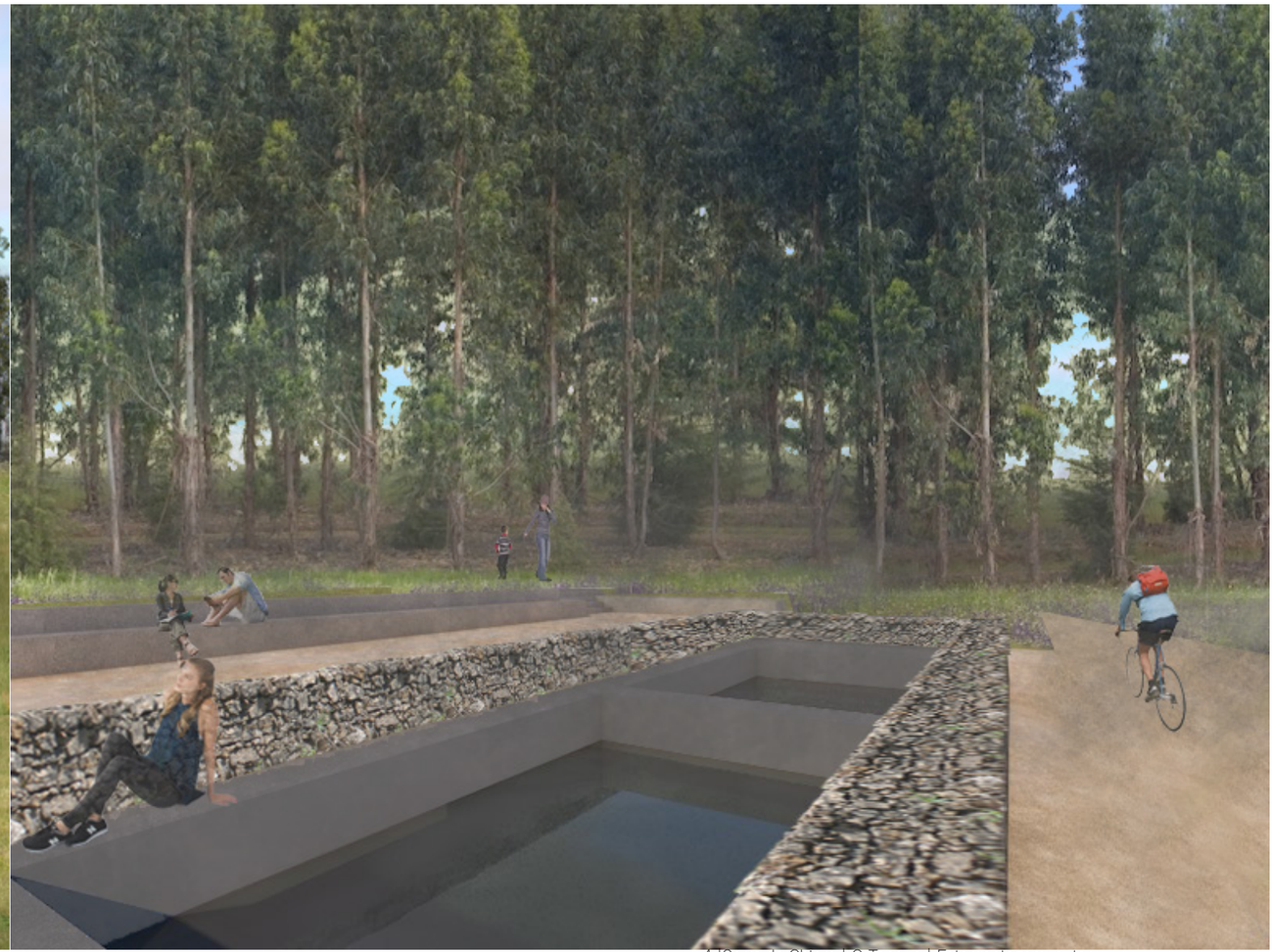
1 | Serra de Chipre | Entrada | Fotomontagem: autor



2 | Serra de Chipre | Chegada ao Topo | Fotomontagem: autor



3 | Serra de Chipre | A Capela | Fotomontagem: autor



4 |Serra de Chipre | O Tanque | Fotomontagem: autor



5 | Serra de Chipre | O Moinho | Fotomontagem: autor



6 |Serra de Chipre | A Cafetaria | Fotomontagem: autor



7 | Serra de Chipre | O Pátio da Cafetaria | Fotomontagem: autor



8 | Serra de Chipre | O Interior da Cafetaria | Fotomontagem: autor



9 | Serra de Chipre | O Muro e a Estrutura II| Fotomontagem: autor



10 | Serra de Chipre | O Muro e a Estrutura III| Fotomontagem: autor



11 | Serra de Chipre | As Cabanas junto ao Lago I | Fotomontagem: autor



12 | Serra de Chipre | As Cabanas junto ao Lago II | Fotomontagem: autor



13 | Serra de Chipre | O Interior das Cabanas I | Fotomontagem: autor



14 | Serra de Chipre | O Interior das Cabanas II | Fotomontagem: autor



15 | Serra de Chipre | O Interior das Cabanas III | Fotomontagem: autor



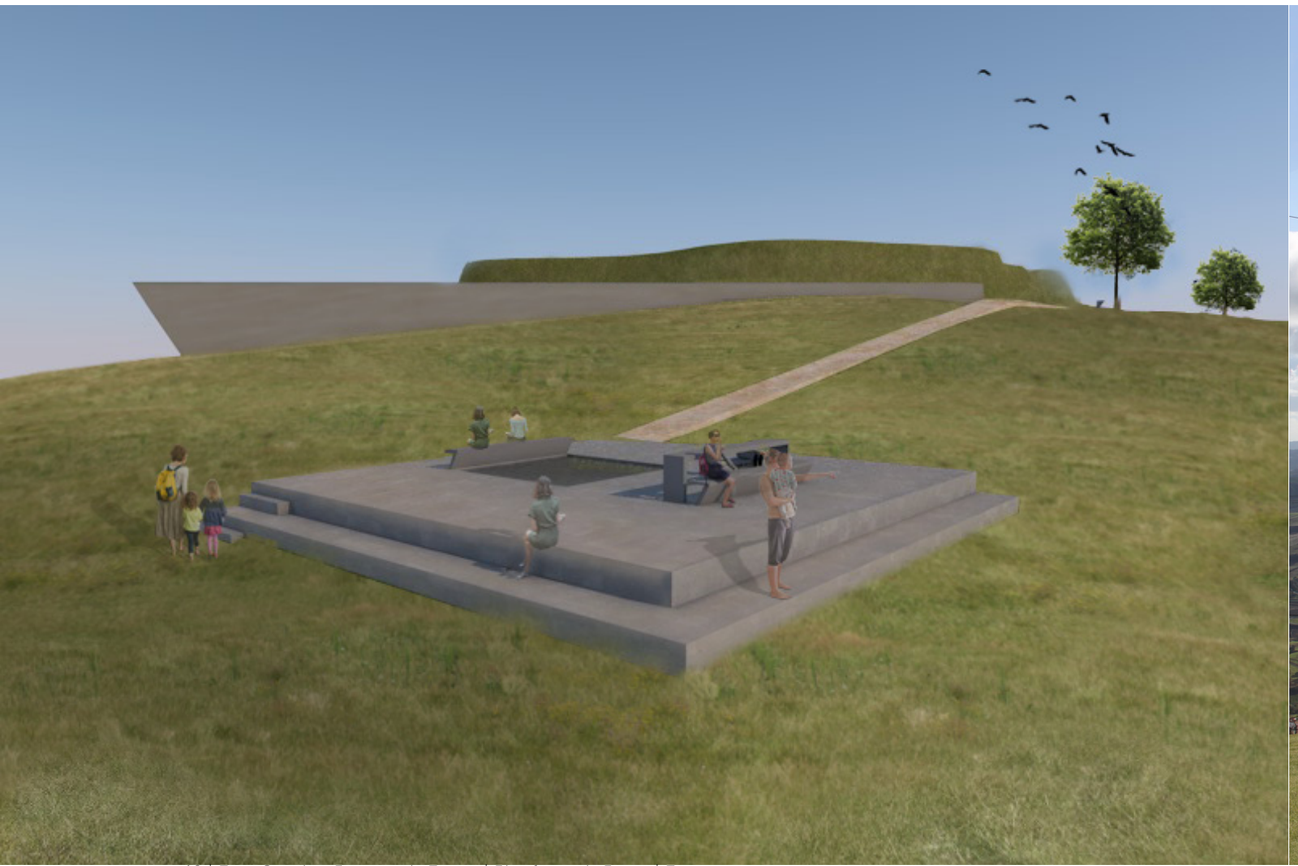
16 | Serra de Chipre | Os abrigos | Fotomontagem: autor



17 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | O Moinho | Fotomontagem: autor



18 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | Banco no Caminho | Fotomontagem: autor



19 | Forte Grande e Pequeno da Enxara | Plataforma de Pausa | Fotomontagem: autor



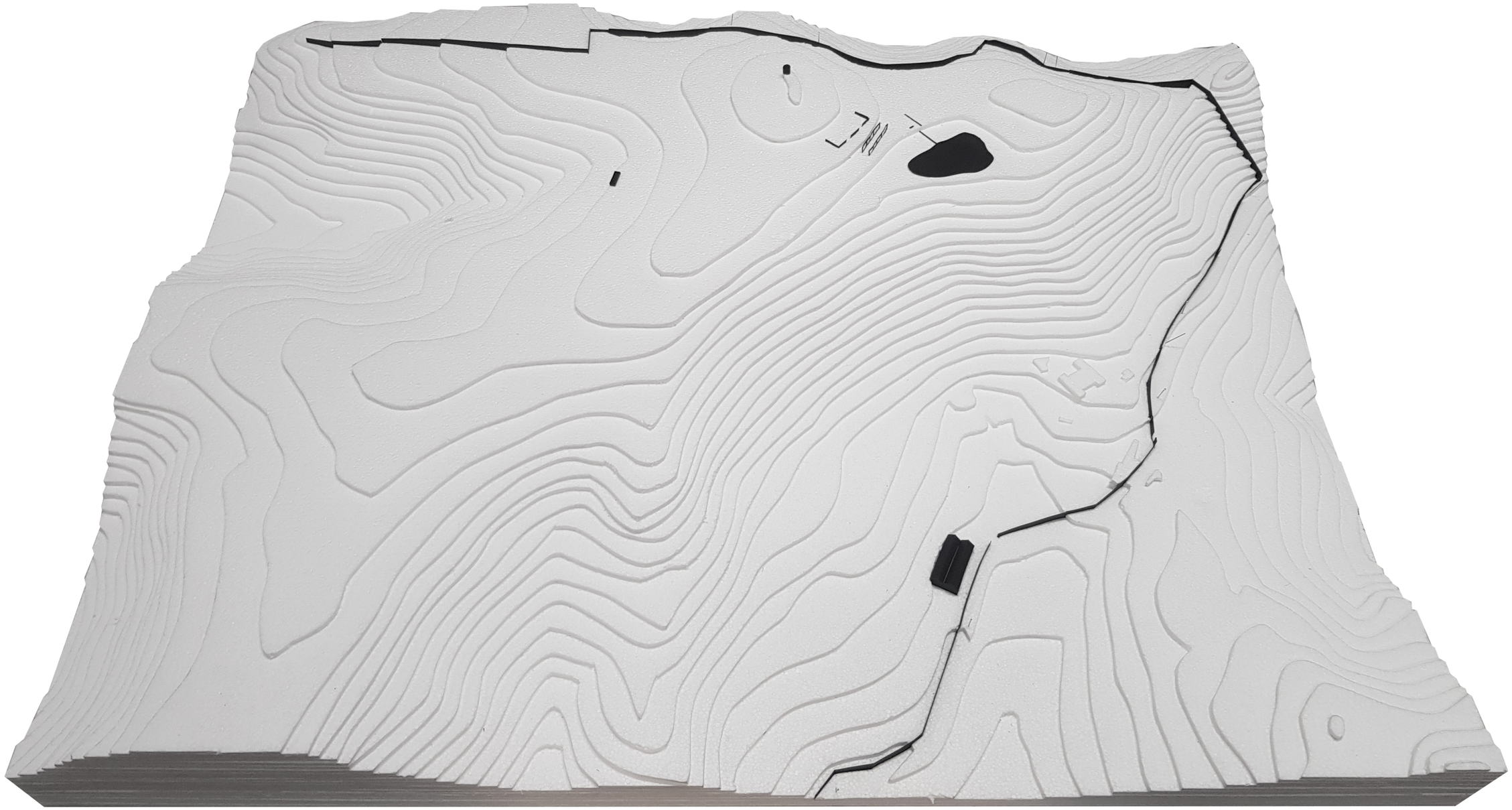
20 | Serra do Socorro | O Miradouro | Fotomontagem: autor

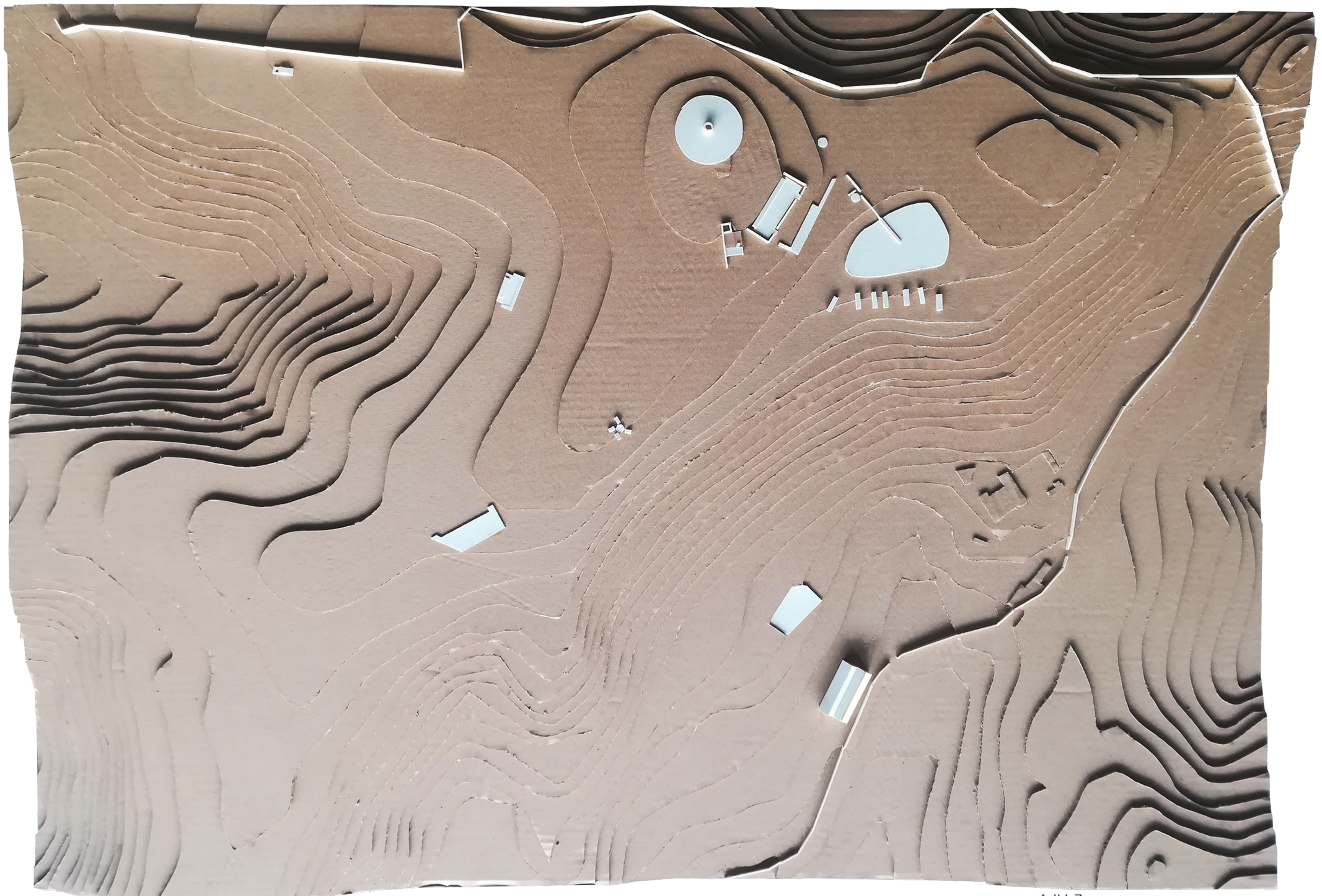
ANEXO IV | PROCESSO DE TRABALHO

ÍNDICE

1 | MAQUETE TERRITORIAL SERRA DE CHIPRE, 1:1000
2 | MAQUETE DA CABANA DA SERRA DE CHIPRE, 1:50
3 | ESQUIÇOS E DESENHOS DE TRABALHO
4 | PAINEIS DE APRESENTAÇÃO EXAME DE PROJETO
5 | IMAGENS DIGITAIS DE TRABALHO

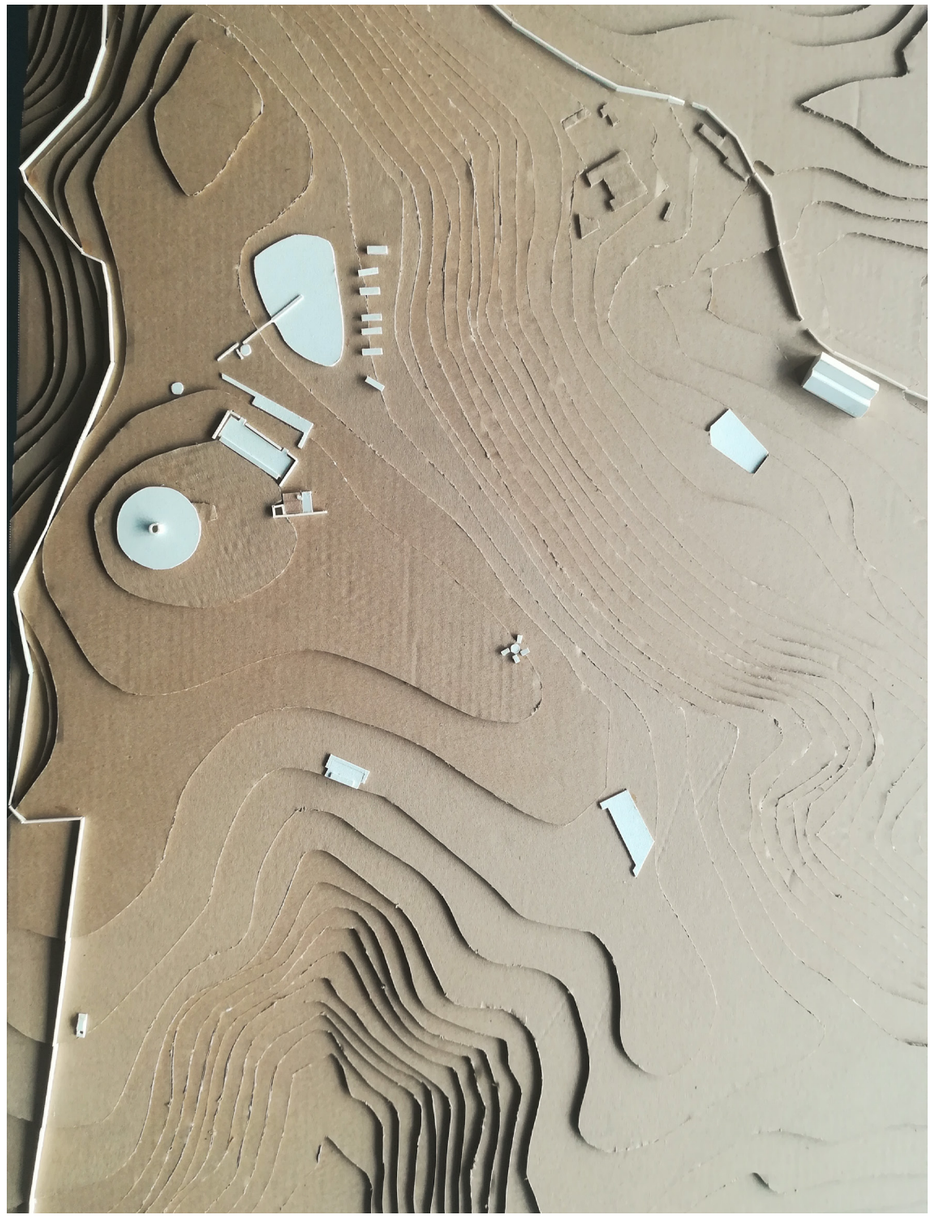
1 | MAQUETE TERRITORIAL SERRA DE CHIPRE, 1:1000 |



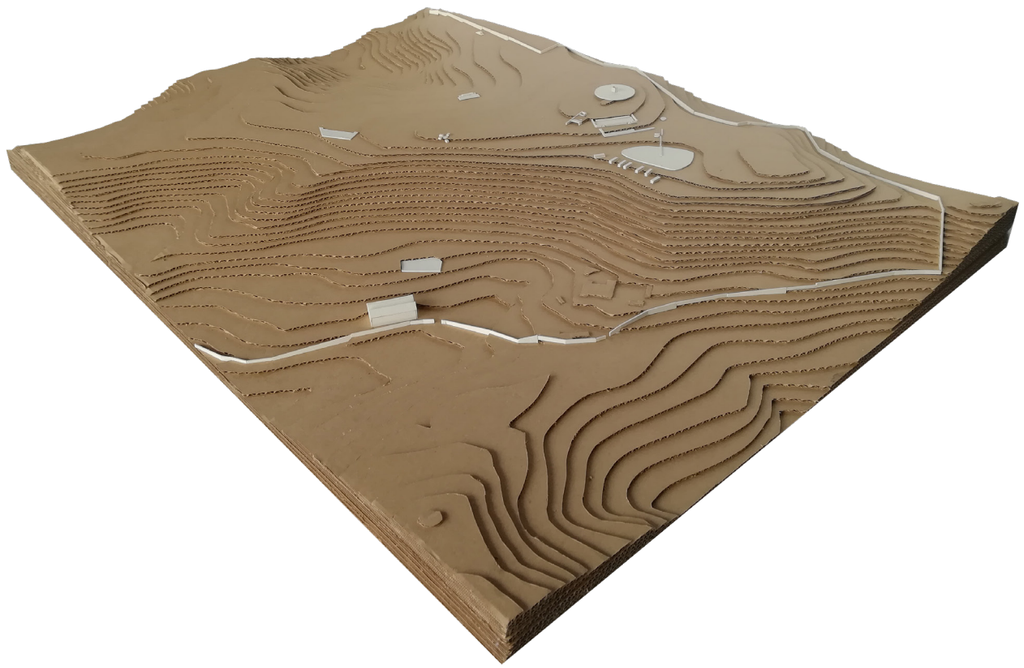




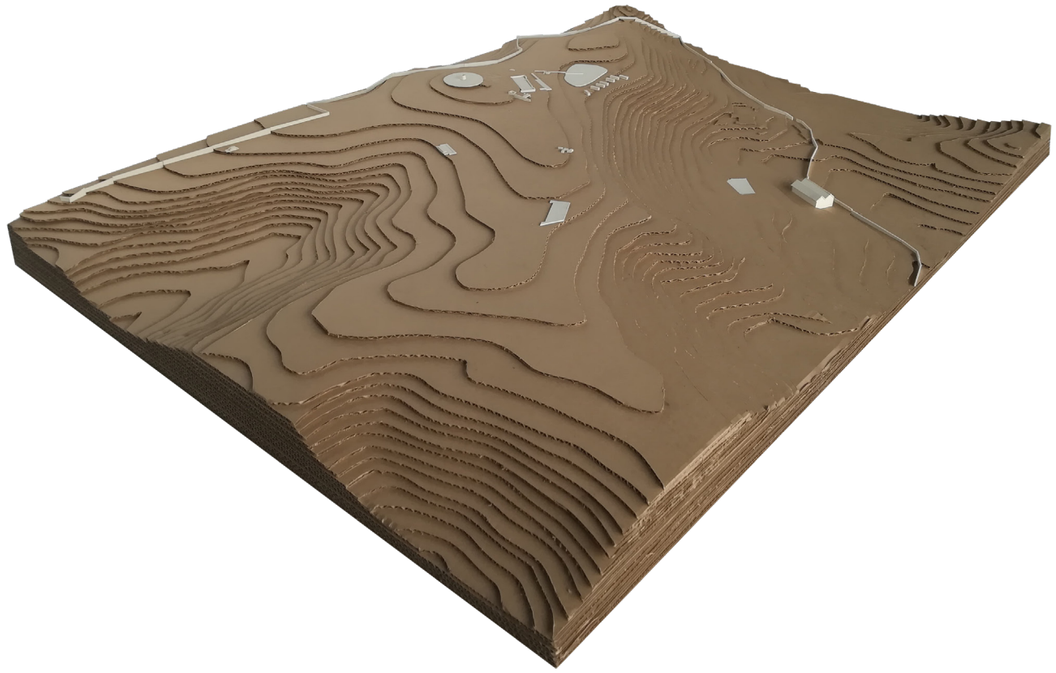
A.IV-8



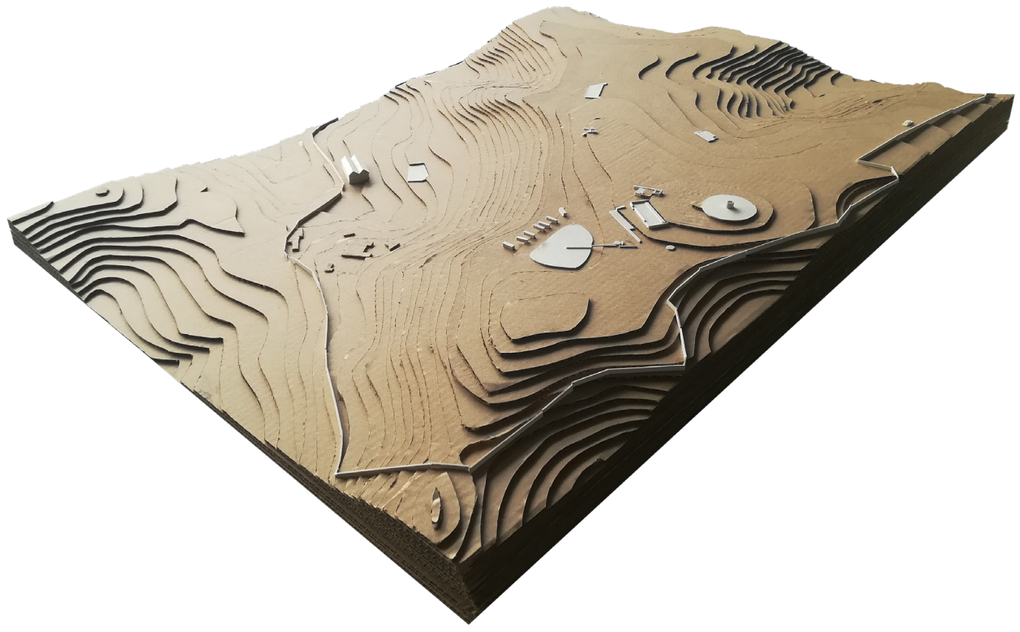
A.IV-9



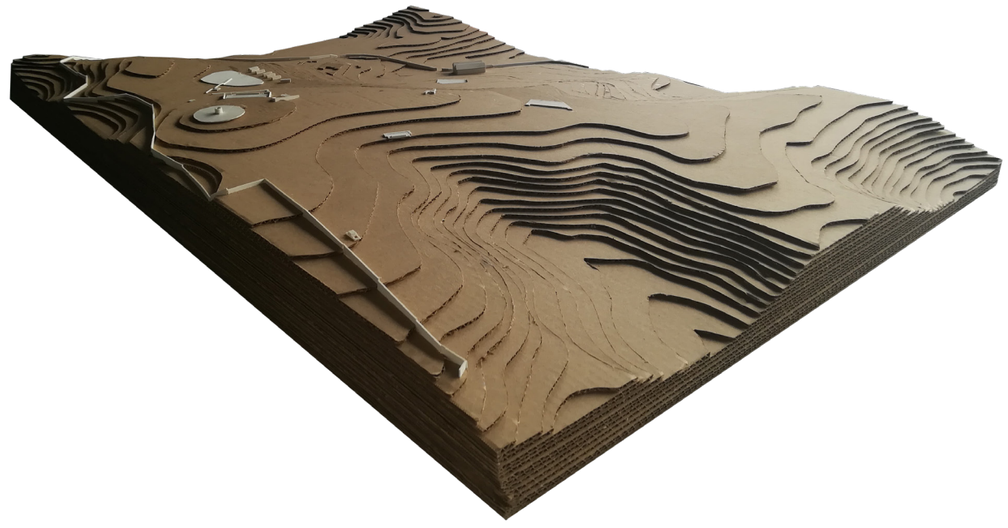
A.IV-10



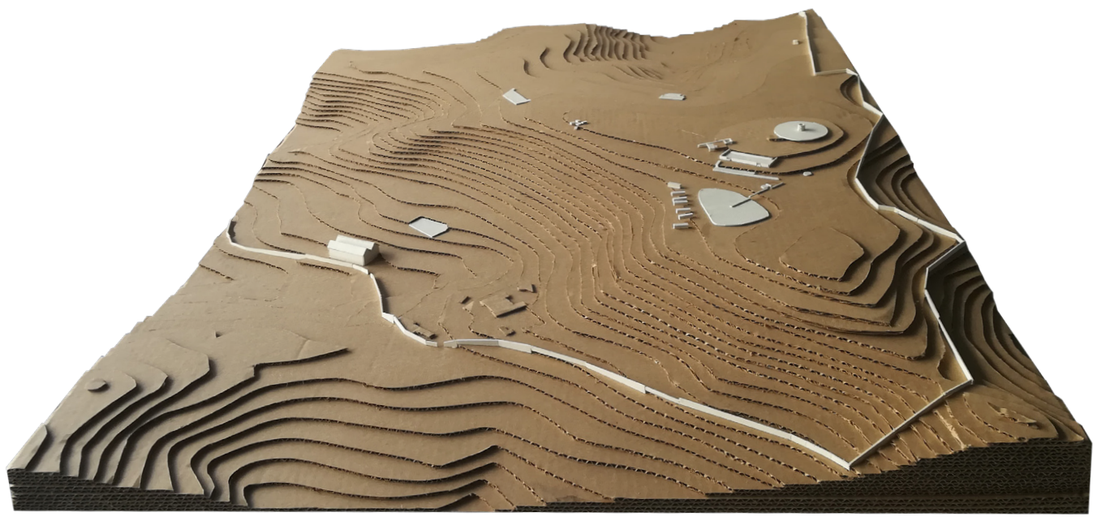
A.IV-11



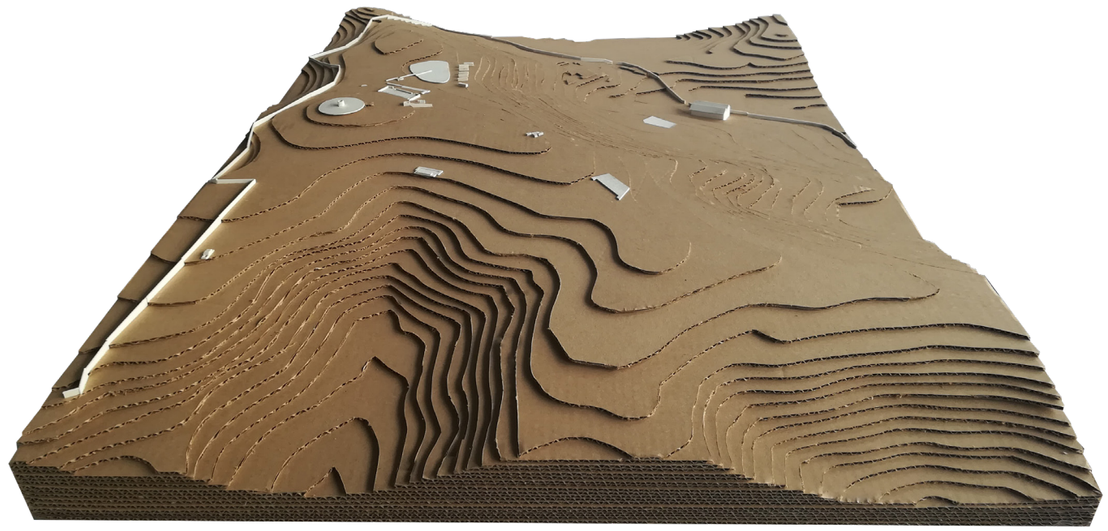
A.IV-12



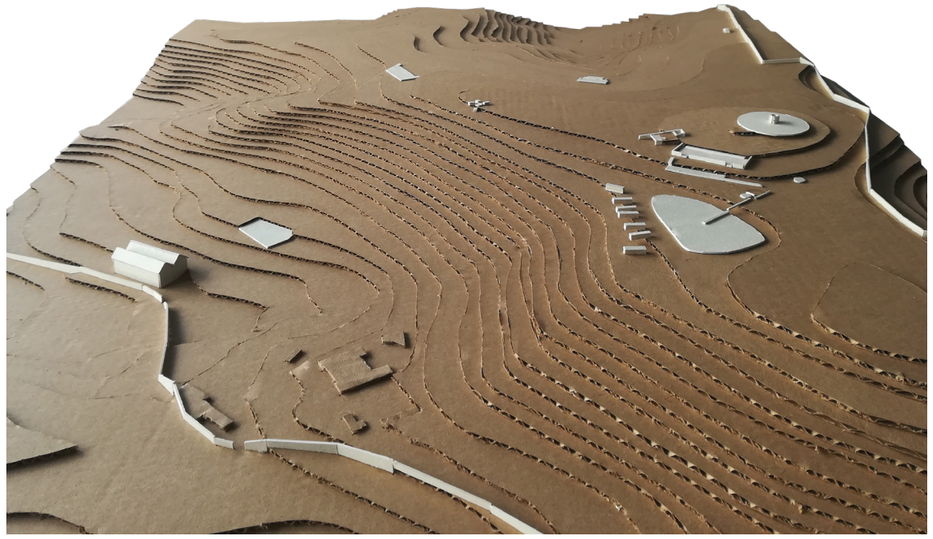
A.IV-13



A.IV-14



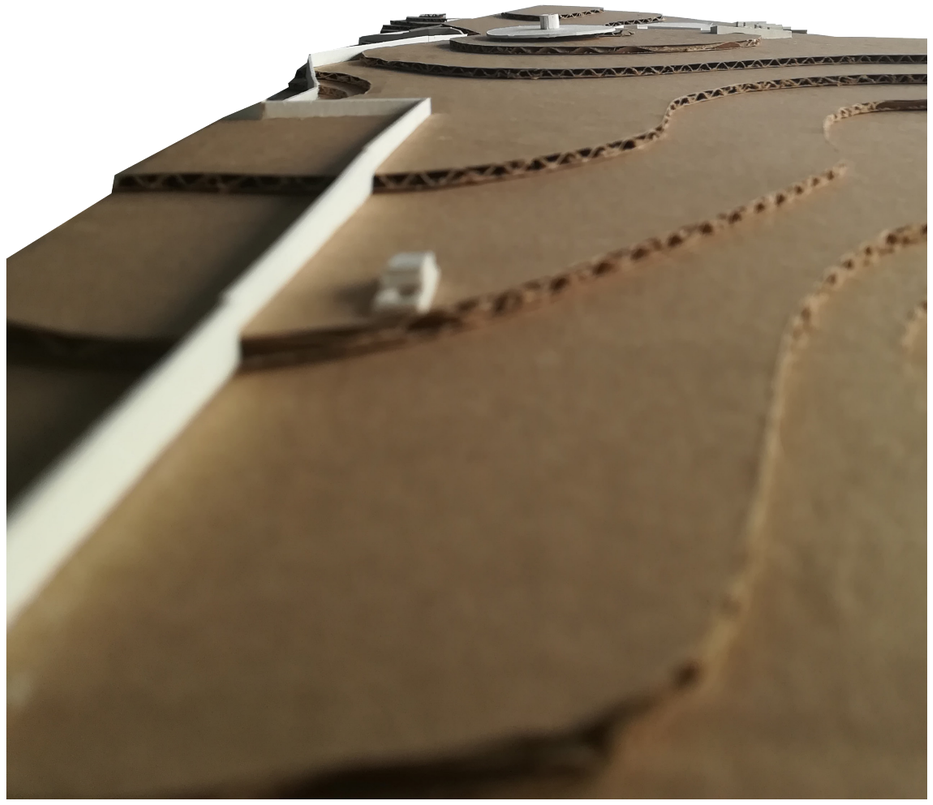
A.IV-15



A.IV-16



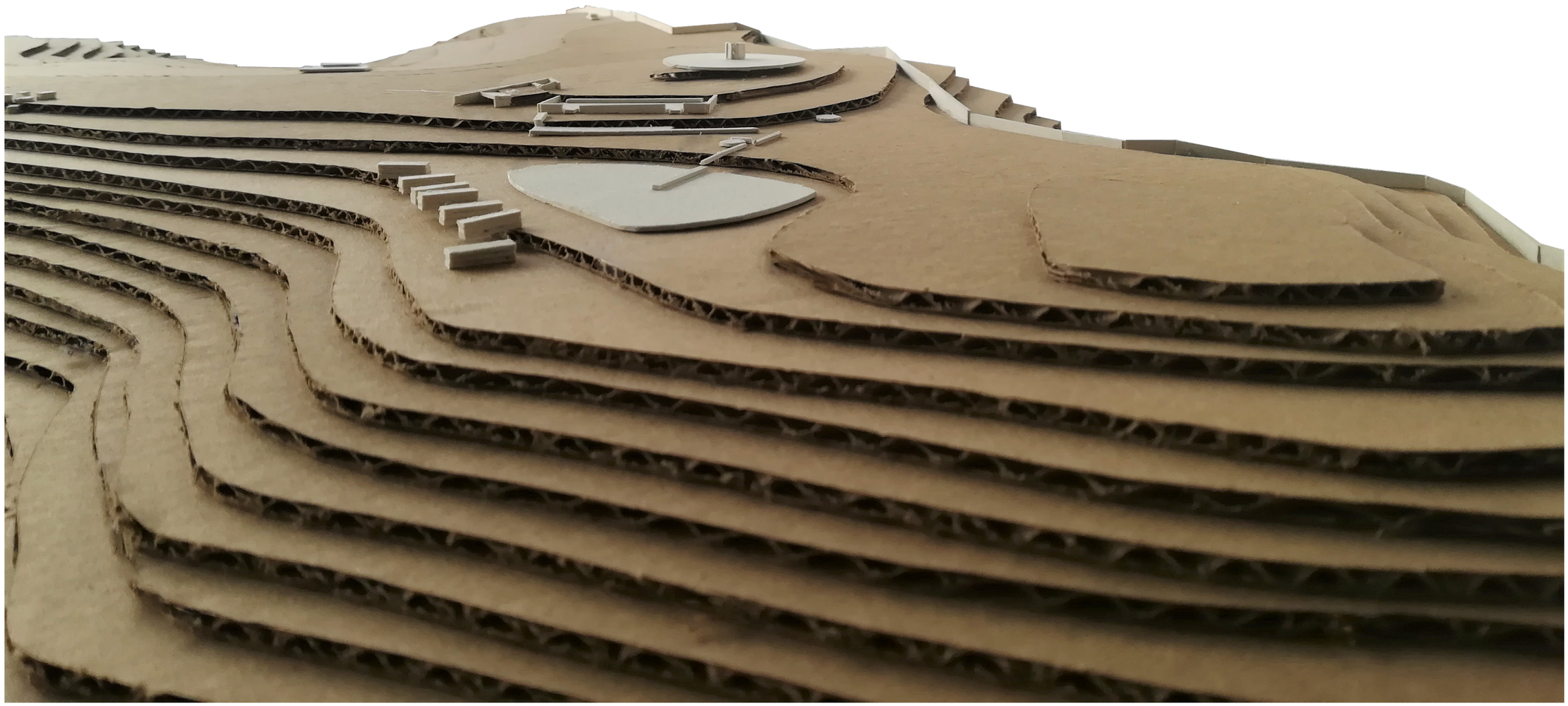
A.IV-17

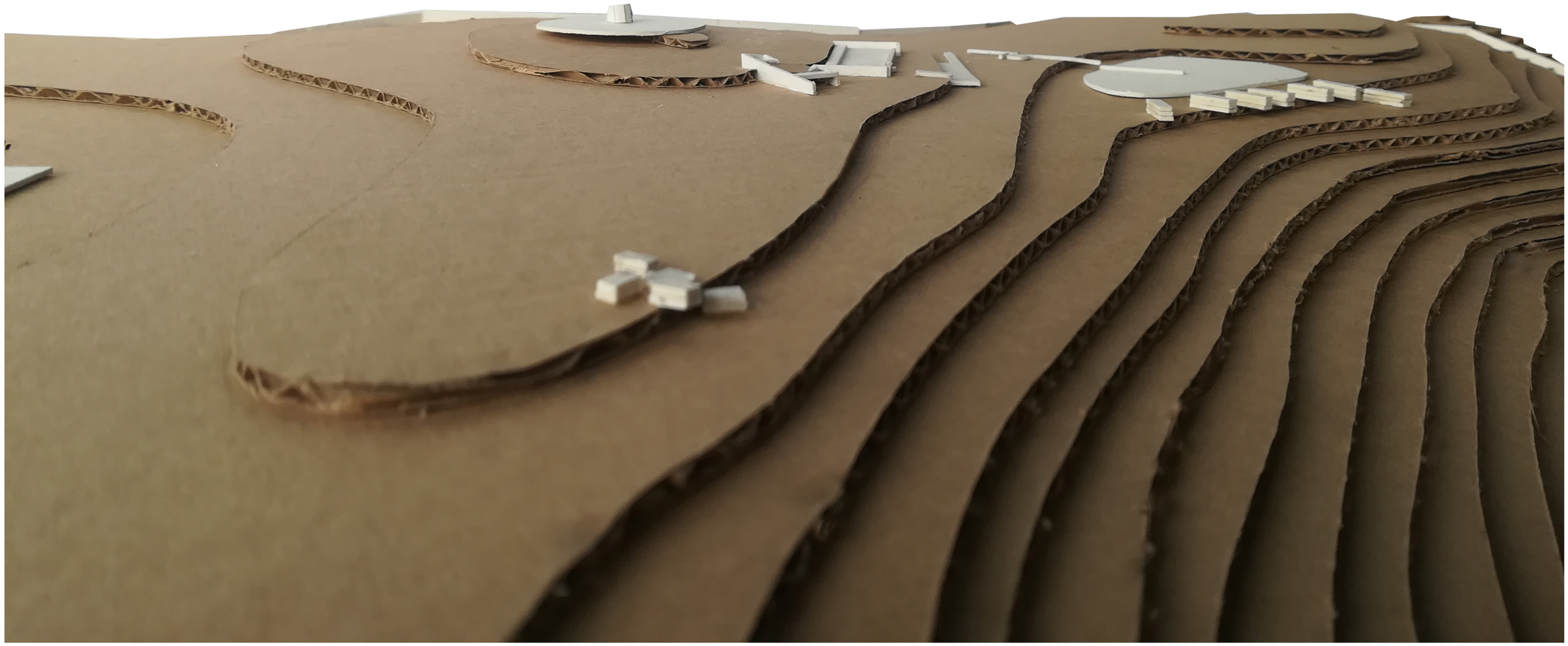


A.IV-18



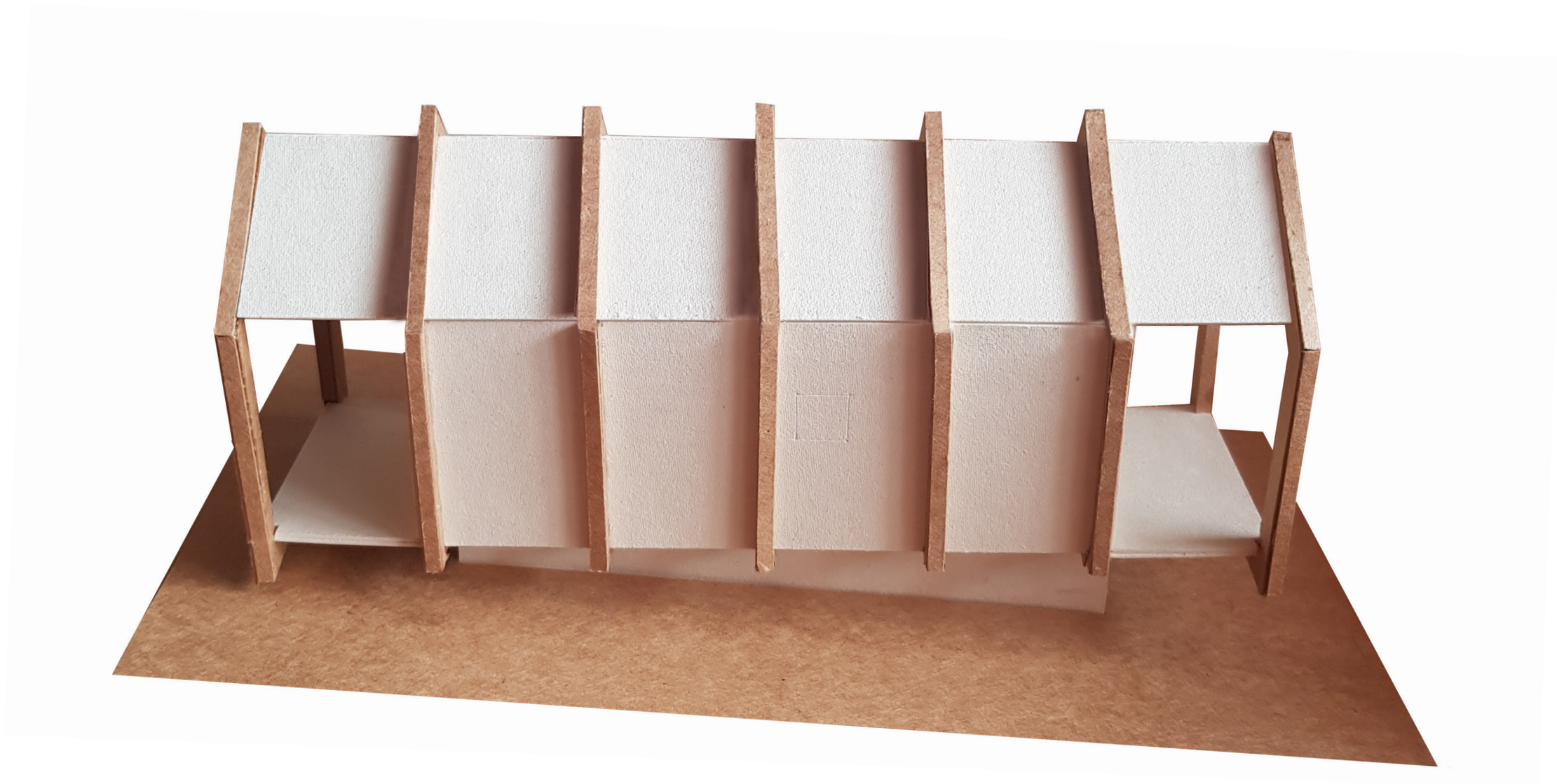
A.IV-19

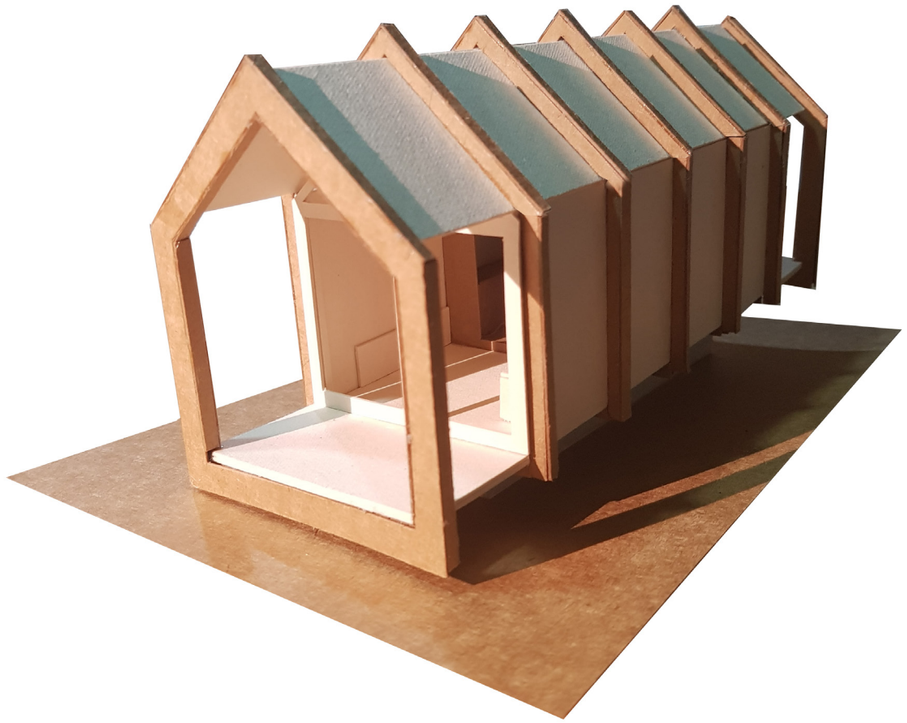






2 | MAQUETE DA CABANA NA SERRA DE CHIPRE, 1:50 |





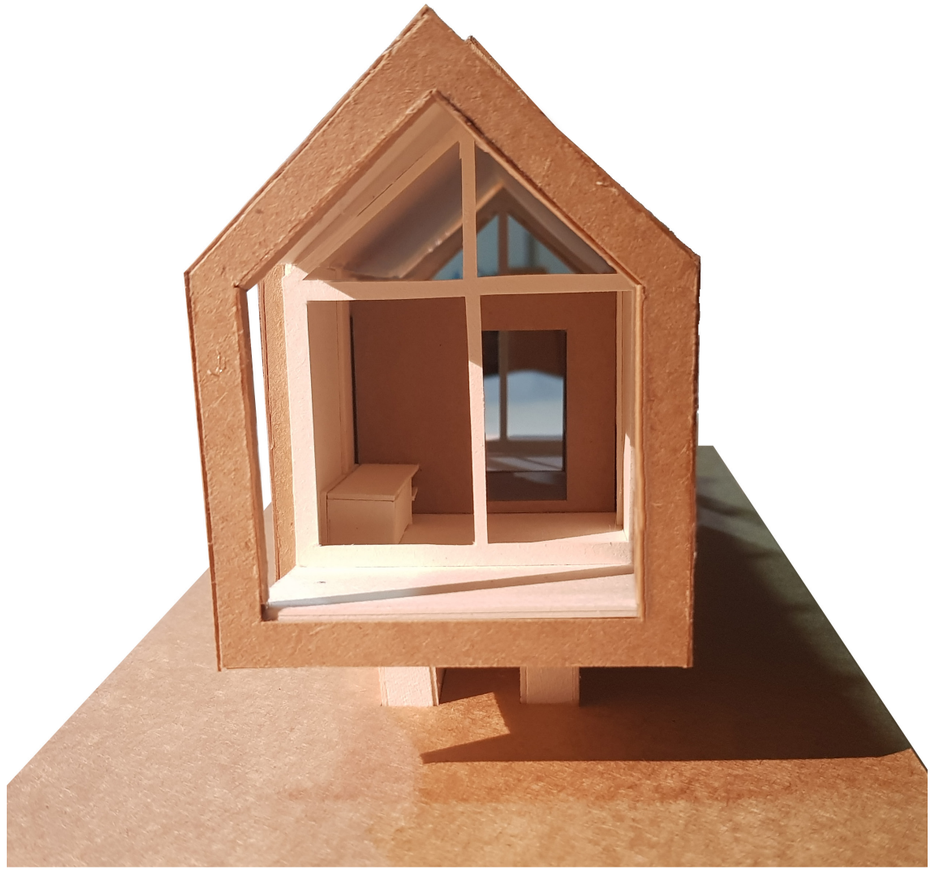
A.IV-30



A.IV-31



A.IV-32



A.IV-33



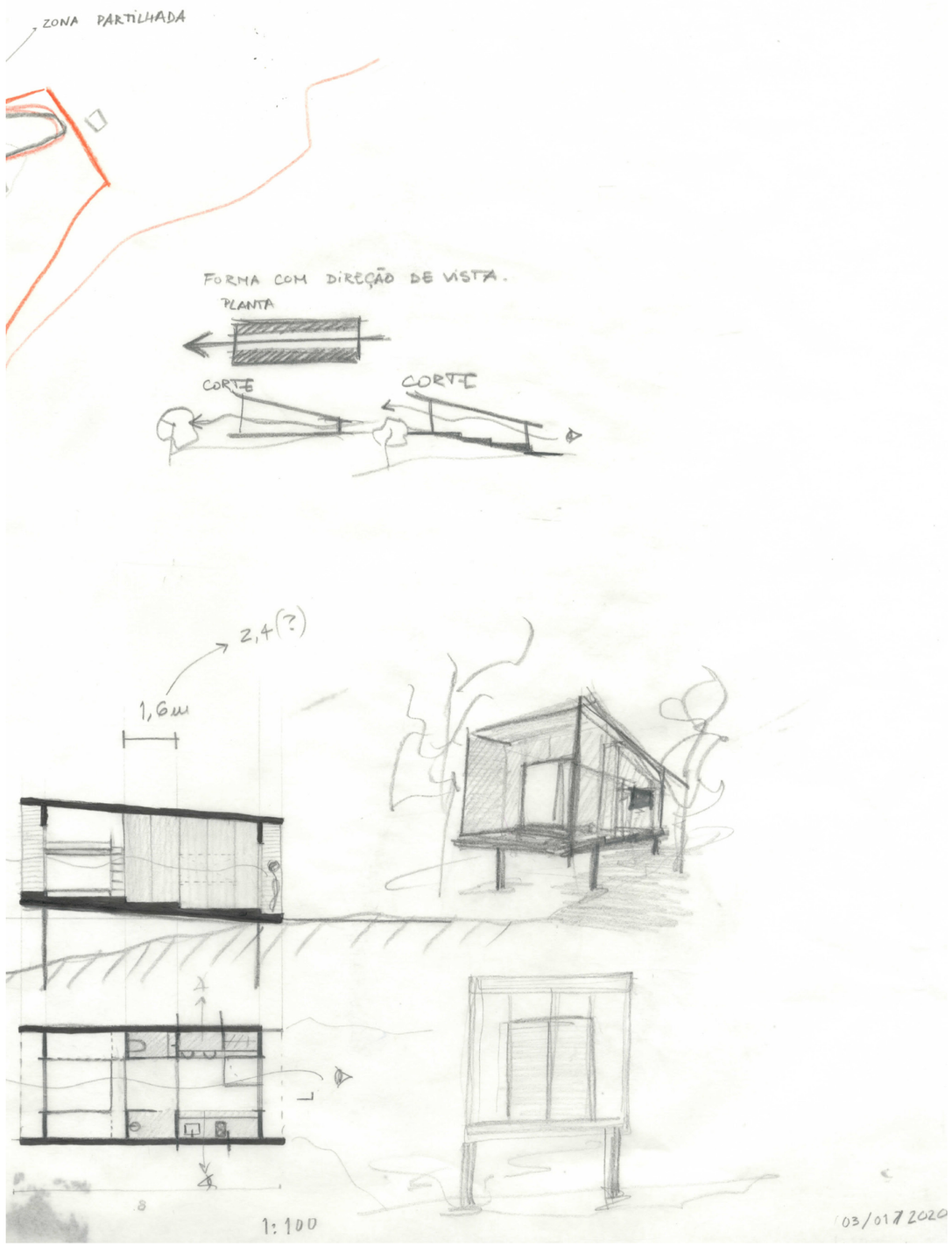
A.IV-34



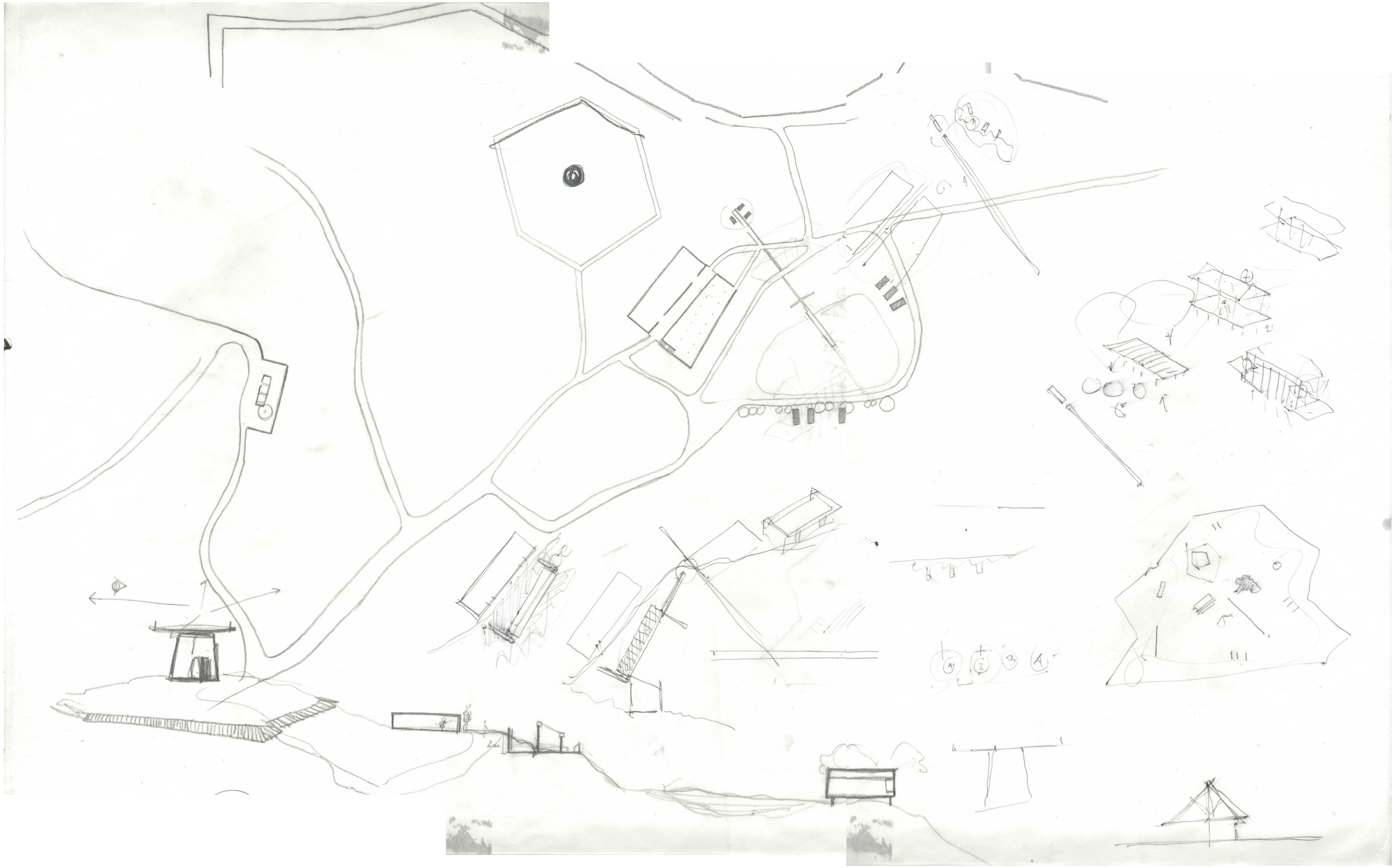
A.IV-35


MAR
MADEIRA
1:1000

A.IV-38

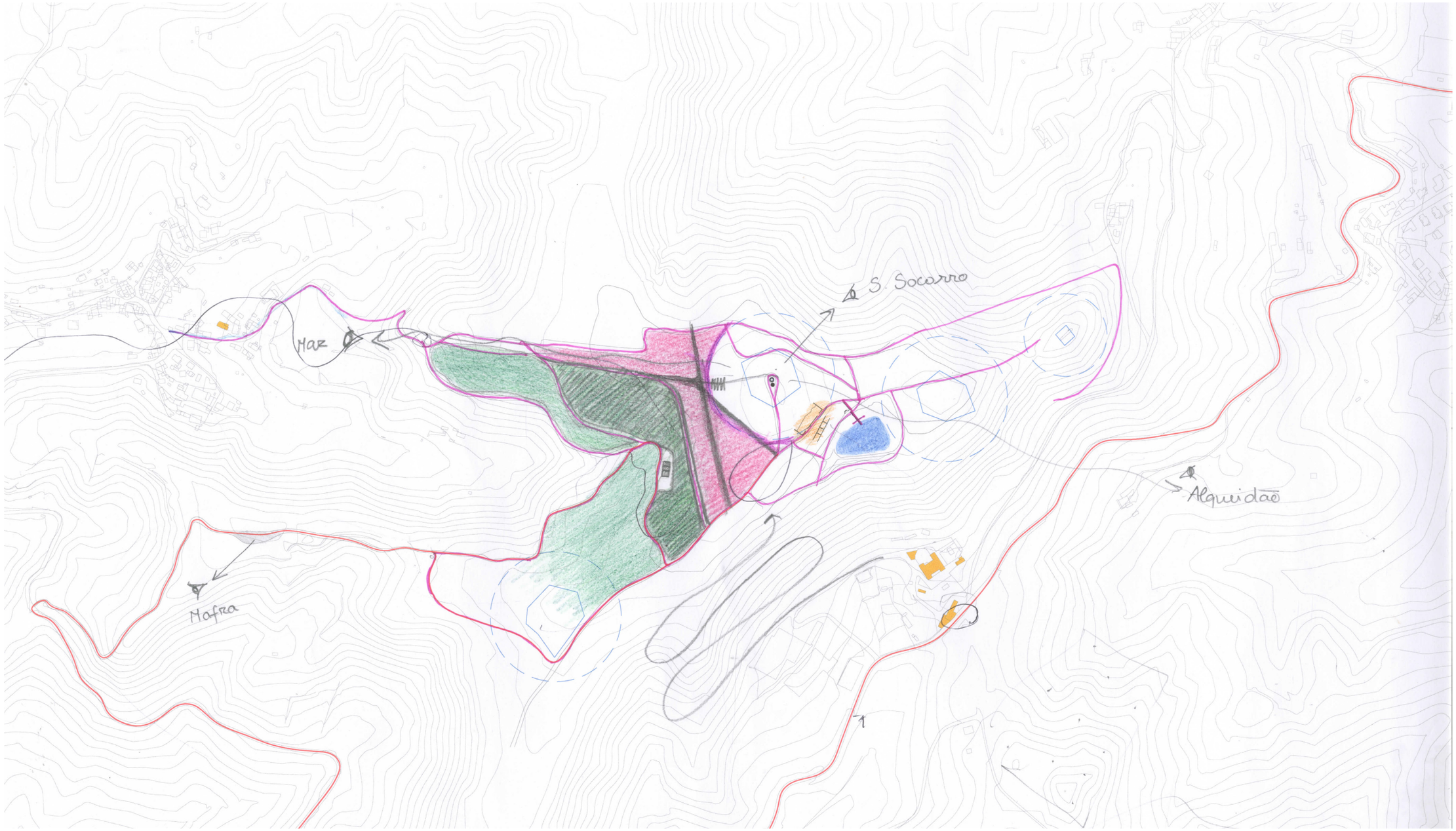

ZONA PARTILHADA
FORMA COM DIREÇÃO DE VISTA.
PLANTA
CORTE
CORTE
2,4(?)
1,6m
1:100
03/01/2020

A.IV-39



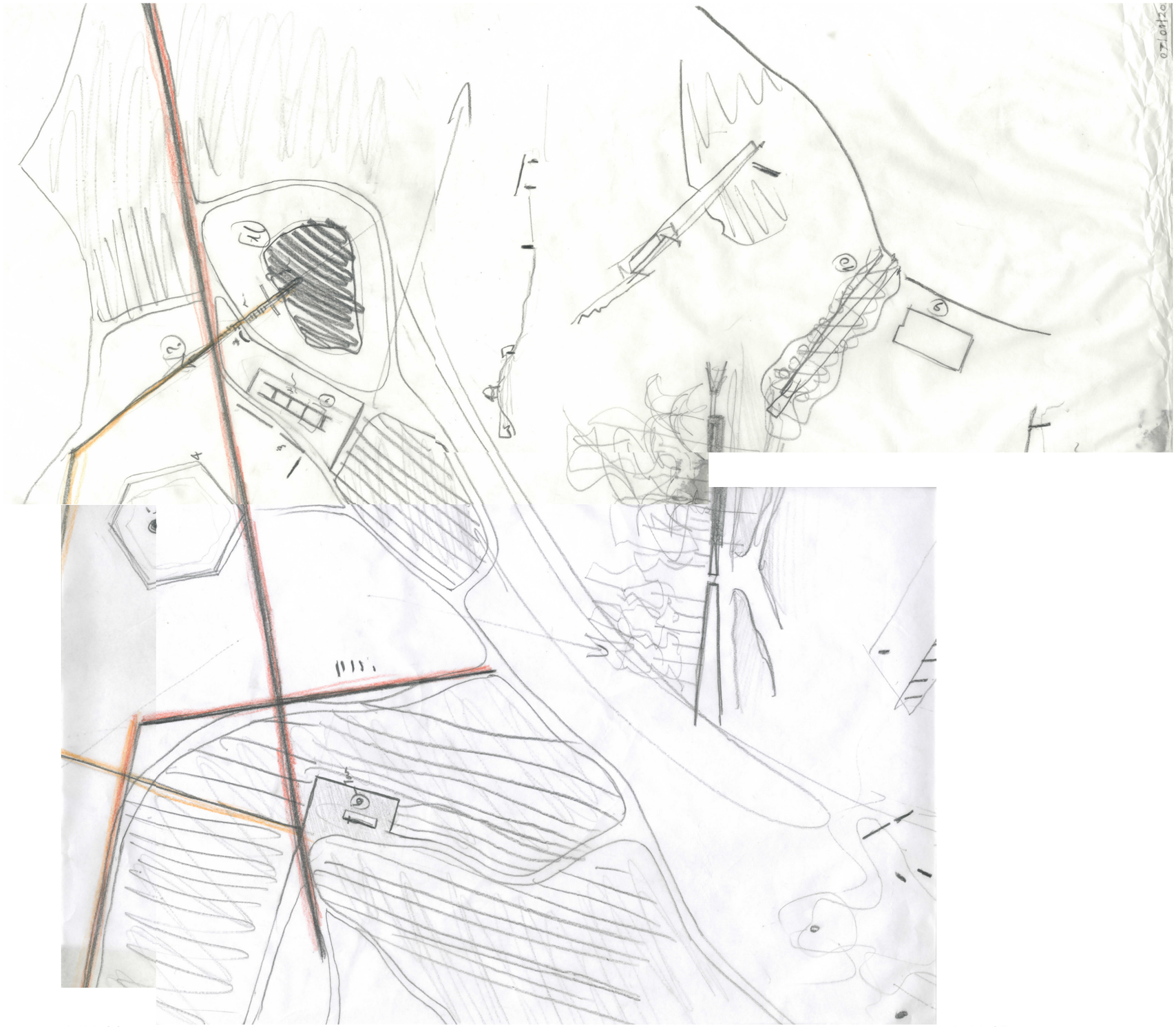
A.IV-40

A.IV-41



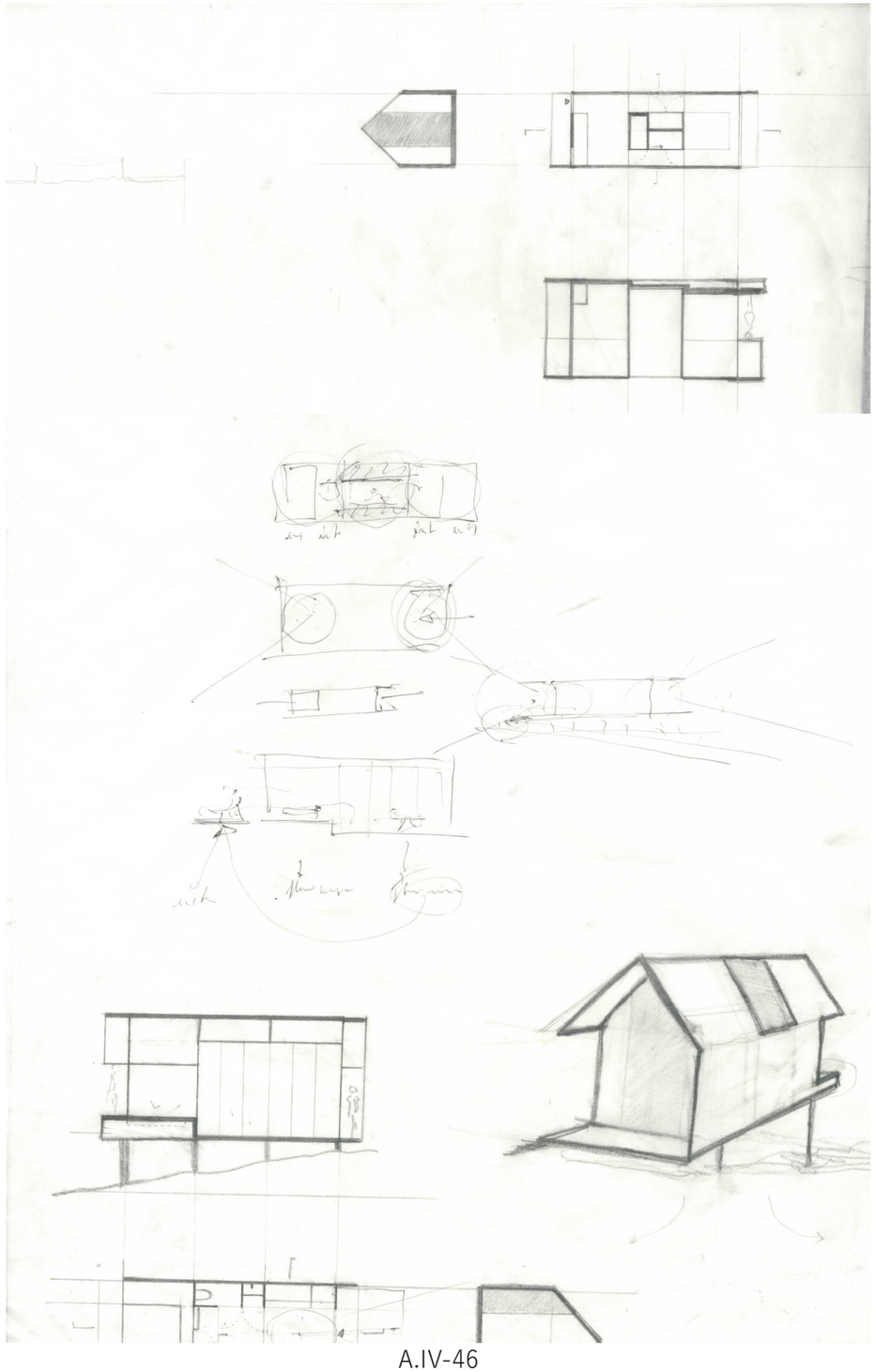
A.IV-42

A.IV-43

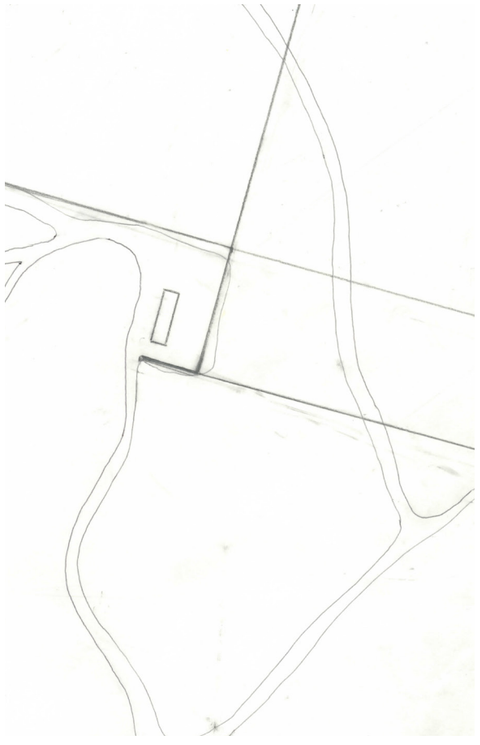


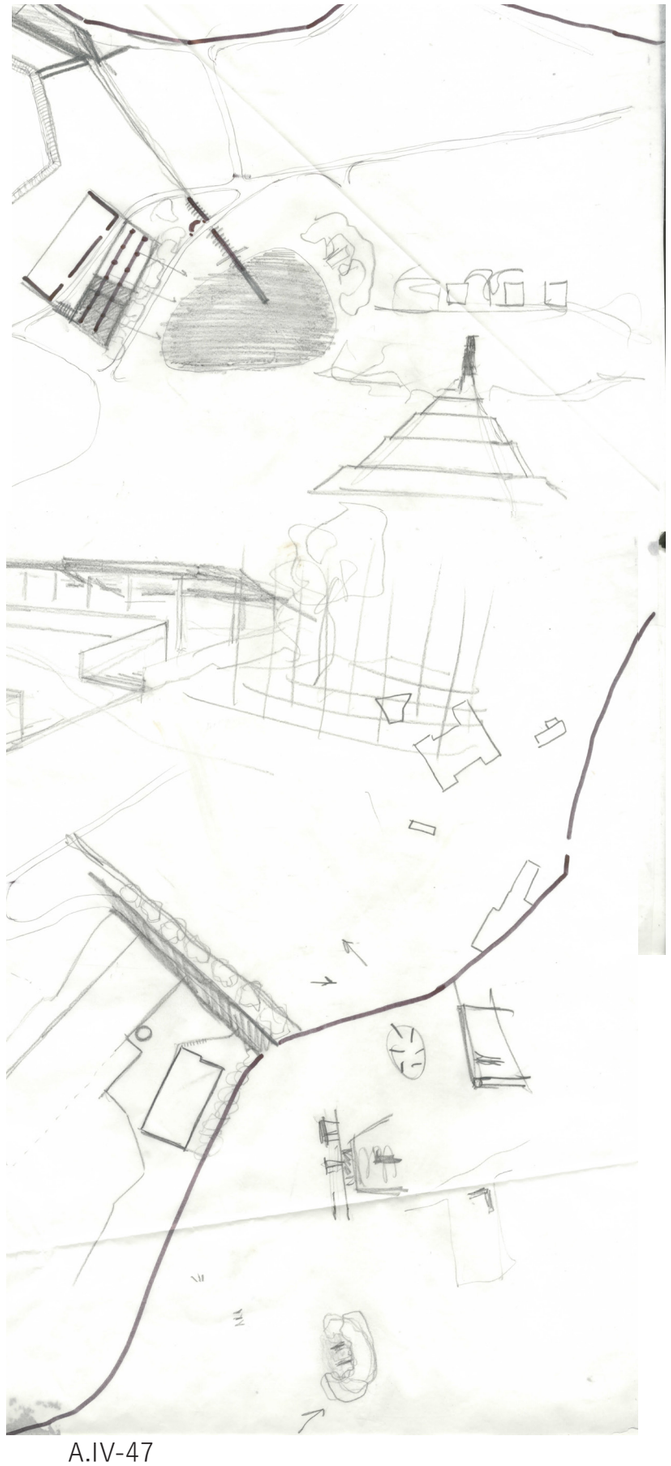
A.IV-44

A.IV-45



A.IV-46





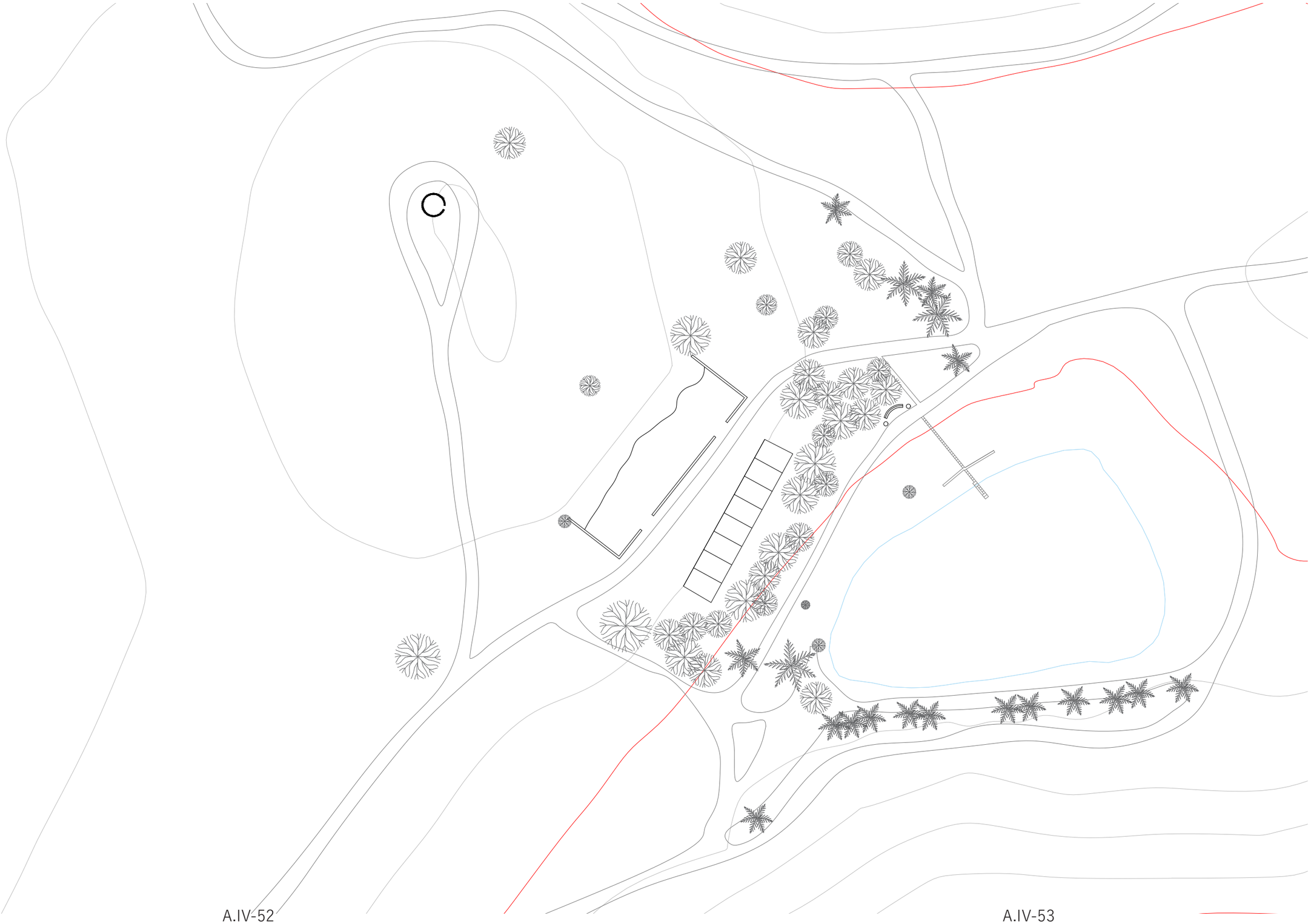
A.IV-47



A.IV-48

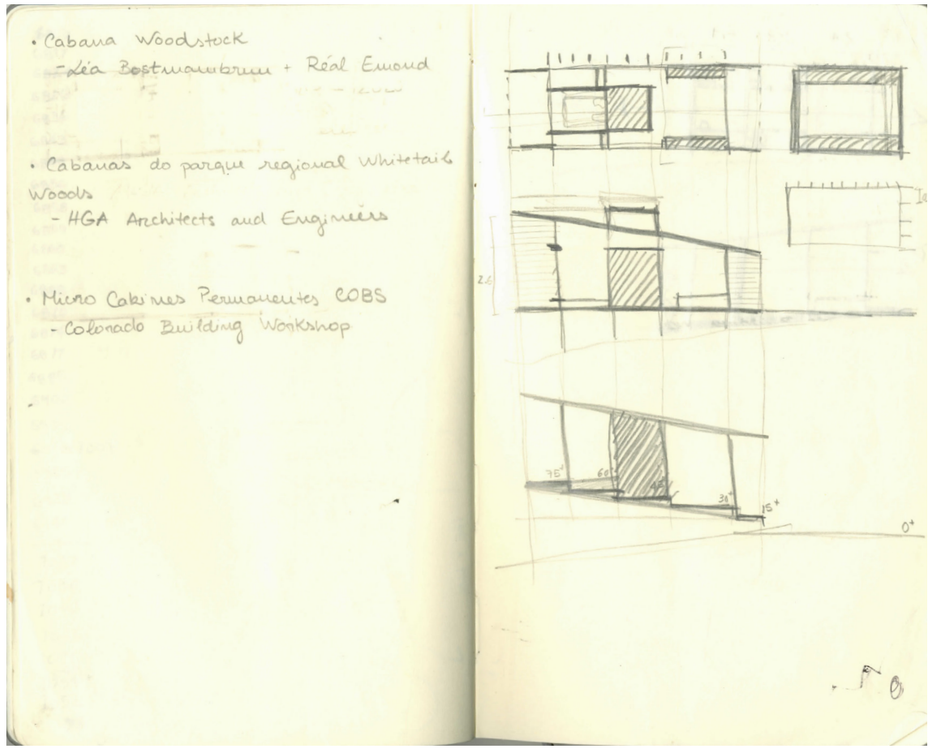
A.IV-49

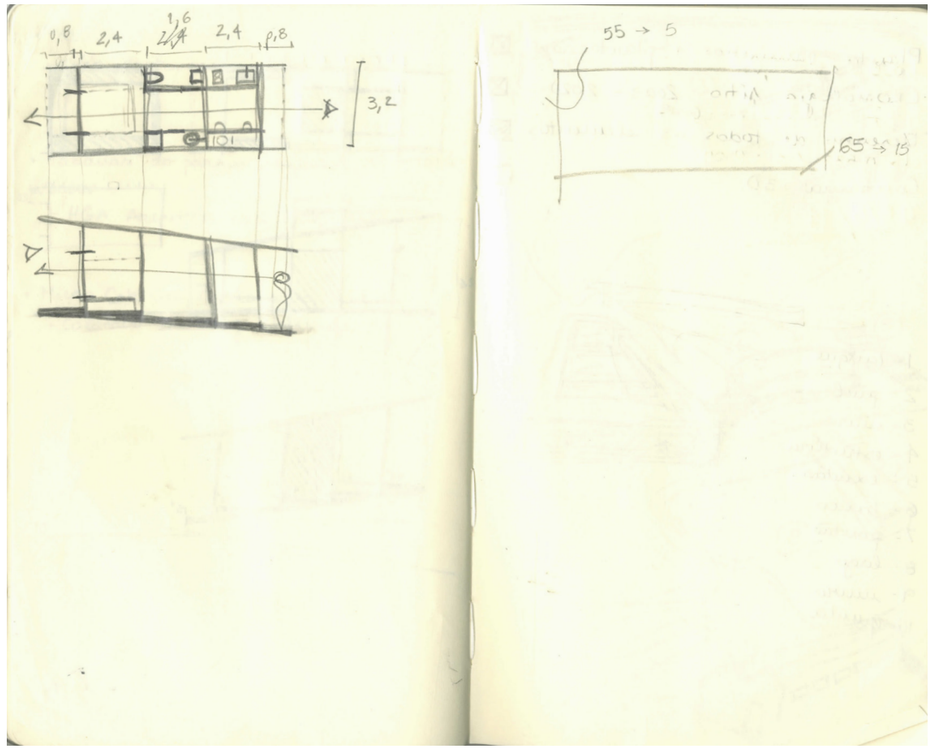




A.IV-52

A.IV-53

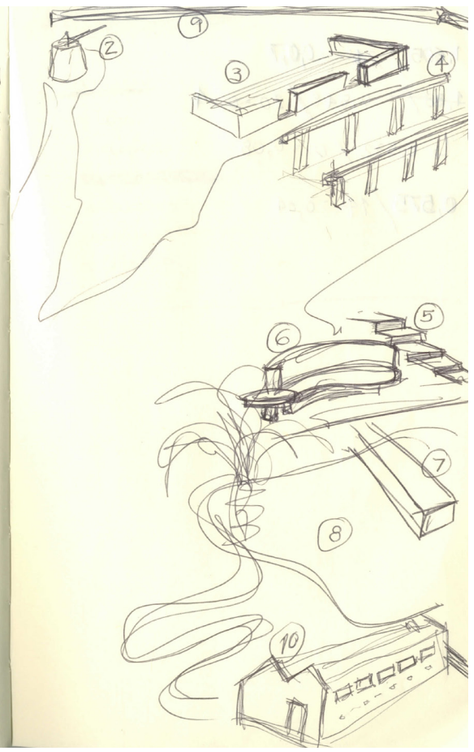

• Cabana Woodstock
- Idéa Bostmanbrum + Réal Emond
• Cabanas do parque regional Whitetail Woods
- HGA Architects and Engineers
• Micro Cabines Permanentes COBS
- Colorado Building Workshop
75°
60°
30°
15°
0°

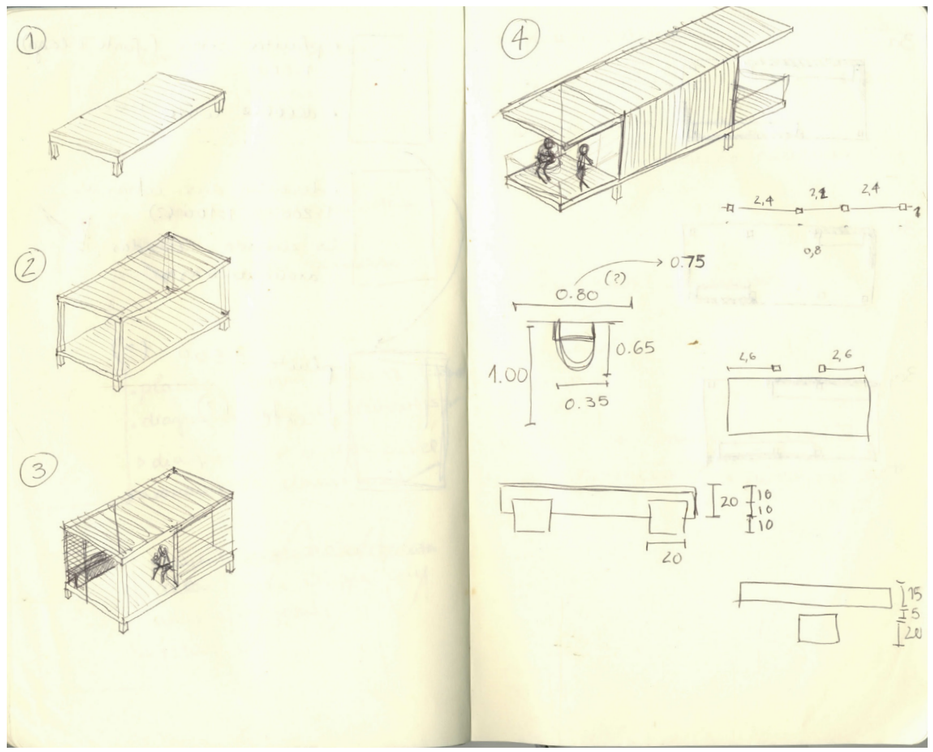

0,8
2,4
1,6
2,4
0,8
3,2
55 → 5
65 → 15

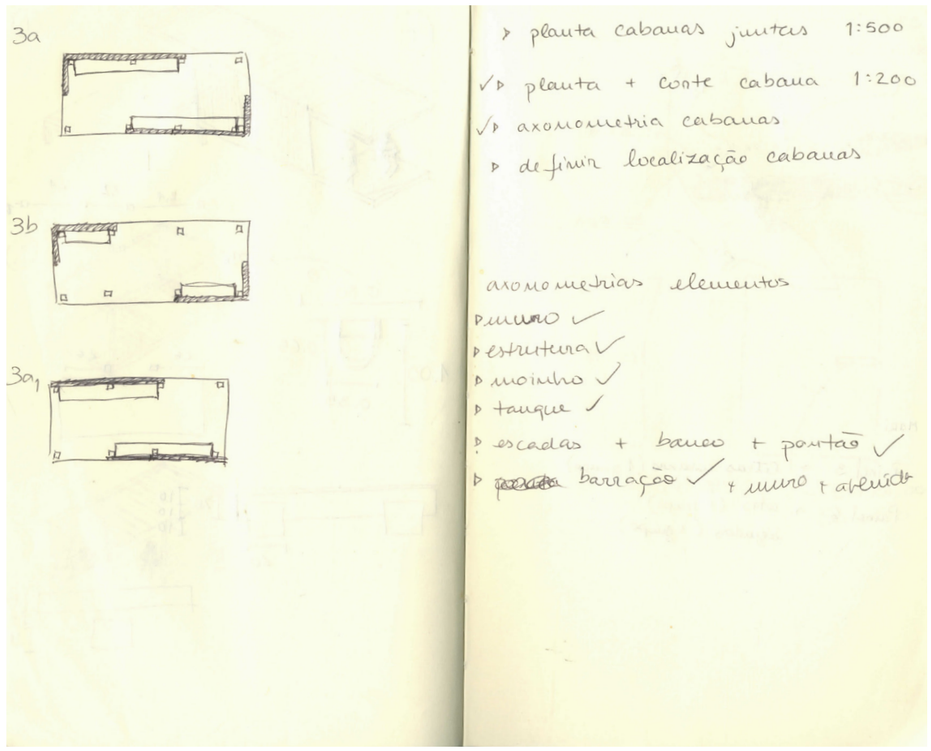
Planta caminhos + plantação ☒
Cronologia sítio 2003 – 2020 ☒
Desenho de todos os elementos ☒
Continuar 3D ☐

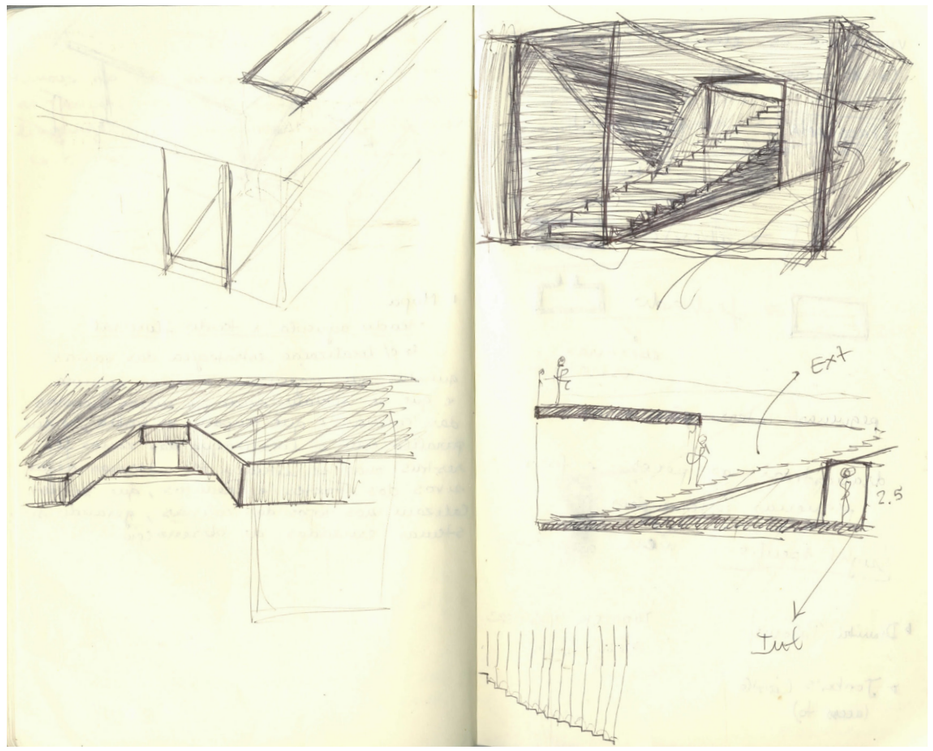


1 - tanque
2 - poial
3 - muro
4 - estrutura
5 - escadas
6 - banco
7 - pontão
8 - lago
9 - muro
10 - quinta






3a
3b
3a1
▷ planta cabanas juntas 1:500
✓▷ planta + corte cabana 1:200
✓▷ axonometria cabanas
▷ definir localização cabanas
axonometrias elementos
▷ muro ✓
▷ estrutura ✓
▷ moinho ✓
▷ tanque ✓
▷ escadas + banco + pontão ✓
▷ barração ✓ + muro + arenito


EAT
2.5
Int

valorizar os elementos existentes
↳ e acrescentar

PROGRAMA

DAR NOME
↳ Função / uso

→ aberto

→ fechado

aberturas estratégicas

pequenas intervenções subtis

dramatizar as peças e fazer pequenas intervenções

right specific.

weak approach

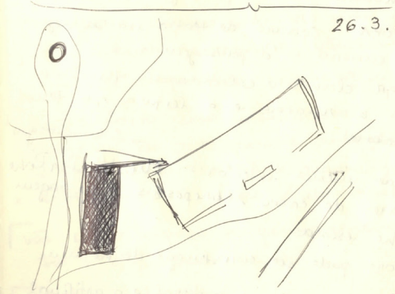
TOPOTEK 1 HG MERZ Abbey Lorsh

- Dimitris Pikionis
- Jonbai's Castle (access to)

- formas diferentes de atuar sobre a memória
- compor o imaginário
- acessibilidade weak approch
  ↳ degraus em madeira p. ex. (barrotes enterrados)

Avisare → site

26.3.2020

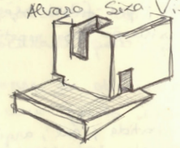


Economia de meios
O que é a arquitetura?

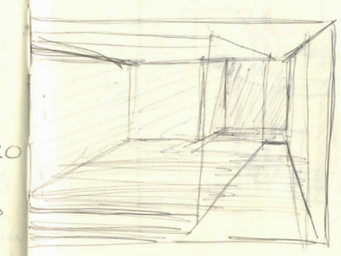
intencionalidade da forma
materialidade ligada ao que já existe

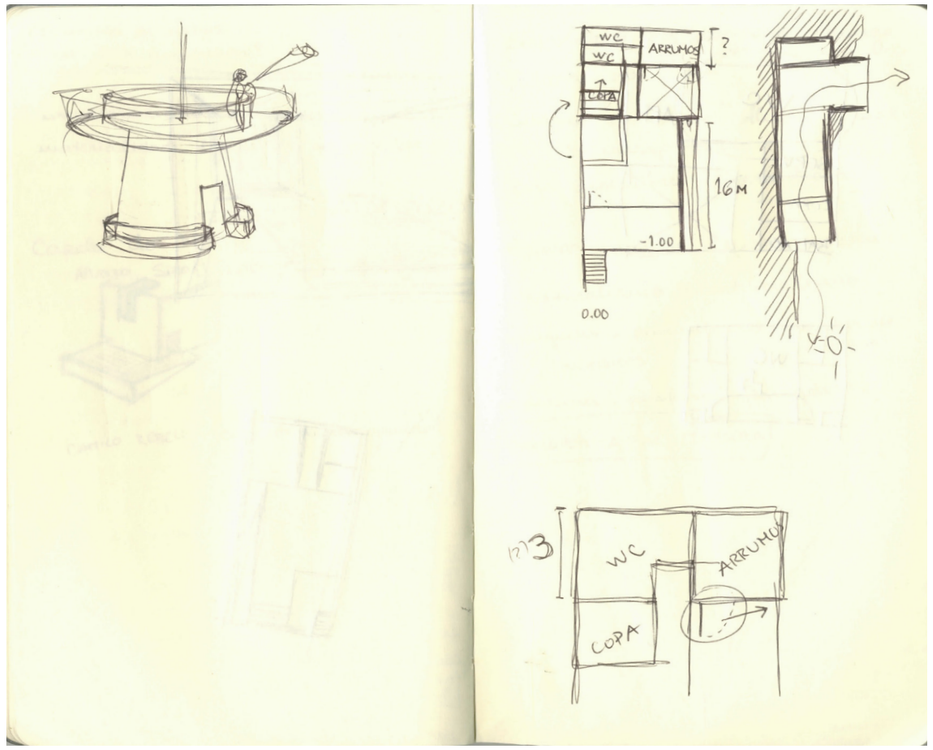
14.04.2020

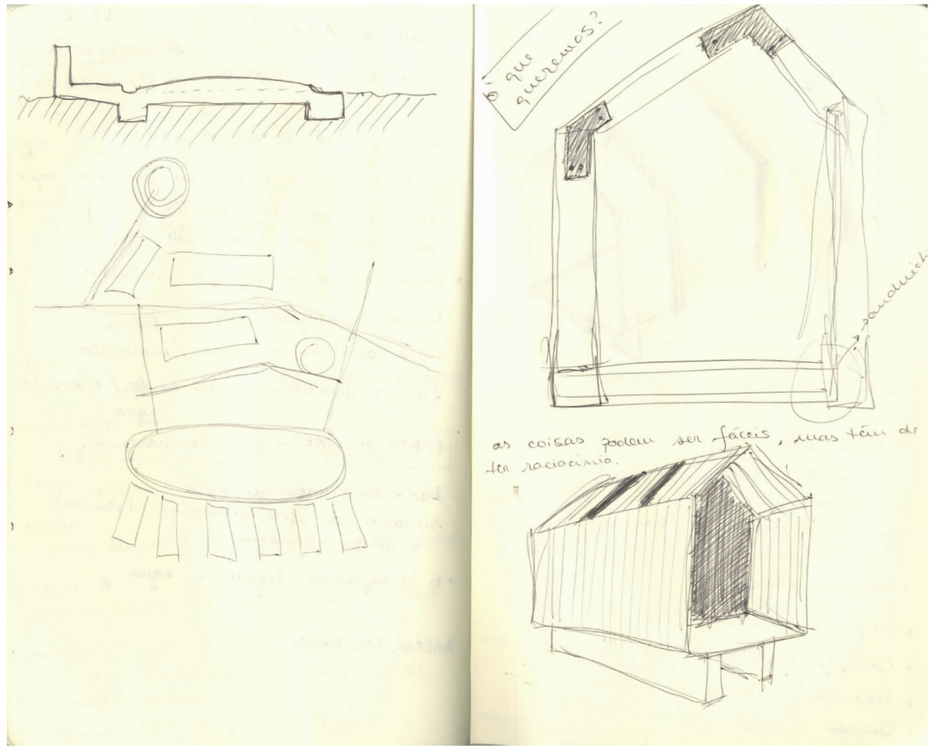
Capela do Monte
Álvaro Siza Vieira / João Morgado

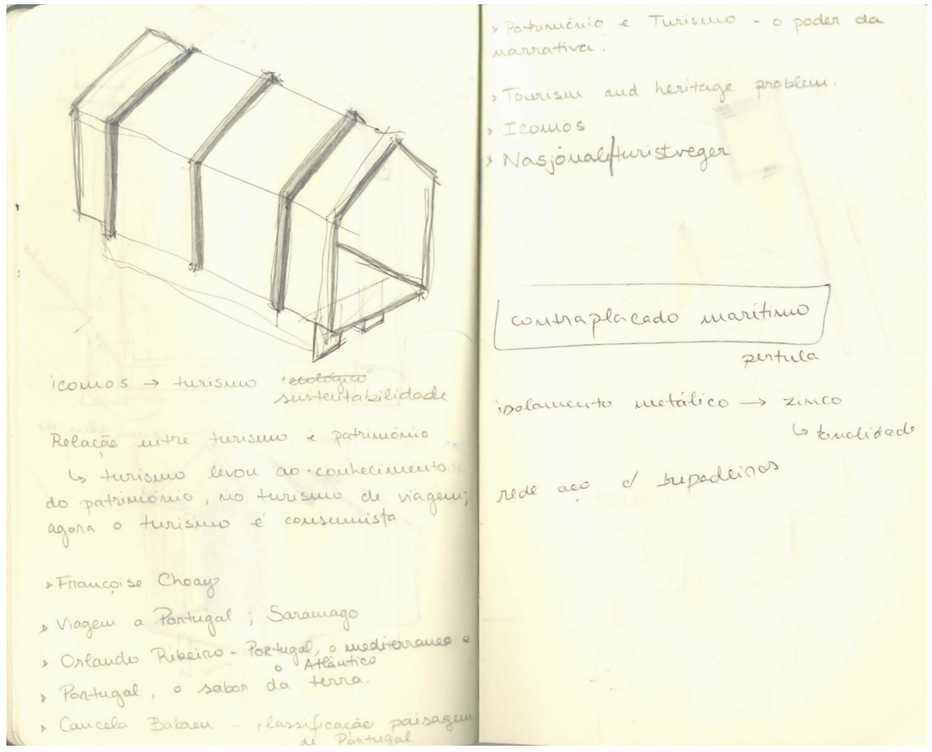


CAMILO REBELO Casa do cassino granadola




WC
WC
ARRUMOS
COPA
16M
-1.00
0.00
WC
ARRUMOS
COPA


o que queremos?
as coisas podem ser fáceis, mas têm de ter raciocínio.



icomos → turismo ~~ecológico~~ sustentabilidade

Relação entre turismo e património

↳ turismo levou ao conhecimento do património, no turismo de viagem; agora o turismo é consumista

- Françoise Choay
- Viagem a Portugal ; Saramago
- Orlando Ribeiro - Portugal, o mediterraneo e o Atlântico
- Portugal, o sabor da terra.
- Cancela Babaeu - classificação paisagem de Portugal

- Património e Turismo - o poder da narrativa.
- Tourism and heritage problem.
- Icomos
- Nasjonalfuristveger

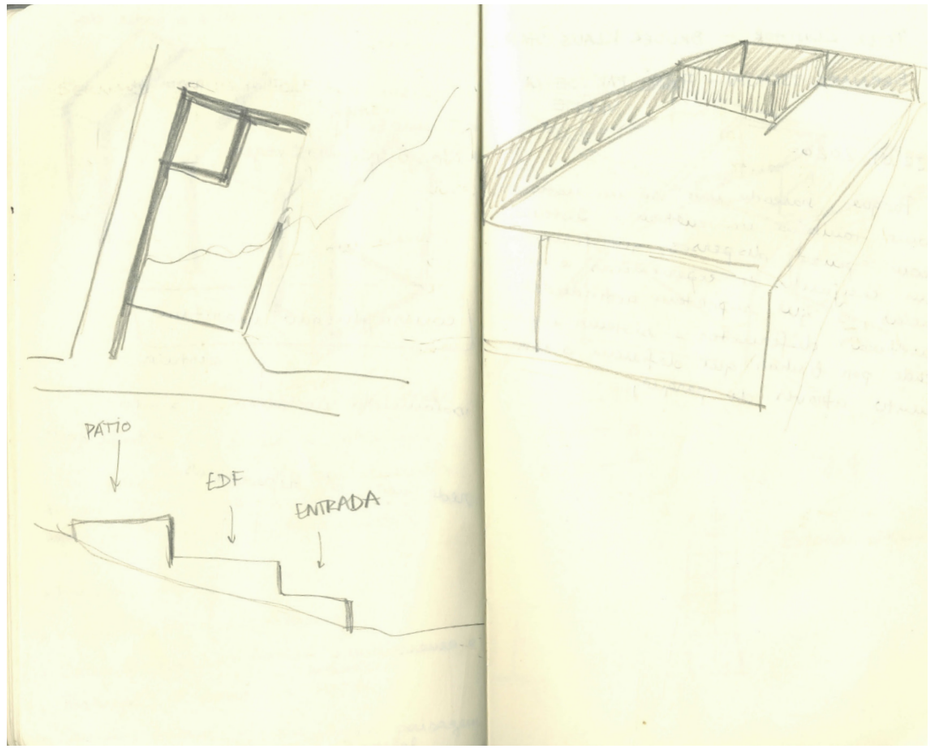
contraplacado marítimo

pertula

isolamento metálico → zinco

↳ tonalidade

rede aço c/ tripadeiras

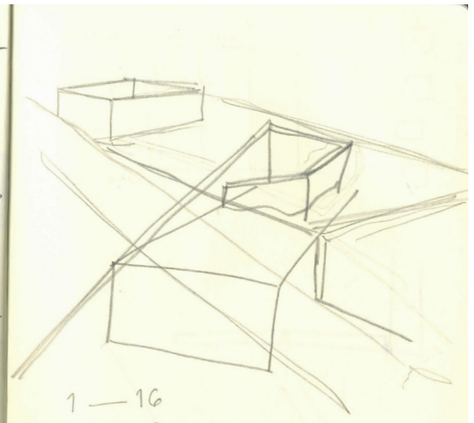


PETER ZUNTHOR – BRUDER KLAUS CHAPEL

BERNARD TSCHUMI – "FOILE" PARC DE LA VILETTE

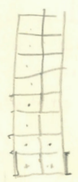
22.09.2020

▸ Parque, baseado não só na natureza, como também na cultura. Sistema com "pontos" dispersos, que formam um conjunto de experiências e vivências, e que suportam actividades culturais diferentes – sistema enfatizado por linhas que definem o movimento através do parque;



1 — 16
0.5 — 8
0.25 — 4

2.4



Escadas alternada

23.09.2020
- arte
- utilidade
- construção

} Vitrúvio

- anexo documental
- anexo processo
- trabalho mapeamento

- pré-existência vs construção nova

- construtividade
- ambientes
- espacialidade

- escadas barcos ; iates

Jameau, Benettom Hallberg Rasty

10 metros ; 30 pés

Opera de Asa ; Casa da Música

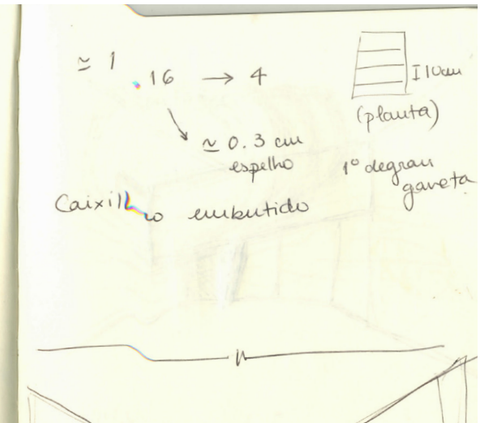
Casa na floresta

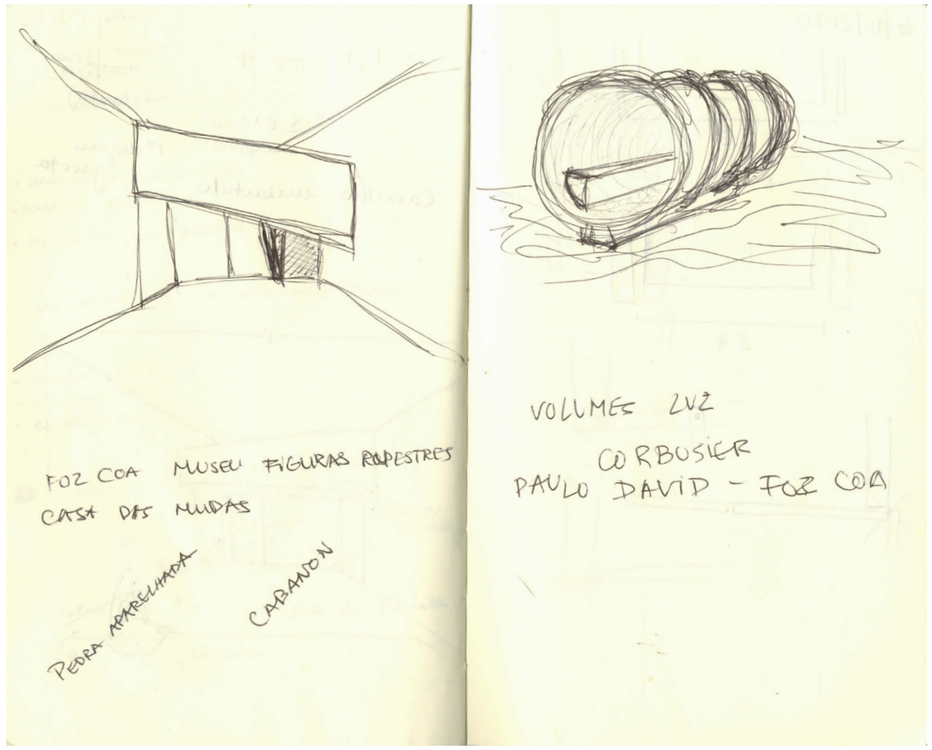
≃ 1 . 16 → 4

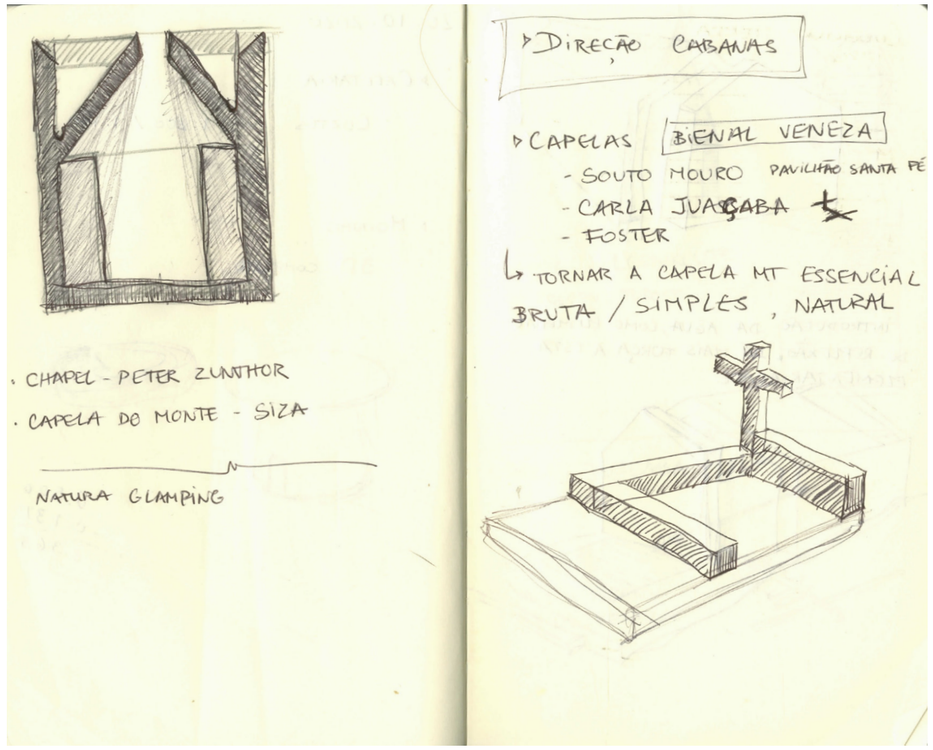
≃ 0.3 cm espelho

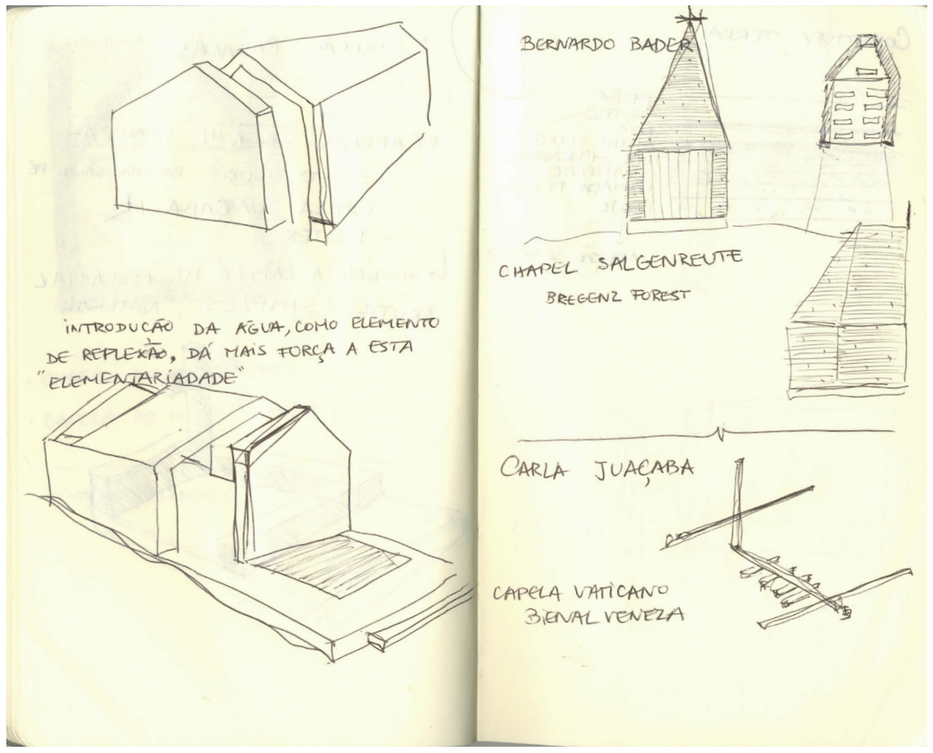
1º degrau gaveta

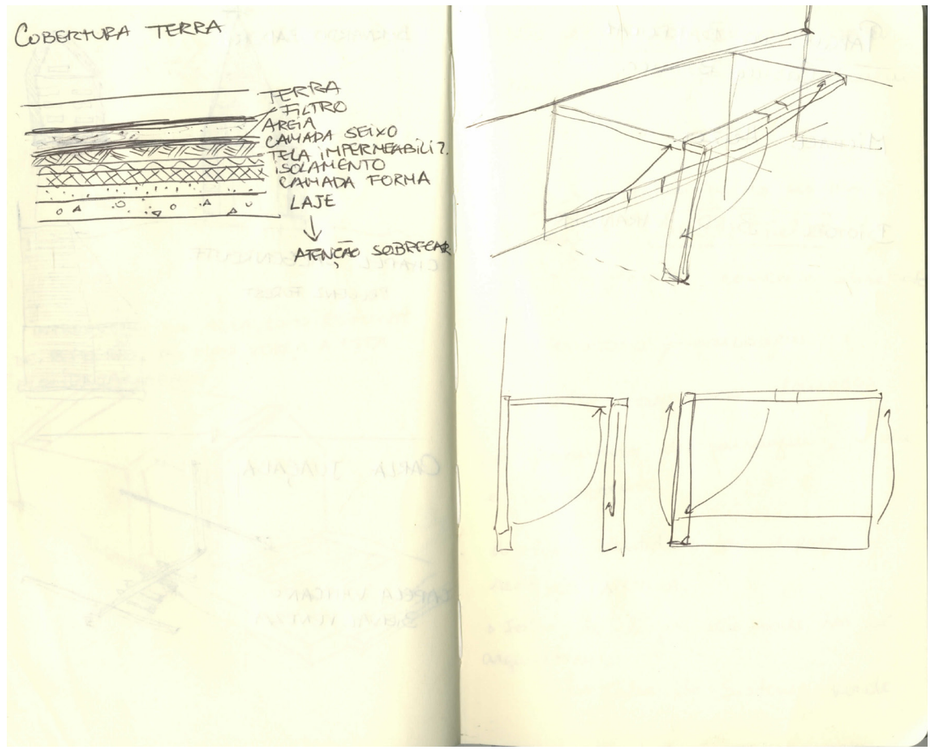
Caixilho embutido




FOZ COA MUSEU FIGURAS RUPESTRES
CASA DAS MUDAS
PEDRA APARELHADA
CABANON
VOLUMES LUZ
CORBUSIER
PAULO DAVID - FOZ COA


DIREÇÃO CABANAS
CAPELAS
BIENAL VENEZA
- SOUTO MOURO PAVILHÃO SANTA FÉ
- CARLA JUAÇABA
- FOSTER
TORNAR A CAPELA MT ESSENCIAL
BRUTA / SIMPLES, NATURAL
. CHAPEL - PETER ZUMTHOR
. CAPELA DO MONTE - SIZA
NATURA GLAMPING


BERNARDO BADER
CHAPEL SALGENREUTE
BREGENZ FOREST
INTRODUÇÃO DA ÁGUA, COMO ELEMENTO DE REFLEXÃO, DÁ MAIS FORÇA A ESTA "ELEMENTARIADADE"
CARLA JUAÇABA
CAPELA VATICANO
BIENAL VENEZA


COBERTURA TERRA
TERRA
FILTRO
ARGILA
CAMADA SELXO
TELA IMPERMEABILIZ.
ISOLAMENTO
CAMADA FORMA
LAJE
ATENÇÃO SOBRECARGA

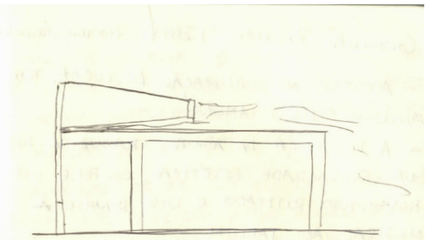
Torreão

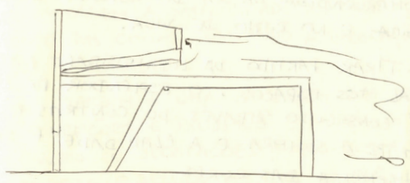
caixilharia como ideia de desmaterialização

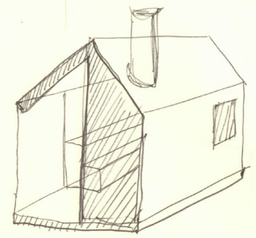
"Que golpe de génio"

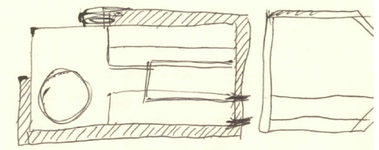
Pedro Pacheco
2020

sobre Marta Pinto



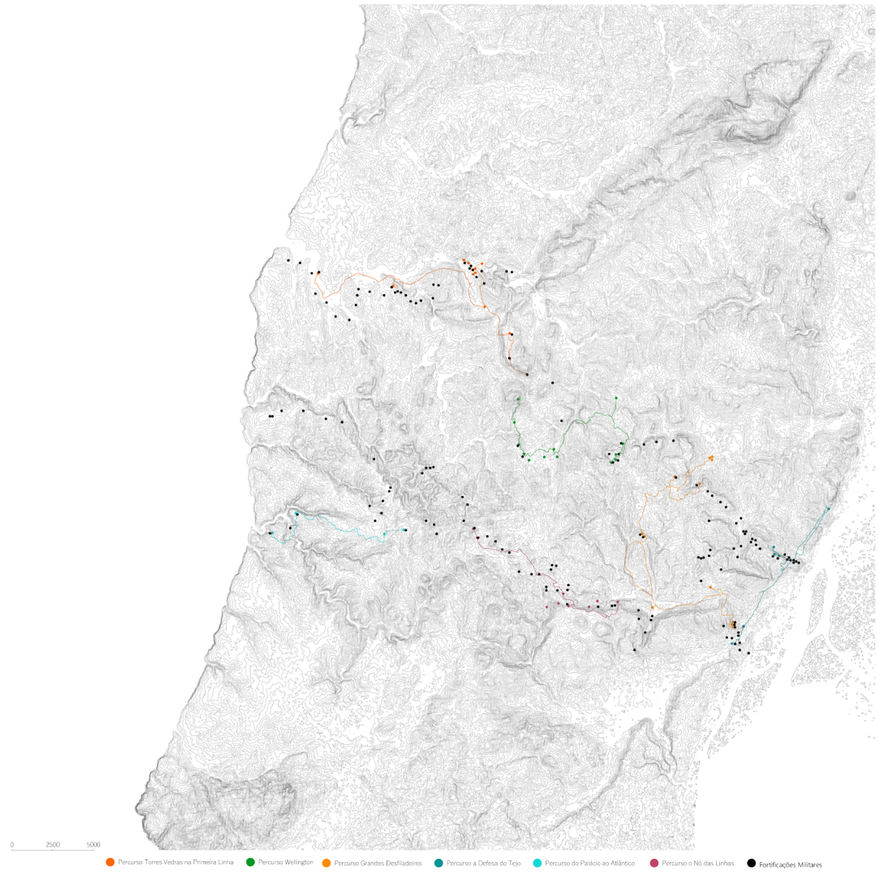




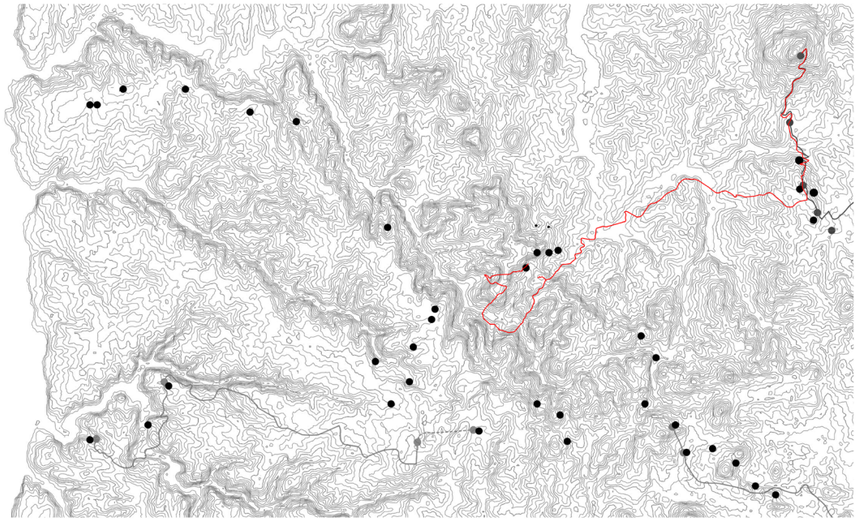


4 | PAINEIS DE APRESENTAÇÃO EXAME DE PROJETO|

5º ano 1º semestre, Janeiro 2020



Marta Prata | 20151045 | Miarq5B | Projeto VI | 2019/2020
Faculdade de Arquitetura - Universidade de Lisboa



Mapa da proposta do novo percurso

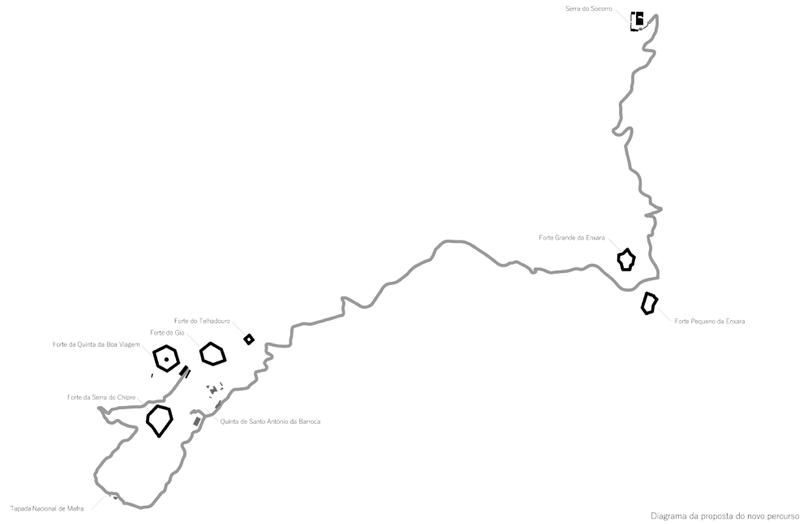
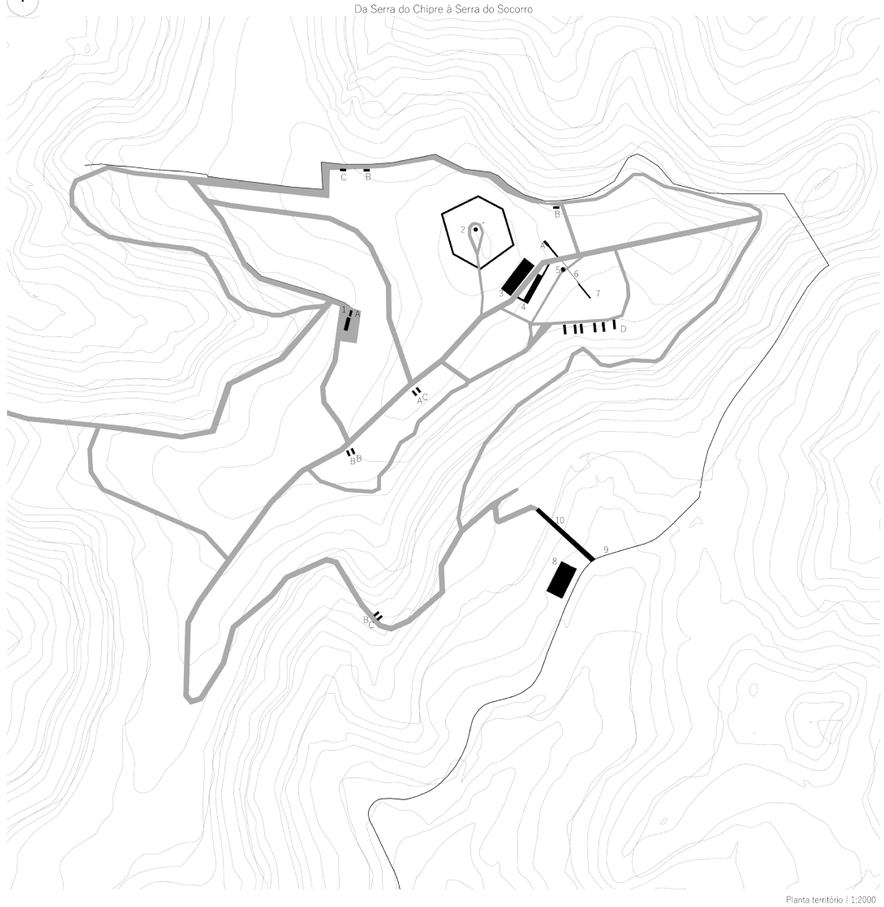


Diagrama da proposta do novo percurso

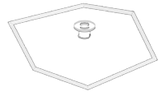
Marta Prata | 20151045 | Miarq5B | Projeto VI | 2019/2020
Faculdade de Arquitetura - Universidade de Lisboa



Planta território | 1:2000



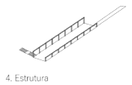
1. Tanque



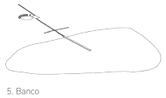
2. Moinho



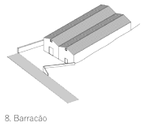
3. Murete / Espaço exterior polivalente



4. Estrutura



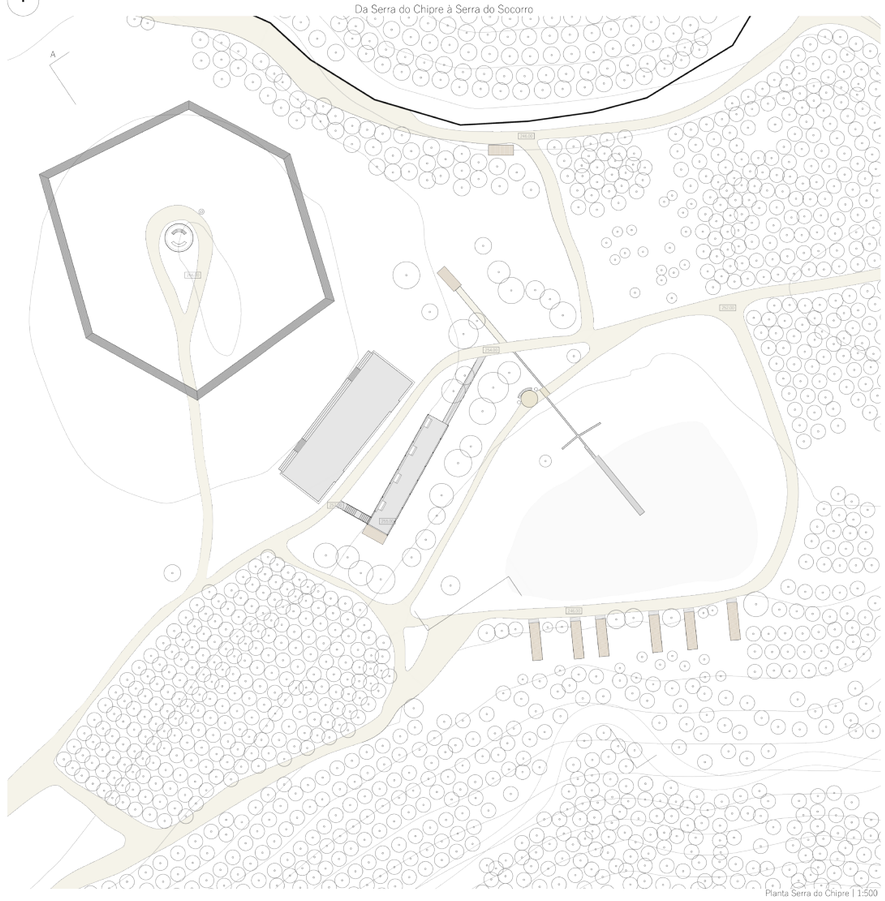
5. Banco
6. Escada
7. Lago



8. Barracão
9. Muro
10. Calçada

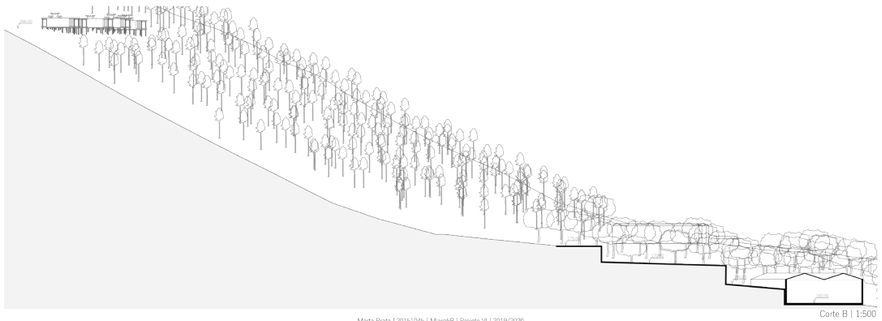
Axonometria Elementos

Marta Prata | 20151045 | Miarq5B | Projeto VI | 2019/2020
Faculdade de Arquitetura - Universidade de Lisboa


A
A
A



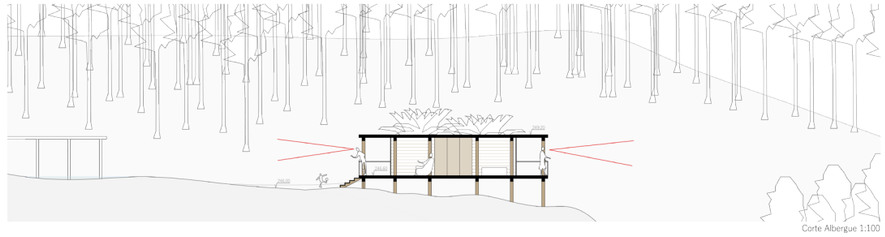
Planta Quinta de Santo António da Barroca | 1:500



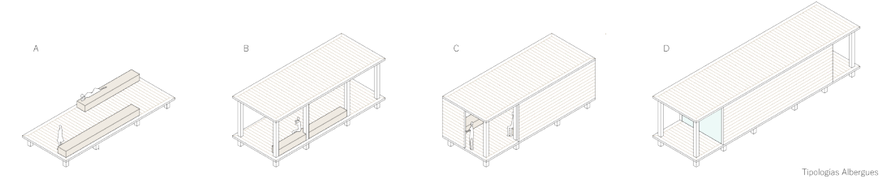
Corte B | 1:500



Planta Albergue 1:100



Corte Albergue 1:100

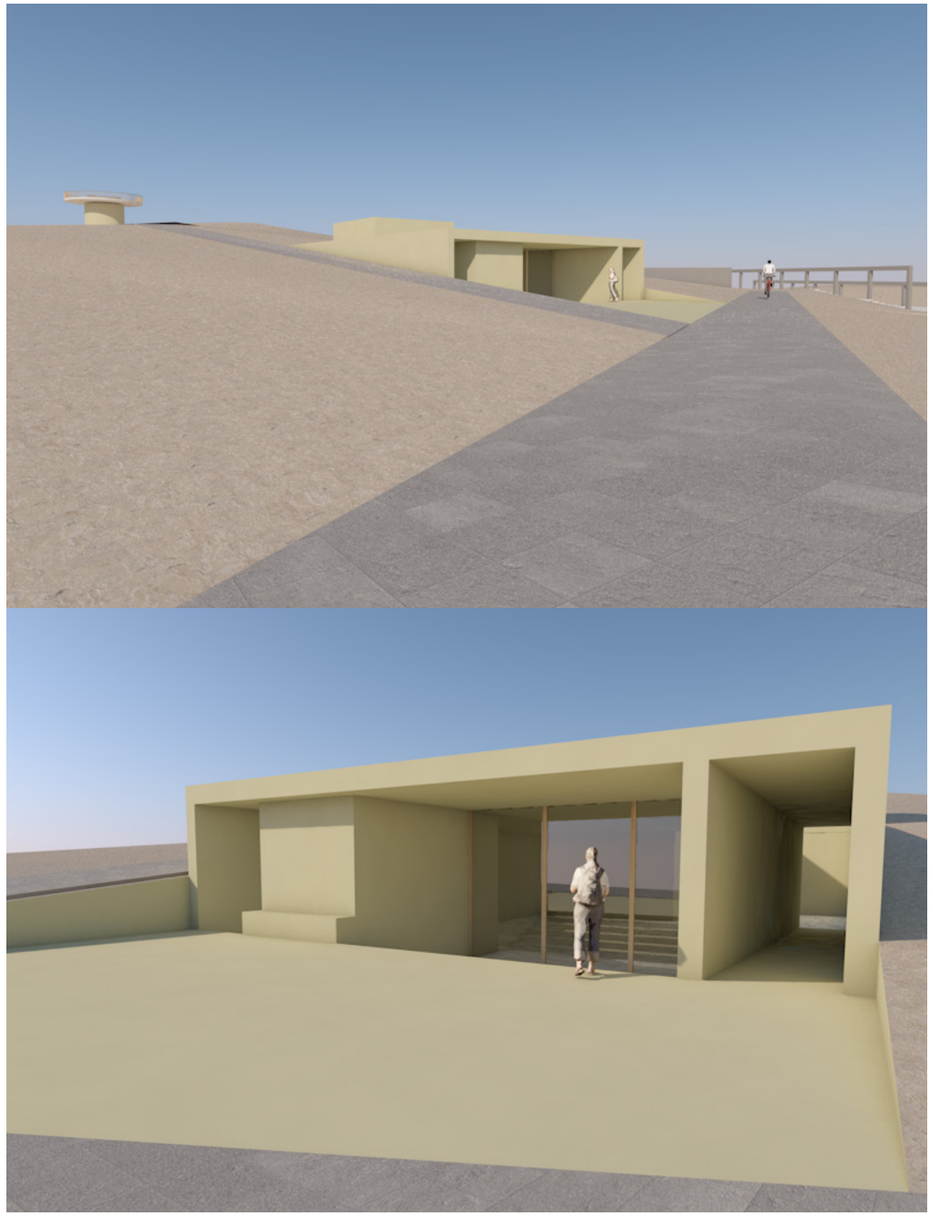


Tipologias Albergues

5 | IMAGENS DIGITAIS DE TRABALHO |

1_Cafetaría
2_Muro e Estrutura
3_Moinho
4_Cabanas
5_Abrigos
6_Tanque
7_Capela
8_Fortes Grande e Pequeno da Enxara
9_Serra do Socorro

1_Cafetaría



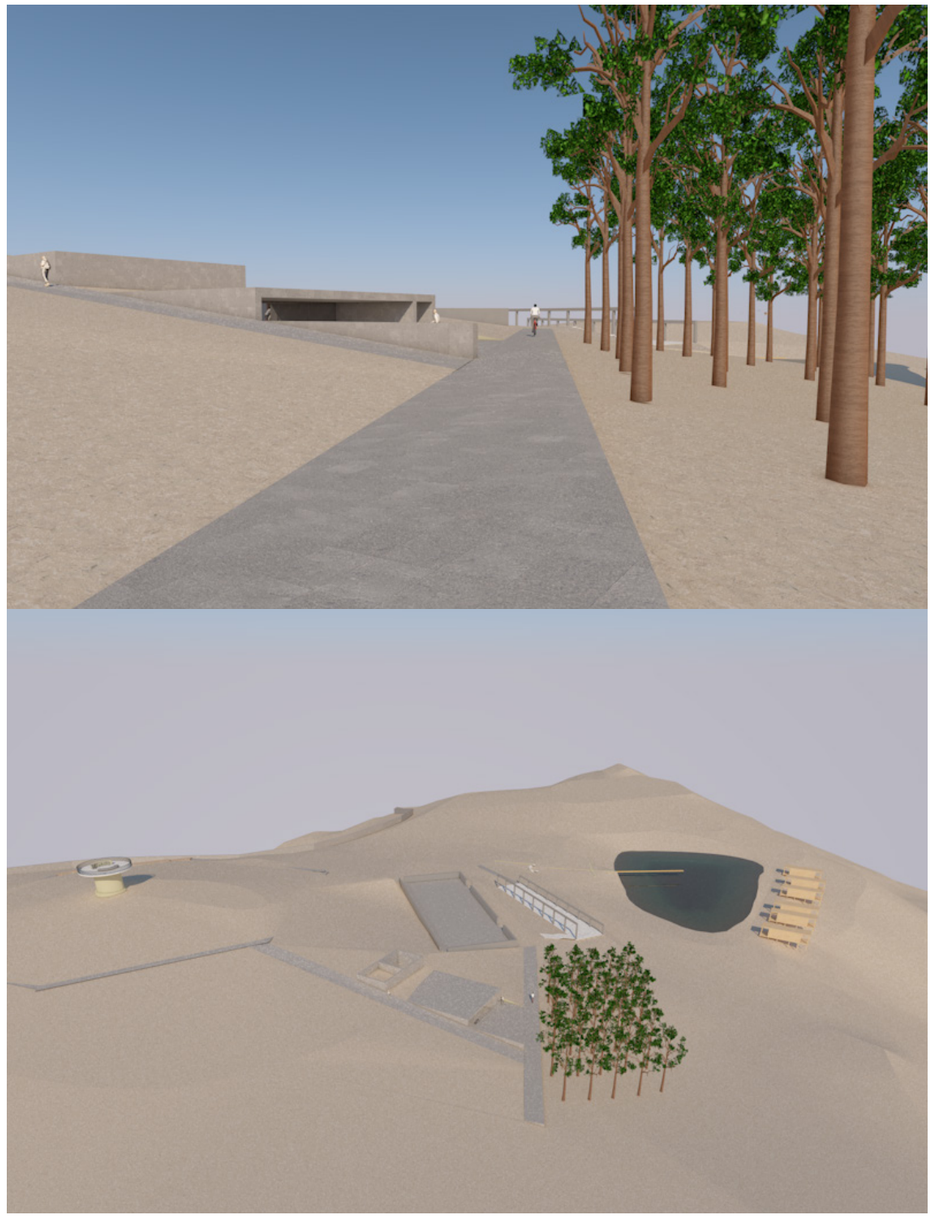
A.IV-86



A.IV-87



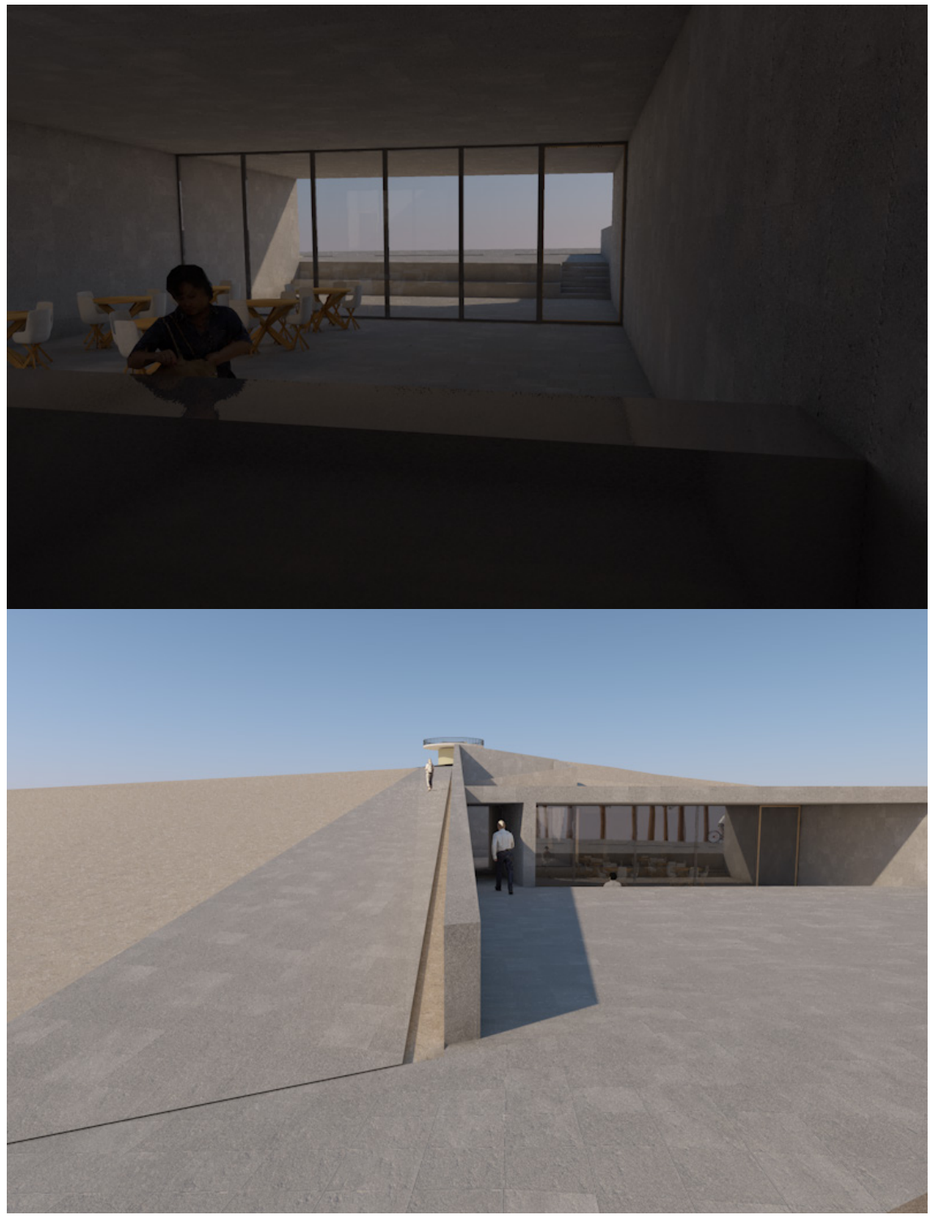
A.IV-88



A.IV-89



A.IV-90



A.IV-91



A.IV-92



A.IV-93



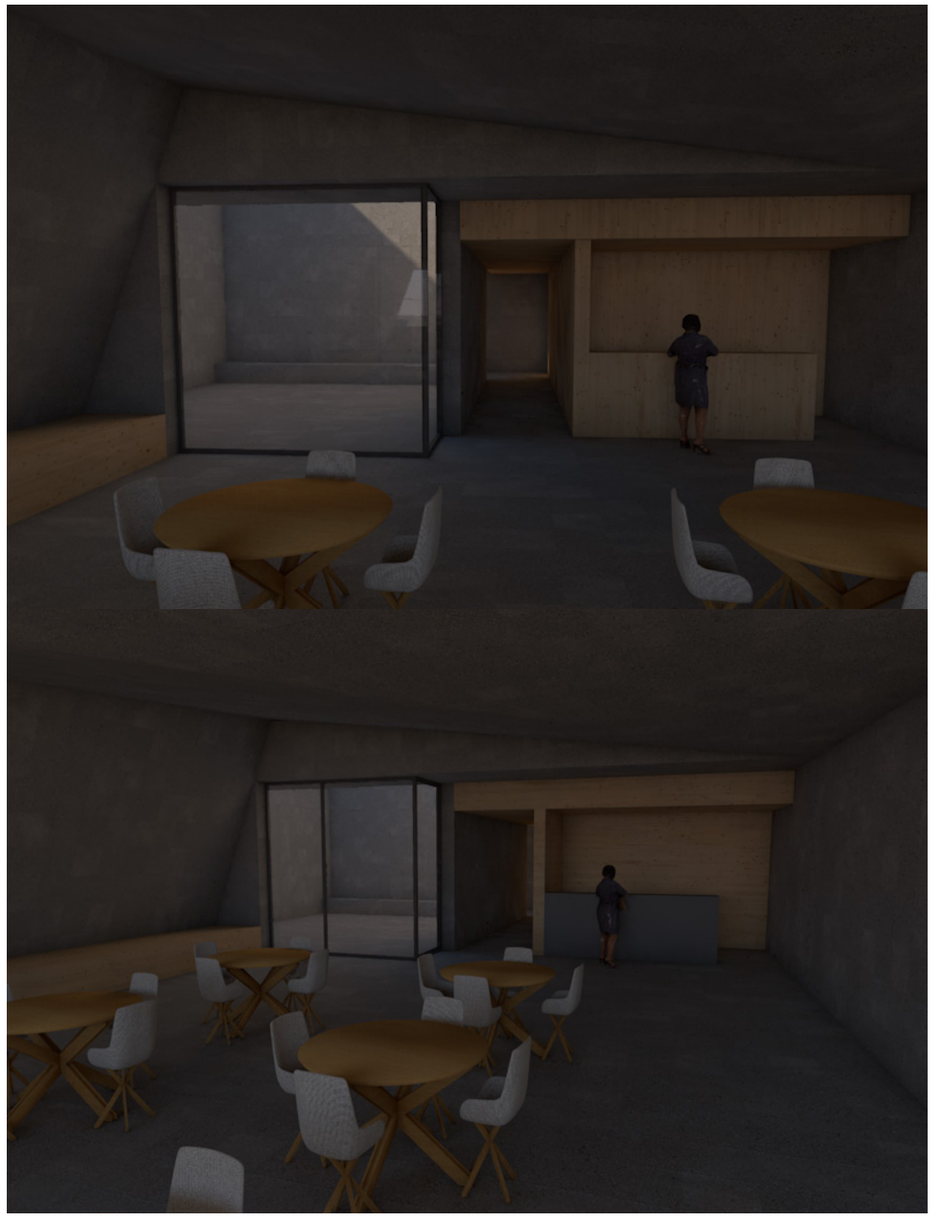
A.IV-94



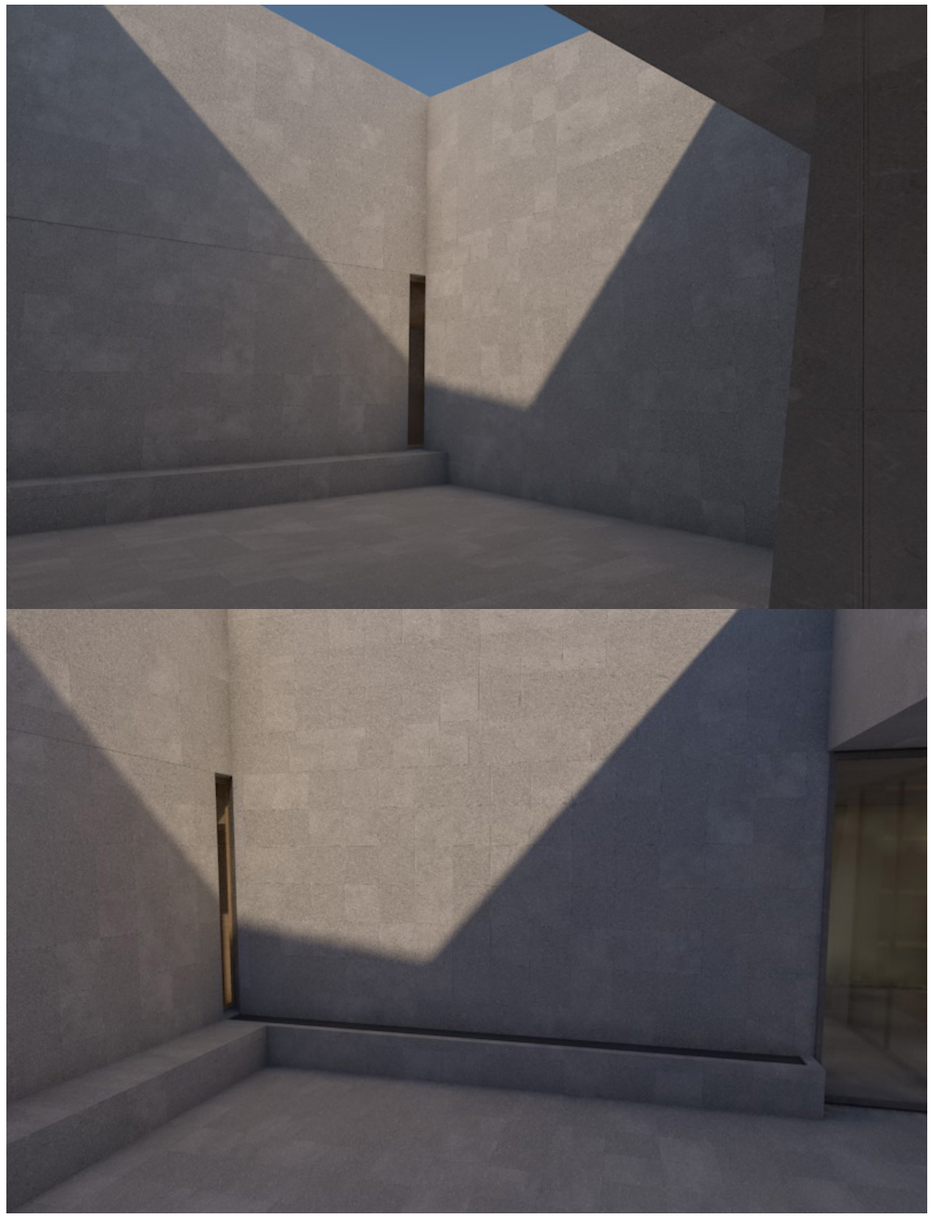
A.IV-95



A.IV-96



A.IV-97



A.IV-98



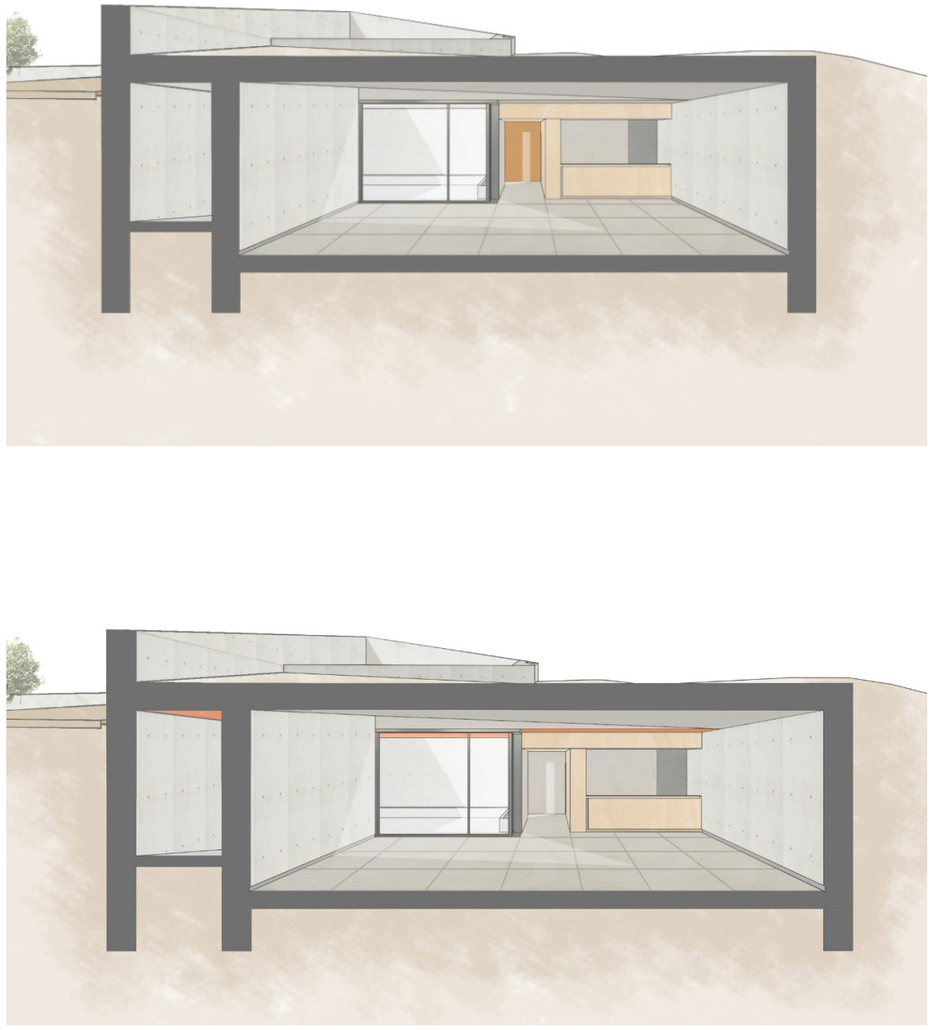
A.IV-99



A.IV-100

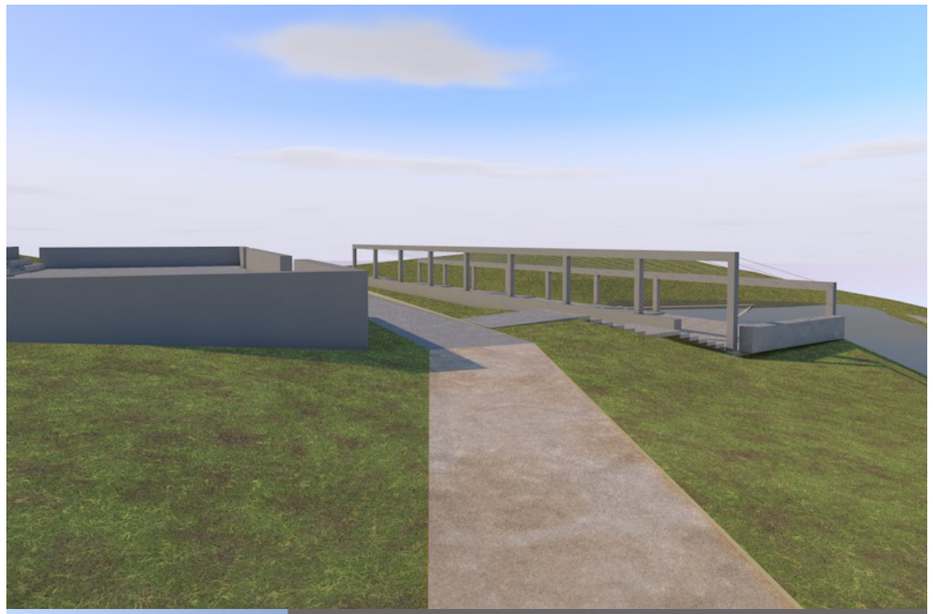


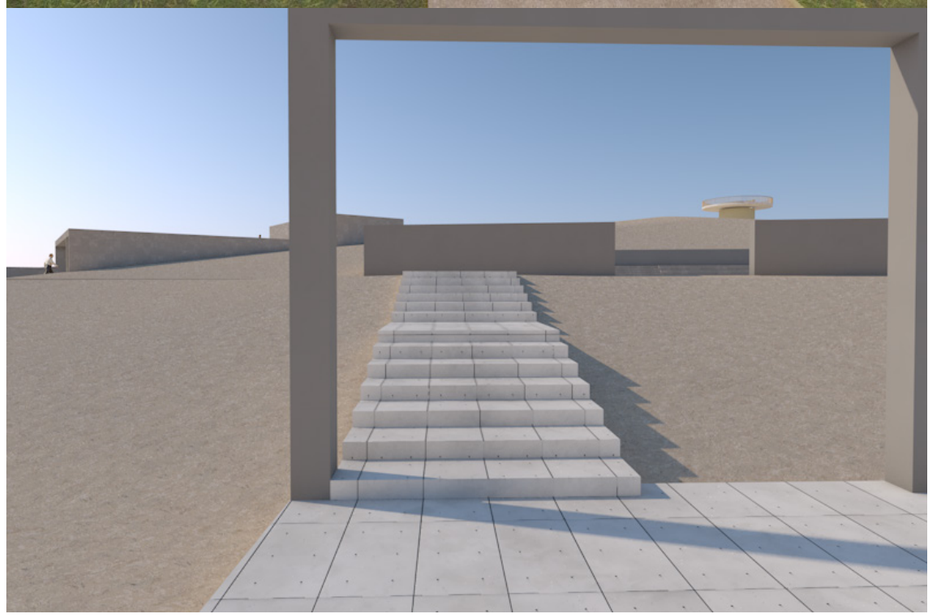
A.IV-101



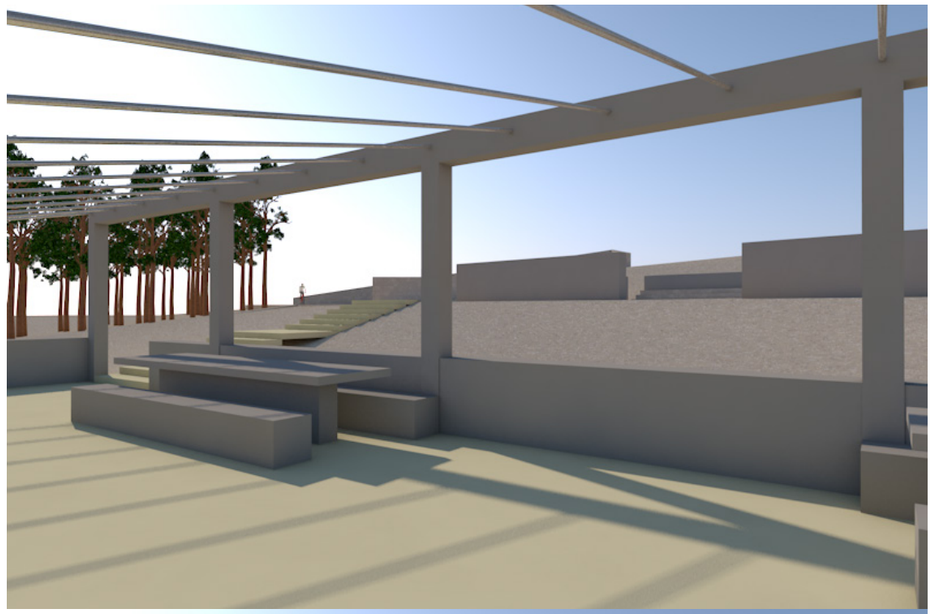


2_Muro e Estutura





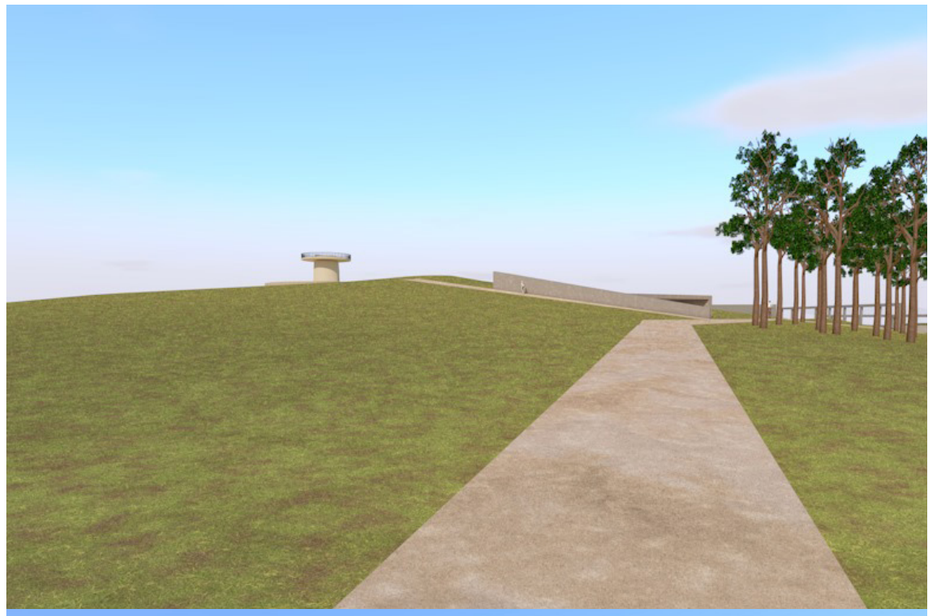
A.IV-106

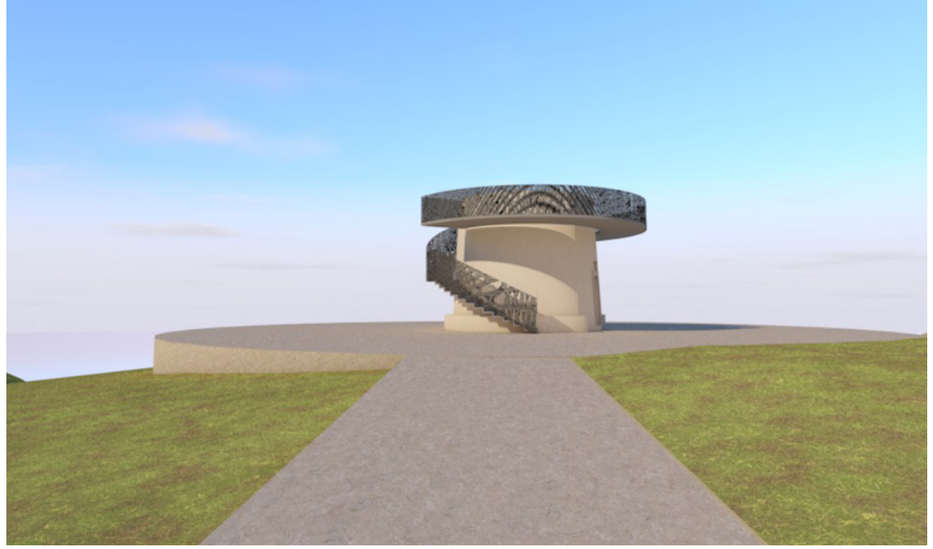




A.IV-107

3_Moinho



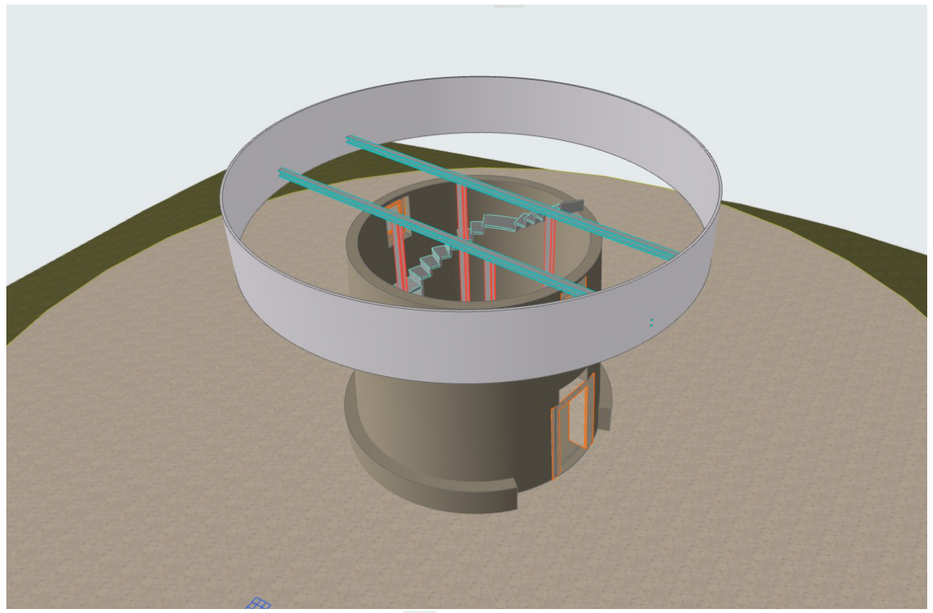


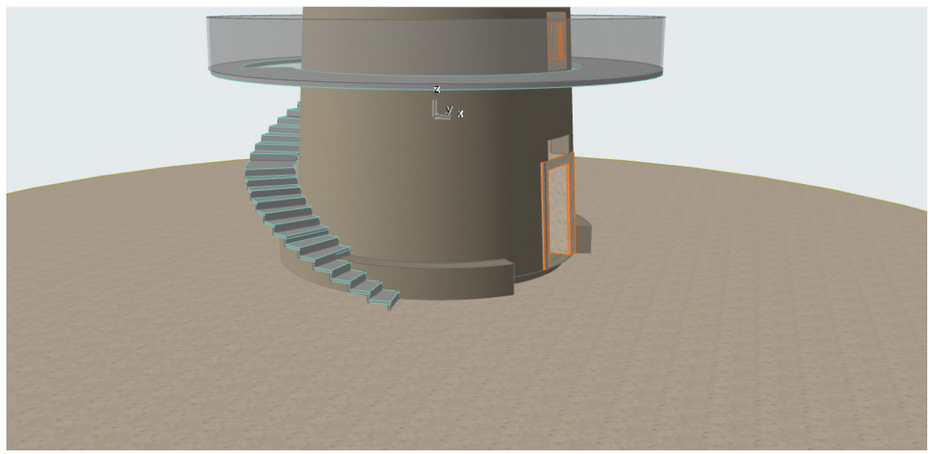
A.IV-110



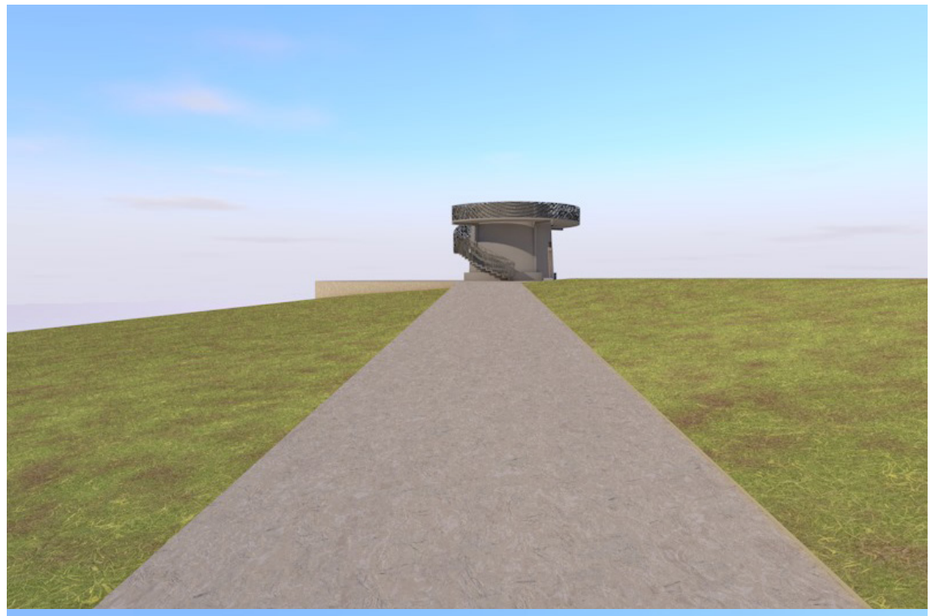


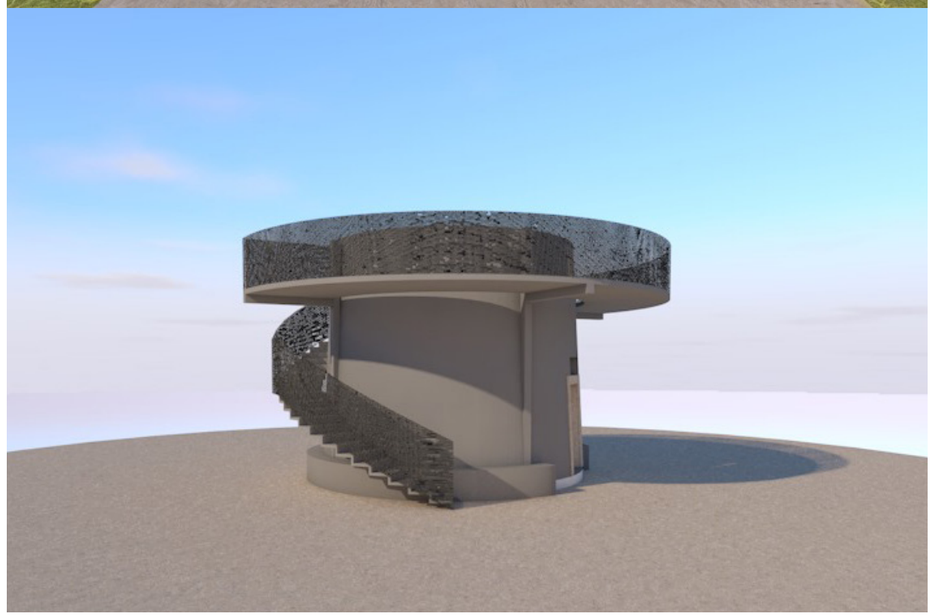
A.IV-111



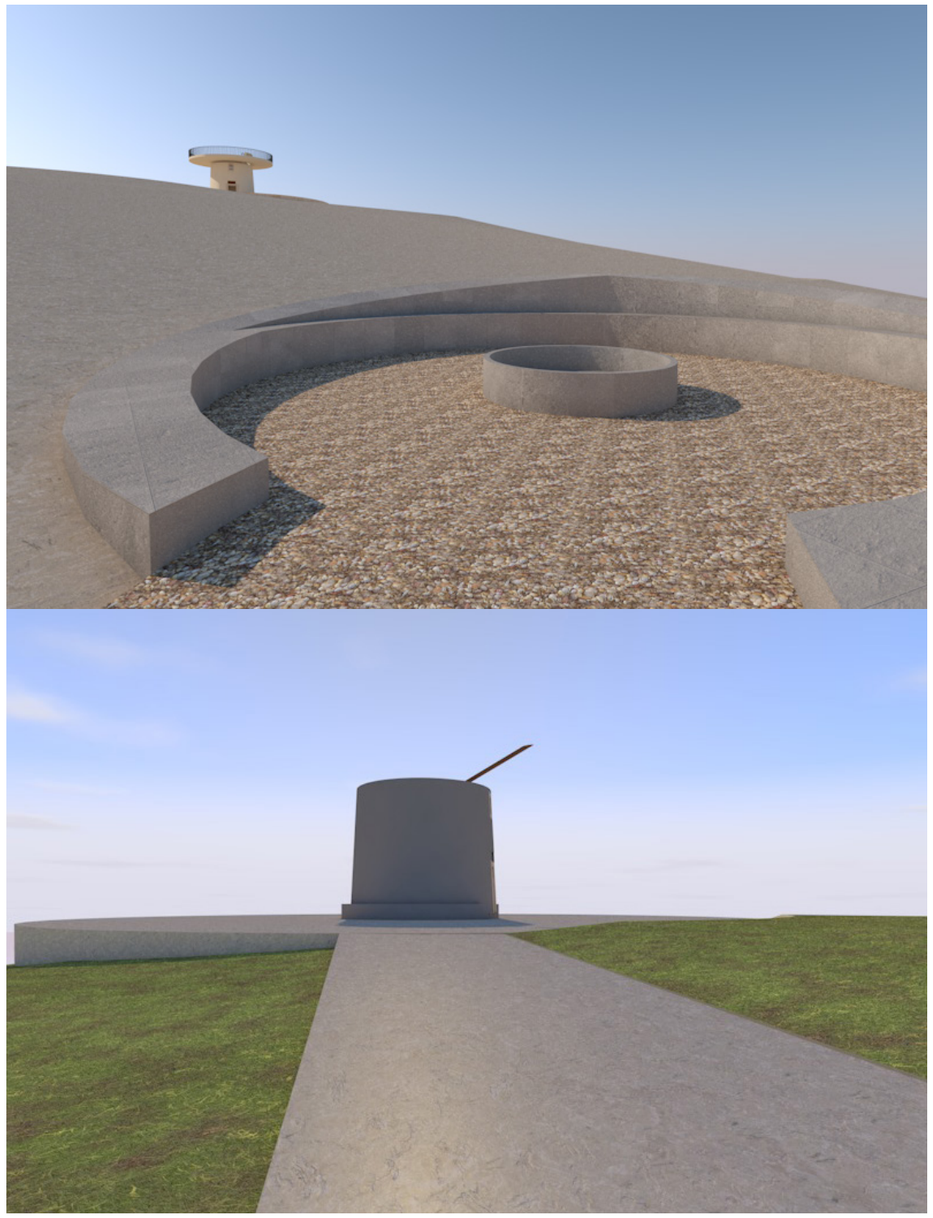


A.IV-112





A.IV-113

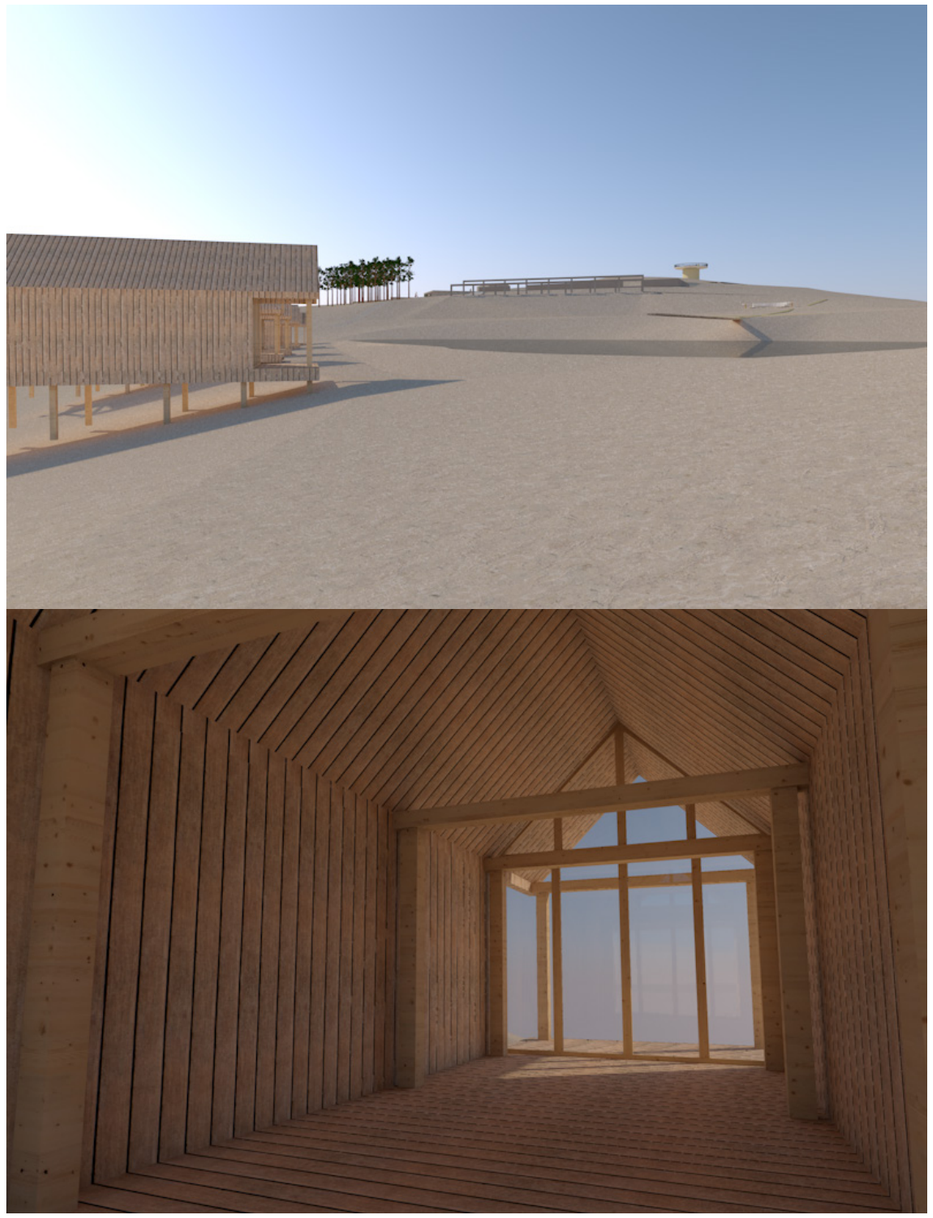


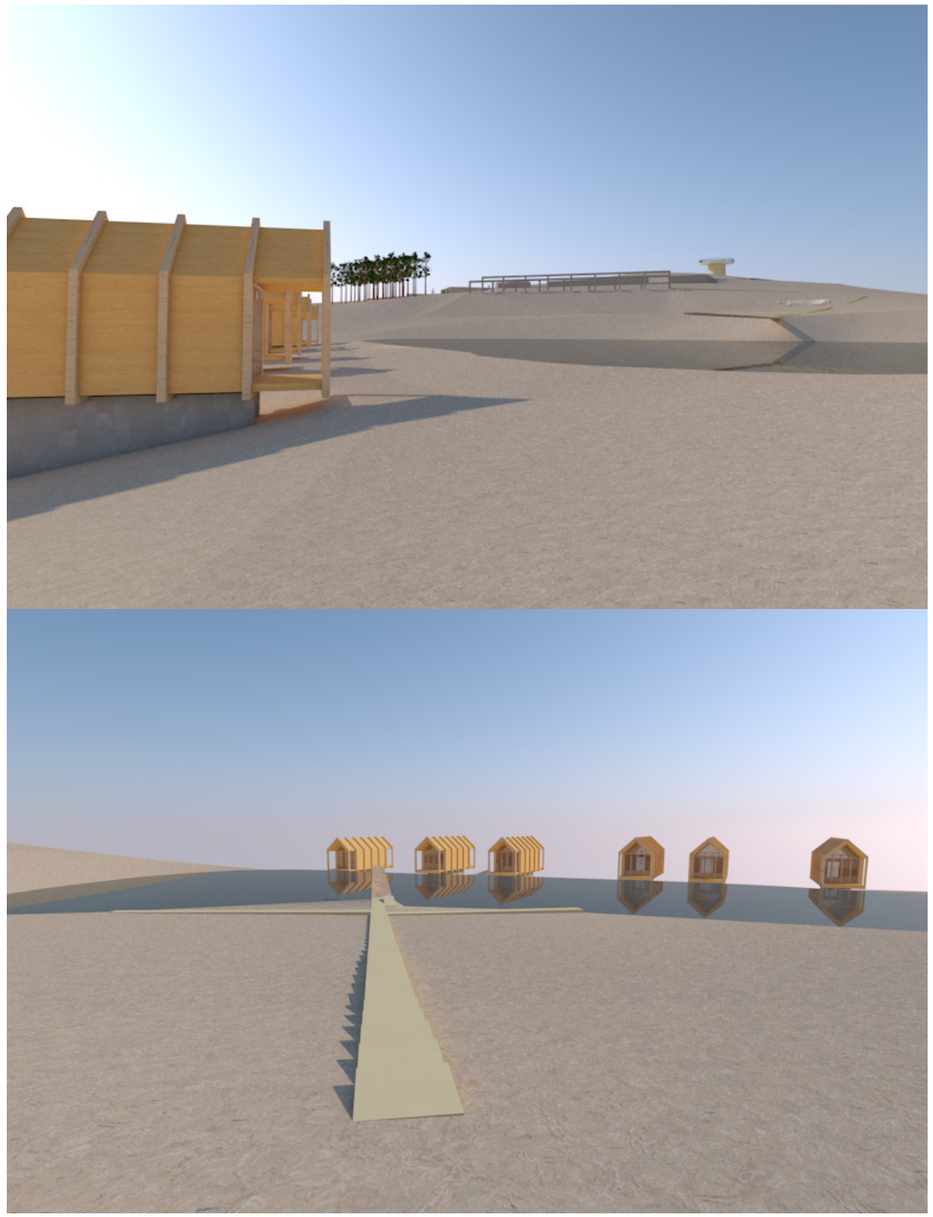
A.IV-114



A.IV-115

4_Cabanas



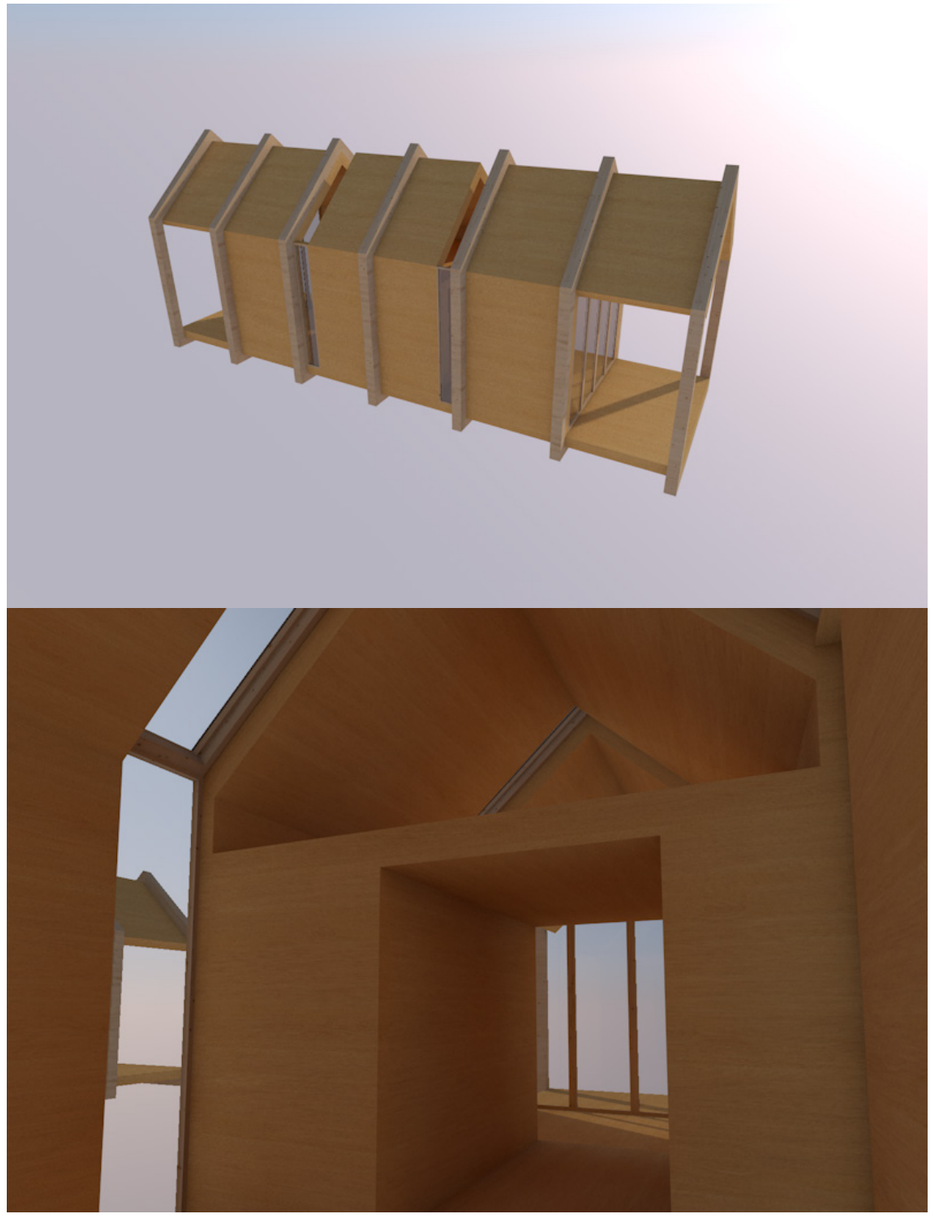








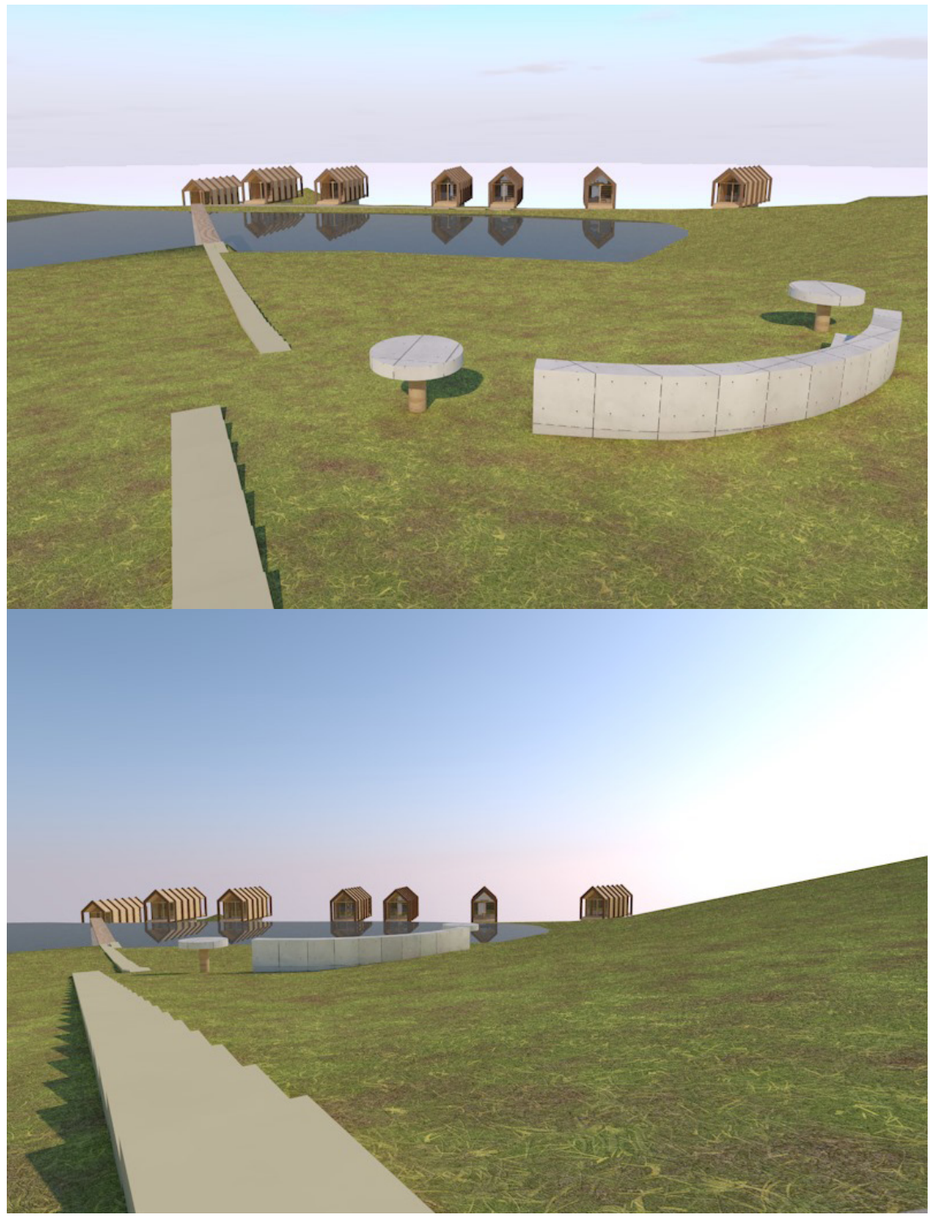
A.IV-122



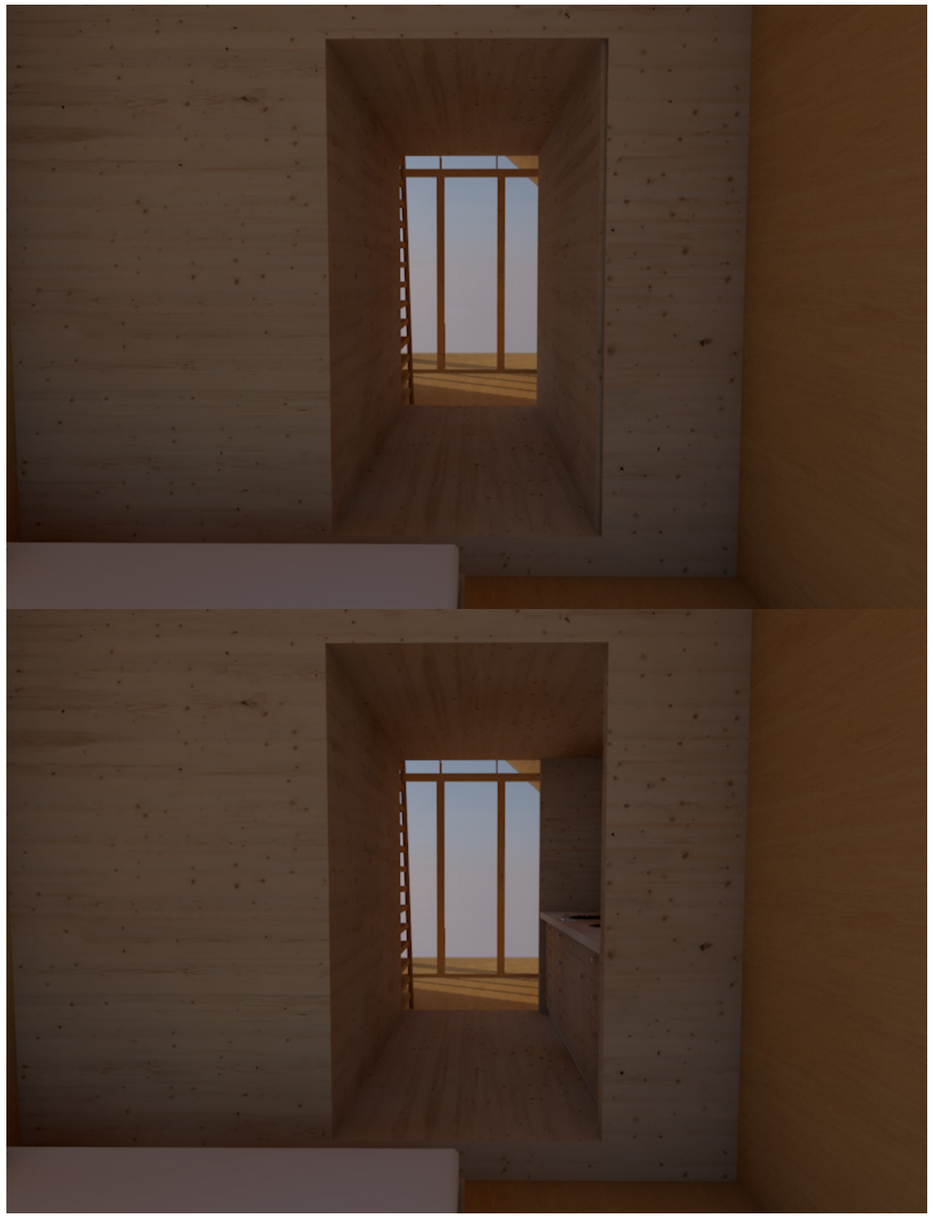
A.IV-123



A.IV-124



A.IV-125



A.IV-126



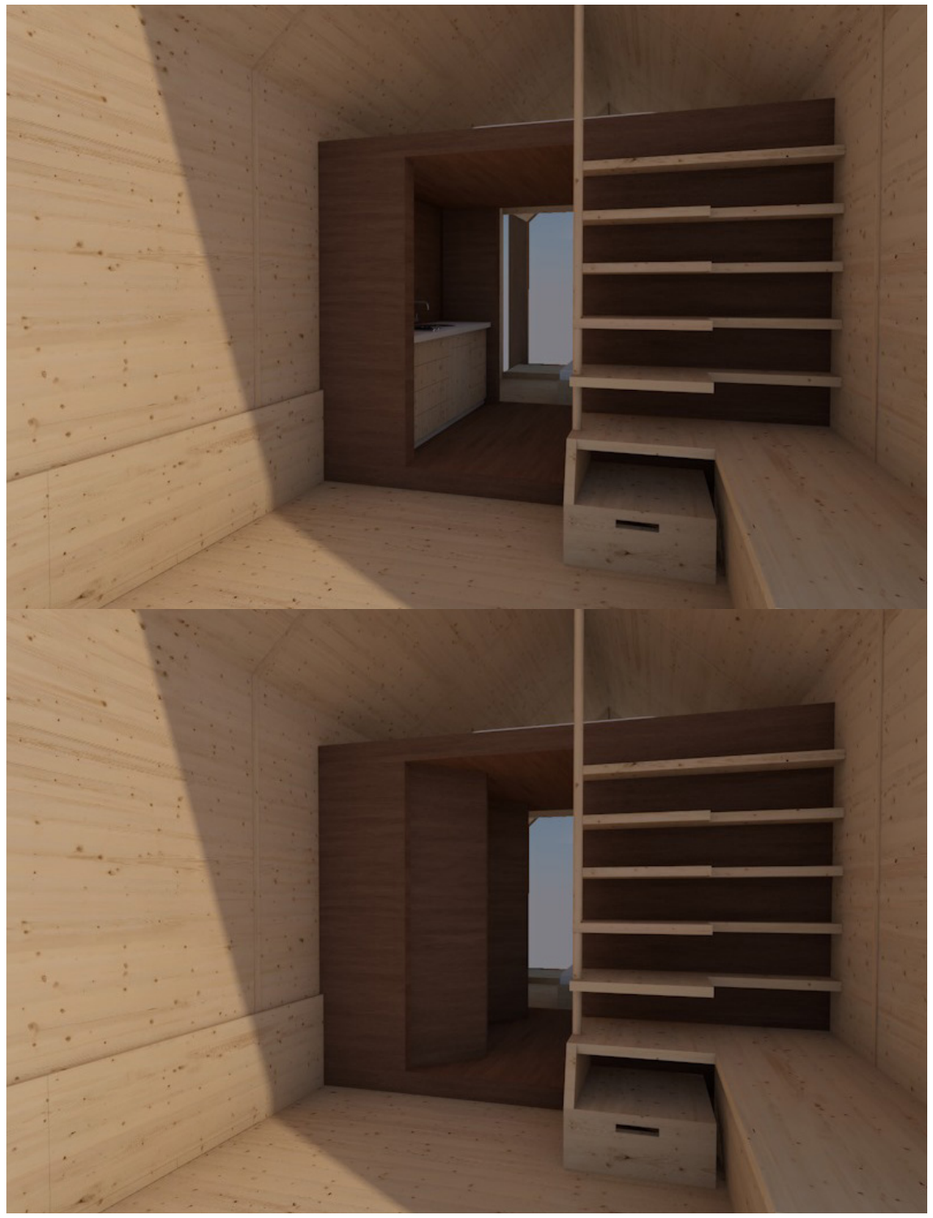
A.IV-127



A.IV-128



A.IV-129



A.IV-130



A.IV-131

5_Abrigos





A.IV-134



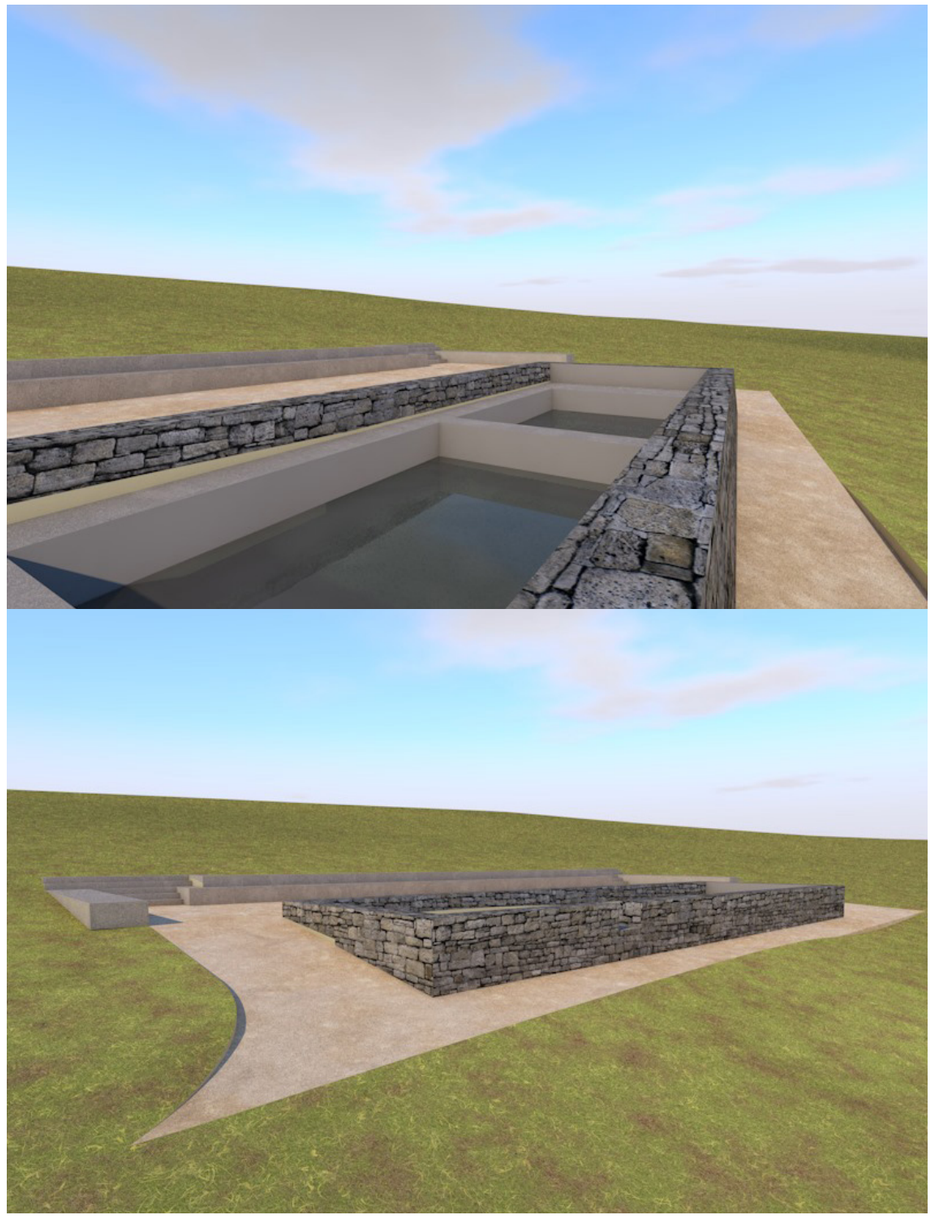


A.IV-135

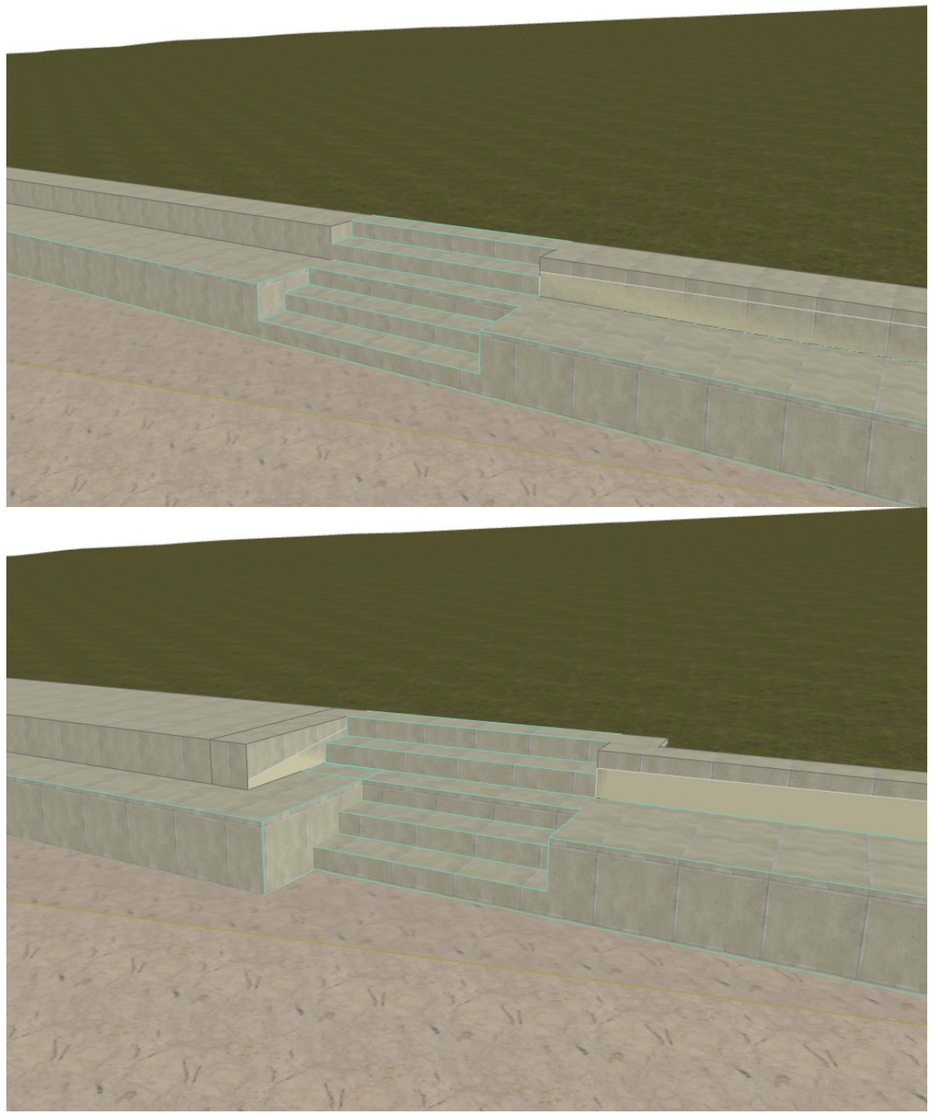
6_Tanque



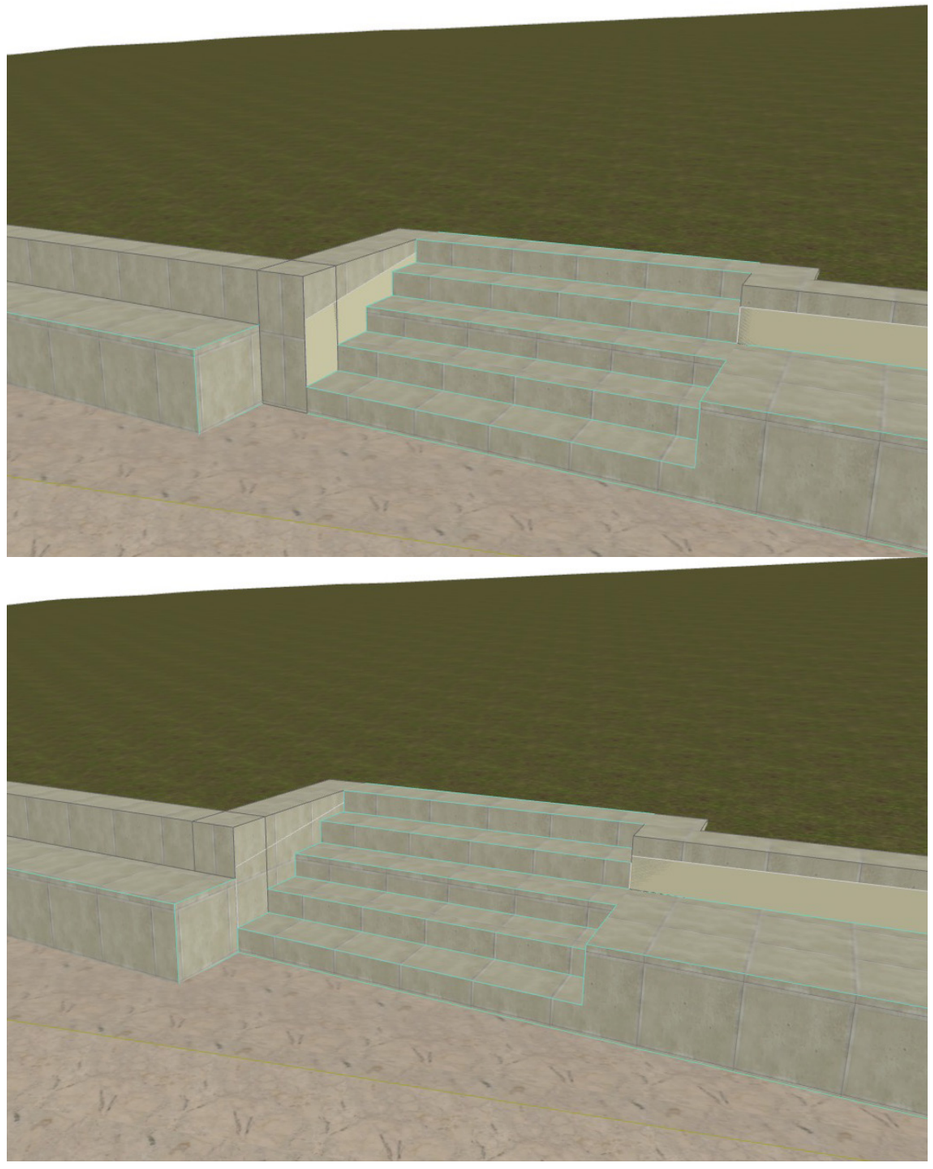
A.IV-138



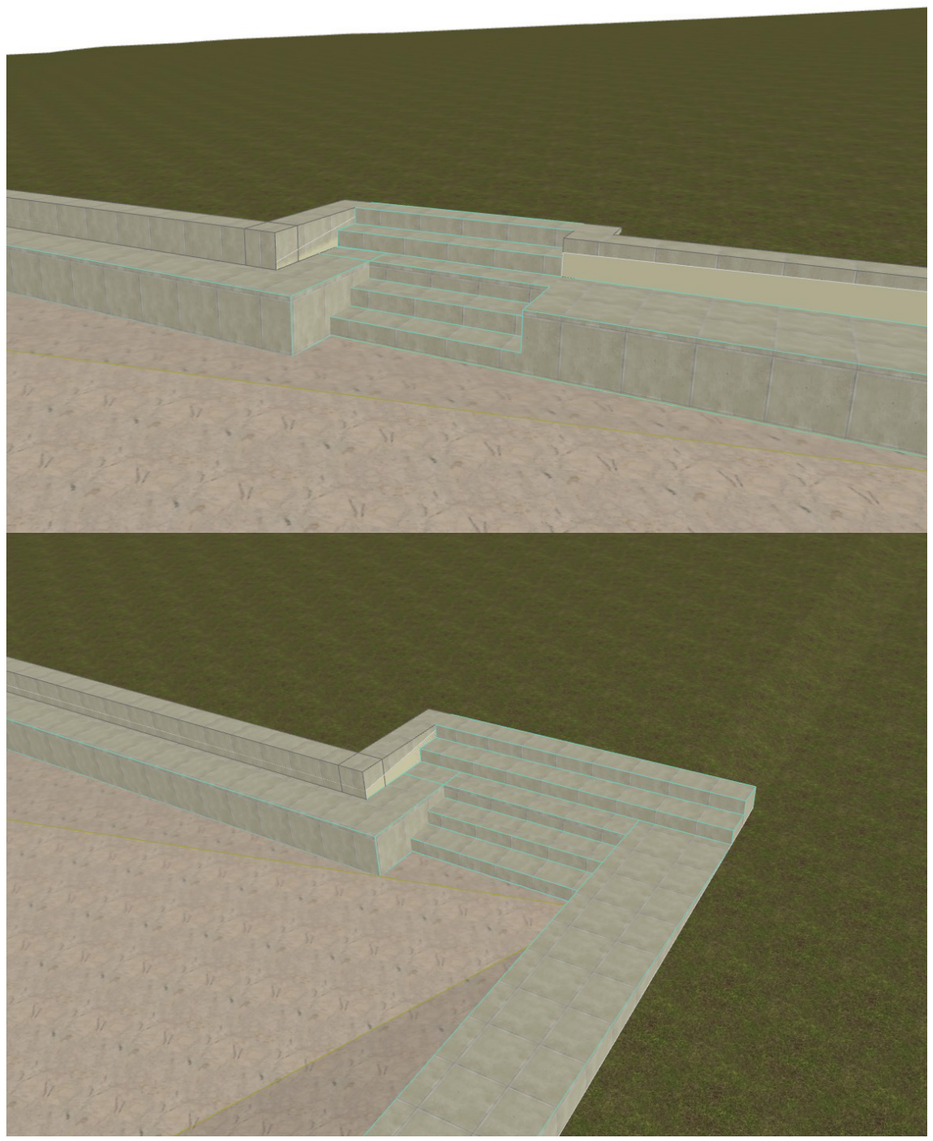
A.IV-139



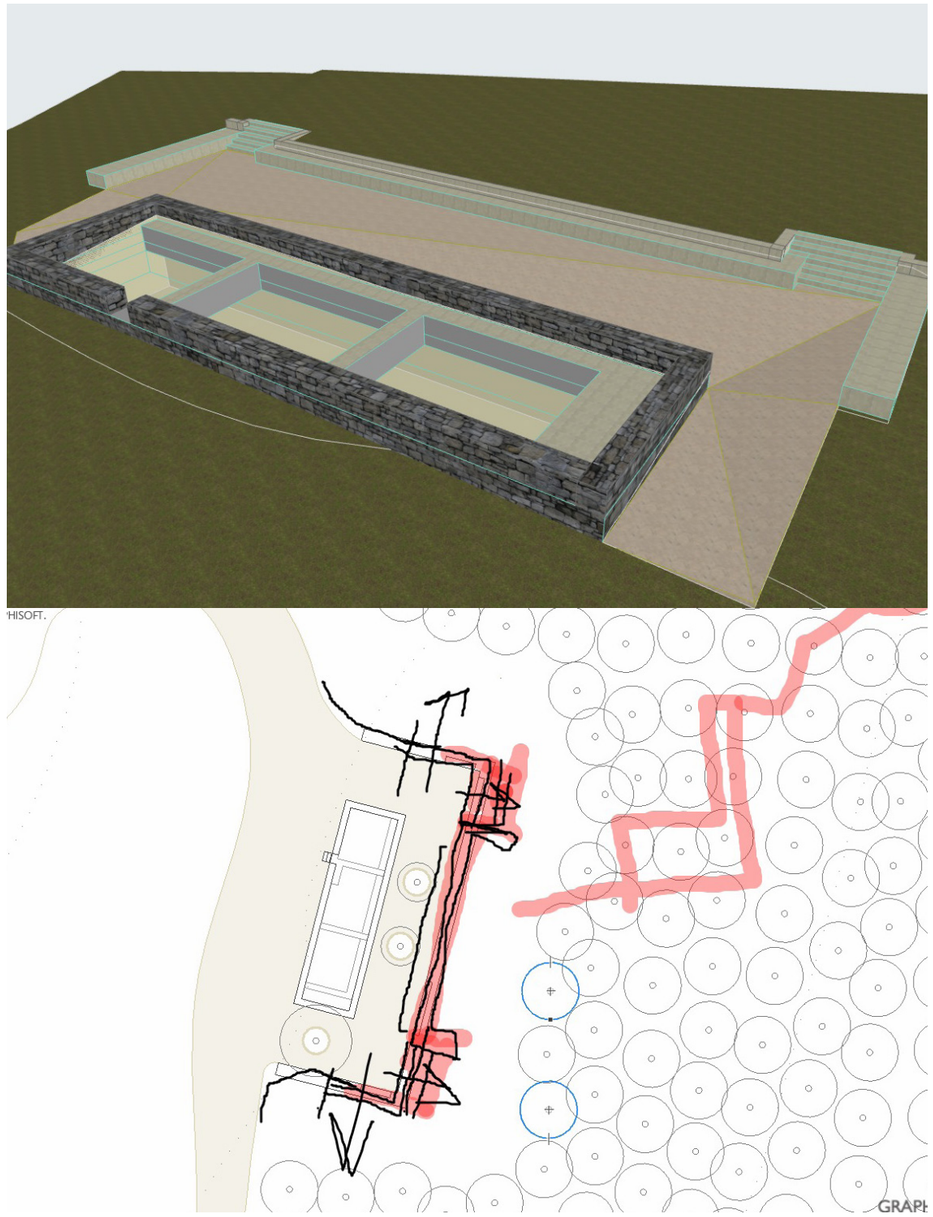
A.IV-140



A.IV-141



A.IV-142

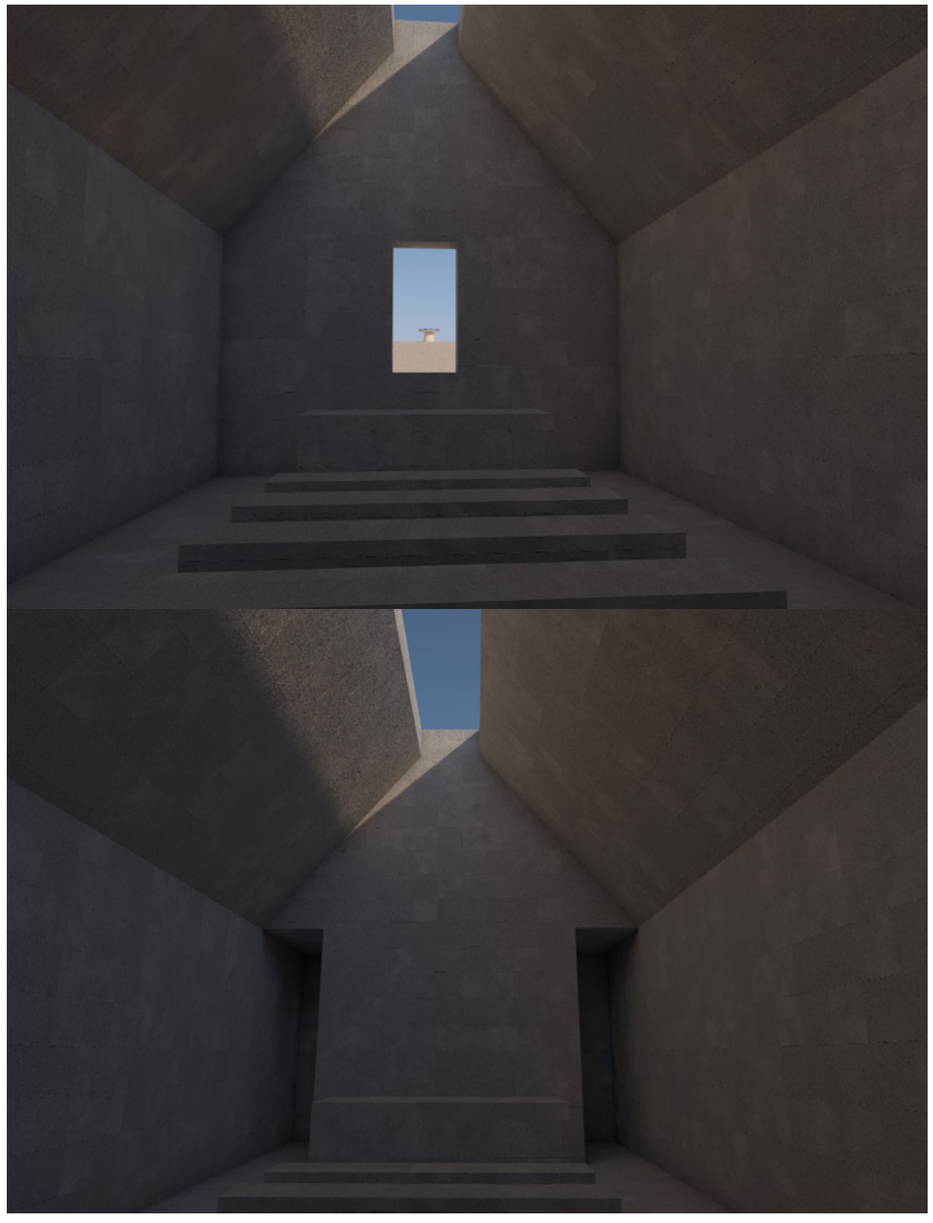


A.IV-143

7_Capela



A.IV-146



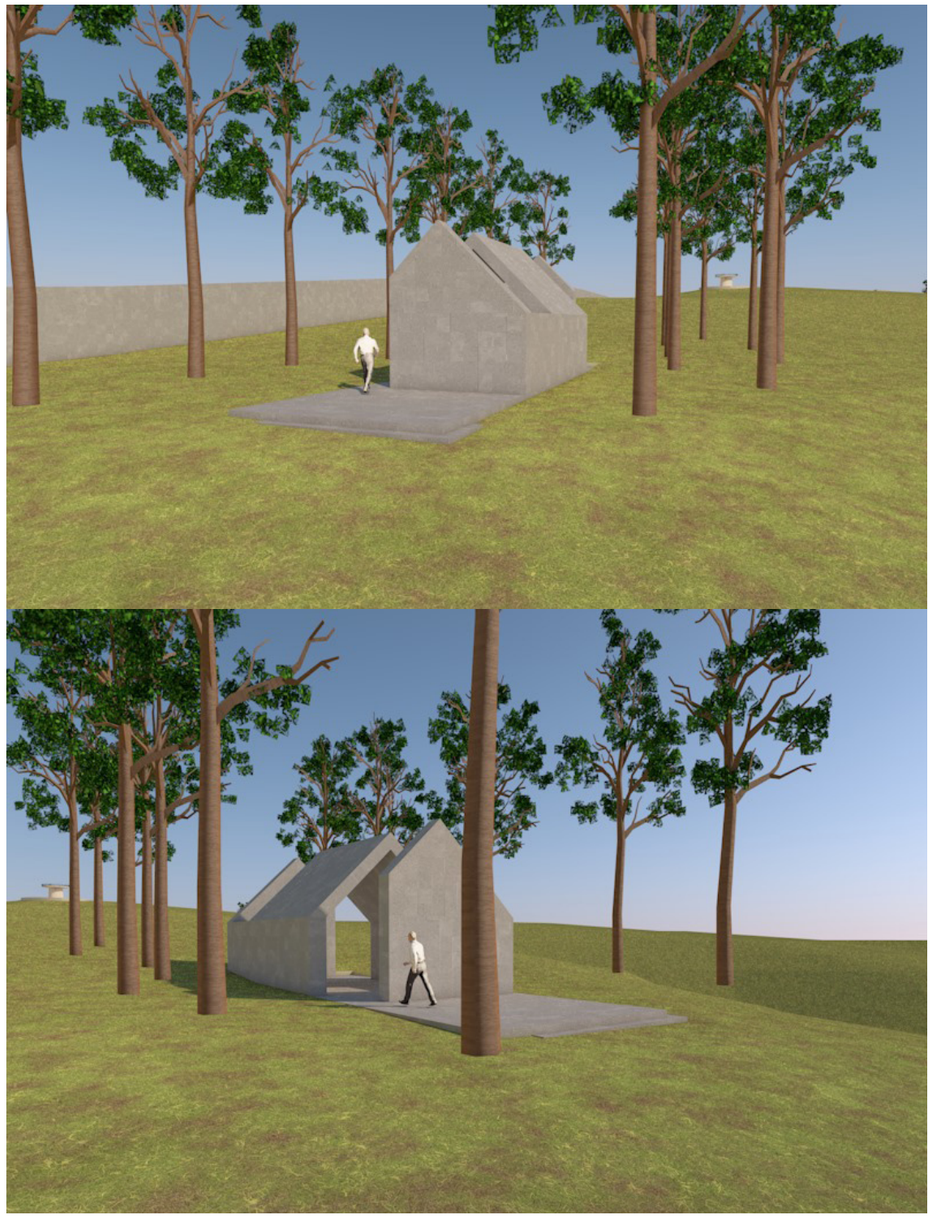
A.IV-147

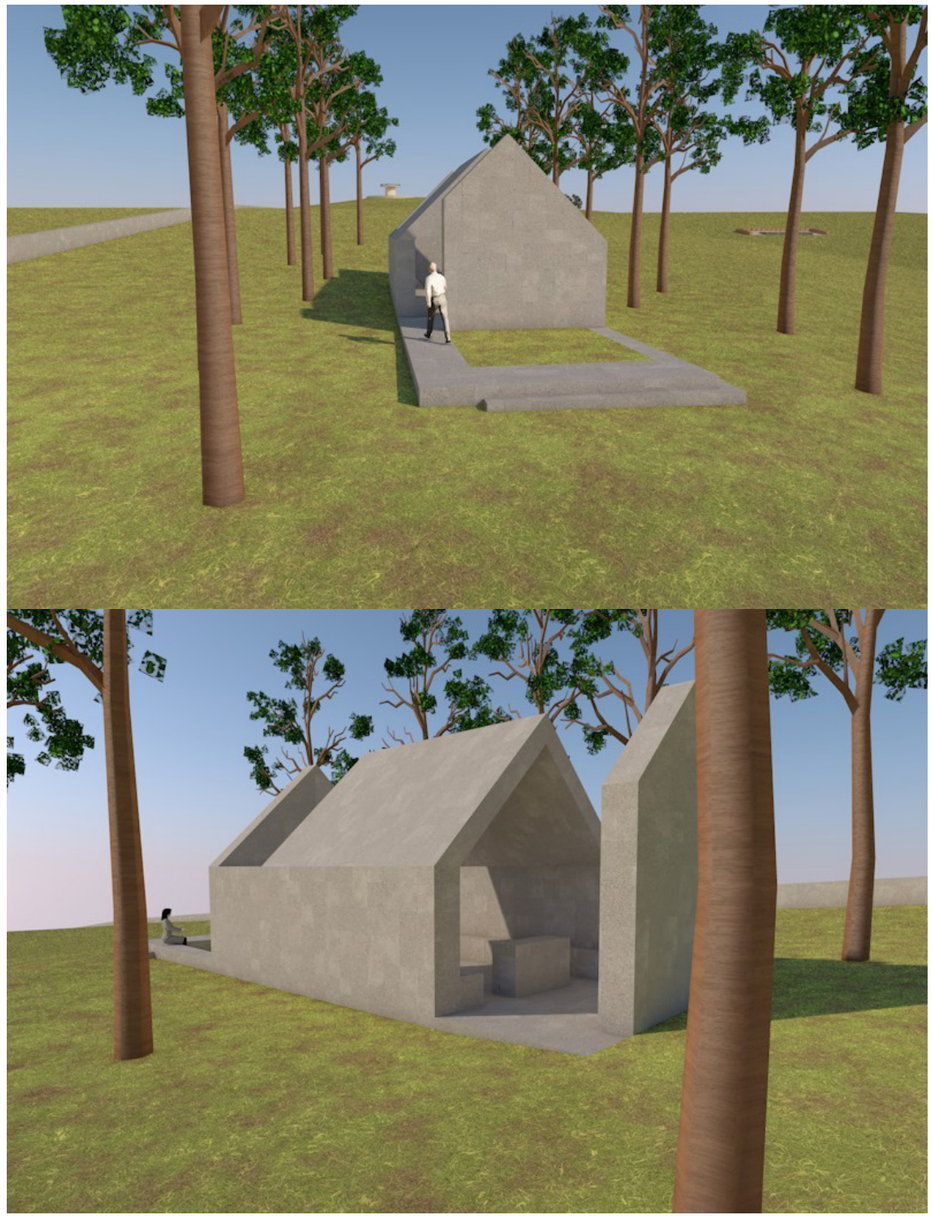


A.IV-148



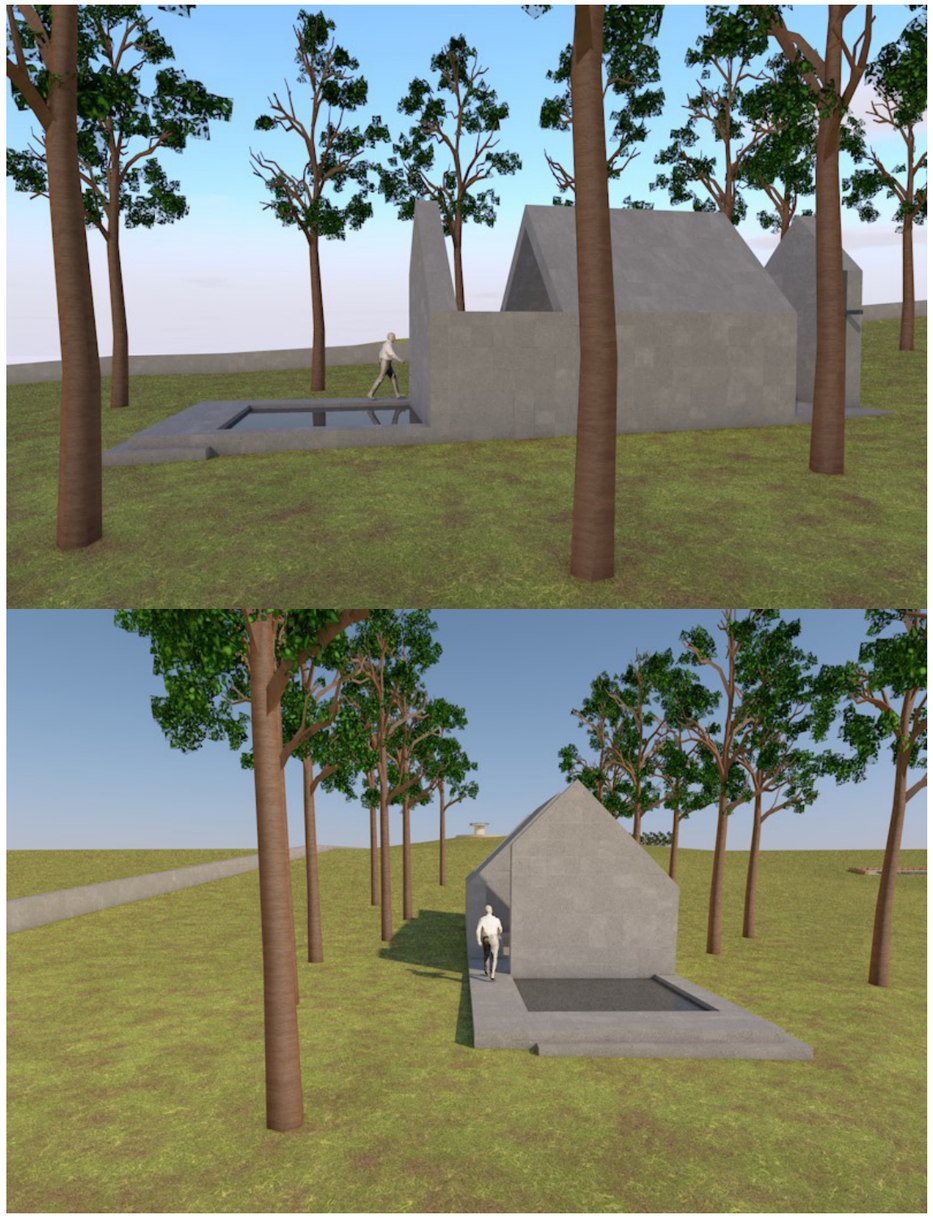
A.IV-149





A.IV-150

A.IV-151



A.IV-152



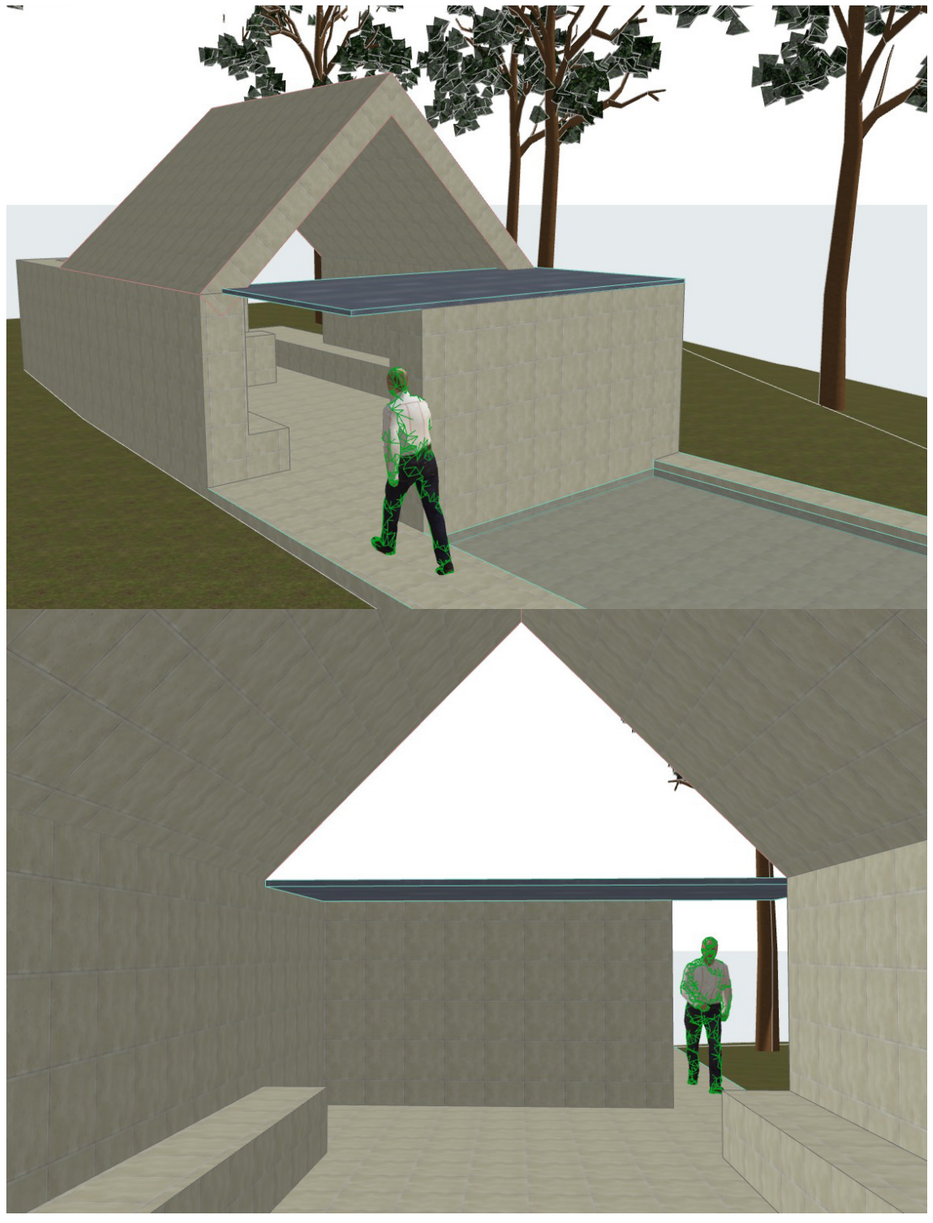
A.IV-153



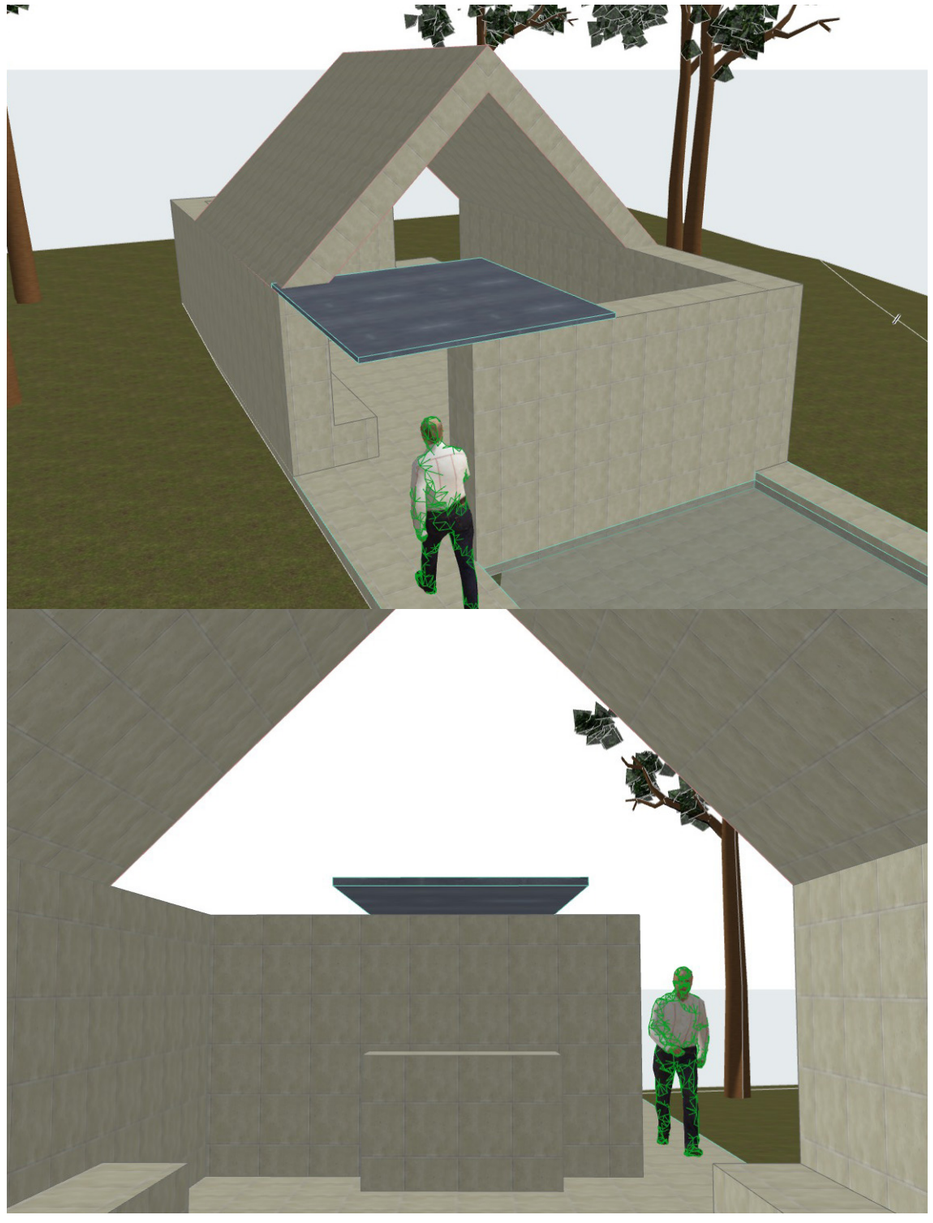
A.IV-154



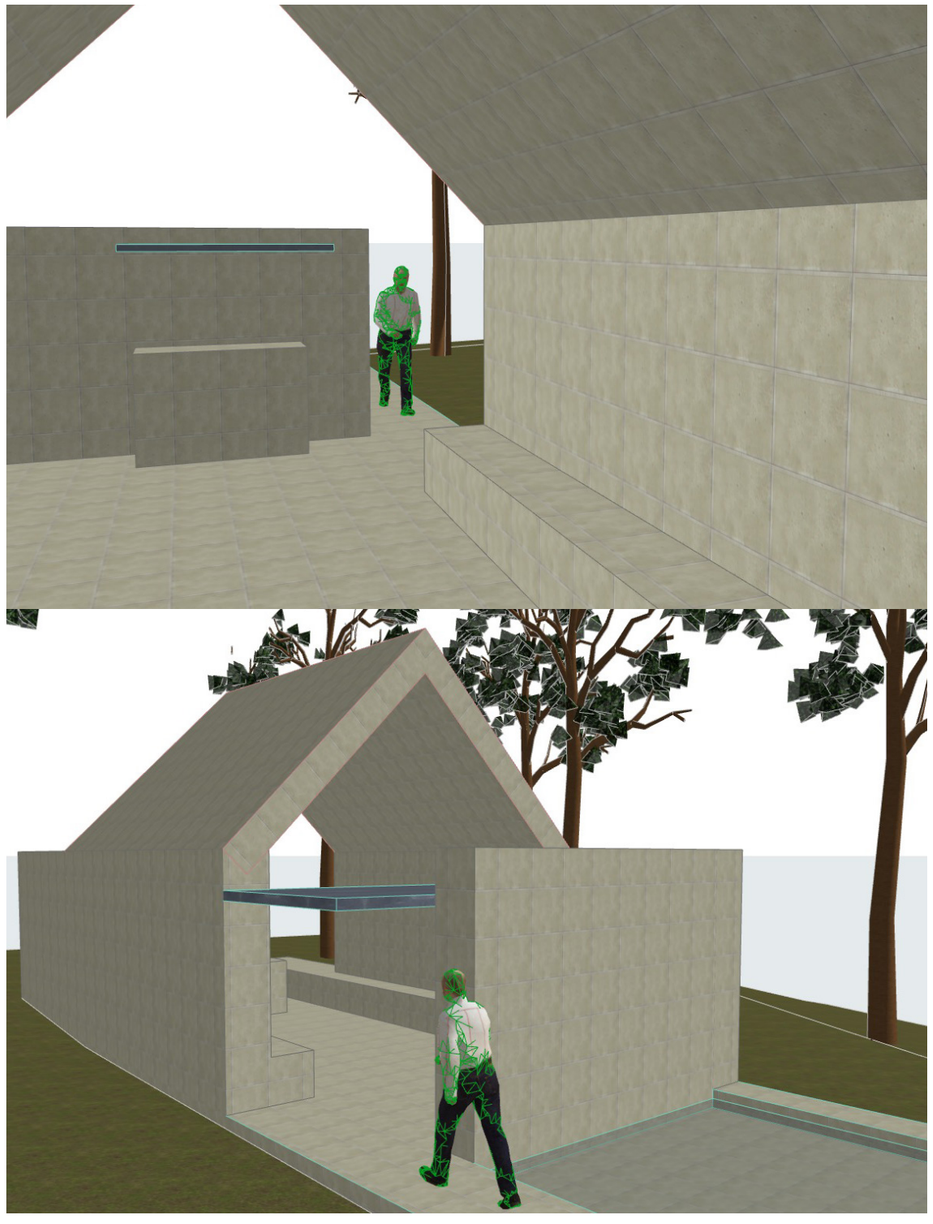
A.IV-155



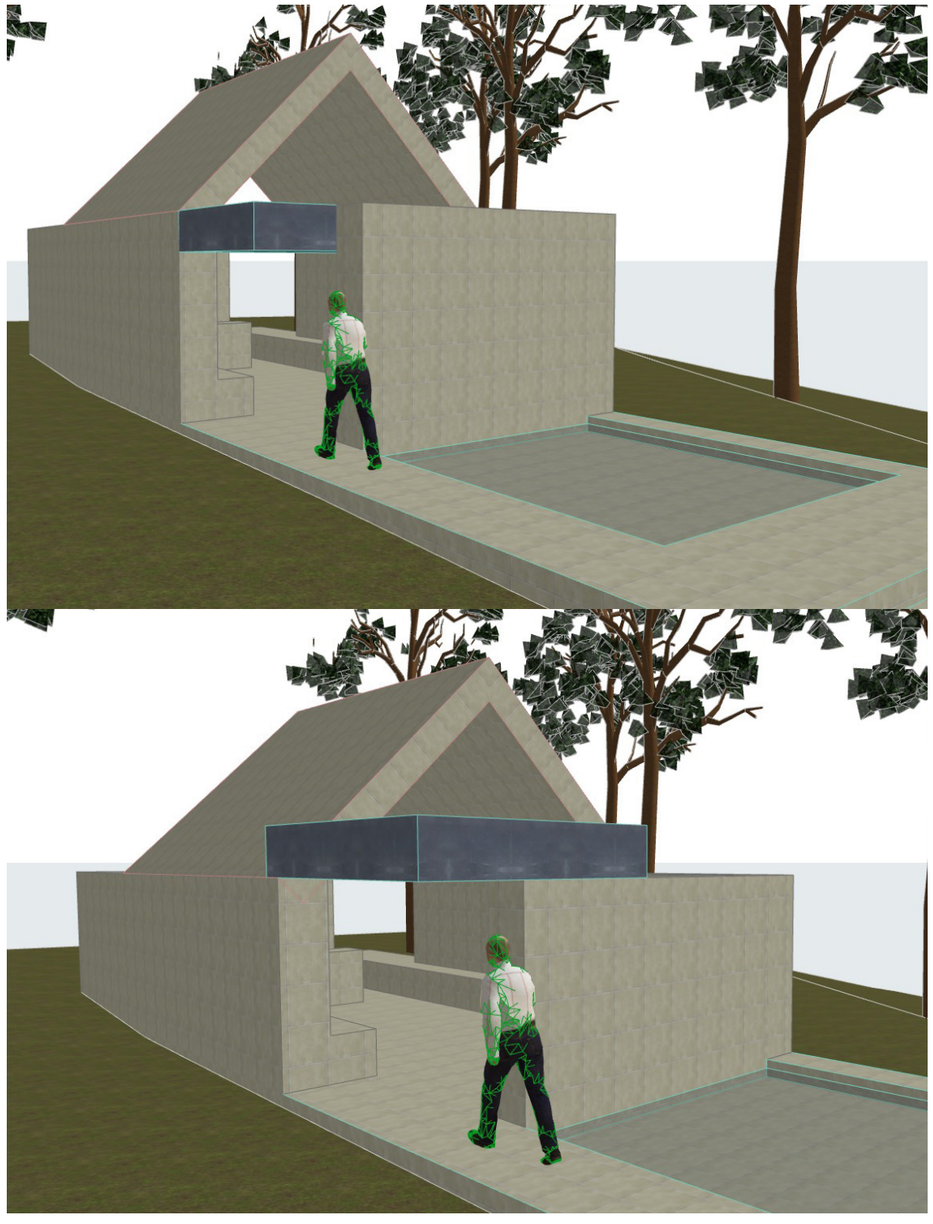
A.IV-156



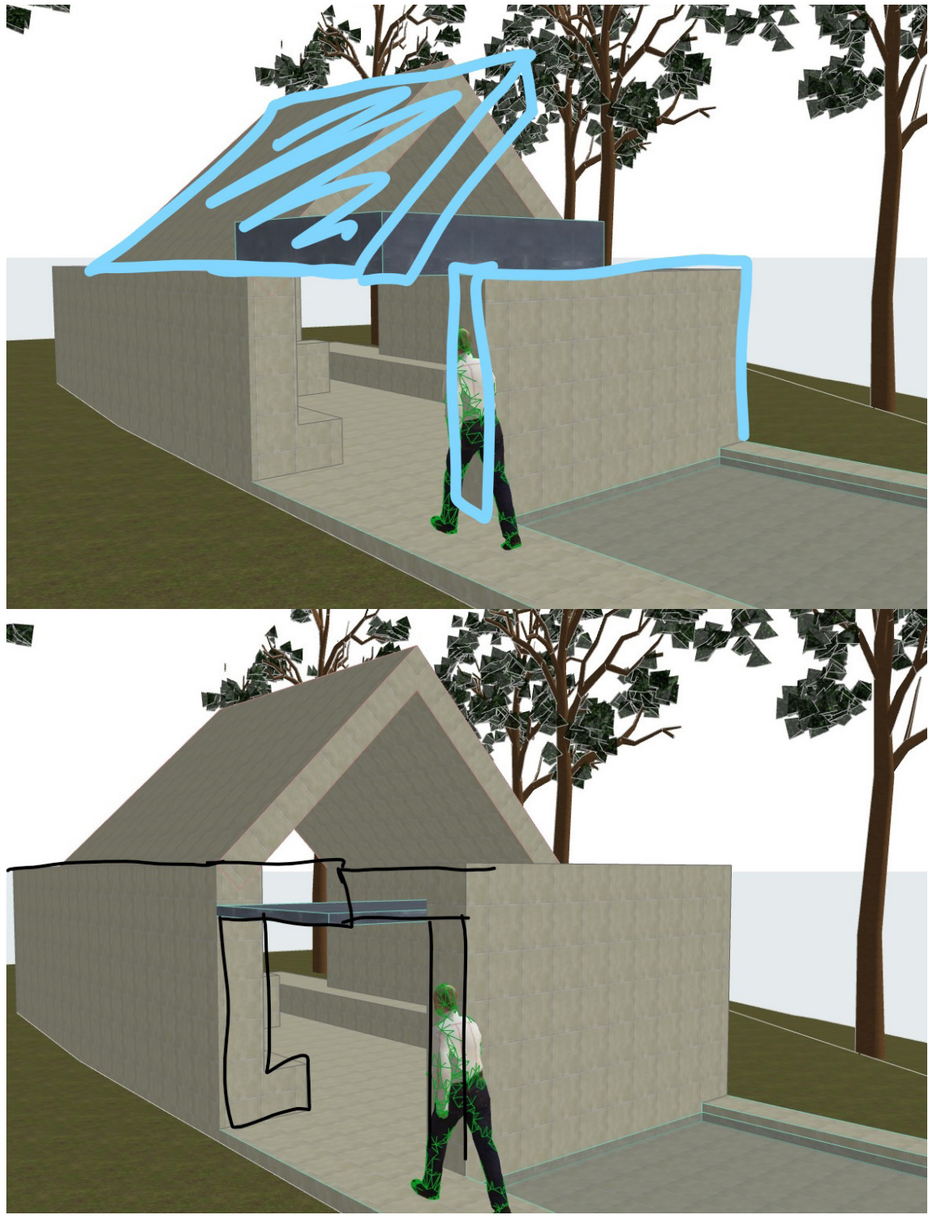
A.IV-157



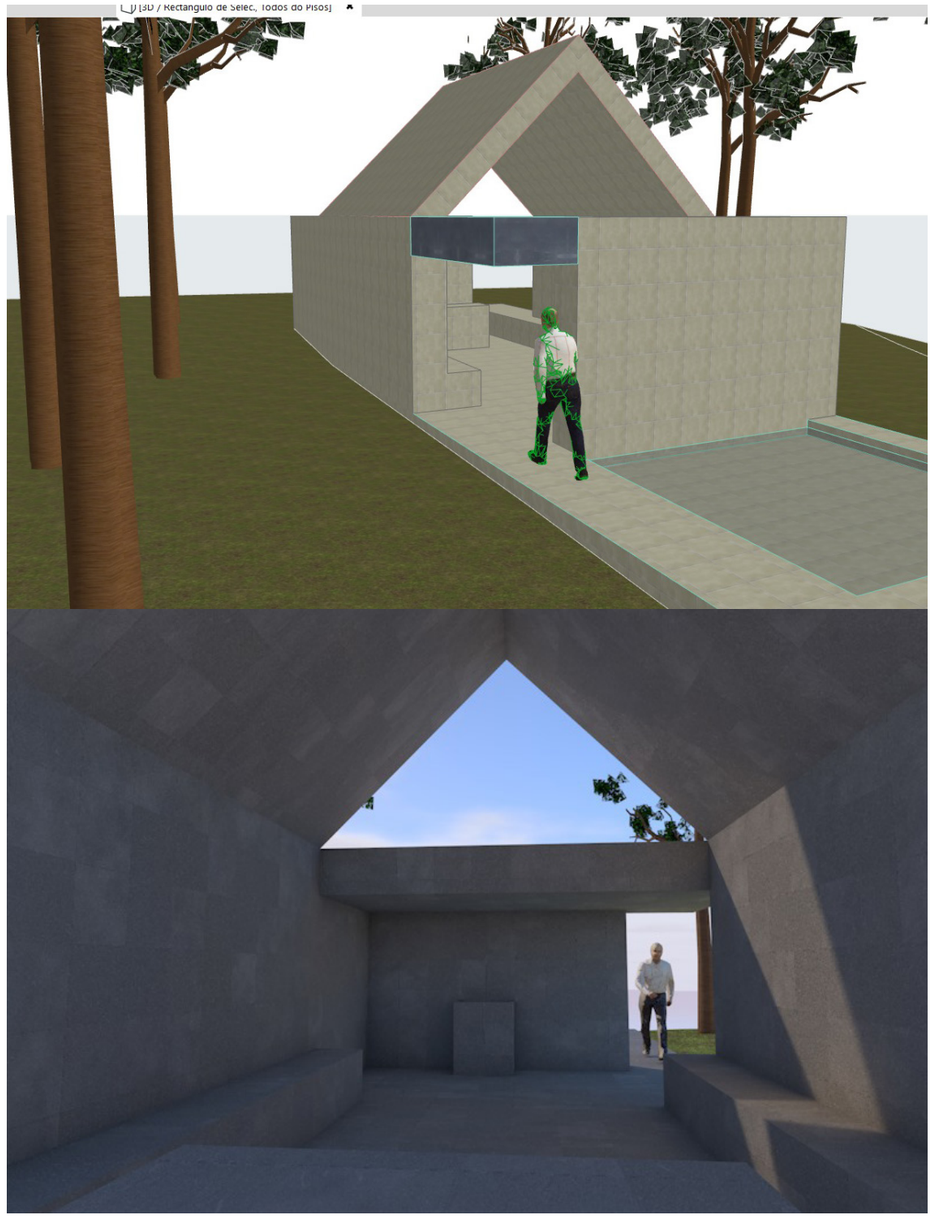
A.IV-158



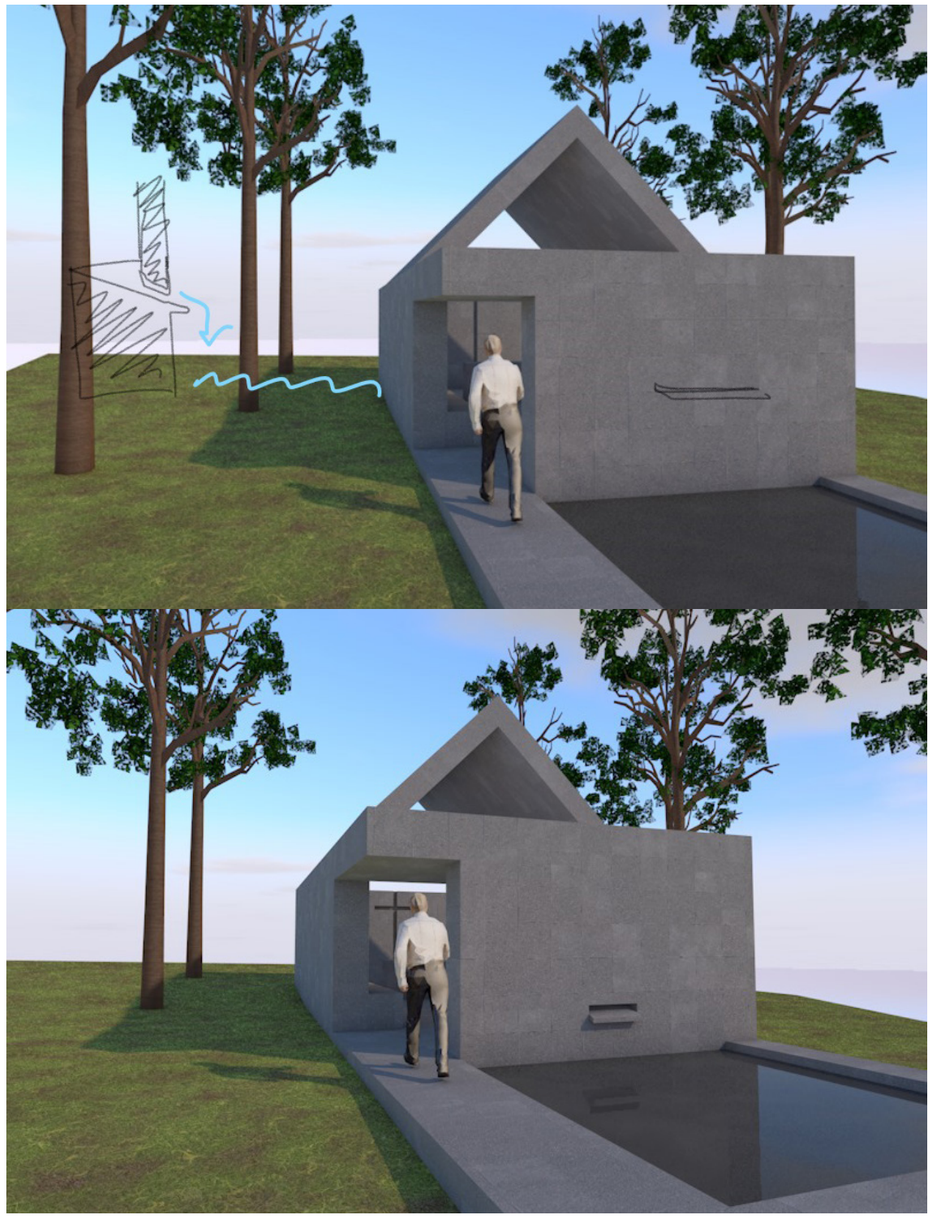
A.IV-159



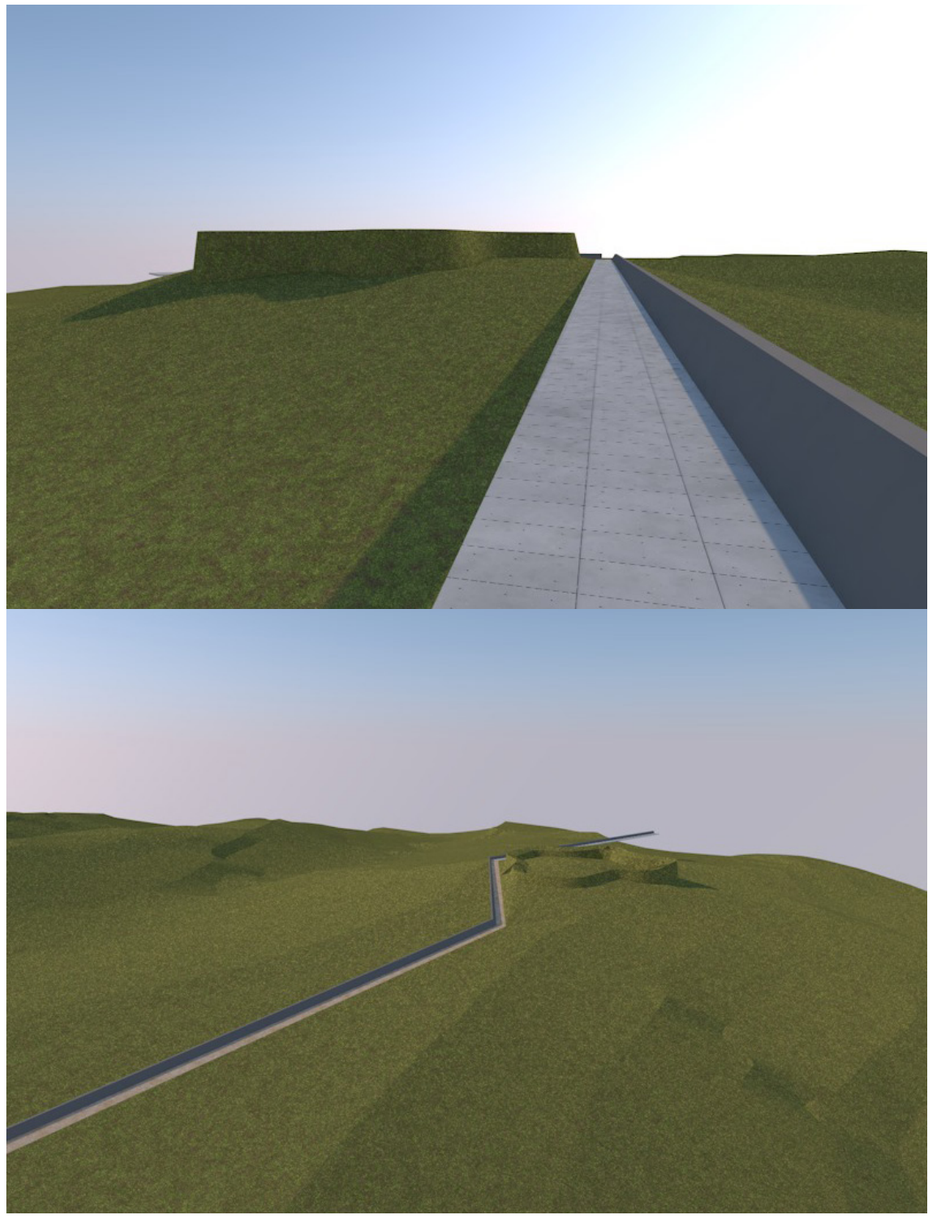
A.IV-160



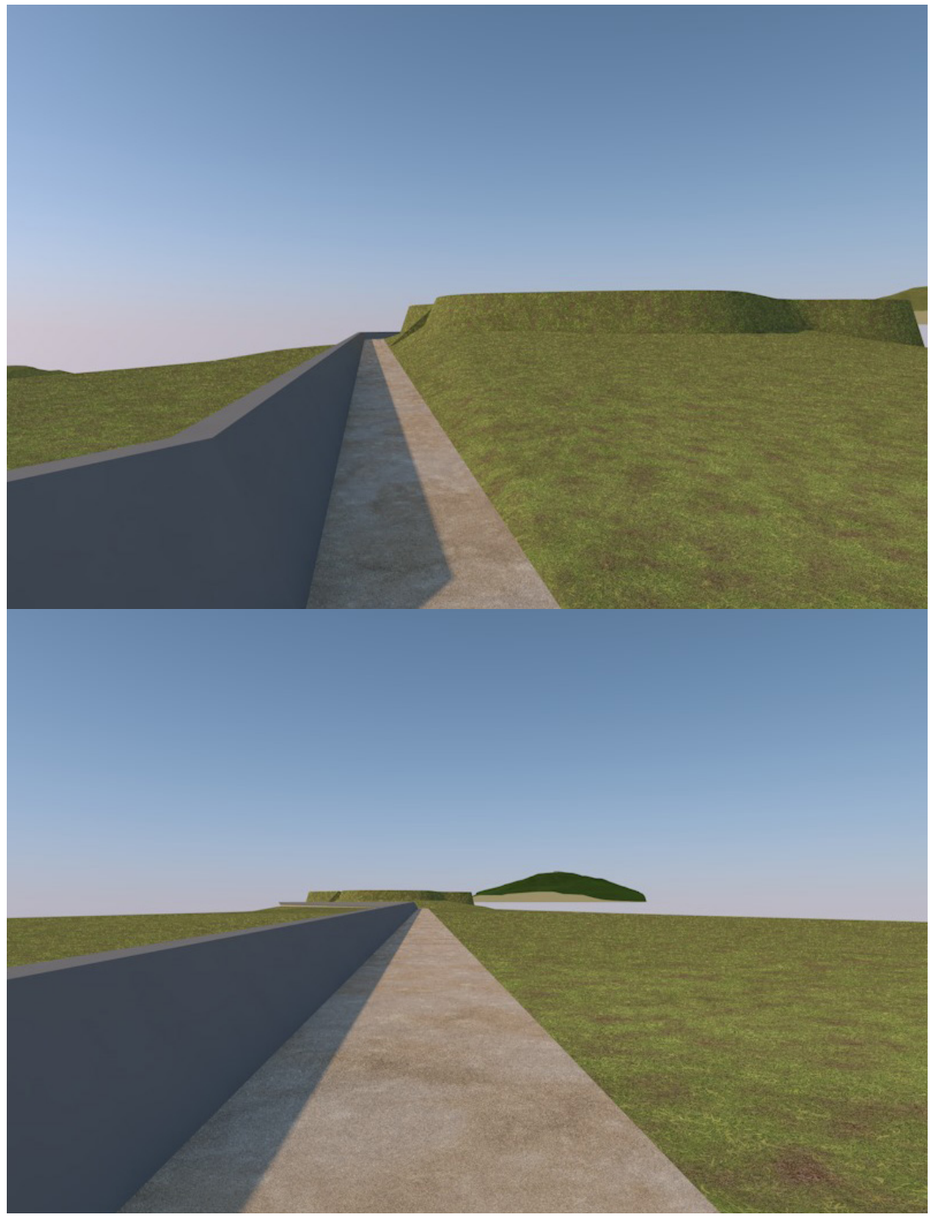
A.IV-161



8_Fortes Grande e Pequeno da Enxara



A.IV-166



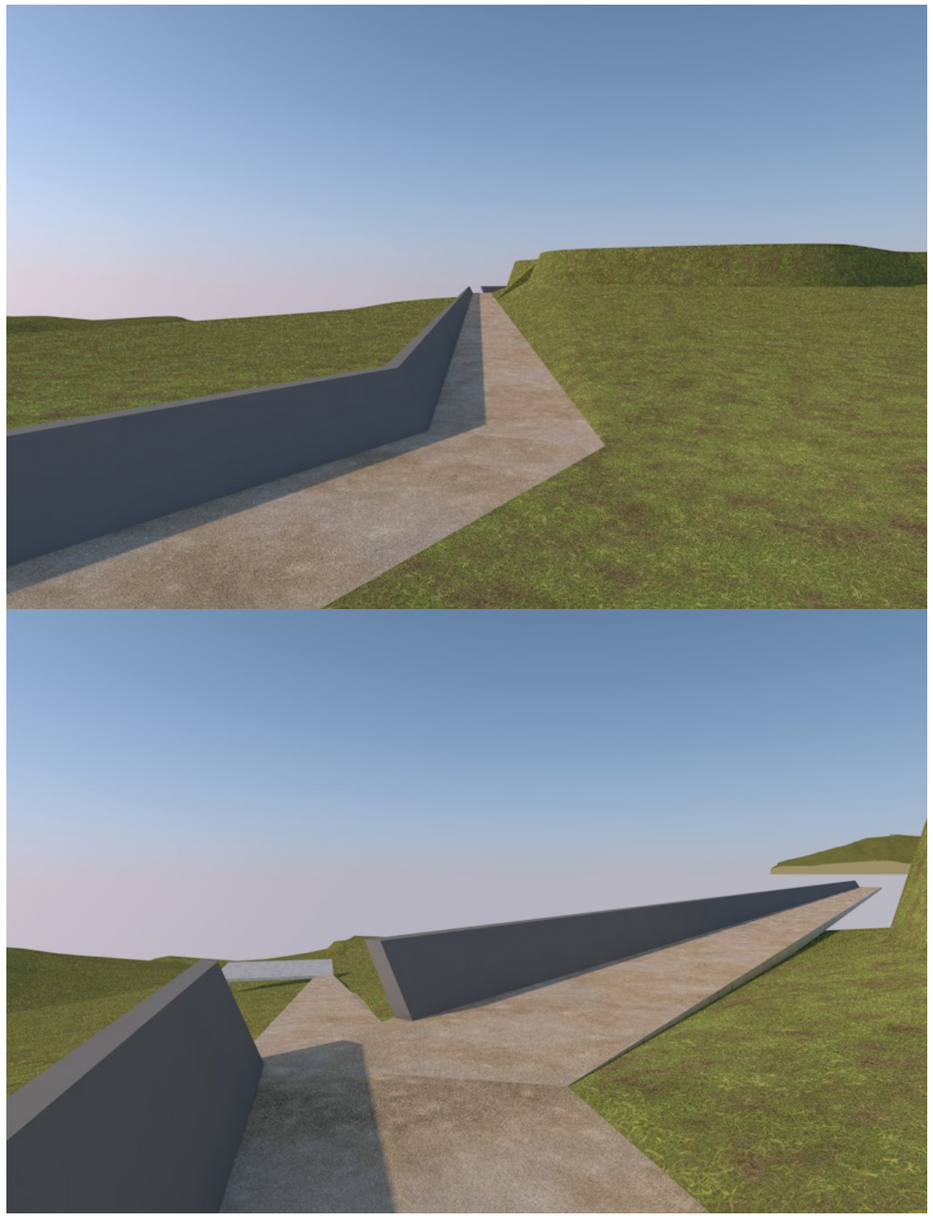
A.IV-167



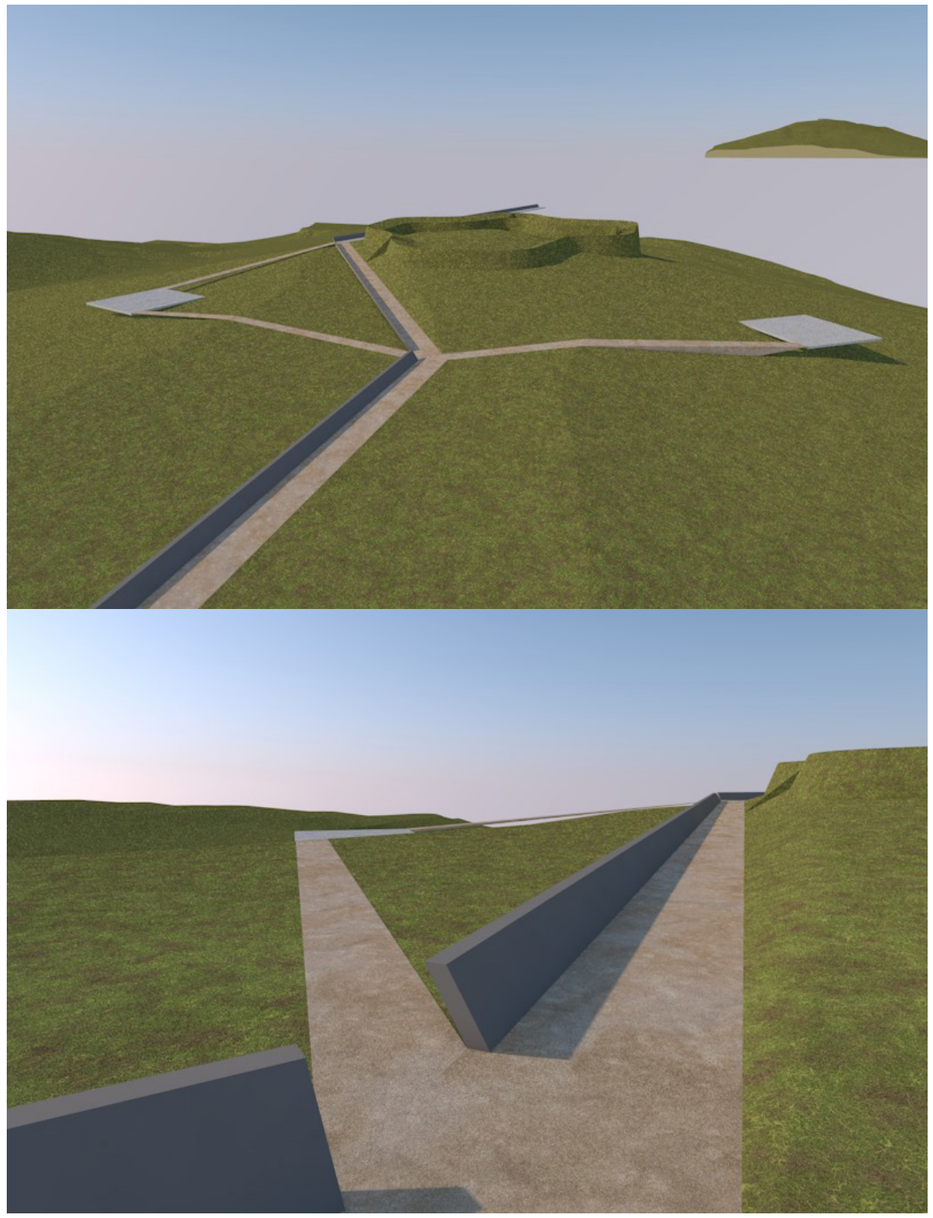
A.IV-168



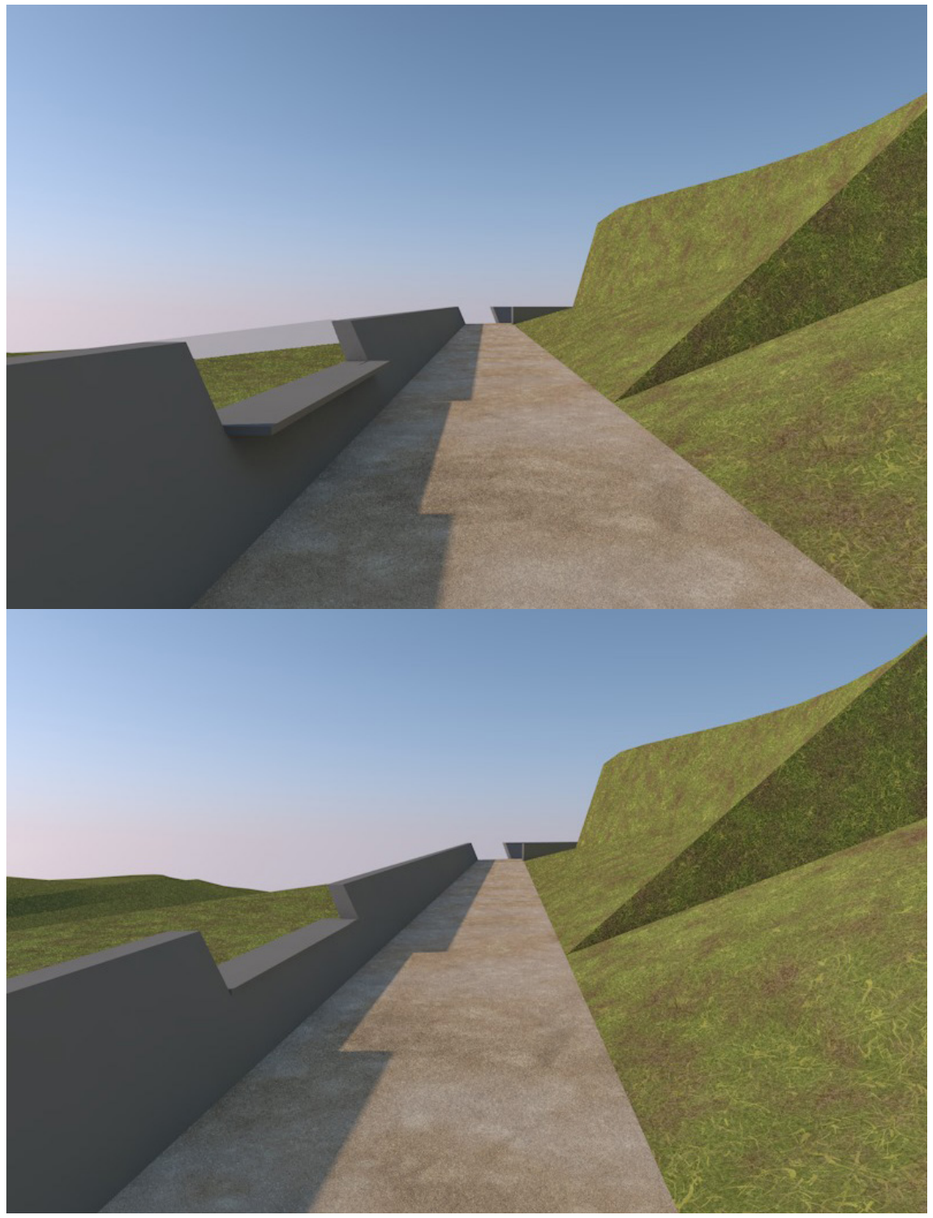
A.IV-169



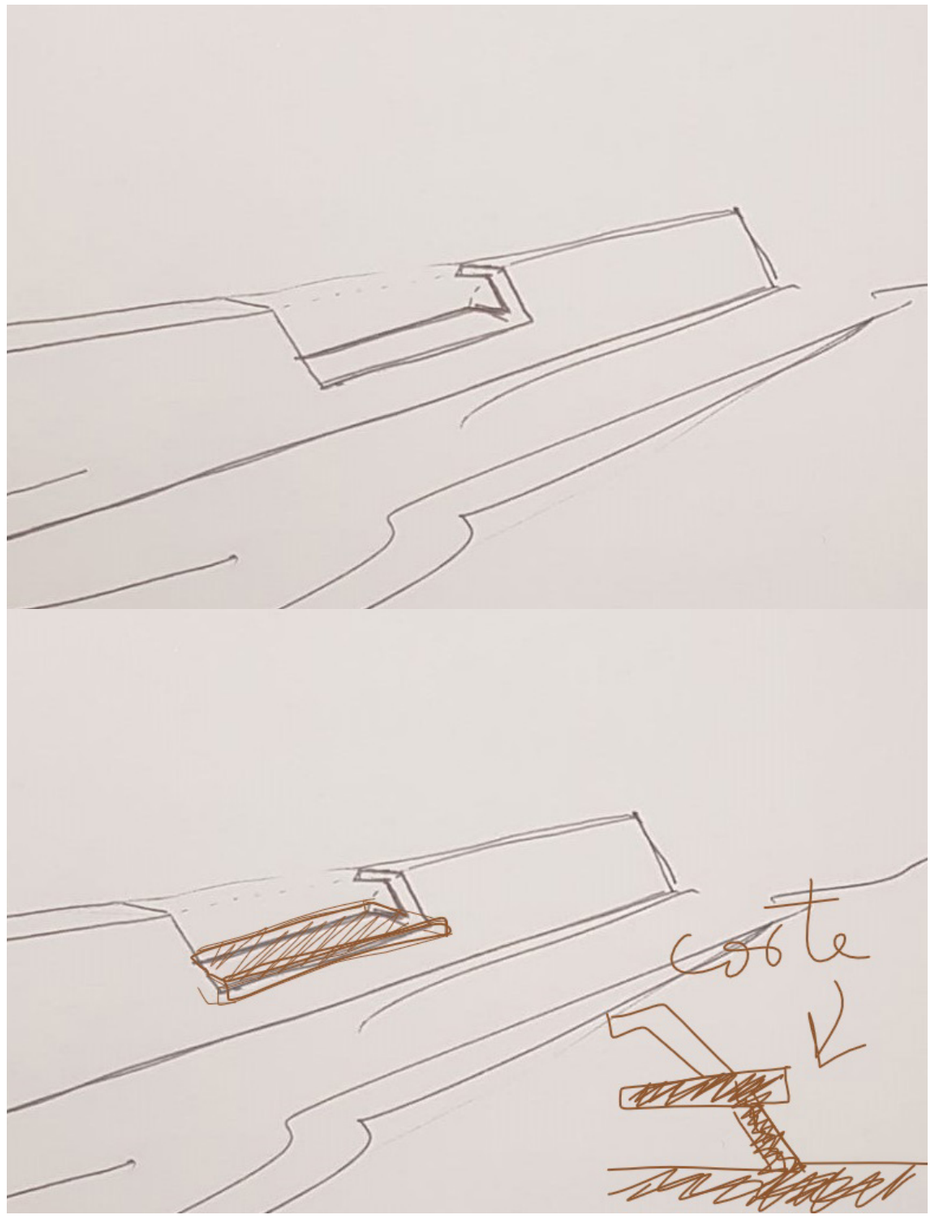
A.IV-170



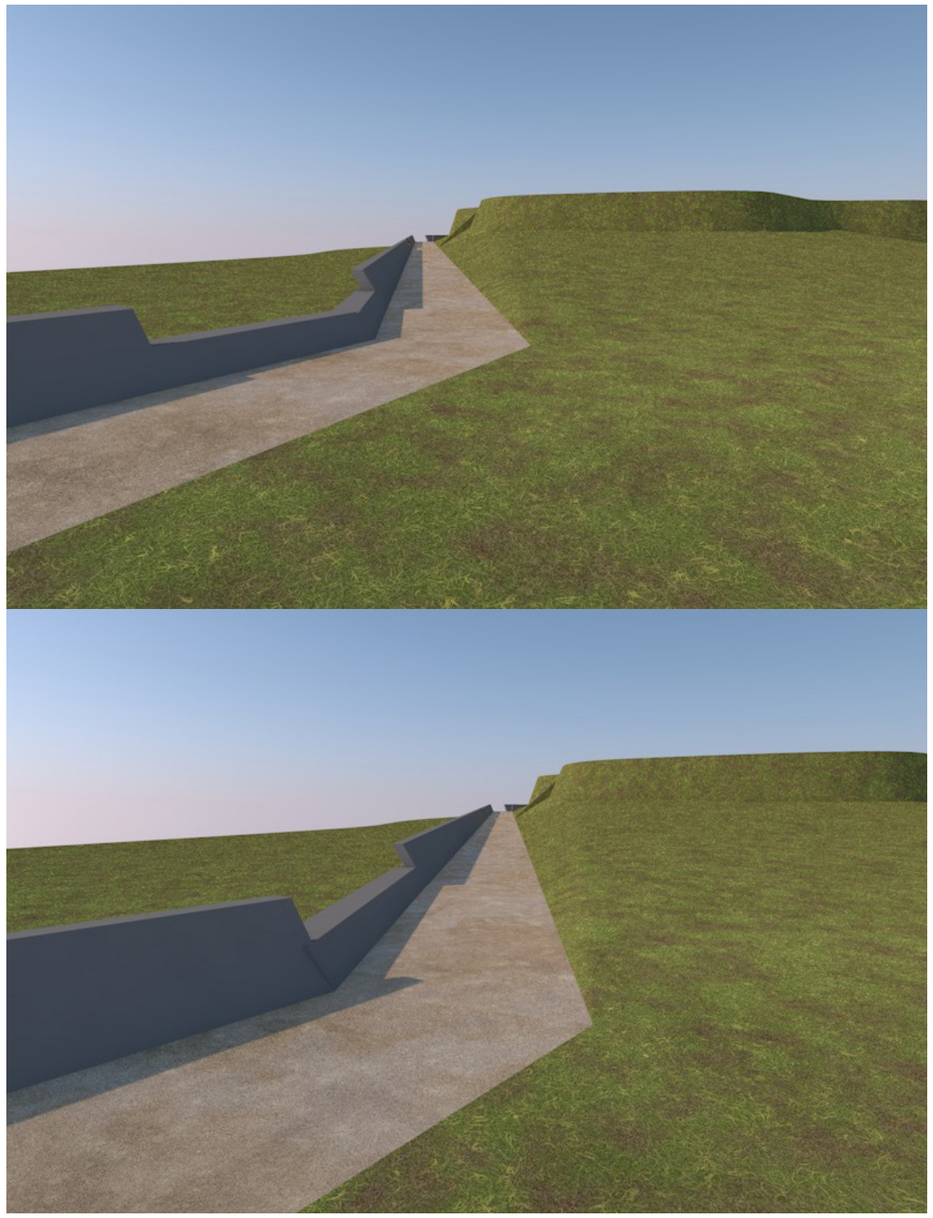
A.IV-171



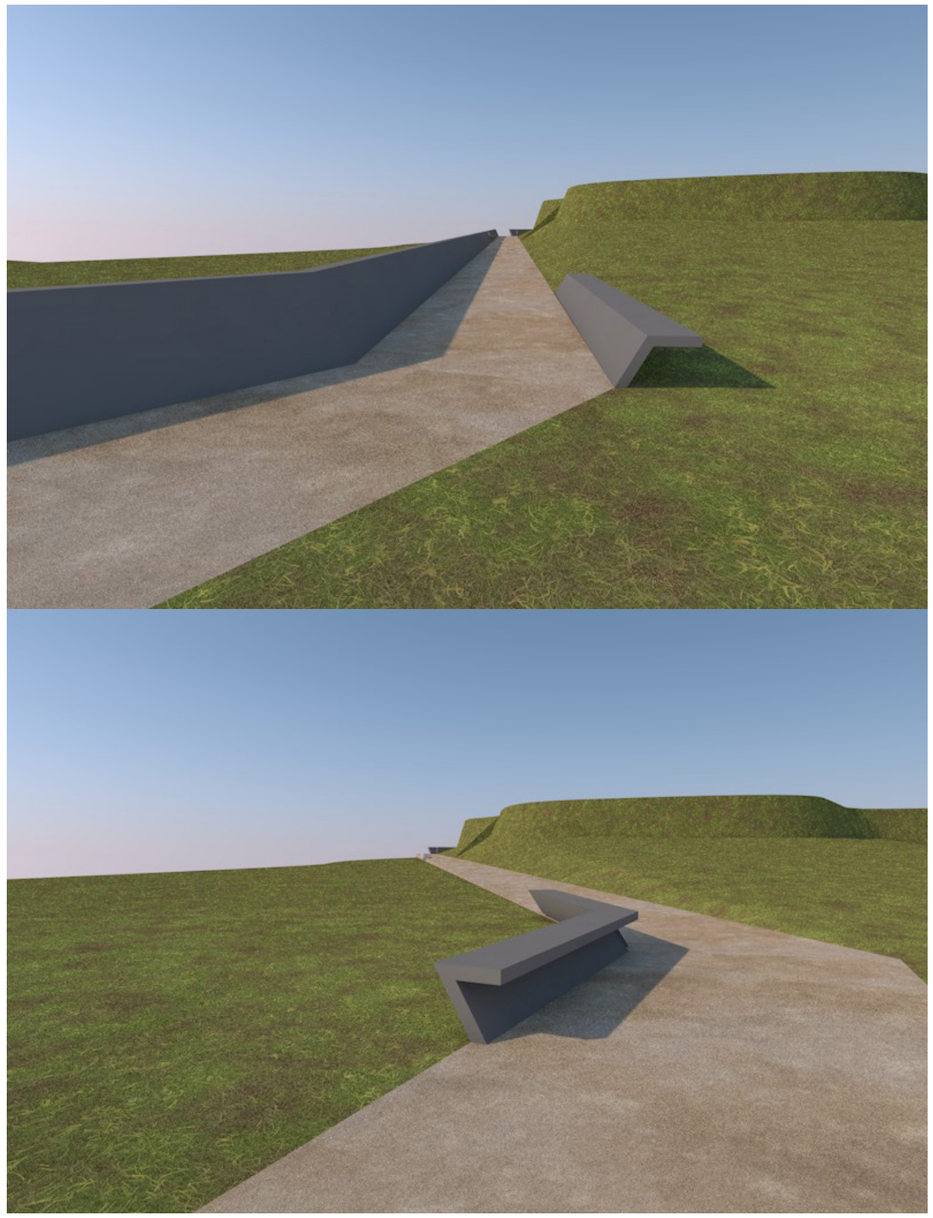
A.IV-172



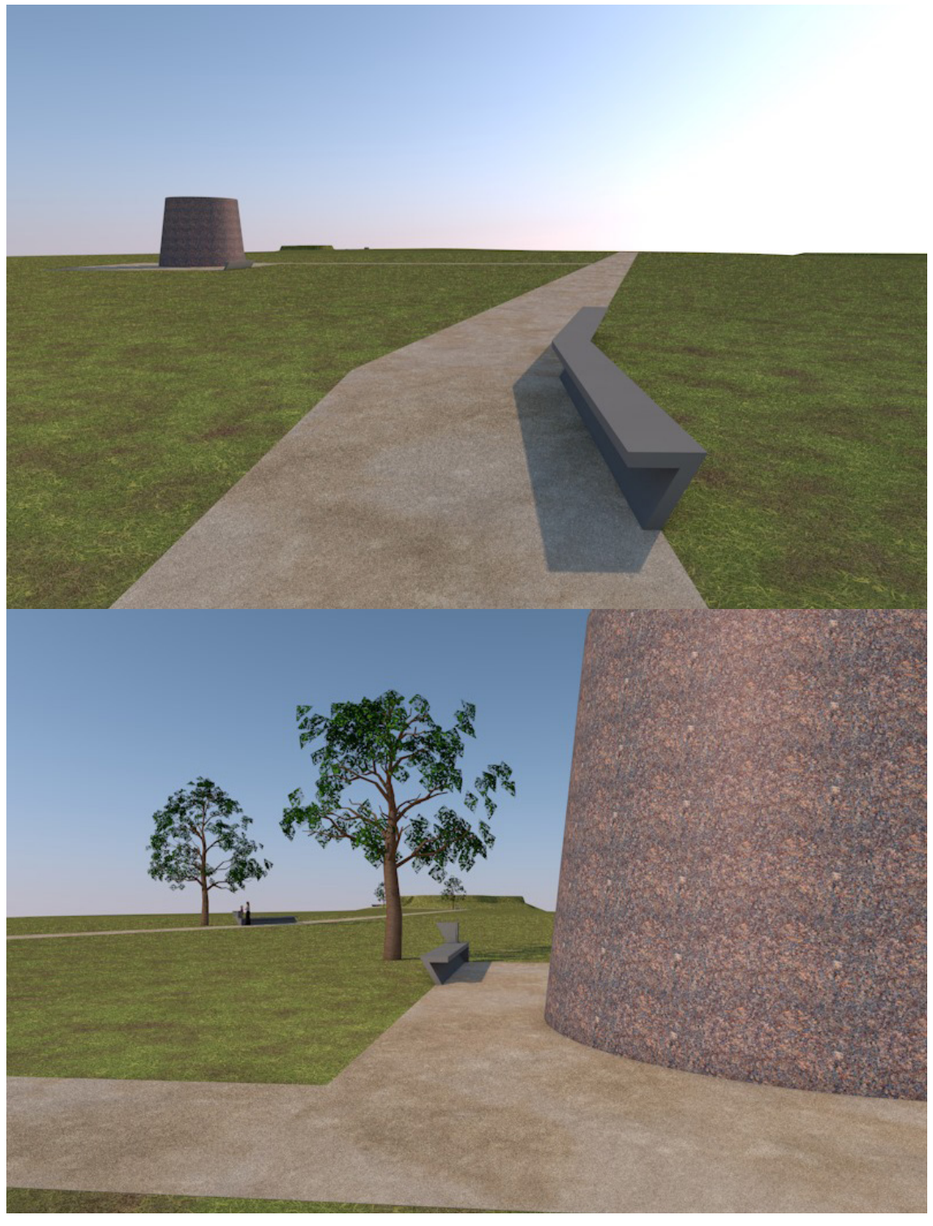
A.IV-173



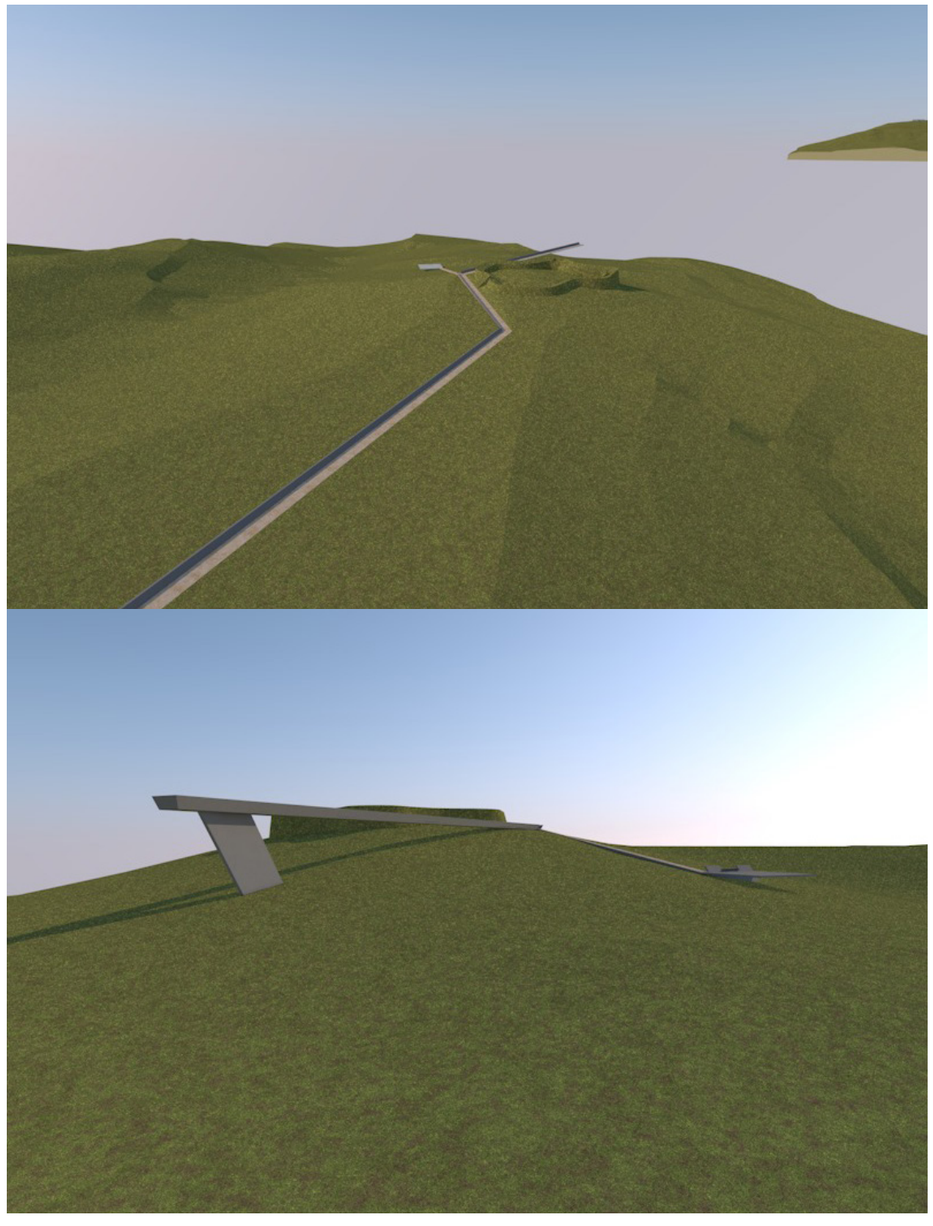
A.IV-174



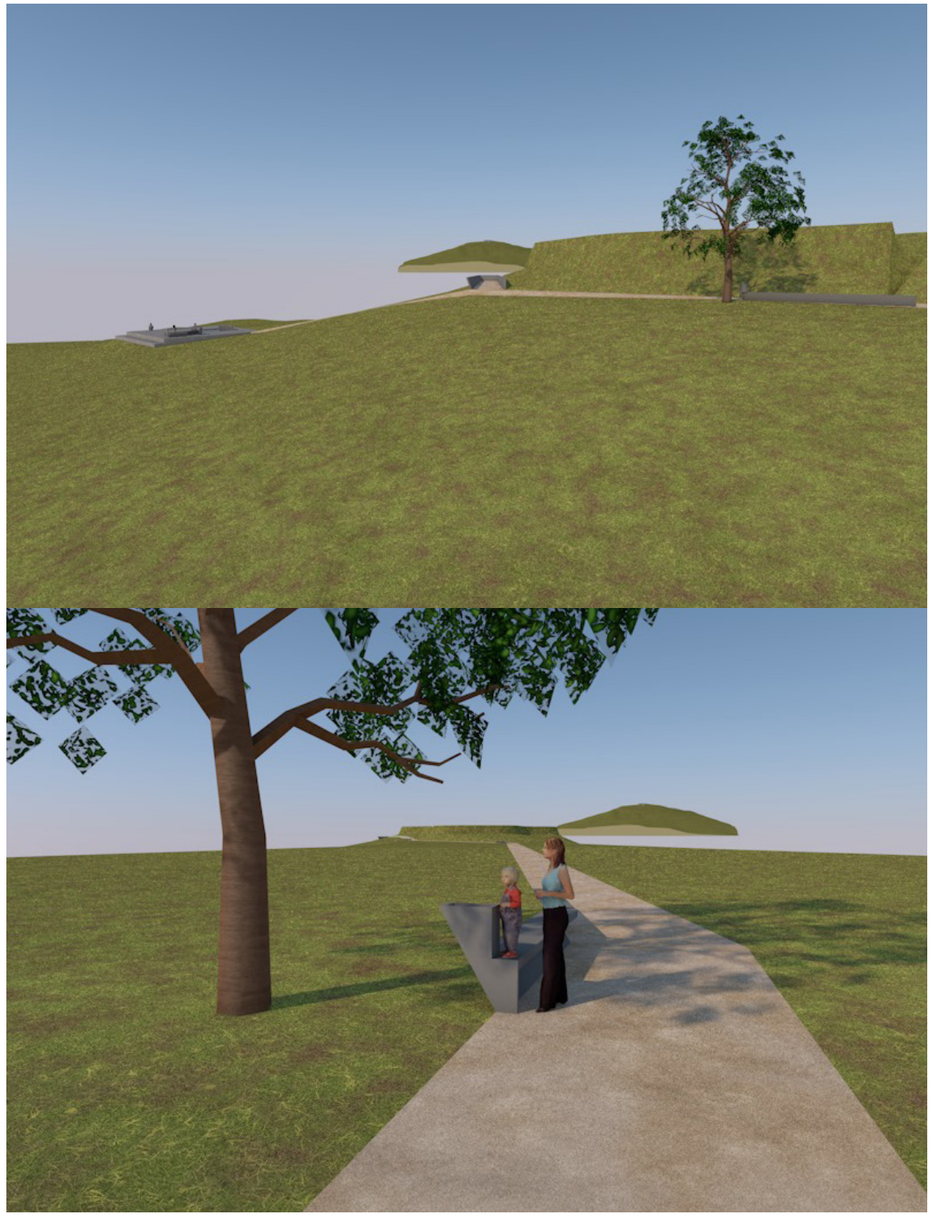
A.IV-175



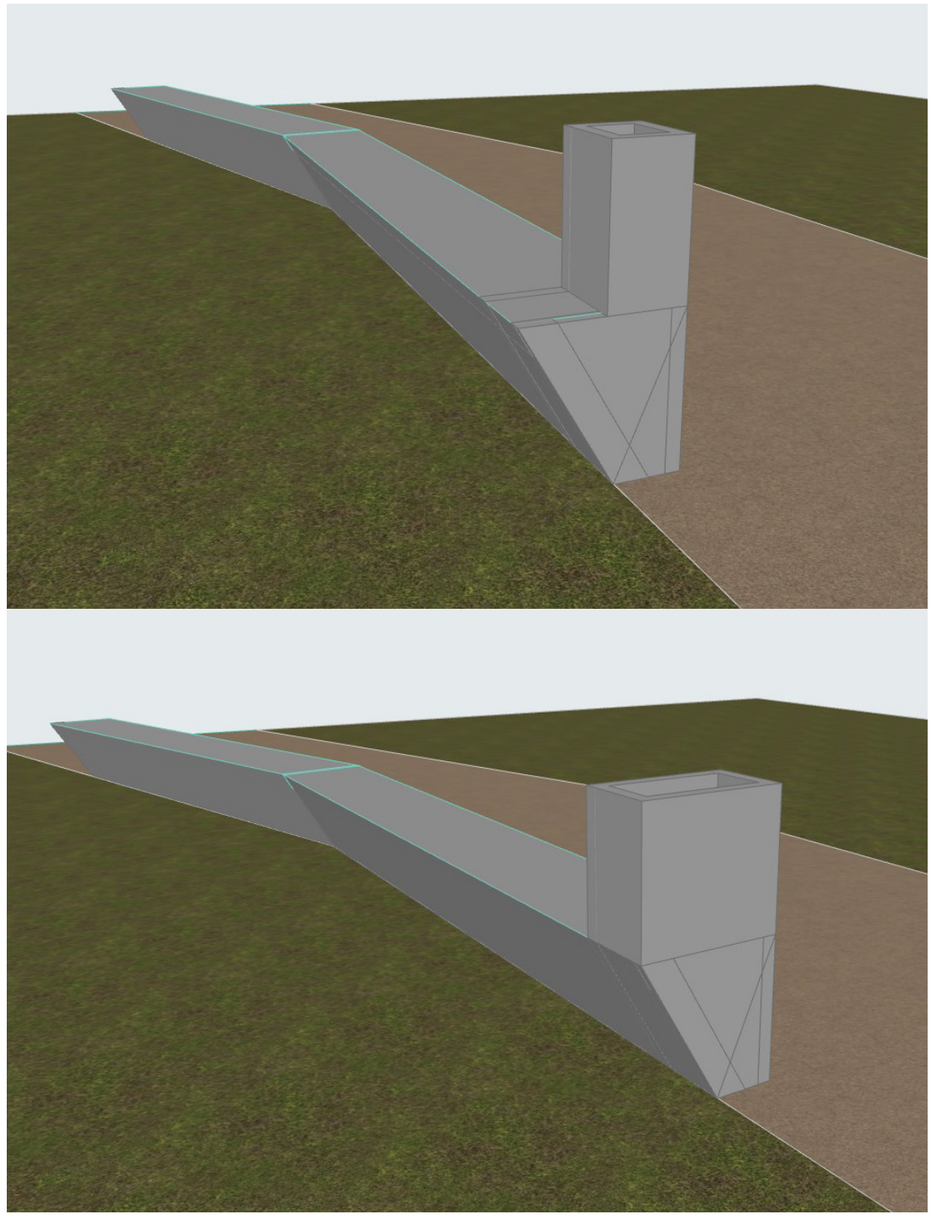
A.IV-176



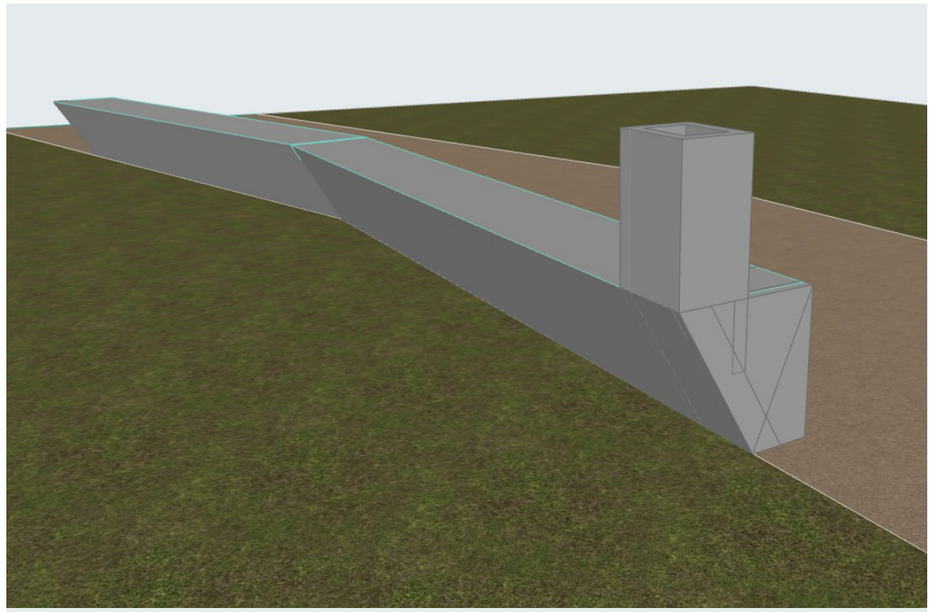
A.IV-177

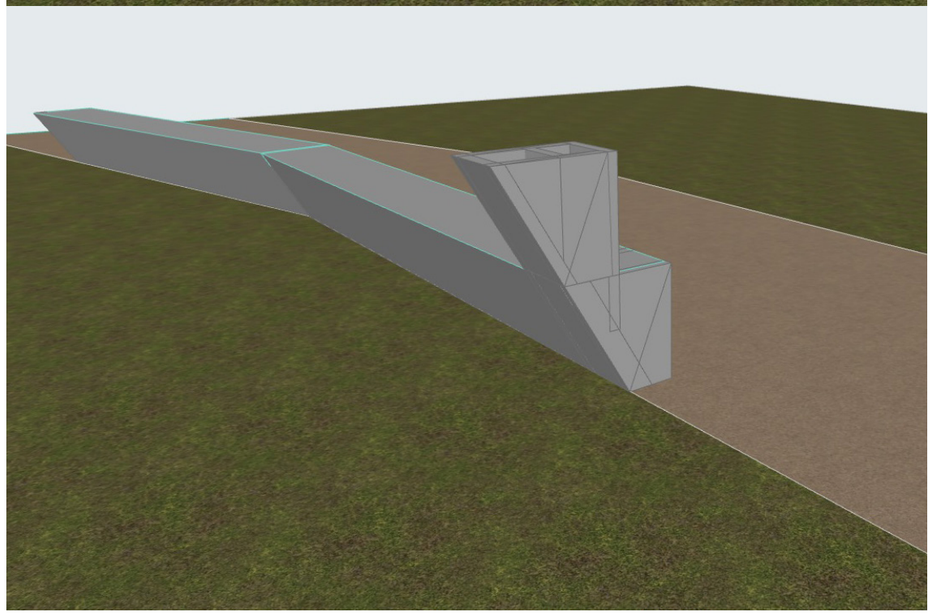


A.IV-178

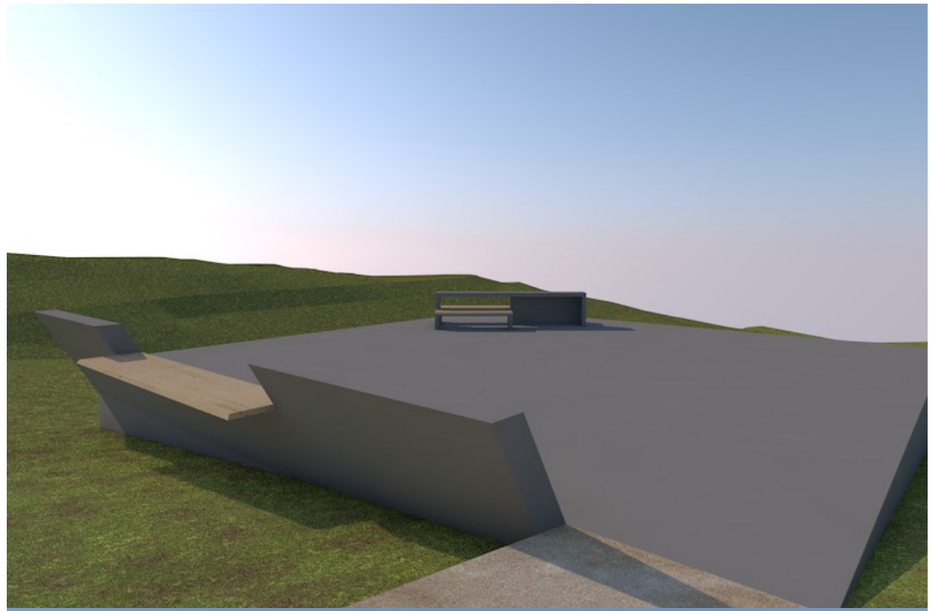


A.IV-179



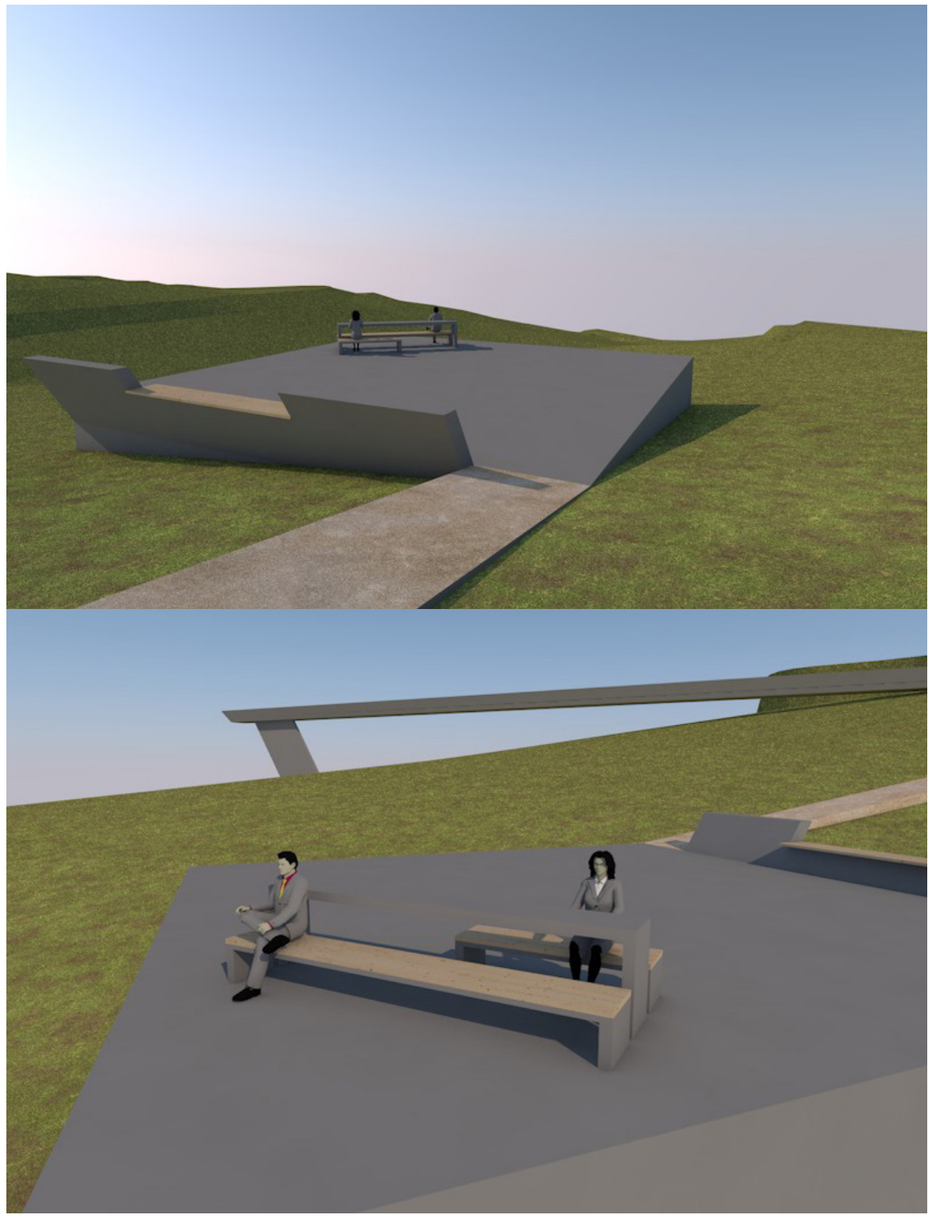


A.IV-180

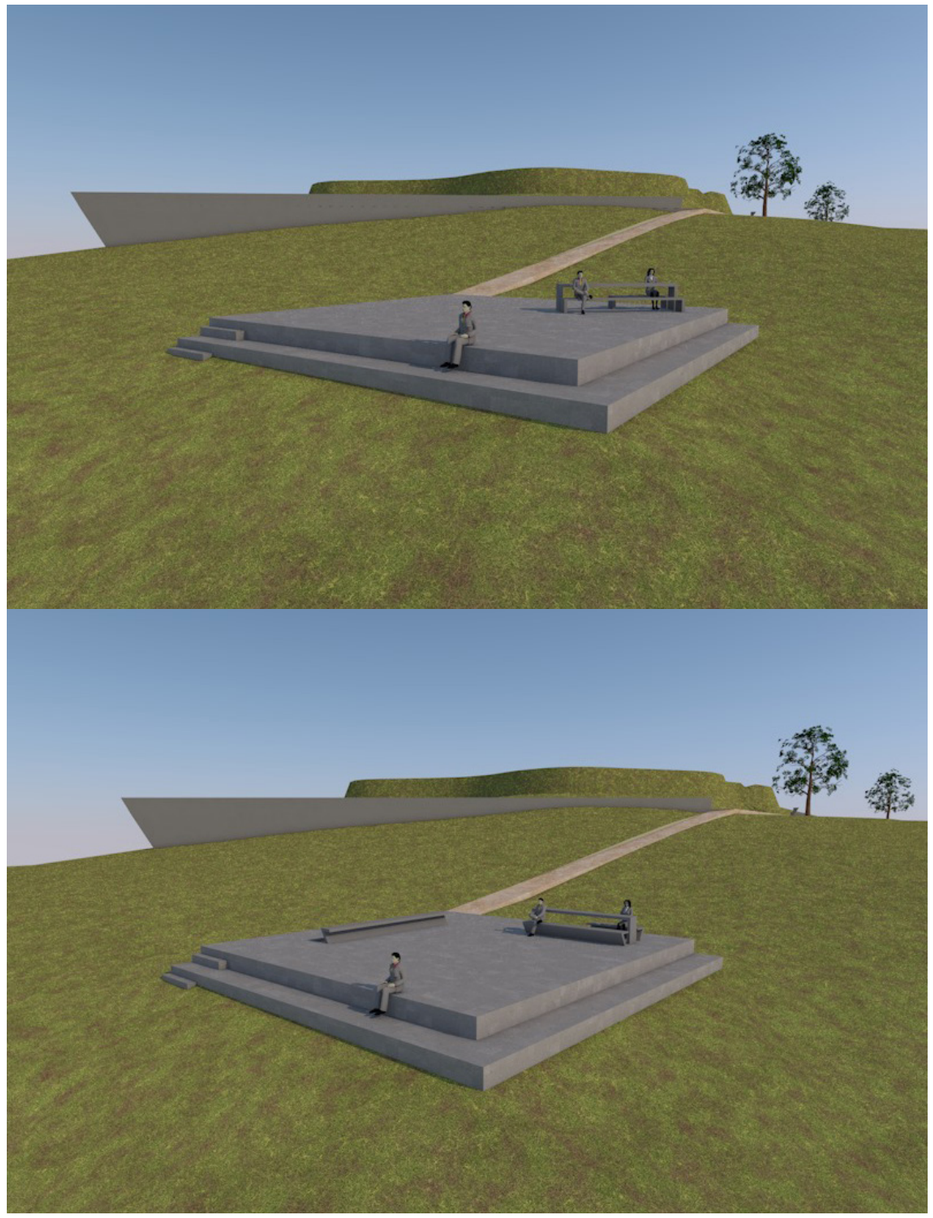




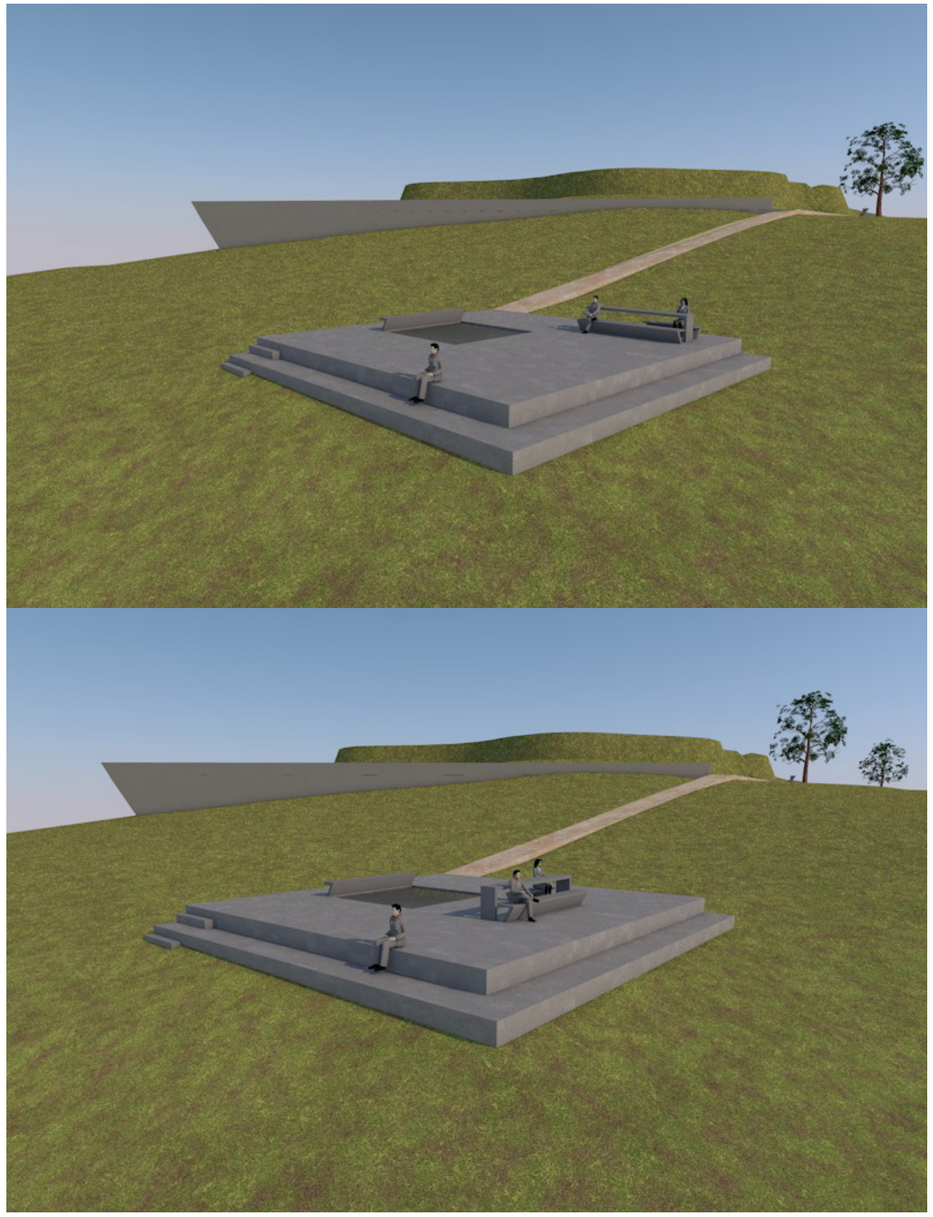
A.IV-181



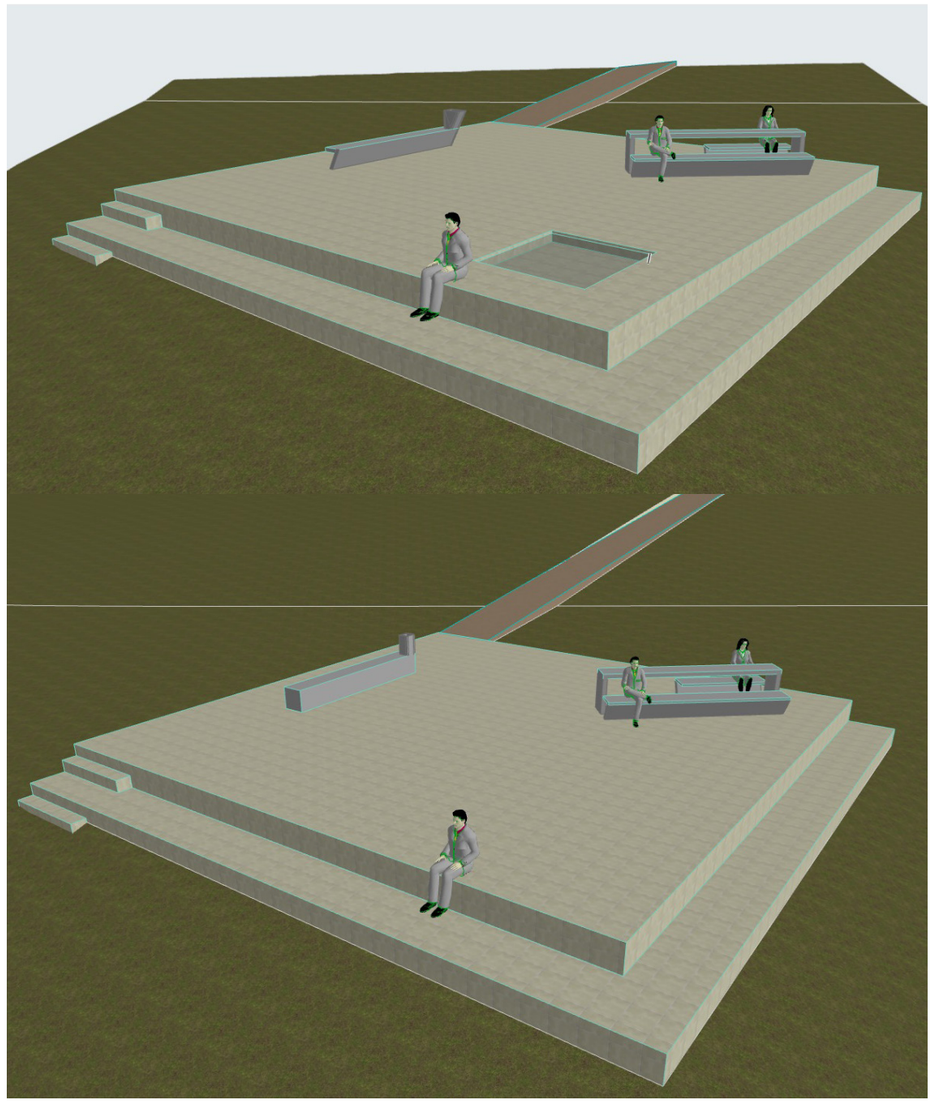
A.IV-182



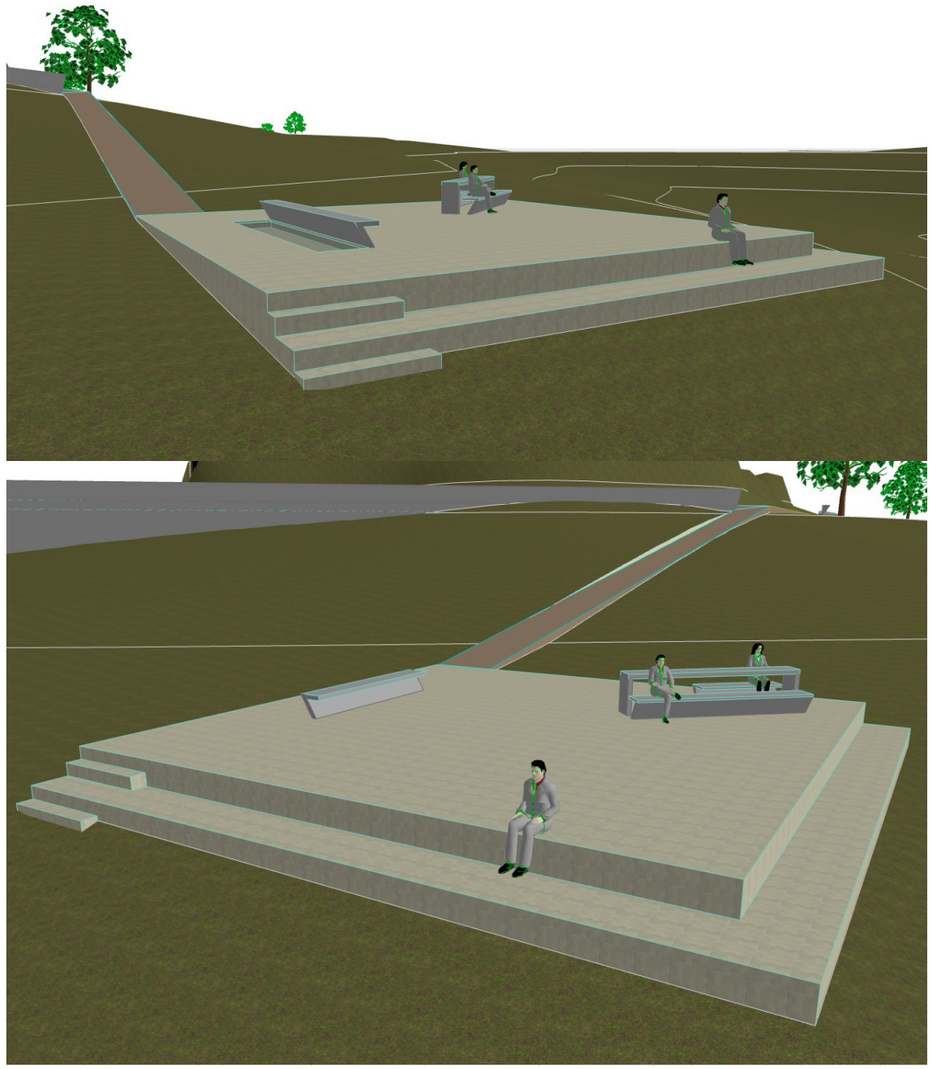
A.IV-183



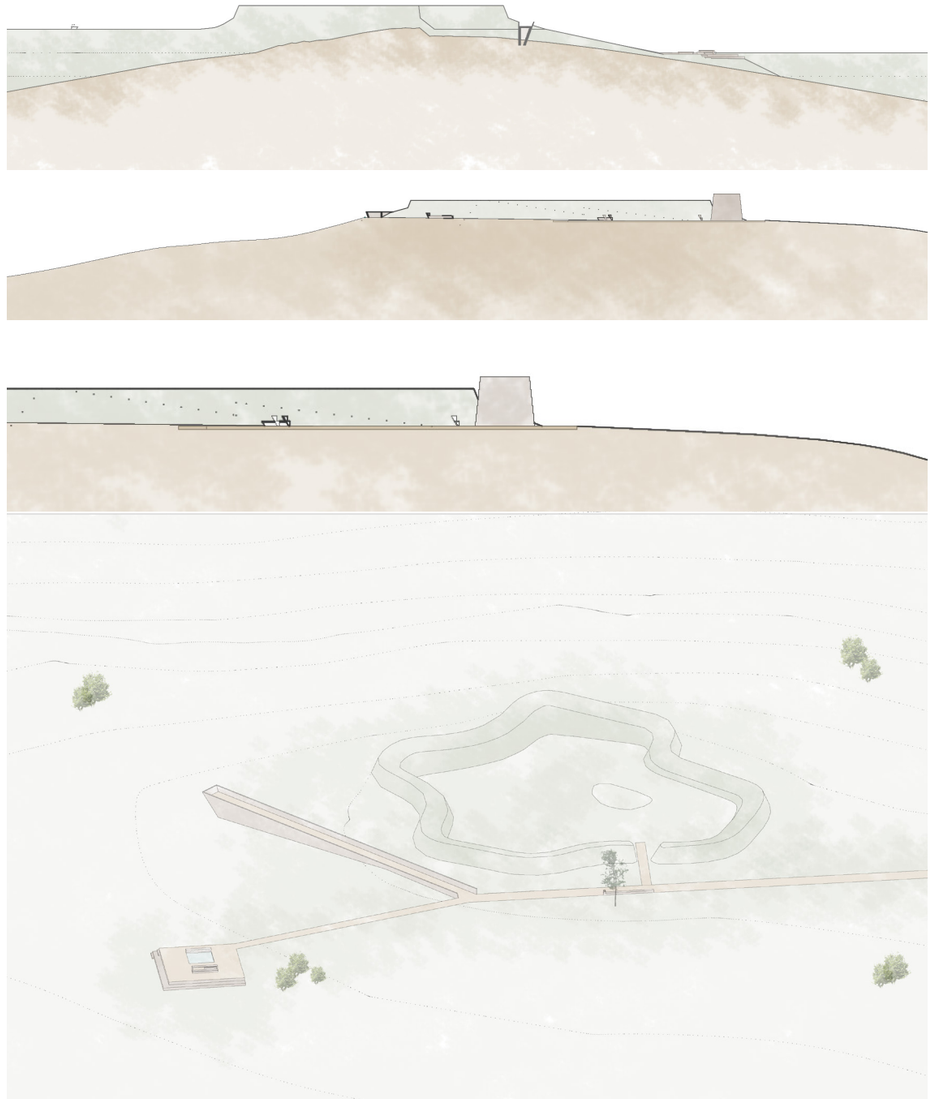
A.IV-184



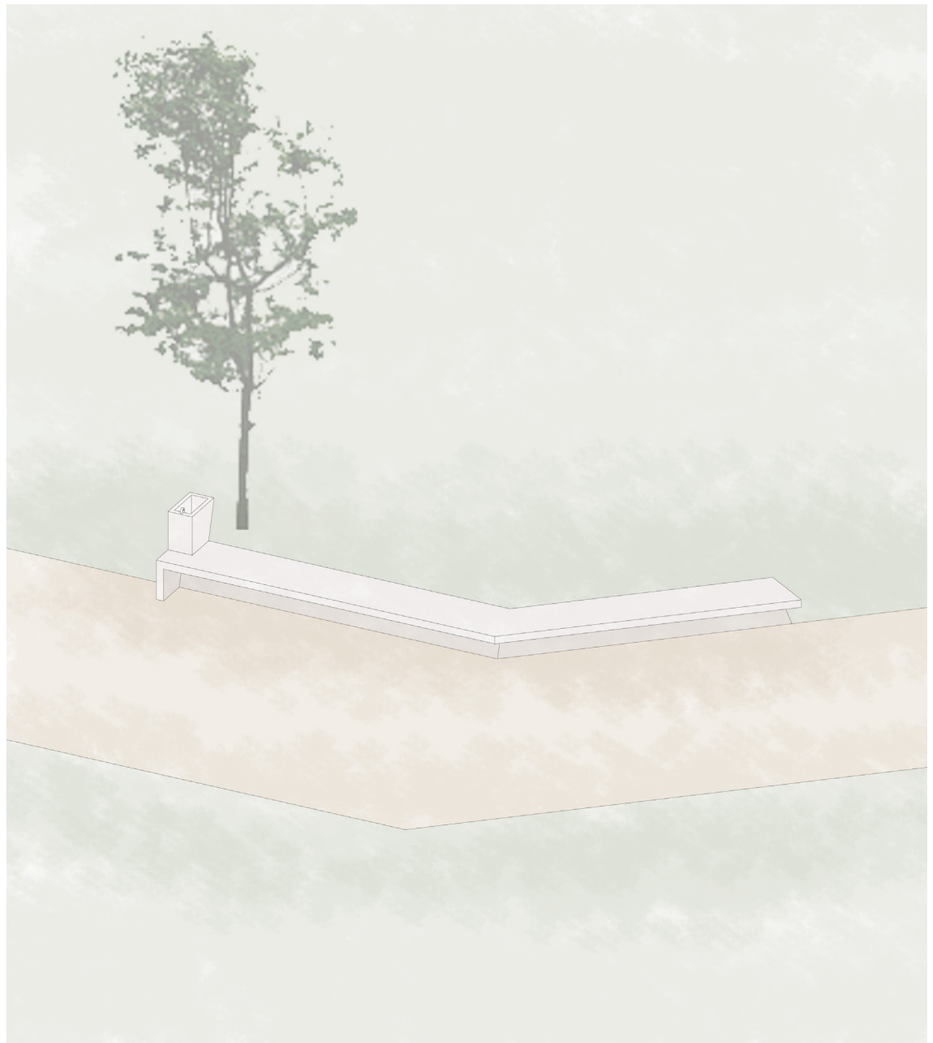
A.IV-185



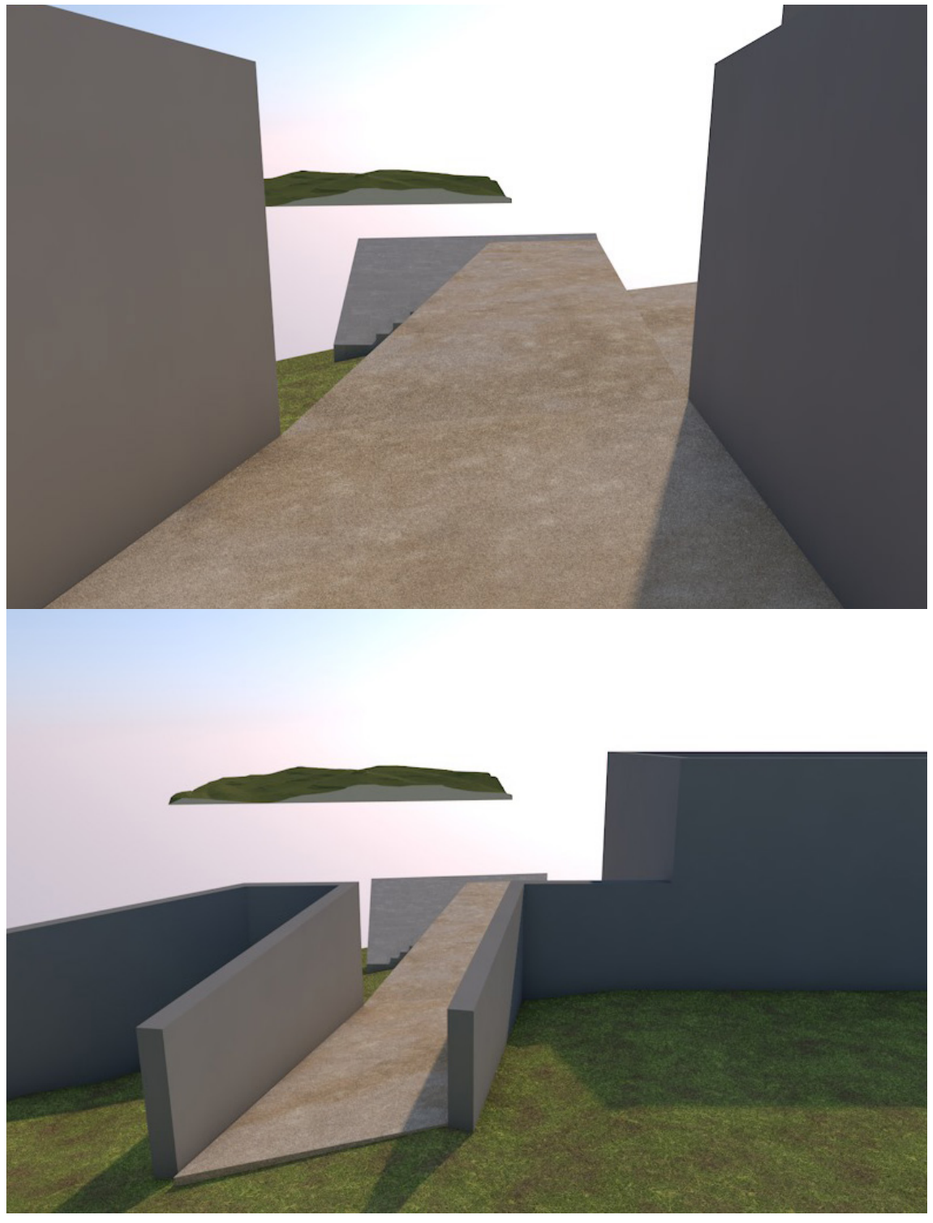
A.IV-186



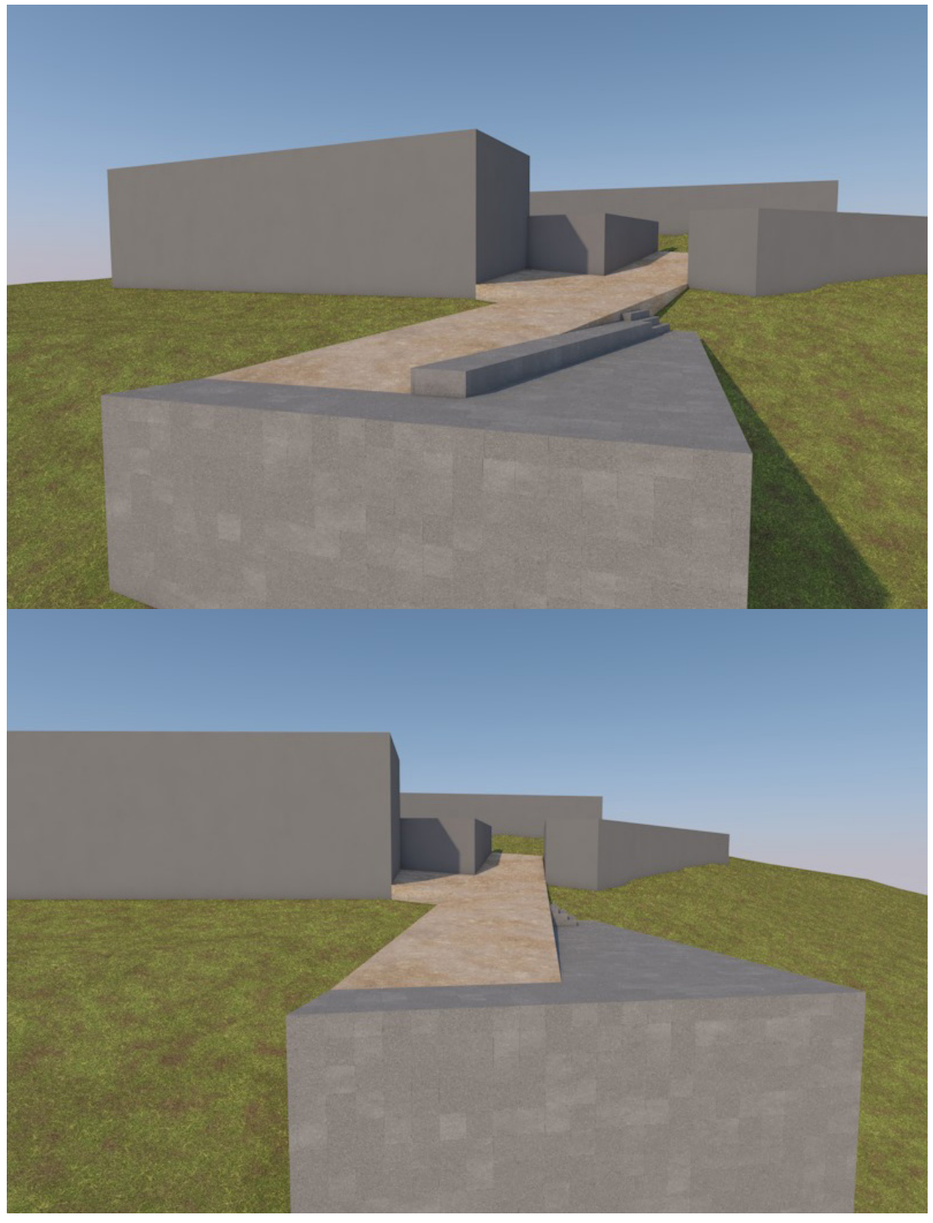
A.IV-187



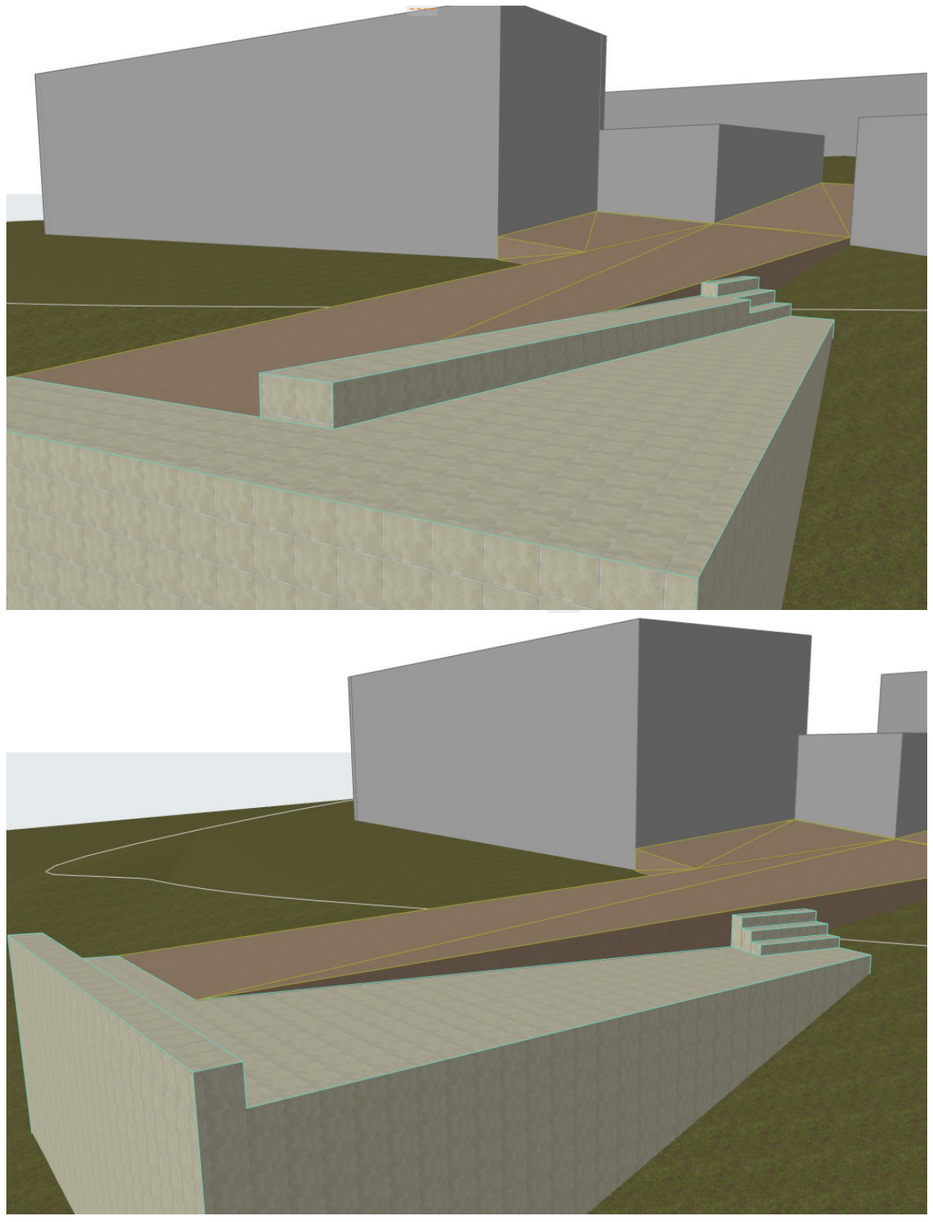
9_Serra do Socorro



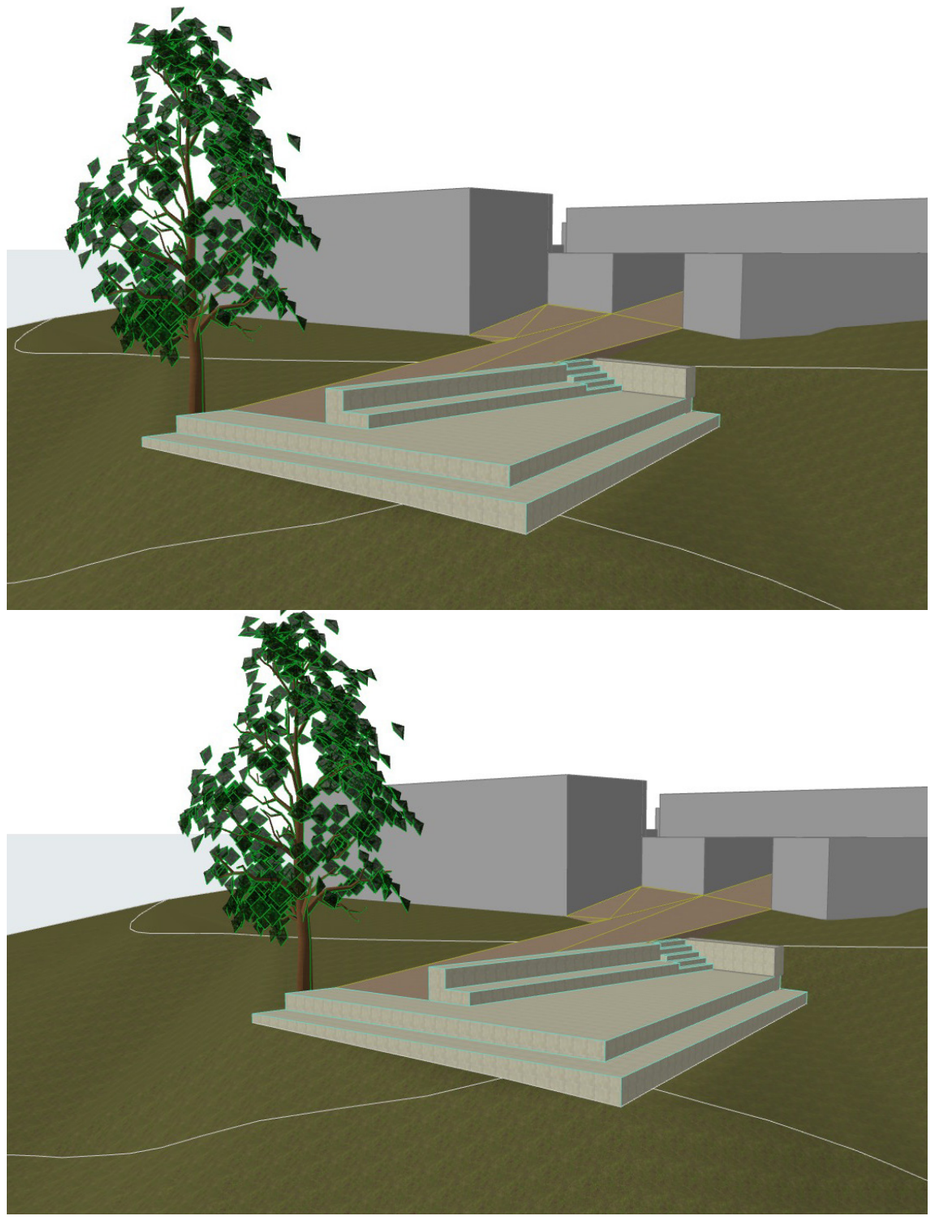
A.IV-192



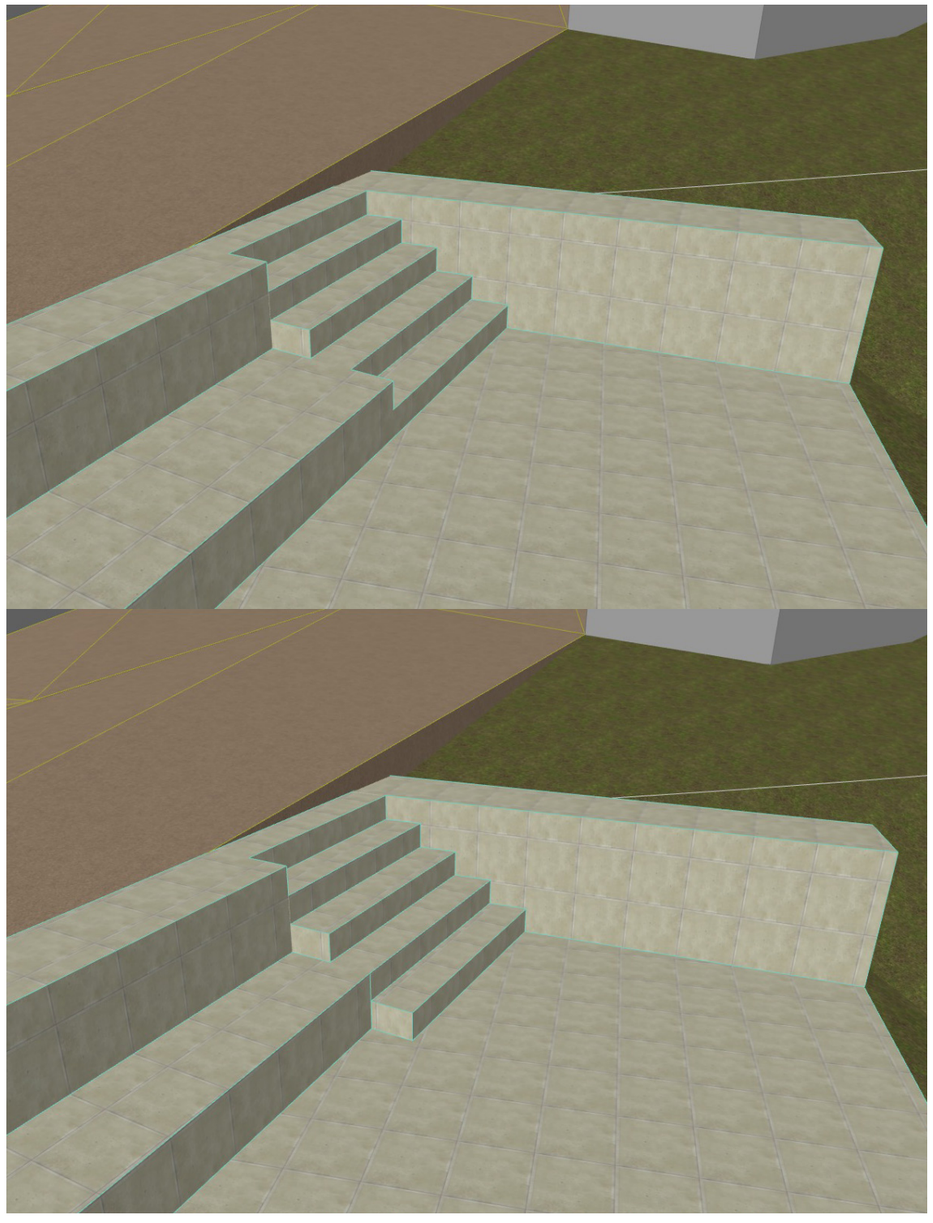
A.IV-193



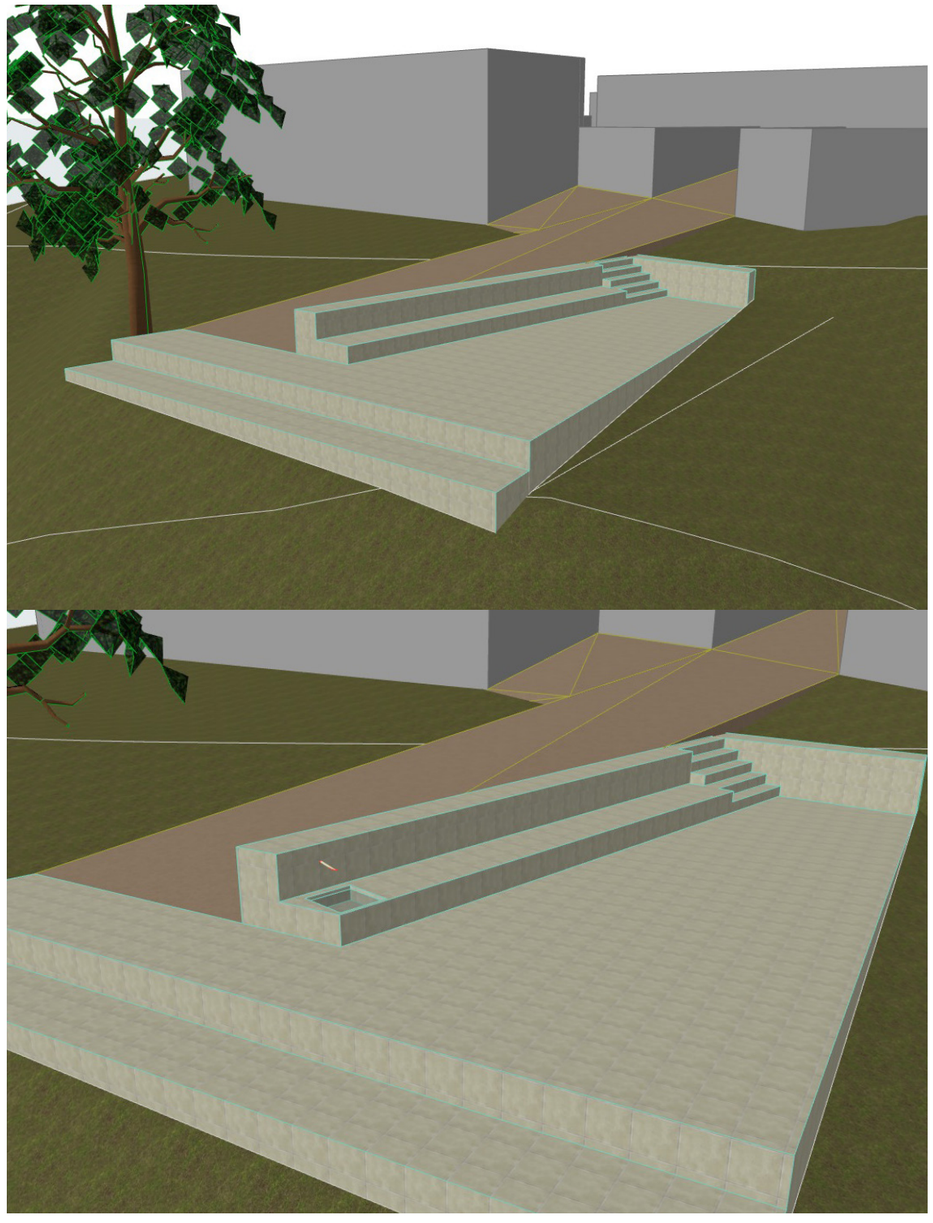
A.IV-194



A.IV-195



A.IV-196

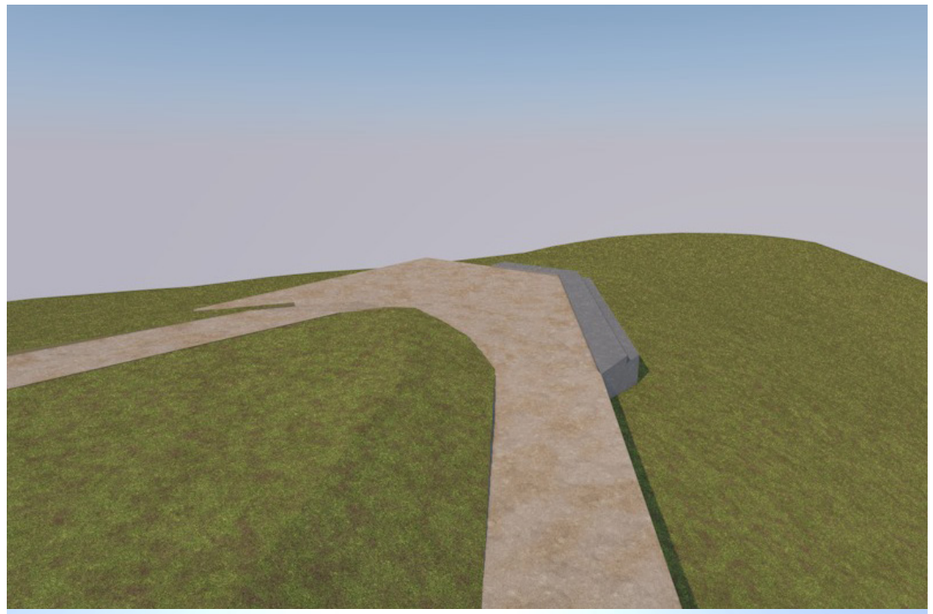


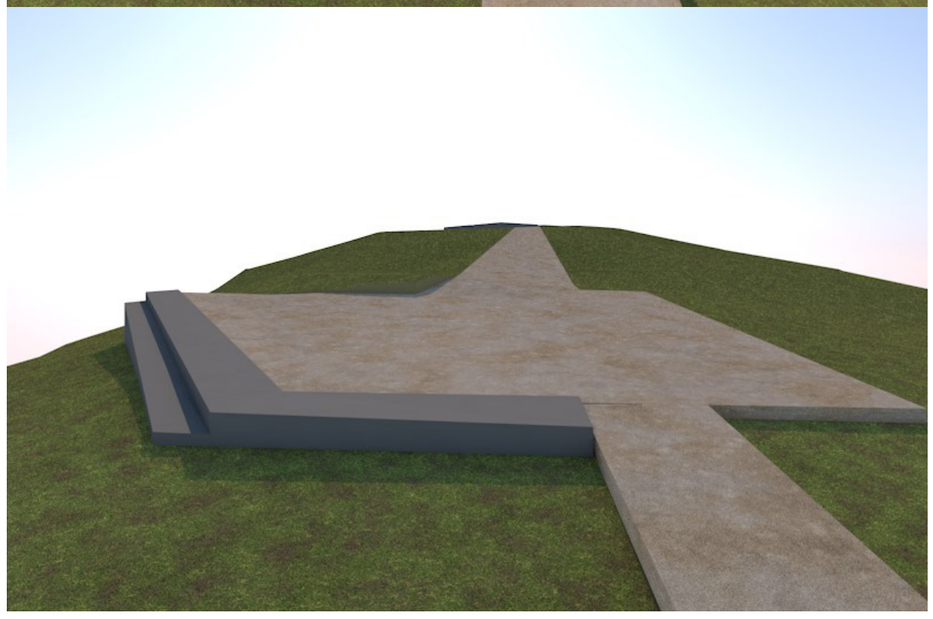
A.IV-197



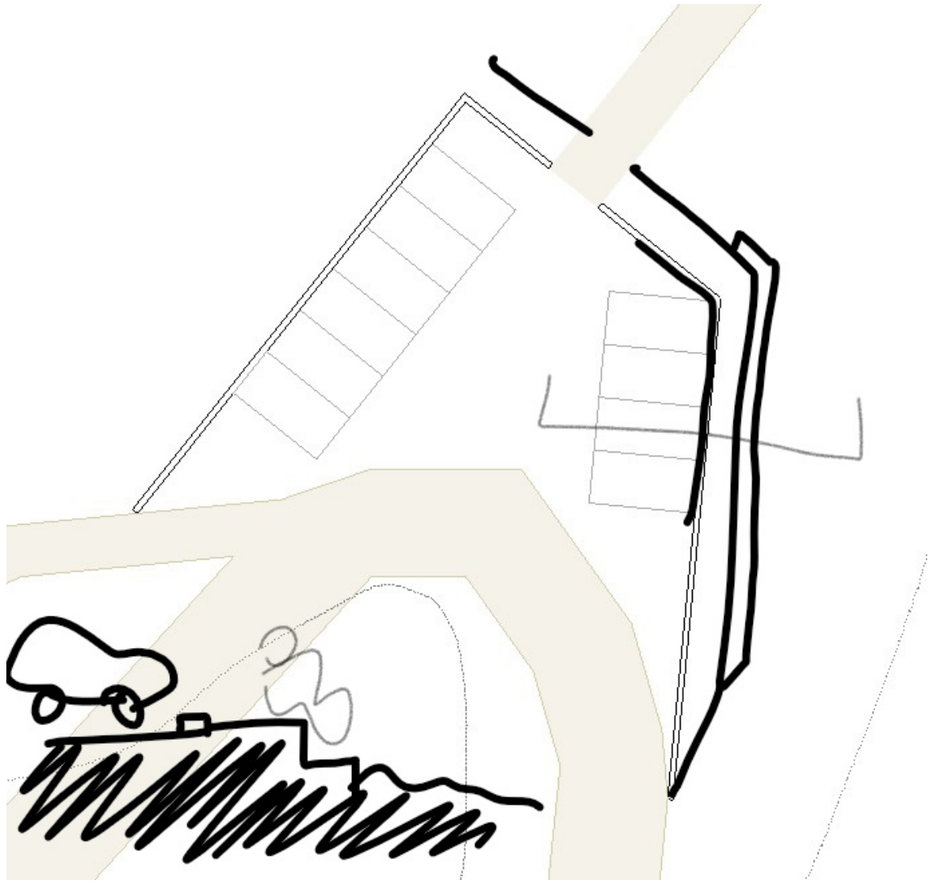


A.IV-198

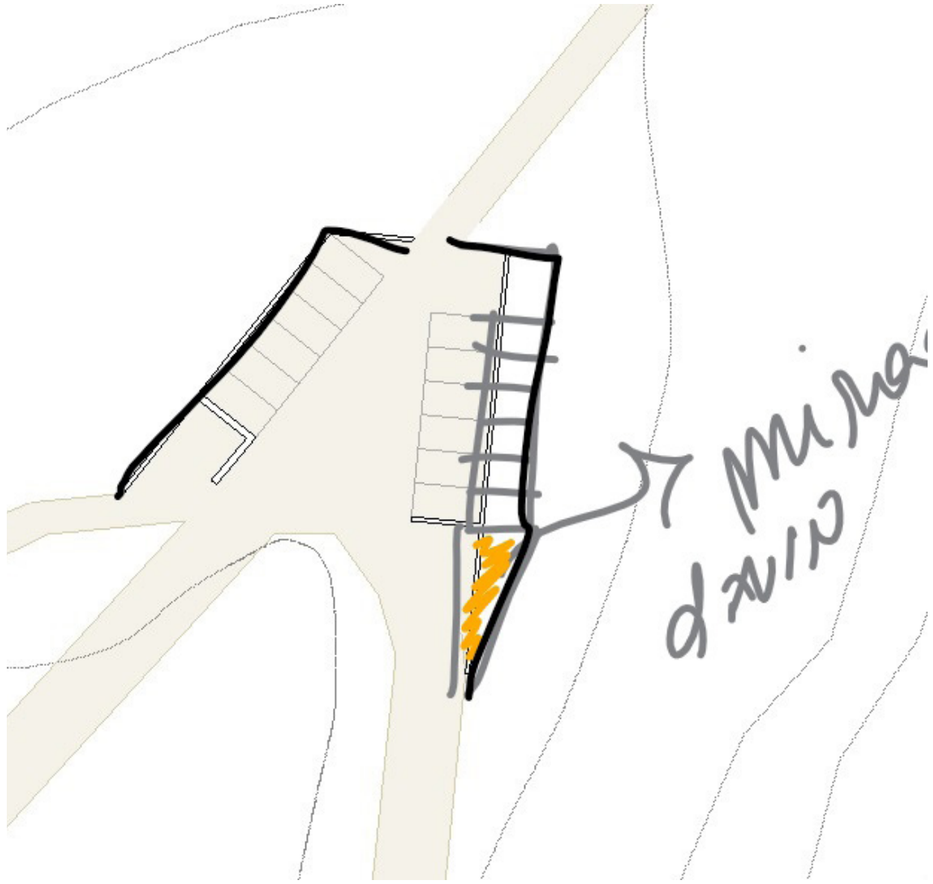




A.IV-199



A.IV-200

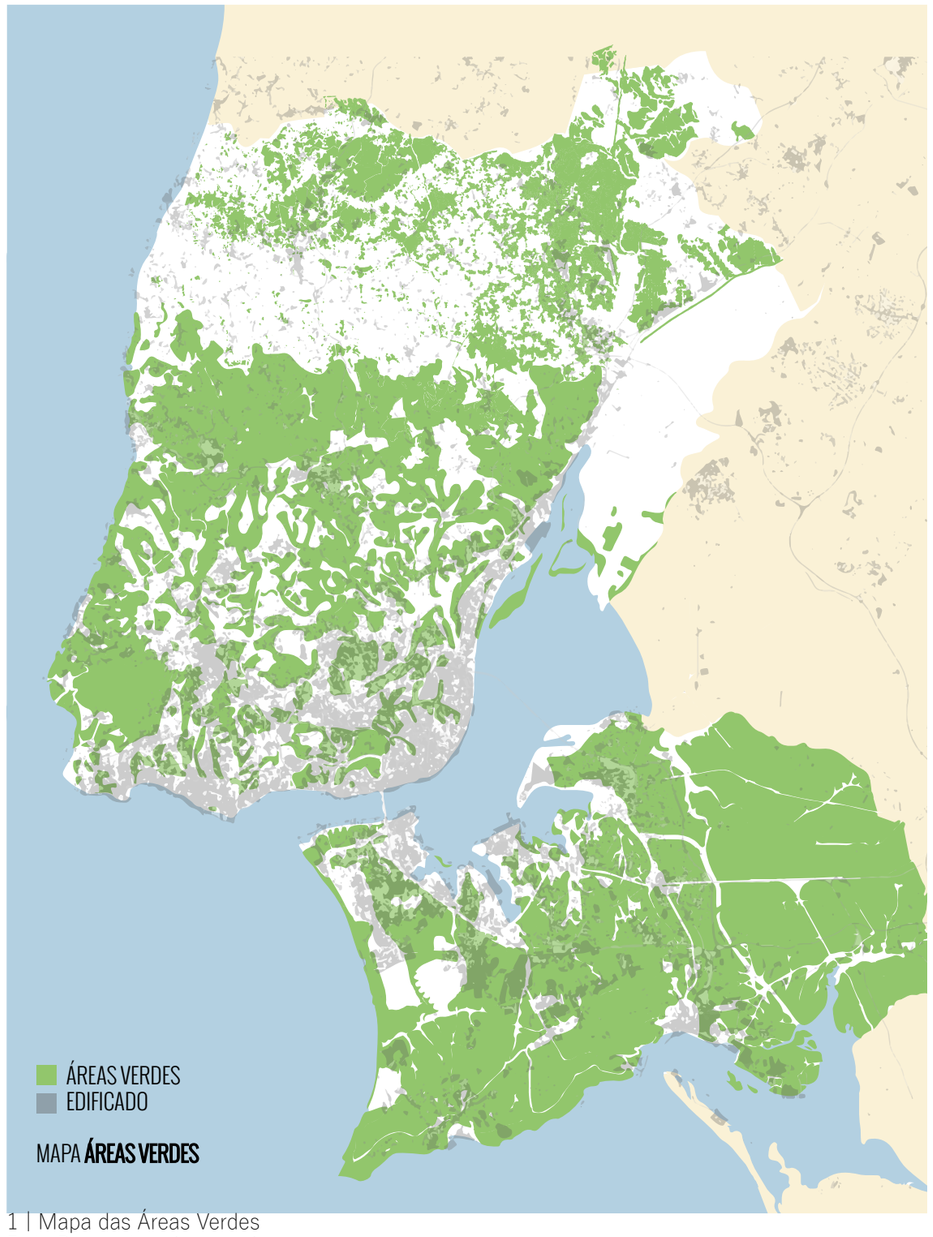


A.IV-201

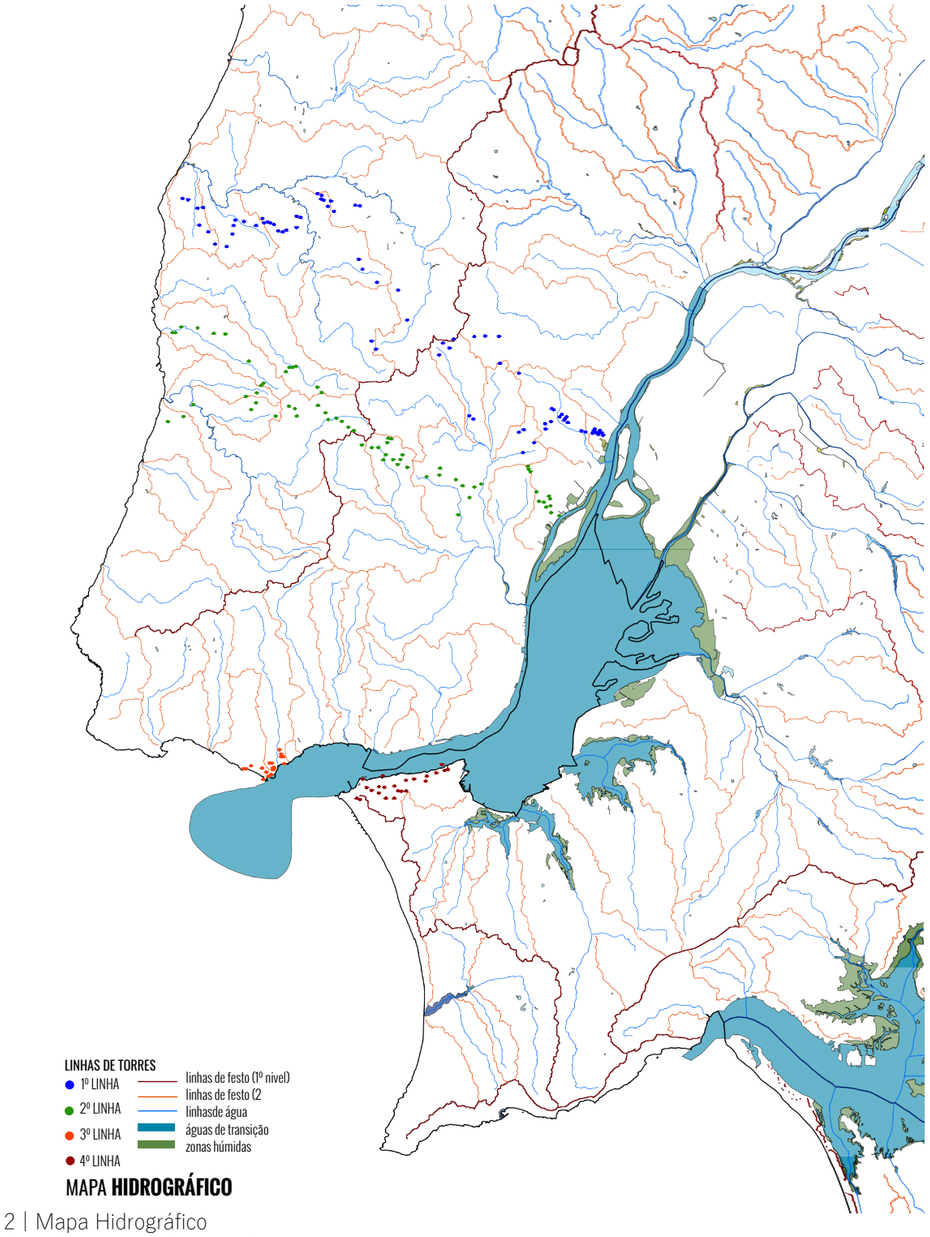
ANEXO V | DOCUMENTOS DE APOIO

ÍNDICE

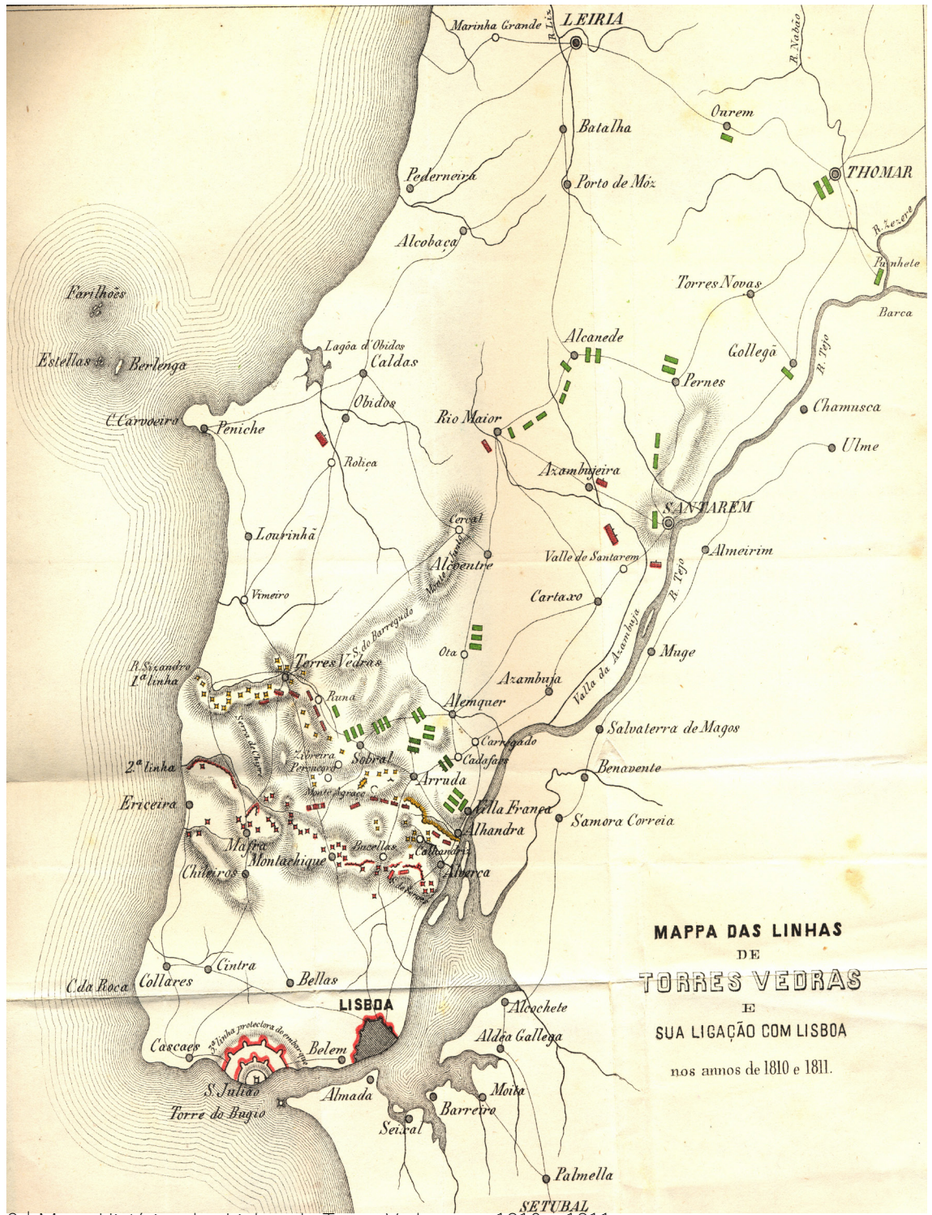
1 | Mapa das Áreas Verdes
2 | Mapa Hidrográfico
3 | Mapa Histórico das Linhas de Torres Vedras, em 1810 e 1811.
4 | “Oman’s Map of Lines. Vol. 3, p432.”
5 | Mapa Localização dos Postes Telegráficos.
6 | Mapa Esquema de Comunicação entre Postes Telegráficos.
7 | Planta Freguesia Sobral da Abelheira, Secção H.
8 | Planta Freguesia Gradil, Secção 1B.
9 | Planta Forte 78 - Forte do Telhadouro
10 | Planta Forte 79 - Forte do Gio
11 | Planta Forte 80 - Forte da Quinta da Boa Viagem
12 | Forte 81 - Forte da Serra de Chipre
13 | Planta Forte Grande da Enxara.
14 | Planta Forte Grande da Enxara.
15 | Alçado Oeste Ermida da Serra do Socorro
16 | Alçado Sul Ermida da Serra do Socorro
17 | Alçado Norte Ermida da Serra do Socorro
18 | Alçado Este Ermida da Serra do Socorro
19 | Cortes Ermida da Serra do Socorro
20 | Planta de Cobertura Ermida da Serra do Socorro



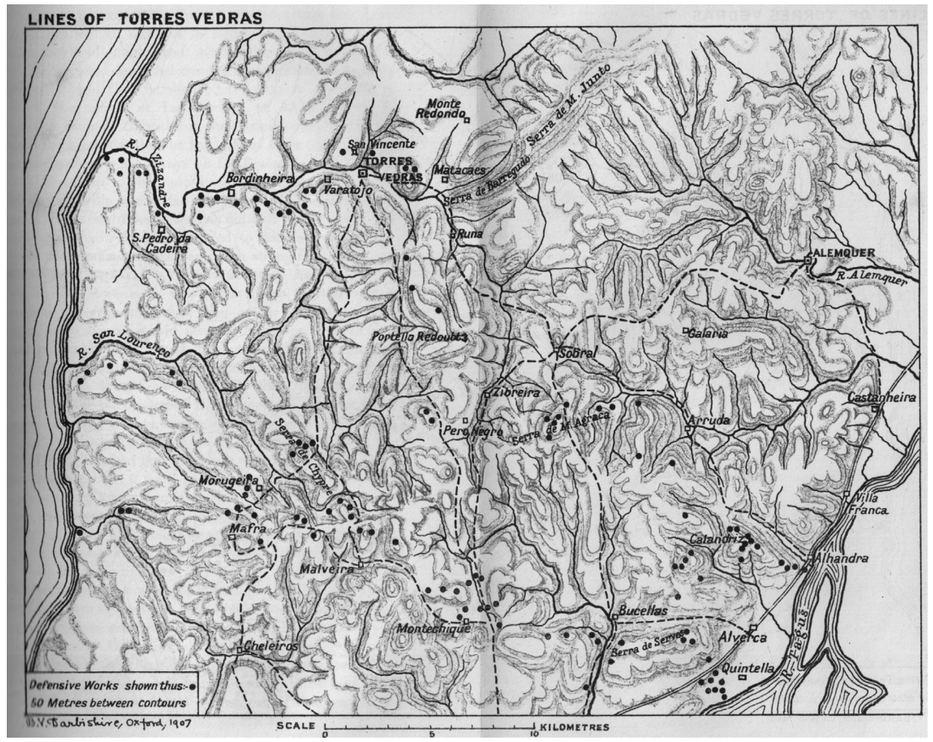
1 | Mapa das Áreas Verdes
Fonte: Documento cedido pelo orientador



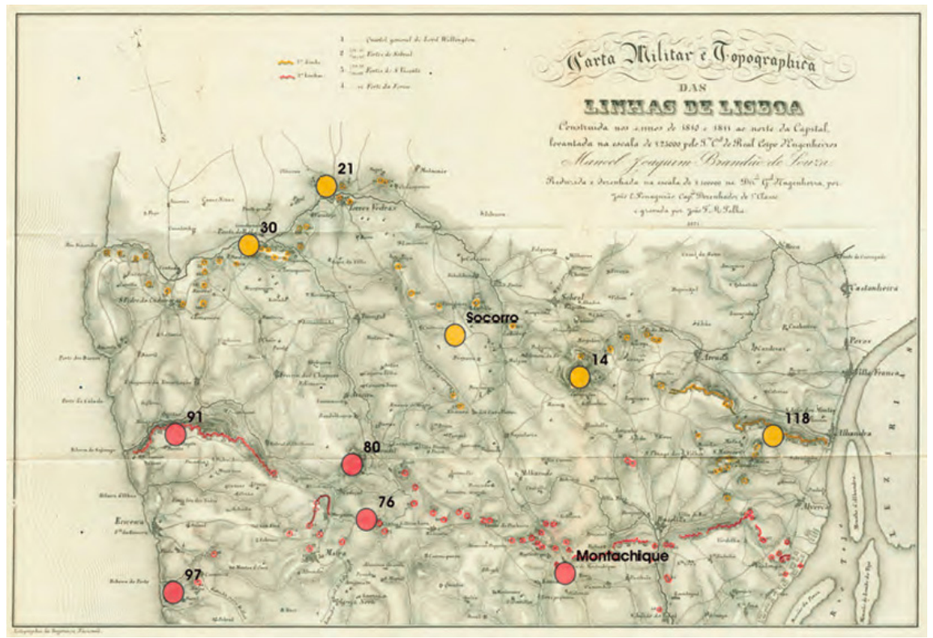
2 | Mapa Hidrográfico
Fonte: Documento cedido pelo orientador



3 | Mapa Histórico das Linhas de Torres Vedras, em 1810 e 1811.
Fonte: https://www.rhlt.pt/pt/as-linhas-de-torres/



4 | "Oman's Map of Lines. Vol. 3, p432."
Fonte: https://www.rhlt.pt/pt/as-linhas-de-torres/



5 | Mapa Localização dos Postes Telegráficos.
Fonte: Tese Isabel de Luna "Telegrafia Visual na Guerra Peninsular. 1807-1814"



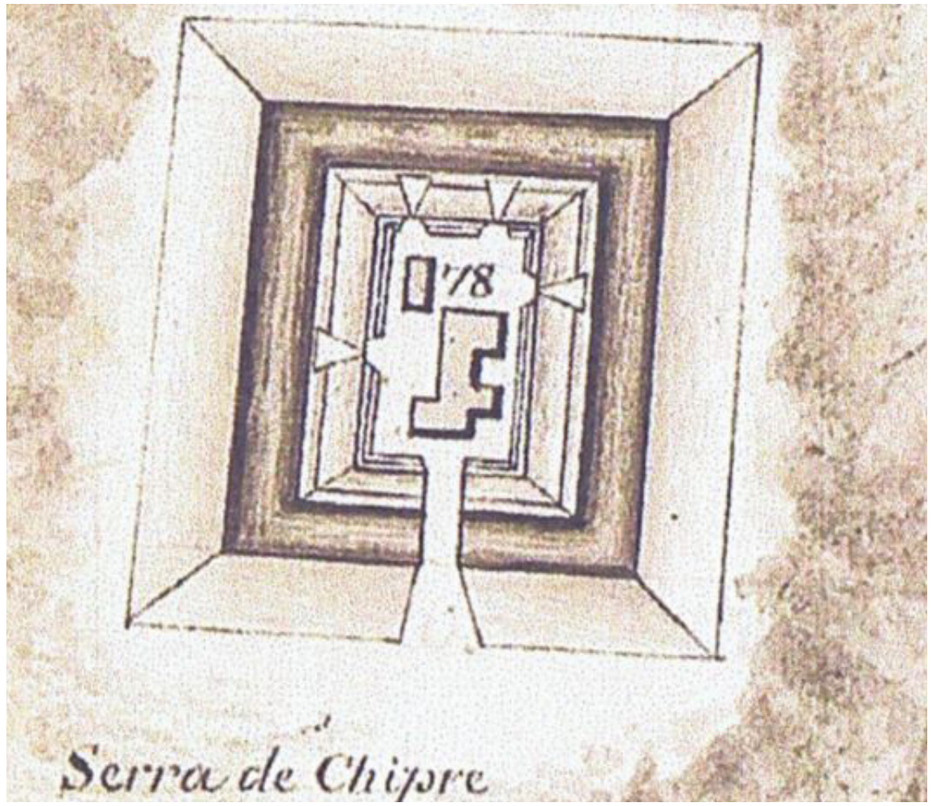
6 | Mapa Esquema de Comunicação entre Postes Telegráficos.
Fonte: Tese Isabel de Luna "Telegrafia Visual na Guerra Peninsular. 1807-1814"



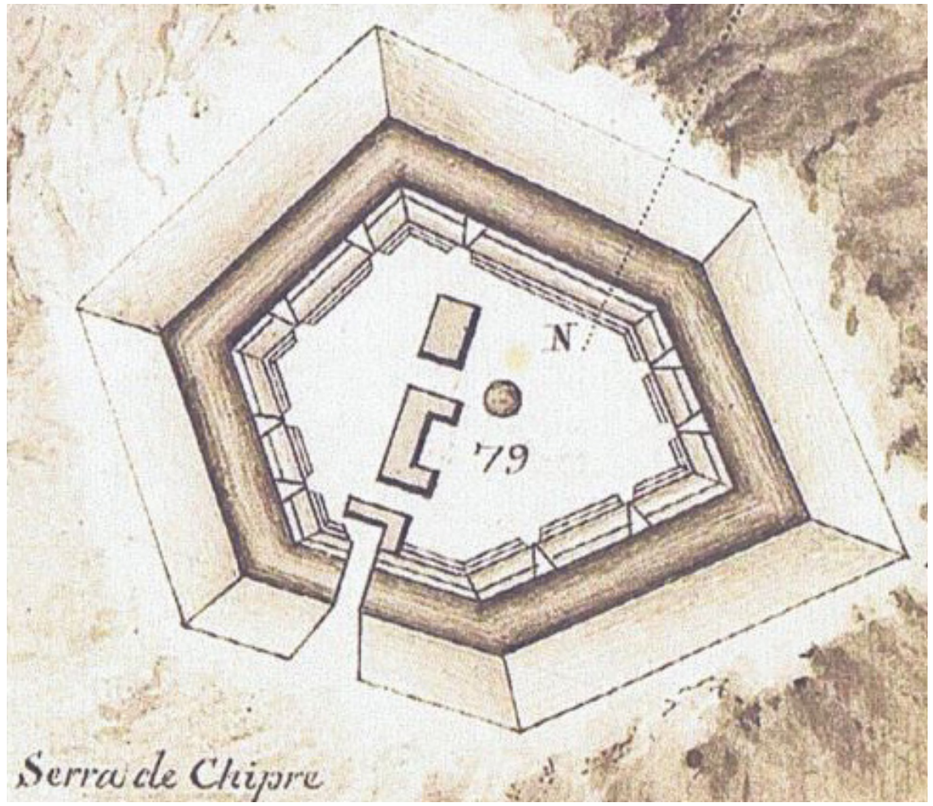
7 | Planta Freguesia Sobral da Abelheira, Secção H.
Fonte: https://www.dgterritorio.gov.pt/cic/cad_seccoes_res.asp?dist=11&conc=1109&freg=110914&seccao=h



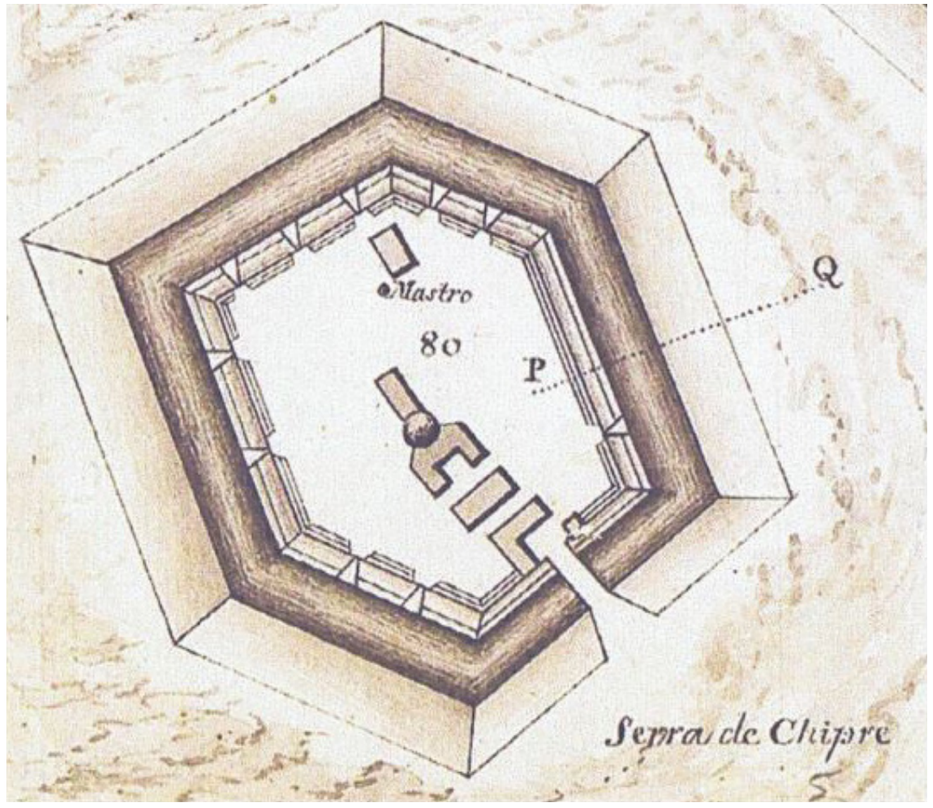
8 | Planta Freguesia Gradil, Secção 1B.
Fonte: https://www.dgterritorio.gov.pt/cic/cad_seccoes_res.asp?dist=11&conc=1109&freg=110914&seccao=h



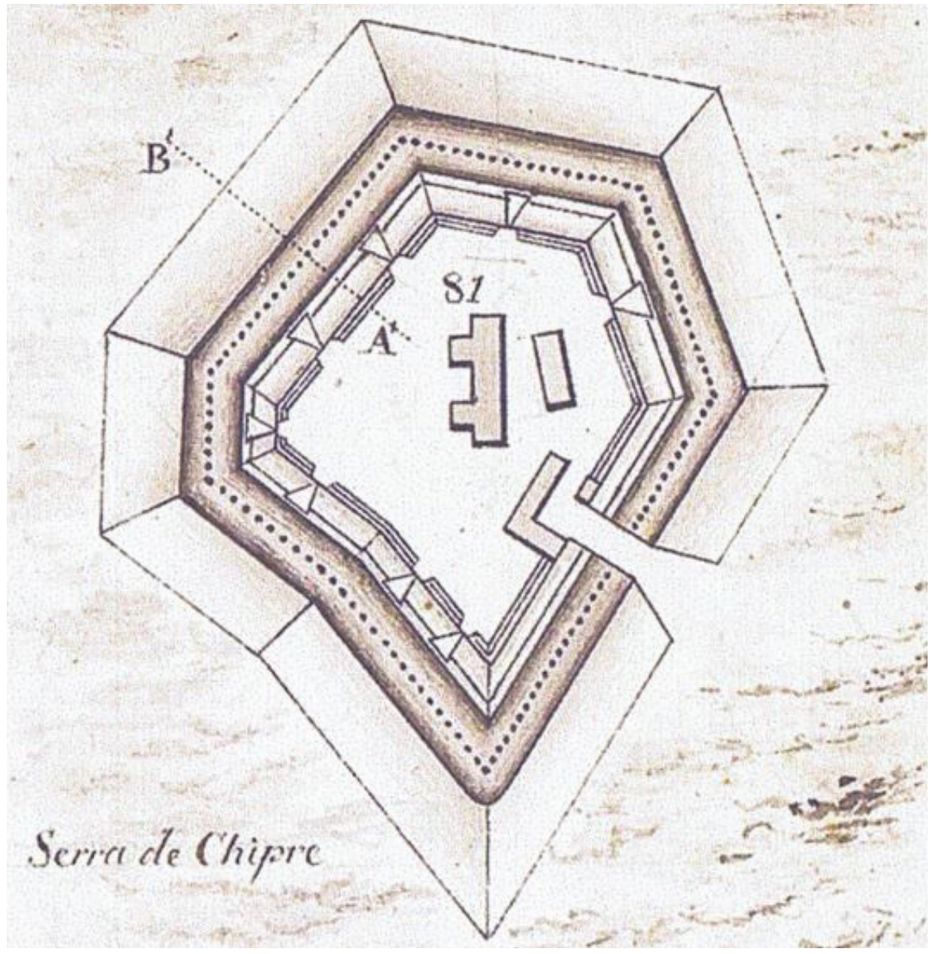
9 | Planta Forte 78 - Forte do Telhadouro
Fonte: https://fltv.weebly.com/fort-78-forte-do-telhadouro.html



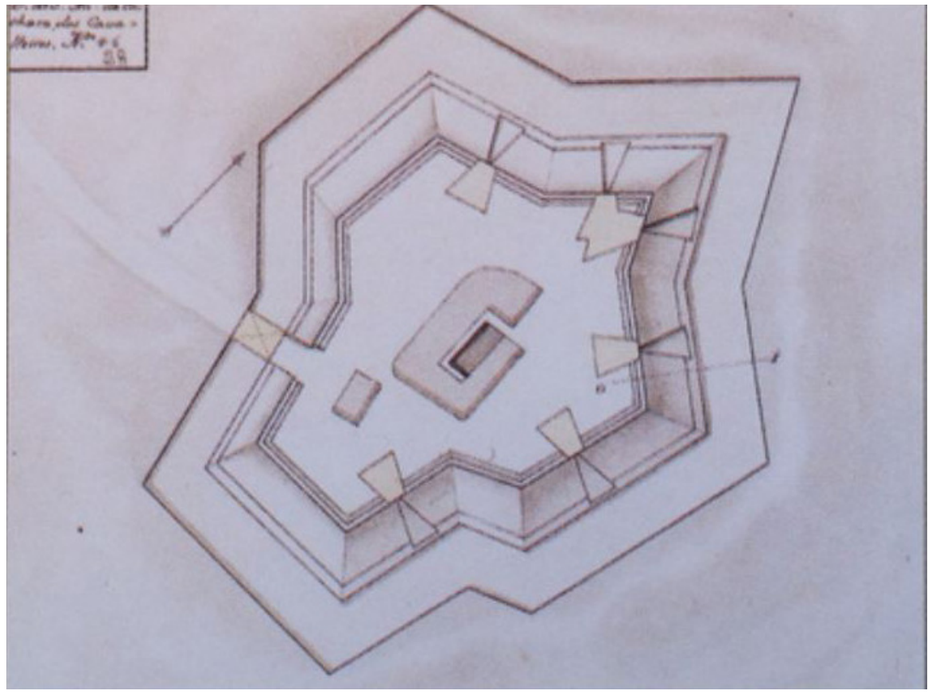
10 | Planta Forte 79 - Forte do Gio
Fonte: https://fltv.weebly.com/fort-79-forte-do-gio.html



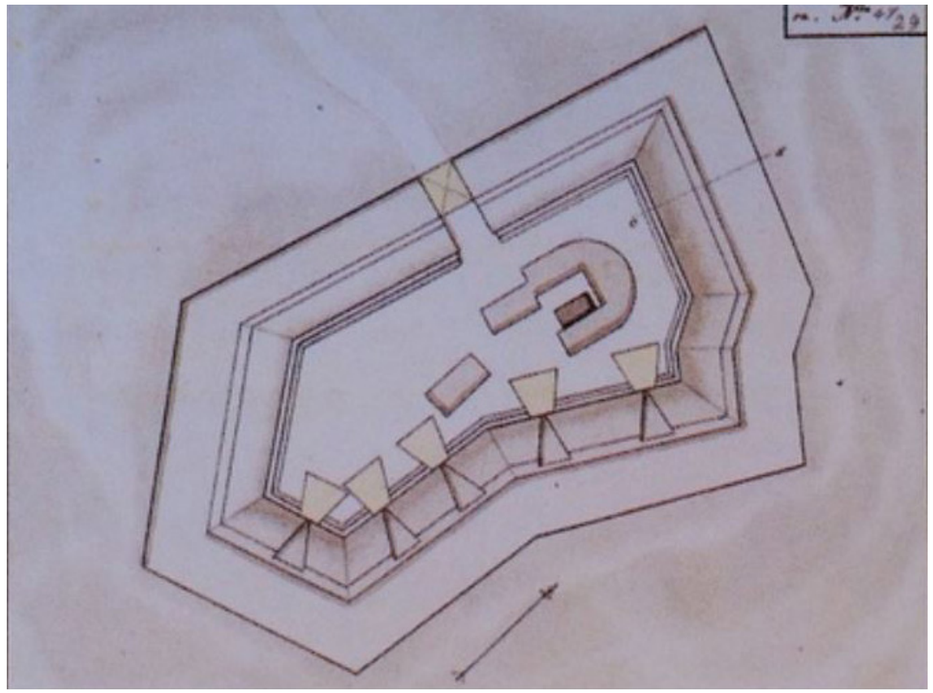
11 | Planta Forte 80 - Forte da Quinta da Boa Viagem
Fonte: https://fltv.weebly.com/fort-80-forte-da-quinta-da-boa-viagem.html



12 | Forte 81 - Forte da Serra de Chipre
Fonte: https://fltv.weebly.com/fort-81-forte-da-serra-de-chipre.html



13 | Planta Forte Grande da Enxara.
Fonte: https://fltv.weebly.com/forts-28-29-enxara.html



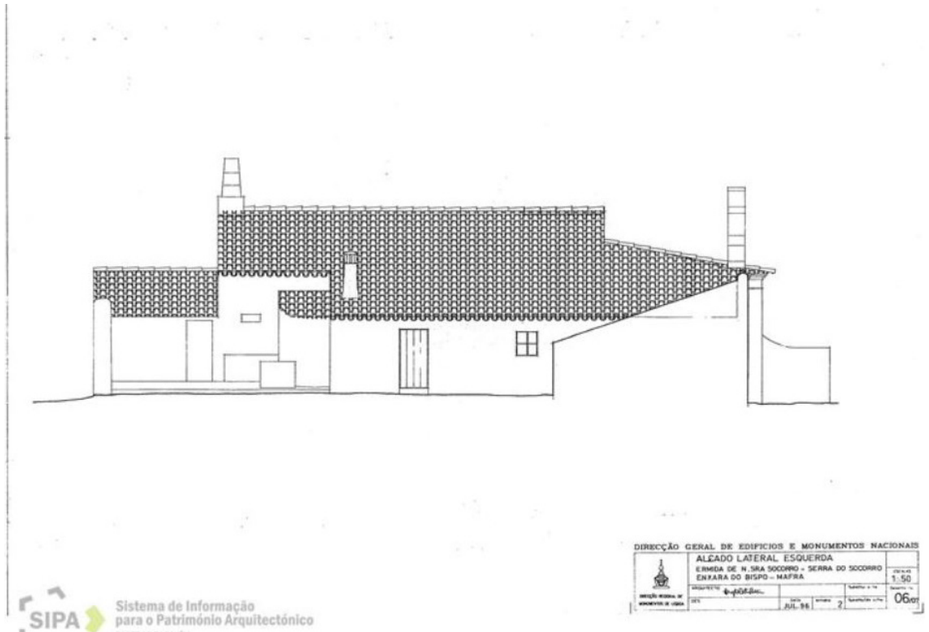
14 | Planta Forte Grande da Enxara.
Fonte: https://fltv.weebly.com/forts-28-29-enxara.html



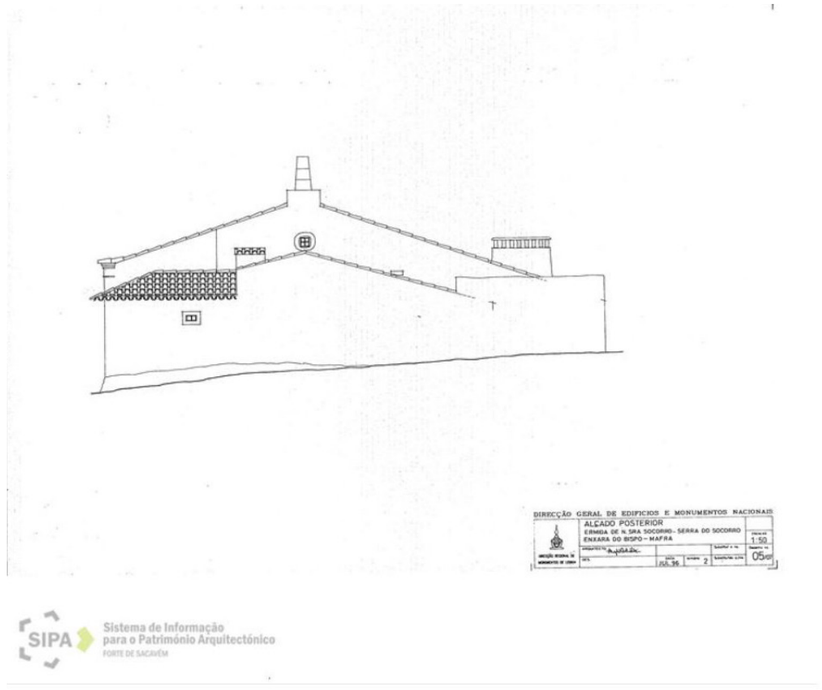
15 | Alçado Oeste Ermida da Serra do Socorro
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6385



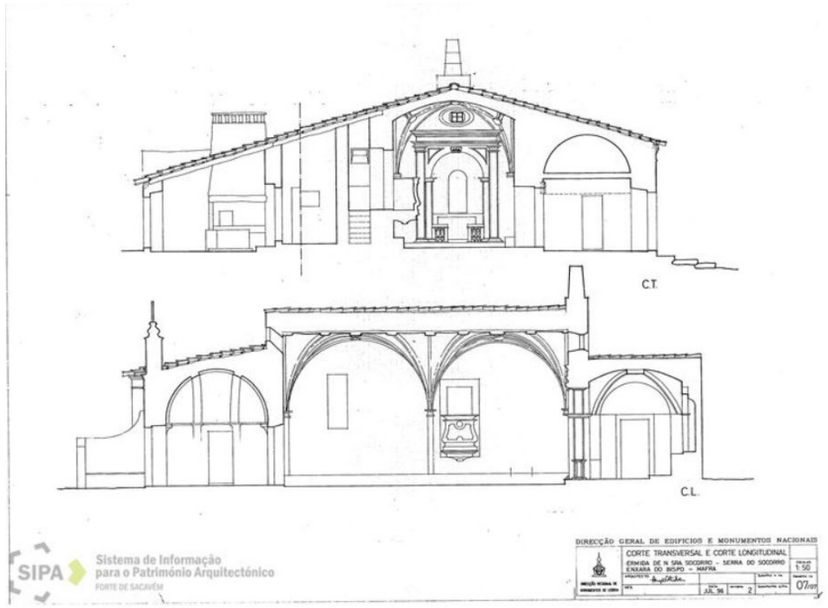
16 | Alçado Sul Ermida da Serra do Socorro
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6385



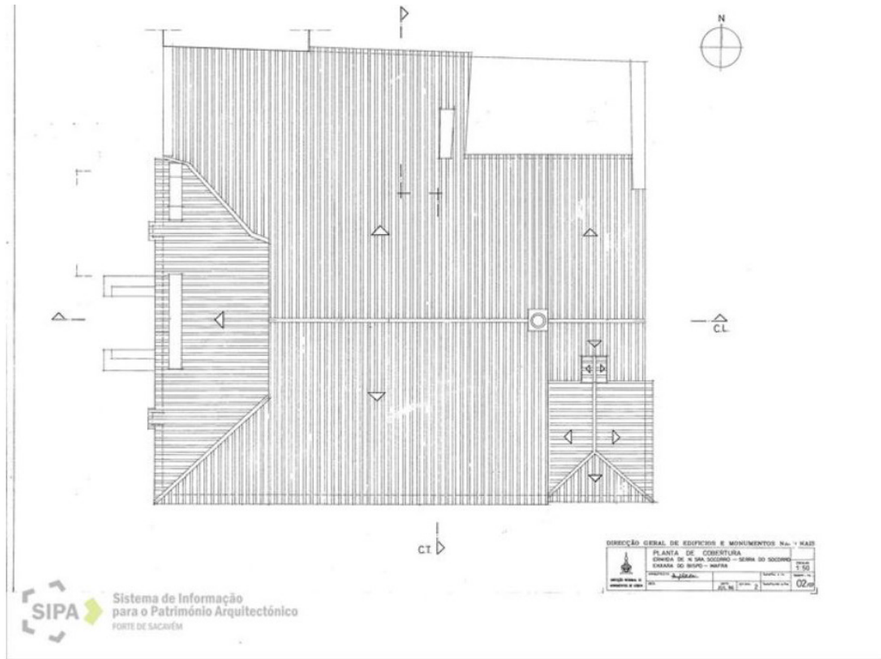
17 | Alçado Norte Ermida da Serra do Socorro
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6385



18 | Alçado Este Ermida da Serra do Socorro
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6385



19 | Cortes Ermida da Serra do Socorro
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6385



20 | Planta de Cobertura Ermida da Serra do Socorro
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=6385

ANEXO VI | FOTOGRAFIAS DO LUGAR

ÍNDICE

1 | SERRA DE CHIPRE

2 | FORTES GRANDE E PEQUENO DA ENXARA

3 | SERRA DO SOCORRO

1 | SERRA DE CHIPRE





A.VI-6



A.VI-7


























































Rota Histórica
das Linhas de Torres
obra n.º 28







A.VI-42



A.VI-43


Rota Histórica das Linhas de Torres
OBRA N.º 28 | FORTE GRANDE
Circuito da Enxara
Enxara Circuit
Guarnição de 280 homens
Garrisoned by 280 men
Reduto munido de 4 bocas de fogo (calibre 9)
Fortification provided with 4 cannons (gauge 9)











3 | SERRA DO SOCORRO











A.VI-56



A.VI-57







